



VOZES DA INTERNACIONALIZAÇÃO:

NARRATIVAS DE ESTUDANTES E
SERVIDORES(AS) DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL,
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA





VOZES DA INTERNACIONALIZAÇÃO:

NARRATIVAS DE ESTUDANTES E SERVIDORES(AS) DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Organizadores:

Rodrigo de Oliveira Lemos (IFRJ), Anderson Allan Almeida Galvão (IFB), Edilson Pimenta Ferreira (IFTM),
Jenice Almeida Lopes Diniz (IFPI), João Paulo Guerra Rotelli (Conif),
Maria Carolina Bello Cavalcanti da Silva (IFPE), Maria Carolina Terra Heberlein (IFG),
Mônica Maria Montenegro de Oliveira (IFPB) e Vilton Soares de Souza (IFMA)

Blumenau
2023

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DO CONIF

Maria Leopoldina Veras Camelo (IFSERTÃOPE)

CÂMARA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rosana Cavalcante dos Santos (IFAC - coord.)

Ana Paula Giroux Leitão (CPII)

Jefferson Manhães de Azevedo (IFFluminense)

Maurício Gariba Júnior (IFSC)

ASSESSORIA INTERNACIONAL DO CONIF

Ana Carolina Oliveira Batista (Conif)

João Paulo Guerra Rotelli (Conif)

COORDENAÇÃO DO FÓRUM DE ASSESSORES DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO CONIF (FORINTER)

Anderson Allan Almeida Galvão (IFB - coord.)

Luiz Eduardo Guedes Conceição (IFAC)

Maria Carolina Bello Cavalcanti da Silva (IFPE)

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha (IFSudesteMG)

Rafael Gomes Tenório (IFSuldeMinas)

Samuel de Carvalho Lima (IFRN)

AVALIADORES(AS)

Cinira de Araújo Farias Fernandes (IFBaiano)

Diana Ketlem Paula do Nascimento (IFRO)

Edilson Pimenta Ferreira (IFTM)

Fernanda Belarmino de Santana Scaini (IFMS)

Jenice Almeida Lopes Diniz (IFPI)

Luiz Eduardo Guedes Conceição (IFAC)

Maria Carolina Bello Cavalcanti da Silva (IFPE)

Maria Carolina Terra Heberlein (IFG)

Mônica Maria Montenegro de Oliveira (IFPB)

Rodrigo de Oliveira Lemos (IFRJ)

Sarah Rachel Lino Duarte Teixeira (IFSertãoPE)

Vilton Soares de Souza (IFMA)

Viviane Campanhola Bortoluzzi (IFRS)

ORGANIZADORES(AS)

Rodrigo de Oliveira Lemos (IFRJ - proponente)

Anderson Allan Almeida Galvão (IFB)

Edilson Pimenta Ferreira (IFTM)

Jenice Almeida Lopes Diniz (IFPI)

João Paulo Guerra Rotelli (Conif)

Maria Carolina Bello Cavalcanti da Silva (IFPE)

Maria Carolina Terra Heberlein (IFG)

Mônica Maria Montenegro de Oliveira (IFPB)

Vilton Soares de Souza (IFMA)

REVISORES(AS)

Anderson Allan Almeida Galvão (IFB)

Cláudia Regina Corrêa Lins Vieira (IFRJ)

Danielle Ferreira Costa (IFMA)

Edilson Pimenta Ferreira (IFTM)

Eduardo Junio Ferreira dos Santos (IFG)

Juliana Paula Squinca (IFG)

Luis Rodolfo Cabral Sales (IFMA)

Mabel Pettersen Prudente (IFG)

Maribel Barbosa da Cunha (IFC)

Monique Lopes Inocêncio (IFRJ)

Paula Franssinetti de Moraes Dantas (IFG)

Rodrigo de Oliveira Lemos (IFRJ)

Rose Mary Furtado Baptista Passos (IFPI)

Suilei Monteiro Giavara (IFG)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rafael Araújo (Conif)



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA CATARINENSE

REITORA

Sônia Regina de Souza Fernandes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Josefa Surek de Souza

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Fátima Peres Zago de Oliveira

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Fernando José Taques

PRÓ-REITORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Jamile Delagnelo Fagundes da Silva

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Stefano Moraes Demarco

EDITORA IFC

Coordenadora

Leila de Sena Cavalcante

CONSELHO EDITORIAL

Alcione Talaska

Débora de Lima Velho Junges

Eliana Teresinha Quartiero

Emanuele Cristina Siebert

Fátima Peres Zago de Oliveira

Gicele Vergine Vieira

Illyushin Zaak Saraiva

Izaclaudia Santana das Neves

Jonathan Ache Dias

Leila de Sena Cavalcante

Liliane Cerdótes

Natacha Nancy Martellet Coura Fernandes

Paulo César Rodacki Gomes

Reginaldo Leandro Plácido

Renilse Paula Batista

Sandro Augusto Rhoden

Sheila Crisley de Assis

Suely Aparecida de Jesus Montibeller

Viviane Lima Martins



Todos os direitos de publicação reservados. Proibida a venda.

Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Instituto Federal Catarinense. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

C755v

Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF).

Vozes da internacionalização: narrativas de estudantes e servidores (as) da educação profissional, científica e tecnológica. -- Blumenau: Editora IFC, 2023.

E-book: 247 p.: il.

ISBN: 978-65-88089-37-8

1. Educação Profissional e Tecnológica - Narrativas pessoais.
2. Rede Federal de Educação Tecnológica. I. Título.

CDD 373.246

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Shyrlei K. Jagielski Benkendorf - CRB 14/662, com os dados fornecidos pela Editora IFC



editora IFC

Rua das Missões, 100 Ponta Aguda - Blumenau - SC - CEP: 89.051-000



CONIF

SCS, quadra 2, bloco D, Edifício Oscar Niemeyer Térreo, lojas 2 e 3 Brasília - DF | CEP: 70316-900



APRESENTAÇÃO



O desenvolvimento das tecnologias vem permitindo maior aproximação e interação entre povos, o que resulta nas tão disseminadas relações globalizadas. Isso possibilita uma jamais imaginada aproximação geográfica entre nações, o que exige, das mais diversas formas possíveis, dinamicidade nas trocas interculturais e sociais. Além disso, percebe-se a necessidade de haver respostas rápidas, que se tornam viáveis através - por exemplo - da Internet 5G, que engloba a Educação 4.0, a Indústria 4.0 e a Inteligência Artificial, dentre tantas outras ferramentas que precisamos conhecer e passar a nos apropriar.

Esse dinamismo requer pessoas capacitadas, ou seja, preparadas para atender a essa nova configuração do mundo do trabalho, em que barreiras culturais e institucionais se tornam mais fluidas e permeáveis.

É com esse olhar que o Conif atuou nesses últimos 15 anos, que marcam a existência dos Institutos Federais: planejando e traçando estratégias e diálogos que permitem vivências de Internacionalização em vários países; buscando oportunidades de cooperação com universidades, institutos e governos estrangeiros, bem como organismos e entidades internacionais; estimulando a ação de suas câmaras e fóruns temáticos e possibilitando que as instituições que compõem a Rede Federal vivenciem essas experiências, como pode ser observado nos diversos relatos textuais trazidos nesta publicação.

As nossas instituições vêm em uma trajetória em que claramente não se aceita mais cogitar parar. O que devemos ter em pauta é consolidar e avançar no trabalho realizado. Ao reconhecermos que o processo de Internacionalização já faz parte da natureza da Rede Federal, aprendemos que o caminho do avanço já se mostra delineado. Assim, tem-se estimulado e proporcionado às pessoas mais possibilidades de interação neste mundo moderno, em que as parcerias interinstitucionais viabilizam que estudantes e servidores vivenciem oportunidades, aprimorem suas formações e, sem dúvida, adquiram novos conhecimentos e experiências transformadoras, a que muitos só têm acesso por fazerem parte dessa Rede tão plural.

Por mais dificuldades que tenhamos encontrado nesses últimos anos, nossas instituições de Educação, Ciência e Tecnologia seguem fomentando a Internacionalização, tendo por objetivo o avanço no Ensino, na Pesquisa, na Inovação, na Extensão e no Desenvolvimento Tecnológico, cuja qualidade é a marca da Rede Federal, ao mesmo tempo em que transformam vidas e realidades nos lugares mais longínquos do nosso país. Seja nas capitais, seja no interior do Brasil; seja na região Norte, na Nordeste, na Centro-Oeste, na Sul, seja na Sudeste; seja em Moçambique, na Colômbia,



seja na Espanha; seja para a Educação Profissional, seja para a Superior, a atuação das nossas instituições não tem limites, pois o conhecimento desconsidera fronteiras e deve ser acessado por todos. É isso que traz esperança para que o fortalecimento das relações contribua, também, para a construção de um mundo melhor.

Estamos no caminho certo e devemos prosseguir sem deixar de olhar os exemplos do passado, para que saibamos de onde partimos e o quanto lutamos para chegar até aqui, bem como o impacto nas pessoas que estiveram de alguma forma envolvidas nesses processos. Por essa razão, os registros que este e-book traz são fundamentais como memória de nossa história nesses 15 anos.

Parabéns a todas as pessoas que idealizaram e contribuíram para este trabalho. Aos(as) gestores de relações internacionais que compõem o Forinter, às(os) reitoras(es) da Câmara de Internacionalização e aos integrantes da Diretoria de Relações internacionais do Conif, que abraçam com tanto esmero a causa da Internacionalização e que promovem ações que são fundamentais nesse processo, uma salva de palmas por contribuírem para um resgate histórico tão rico.

Boa viagem a todos que embarcam nesta leitura

Maria Leopoldina Veras Camelo

Presidente do Conif



PREFÁCIO



Ao longo dos últimos 15 anos, o processo de internacionalização na Rede Federal tomou contornos muito distintos. Ele mostra seus primeiros traços ainda em 2004, quando éramos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), com a gestação do Projeto Mulheres Mil, e vem se fortalecendo a partir da construção coletiva de diretrizes e regulamentações, do debate com atores nacionais e internacionais e, principalmente, a partir do entendimento do quão estratégica é a internacionalização para o desenvolvimento das instituições e dos indivíduos que as compõem.

Já nesse primeiro parágrafo, utilizei algumas palavras que nos direcionam para o entendimento que o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) tem observado para a proposição das suas ações. Ainda que o objetivo aqui não seja conceituar termos, faz-se relevante entender o eixo do nosso pensar e, aqui, consideramos a internacionalização como um ato intencional, processual, responsável, inclusivo e adaptável

Dito isso, permitam-me que eu também amplifique minha voz e compartilhe de que maneira tenho experimentado esse flexível processo de internacionalização.

O ano era 2009, e eu embarcava na minha primeira missão internacional. O destino era Cabo Verde, um país africano composto por dez ilhas. O objetivo era negociar um projeto de cooperação técnica no eixo hotelaria e lazer que envolveria um Instituto Federal. Inevitavelmente, a ansiedade se instalava: de um lado, havia uma grande responsabilidade no meu papel, e do outro, permanecia o conhecimento ainda raso sobre um parceiro em potencial. A atividade, coordenada pela Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC/MRE), abriu portas para que a Rede fosse contemplada em outras iniciativas e para que eu percebesse a necessidade de um mergulho profundo sobre a gestão de projetos. Eu me apropriei de textos, legislação e ferramentas. Essa necessidade de preparação está muito evidente nos relatos trazidos nesta obra.

Nesse período, éramos mais responsivos do que provocativos, talvez porque ainda não houvesse uma discussão ampla sobre quais resultados esperávamos obter a partir da internacionalização. Obviamente, havia pessoas debruçadas e cientes da relevância do processo, mas quando pensávamos em uma Rede como a nossa, fazia-se necessário aumentar esse grupo. Nesse contexto, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) estabeleceu, às vésperas do Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, o Fórum de Assessores de Relações Internacionais da Rede Federal, o Forinter.



O Fórum foi incorporado pelo Conif em 2015 com o objetivo de qualificar a proposição de uma política de internacionalização para a Rede. De lá para cá, a atuação do Fórum tem sido cada vez mais positiva na medida em que traz para o Conselho os desafios, as necessidades e as fortalezas da ponta.

Com vistas a ampliar ainda mais o número de atores, a partir de 2021, o Conif estabeleceu como prioridade o envolvimento de outros Fóruns que fazem parte da sua estrutura, nas discussões sobre internacionalização. Apesar do choque inicial de visões, a decisão foi acertada e tem garantido o estabelecimento de regulamentos chave. A maioria dos relatos dos professores de idiomas, por exemplo, demonstra como foi relevante a articulação entre o escritório de relações internacionais, as Pró-reitorias de Ensino e de Extensão, de modo a repensar modelos e estruturas a partir da vivência internacional.

Ainda na perspectiva de projetos de cooperação técnica para o desenvolvimento, modalidade de cooperação liderada no Brasil pela ABC, destaco a evolução na participação das instituições e servidores. A partir de 2017, por meio de um Memorando de Entendimento firmado entre o Conif e o Governo moçambicano, foi defendida a execução dos projetos em Rede. Essa negociação possibilitou o envolvimento de mais de 20 instituições da Rede em um projeto no eixo de Agricultura. Apesar dos enormes desafios, a atuação dos nossos servidores e estudantes foi tão positiva que gerou novas demandas do parceiro moçambicano e solidificou a confiança da ABC/MRE, que convidou o Conif para liderar a instalação do Centro de Inovação do Algodão, em Moçambique. Hoje, temos um servidor da Rede naquele país para implementação dessa ação ambiciosa, que leva a marca dos Institutos Federais e Cefets para outro continente.

Um ponto relevante do trabalho com o parceiro africano, que representa o compromisso da Rede com a cooperação Sul-Sul, é o respeito às características, conhecimento, potencialidades e necessidades reais do parceiro.

Esse modus operandi também é defendido pelo Conif no âmbito dos compromissos com o Norte global, e cito como exemplos as formações para professores de idiomas (ofertadas pelas Embaixadas dos Estados Unidos e da Espanha), os Programas de Assistentes de línguas espanhola, francesa e portuguesa (como língua adicional), implementados, respectivamente, pelas Embaixadas da Espanha e da França e pelo Fórum Franco-Brasileiro, além dos intercâmbios acadêmicos firmados com o Canadá, dentre outros.

As alianças estabelecidas com o Norte global viabilizaram, ainda, a elaboração de novas metodologias para as instituições da Rede a partir da expertise dos parceiros. Aqui, cito novamente o Projeto Mulheres Mil, que trouxe as bases para o reconhecimento de saberes, e destaco o LAPASSION, concretizado na Rede com a metodologia



BRAMPSSOL, proposta pelo Instituto Federal de Goiás e premiada no âmbito da Federação Mundial de Colleges e Institutos Politécnicos (WFCP).

Ainda na tentativa de equalizar minha voz aos belos relatos desta obra, volto ao ano de 2016 quando participei com o Reitor do Instituto Federal Fluminense, Jefferson Azevedo, do Programa de Formação de Líderes da Unesco-Unevoc. Naquela ocasião, representantes de 20 países discutiam a realidade da Educação Profissional em suas nações ao tempo que eram capacitados com novas competências e ferramentas para uma liderança eficaz na área.

Como nos relatos que li, fiquei “com frio na barriga”, grata pela oportunidade, e me dediquei com afinco àquelas duas semanas de compartilhamento. Para além do conhecimento e habilidades que trouxe na bagagem, que obviamente impactaram a minha atuação profissional, ressalto a riqueza da interculturalidade daquela ação: “o contato com outros contextos expandiu sobremaneira nossa capacidade de compreensão sobre cidadania global e evidenciou que nas relações internacionais a construção de consensos é um desafio que deve prever o respeito. A representação nessa formação rendeu as credenciais para que o Conif se tornasse um Centro Unevoc, um dos únicos no país.”

Poderia, ainda, citar outras ações no universo da internacionalização, a exemplo da cooperação com a Colômbia, com o Chile e com Portugal, mas já temos narrativas muito interessantes sobre essas ações ao longo da publicação.

Sabemos que temos um longo caminho pela frente até que a internacionalização se torne um processo natural e sustentável na Rede. São desafios relacionados a orçamento, à equipe, à formação, a orientações nacionais e, muitas vezes, à compreensão sobre o que a instituição deseja alcançar com a internacionalização. Faz-se relevante que gestores, professores e técnicos discutam como internalizar e potencializar essa ferramenta a favor dos objetivos da instituição.

Enquanto nós, gestores, tomamos nossas decisões a partir da avaliação de cenários, da observância de políticas e diretrizes, do amadurecimento de parcerias, do estabelecimento de metas etc., esta obra tem o objetivo de dar vida a números e experiências.

Nessa perspectiva, a obra evidencia de que maneira o processo de internacionalização instalado na Rede Federal tem transformado a vida de estudantes e servidores, bem como impactado a realidade de comunidades e, quiçá, do mundo.

Emocionem-se, inspirem-se e sintam-se convidados a embarcar conosco nesse universo!

Ana Carolina Oliveira Batista

Diretora de Relações Internacionais do Conif



SUMÁRIO

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG)

“Estar longe me proporcionou grande amadurecimento” _____ **8**

Autora: Ana Caroline Silva do Carmo

Professores construindo a docência num ambiente de transformação _____ **11**

Autora: Irma Kunnari

Coautores(as): Jamylle Rebouças Ouverney; José Luiz Amado de Menezes e Souza

Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET/RJ)

Histórico de internacionalização do CEFET/RJ _____ **14**

Autora: Michele Roberta Rosa e Silva

“Moldou minha trajetória acadêmica” _____ **17**

Autora: Tamiris Coelho de Moraes Soares

Colégio Pedro II (CPII)

O Colégio Pedro II me mostrou o mundo _____ **20**

Autor: Raniery Costa Mendes

“Nós propomos!” No colégio Pedro II: cidadania ativa e internacionalização _____ **23**

Autor: Yan Navarro da Fonseca Paixão

Instituto Federal do Acre (IFAC)

Sakura Science High School Program: memórias de uma intercambista no Japão _____ **25**

Autora: Vitória Renata Nunes Barros

Coautora: Luciana Maira de Sales Pereira

“A dica é: economize, planeje e tenha um bom grupo de amigos” _____ **28**

Autor: Thawan Bezerra Martins

Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

Quando Mar chegou à Alagoas: premiação, práticas formativas, interdisciplinaridade e internacionalização com a chegada de Mar Fernández-Palacios ao IFAL _____ **31**

Autora: Adriana Thiara Oliveira

Coautora: Elaine dos Santos Sgarbi

Relato de intercâmbio estudantil promovido pelo IFAL em Portugal _____ **34**

Autor: Sandoval da Silva Almeida

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

COIL: relato de experiência de aluno do IFAM - CMC _____ **37**

Autor: Julian Juan da Silva Severiche



Instituto Federal do Amapá (IFAP)

LaPassion: a internacionalização sob uma ótica amazônica _____ **39**

Autor: João Vitor de Andrade

“Me adaptar às novas condições de um outro país” _____ **42**

Autora: Juliana Eveline dos Santos Farias

Instituto Federal de Brasília (IFB)

Auxiliar de conversação de português na Espanha _____ **45**

Autor: Daniel Rodrigues Fernandes

“A vontade de fazer um intercâmbio aumentou cada vez mais” _____ **48**

Autor: Fernando Lopes Alves

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Renovação com cooperação _____ **51**

Autor: Aliger dos Santos Pereira

**Mobilidade internacional como fomento ao tripé ensino, pesquisa e extensão:
uma experiência no IFBA, Campus Salvador** _____ **54**

Autora: Lucélia Ramos Alcântara

Instituto Federal Baiano (IF BAIANO)

Talentos Brasileiros na Ciência Internacional: Histórias de Sucesso do IFBaiano _____ **57**

Autora: Hildonice de Souza Batista

Coautores(as): Cinira de Araújo Farias Fernandes; Saulo Capim; Karoline Farias Fernandes

Uma jornada de descobertas: estudantes brasileiros na França _____ **60**

Autora: Cinira de Araújo Farias Fernandes

Coautora: Karoline Farias Fernandes

Instituto Federal Catarinense (IFC)

A importância do apoio institucional para a realização do meu doutorado sanduíche _____ **63**

Autora: Carolina Giordano Bergmann

Coautora: Miriam Pillar Grossi

Inglês como língua franca: três vozes, vários campi _____ **66**

Autor: Günther Cristiano Butzen

Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Memórias de Winnipeg _____ **69**

Autor: Adão Lopes da Fonseca

**As experiências de internacionalização no Instituto Federal como uma ferramenta
de inclusão: um relato de experiência** _____ **72**

Autora: Antonia de Jesus Sales

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Do IFES para o mundo _____ **74**

Autor: Abílio Marcos Coelho de Azevedo

A internacionalização a partir de projetos de pesquisa com cooperação internacional _____ **77**

Autora: Flavia Duarte Ferraz Sampaio



Instituto Federal Farroupilha (IFFAR)

Interculturalidade e cidadania global ativa: uma experiência de intercâmbio virtual entre Brasil e Colômbia _____ **79**

Autora: Carla Luciane Klos Schöninger

Coautora: Ana Adela Ardila

“Uma das melhores experiências da minha vida” _____ **82**

Autor: Luan Portella da Silva

Instituto Federal Fluminense (IFF)

Uma aventura no Canadá _____ **84**

Autora: Maria Barbatho Goulart

Experiência de internacionalização no Mundo Español _____ **87**

Autora: Maria Célia Cardoso de Lira

Instituto Federal de Goiás (IFG)

Contribuições para a relação instituição-comunidade por meio da oferta de cursos de línguas no IFG - Campus Luziânia _____ **89**

Autor: André Luiz dos Santos

Coautor: Schneider Pereira Caixeta

Cruzando fronteiras, transgredindo as barreiras coloniais de acesso à educação _____ **91**

Autora: Dáguila da Silva Boaventura

Instituto Federal Goiano (IF GOIANO)

Intercâmbio sociocultural do Instituto Federal Goiano Campus Iporá - em Buenos Aires, Argentina _____ **94**

Autor: Bruno Silva de Oliveira

Coautores(as): Jaciane Martins Ferreira; Juliana Borges Minotto; Natalia Leão Prudente;

Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva

“Oportunidade de realizar um estudo internacional” _____ **96**

Autora: Luiza Ferreira Rezende de Medeiros

Instituto Federal do Maranhão (IFMA)

Minha experiência como estudante e professora nos E.U.A. _____ **99**

Autora: Juliana Sales Viegas Castelo Branco

“Mistura de felicidade e gratidão” _____ **102**

Autora: Vitória Maria Machado

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

Amizade, fraternidade e benevolência: histórias cruzadas através da internacionalização _____ **105**

Autora: Alda Maria Luiza Moura de Queiroz Sá dos Santos

Alunos do IFMG em uma jornada de saber, mobilidade acadêmica: cultura e desafios _____ **108**

Autora: Simone Garcia de Oliveira

Coautores(as): Maria Gabriela Carvalho; Fernando da Costa Barros; Isabela Lima Santos;

Alda Maria L. M. de Queiroz Sá dos Santos; Charles Alício Melquíades Vieira Barbosa



Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)

Do Supletivo ao Mestrado: A experiência de uma TAE - Secretária Executiva estudando em porto/Portugal _____ **111**

Autora: Aline Maruse Monteiro Mariano Zotelli

Do instituto federal aos Estados Unidos: a jornada de uma jovem embaixadora _____ **114**

Autora: Crisianne Moreira Zara de Souza

Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Impressões dos intercambistas do AFS como estudantes de nível médio no IFMT _____ **116**

Autora: Daniela Cauduro Bianchi

Cruzar a fronteira pode ser um mergulho interior _____ **119**

Autor: Marcos Aparecido Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG)

Mobilidade acadêmica IFNMG e IPG: alunos do curso de engenharia civil _____ **122**

Autora: Isadora de Souza Ferreira

Coautora: Carla Carolina de Araújo Burle

Mobilidade internacional para TAES: uma ação-piloto a partir de uma iniciativa intrínseca de quem acredita no processo _____ **125**

Autora: Roberta Silva Santos

Instituto Federal do Pará (IFPA)

Geração de energia elétrica utilizando o hidrogênio verde _____ **128**

Autor: Denis Carlos Lima Costa

“Preparar alunos com espírito de liderança” _____ **130**

Autor: Vinícius Gabriel Dias de Souza

Coautora: Luizela Moreira Miranda

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Dreams in action: um sonho (quase) impossível _____ **132**

Autora: Ana Angélica de Lucena Taveira Rocha

Coautora: Ana Cláudia Dias de Fontes Faria

“Desenvolver cada vez mais orgulho de ser de onde você é” _____ **135**

Autora: Clara Andrielem Baia Batista

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

“Uma das melhores experiências vividas por mim” _____ **137**

Autor: Thiago Victor de Oliveira Santos

“Um momento que cada um vai levar com muito carinho” _____ **140**

Autor: William de Lemos Cassiano

Coautor: José Felipe Florencio Monteiro Mariano



Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Internacionalização e Inovação nas Hortas Comunitárias do Dirceu, em Teresina, PI, Brasil: garantia de bem-estar social, alimentação saudável e mitigação climática _____ **144**

Autora: Ana Keuly Luz Bezerra

Coautores(as): Liana Siqueira do Nascimento Marreiro; Rafael Fernandes de Mesquita; Marluce Lima de Moraes

Jovem Embaixador - Instituto Federal do Piauí _____ **147**

Autor: Ítalo Emmanoel Mesquita Oliveira

Instituto Federal do Paraná (IFPR)

“Promover a cultura internacional nos campi do IFPR mesmo sem recursos financeiros” **150**

Autora: Ingrid Trioni Nunes Machado

Desafios superados na mobilidade internacional: relato de experiência do estudante do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFPR) no Instituto Politécnico de Bragança _____ **153**

Autor: Marcelo Viana de Castilhos

Coautora: Cristine Roberta Piassetta Xavier

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Sonhei, perseverei e realizei: do Rio de Janeiro a Estrasburgo _____ **156**

Autora: Carolina Mattoso Lopes de Azevedo

Programa VET teachers for the future (Setec/MEC) _____ **159**

Autor: Julio Page de Castro

Relato de experiência de um estudante do IFRJ no Sakura Science Exchange Program _____ **162**

Autor: Vinícius Dutra Ramos

Coautor: Julio Page de Castro

Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Ciência, tecnologia e interculturalidade em pauta: a experiência do AFS Global STEM Academy no IFRN _____ **165**

Autor: Bruno Ferreira de Lima

Coautora: Carla Aguiar Falcão

Ampliando horizontes por meio da internacionalização _____ **168**

Autor: Matheus Pinheiro dos Santos

Coautores(as): Girlene Moreira da Silva; José Manuel de Amo Sánchez-Fortún

Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Experiências do Portal da Amazônia para o mundo _____ **171**

Autora: Maria Helena Ferrari

Coautora: Laura Borges Nogueira

Uma oportunidade _____ **173**

Autor: Nicolas Costa Feitosa



Instituto Federal de Roraima (IFRR)

I Festival Hispânico: para além das fronteiras _____ **176**

Autora: Miriam Alice Coelho Rosa da Silva

Uma experiência para a vida toda _____ **179**

Autora: Sandra Mara Botelho

Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

Programa Português como Língua Adicional (PLA): uma experiência formativa _____ **184**

Autora: Paloma Aparecida Wammes

Transformando sonhos em realidade: as meninas Power e sua missão ecológica _____ **186**

Autora: Rachel Oliveira Nasser

Instituto Federal de Sergipe (IFS)

Relato de experiência de mobilidade acadêmica e atuação no programa LaPassion em rede metodologia Brampsol _____ **189**

Autora: Erica dos Santos Oliveira

Do Brasil para Portugal: as experiências de um docente na mobilidade acadêmica internacional _____ **192**

Autor: Junior Leal Prado

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Intercâmbio musical na Itália _____ **195**

Autora: Carolina Momm de Melo

Propiciando experiências acadêmicas e culturais internacionais no IFSC _____ **198**

Autora: Denize Nobre Oliveira

Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSERTÃOPE)

Um intercâmbio ao longo das estações do ano _____ **200**

Autor: André Erick da Silva

Uma jornada de inovação e aprendizado no Hackathon Mercosul _____ **202**

Autor: Marcelo Anderson Batista dos Santos

Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

“A minha identidade indígena está diretamente ligada ao meu lugar nesta sociedade” _____ **204**

Autora: Geovana Sales Jesus Leite

A internacionalização como formadora de experiências profissionais de iNOVAção e exitosas _____ **207**

Autora: Teresa Helena Buscato Martins

Coautora: Jussara Pimenta Matos



Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSUDESTEMG)

A internacionalização na pós-graduação stricto sensu: relato de experiência em uma instituição politécnica portuguesa _____ **210**

Autora: Priscila Patrícia Moura Oliveira

Coautoras: Elisete Gonçalves Fonseca; Beatriz Gonçalves Brasileiro

Perseverança, capital cultural e personagens tutelares: como o IF internacional impacta a vida do discente contemplado e seus pares? _____ **213**

Autora: Suene Franciele Nunes Chaves

Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL)

A Uruguia: relato de uma estudante binacional _____ **216**

Autora: Ahilén Mazondo Nuñez

Brafitec - o maior programa de mobilidade acadêmica do Instituto Federal Sul-rio-grandense _____ **218**

Autor: Pedro Carlos Hernandez Júnior

Coautor: César Augusto Azevedo Nogueira

Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS)

Relato de experiência de mobilidade acadêmica no Canadá: vivências do programa Futuros Líderes nas Américas _____ **221**

Autora: Caroline Maciel Doná

Uma mulher, estudante, pesquisadora, professora, orientadora, extensionista, coordenadora apaixonada pela internacionalização _____ **224**

Autora: Daiane Moreira Silva

Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)

CENID-IFTM: um Centro de Línguas cuja missão se confunde com a da Rede Federal há dez anos _____ **227**

Autor: Edilson Pimenta Ferreira

Dois intercambistas bolsistas do IFTM Campus Paracatu: o que aprendemos sobre Chile, Colômbia e o impacto de uma ação de internacionalização nas nossas vidas profissionais _____ **230**

Autor: Felipe Guimarães dos Santos

Coautores(as): Gabriel Luiz de Jesus Ribeiro; Juliana Vilela Alves

Instituto Federal do Tocantins (IFTO)

Interdisciplinaridade científica e pedagógica no departamento de ciências sociais do Instituto Politécnico de Bragança - IPB, Portugal: um relato etnográfico _____ **233**

Autor: Carlos Eduardo Panosso

“A internacionalização me fez mais resiliente, adaptável e confiante em enfrentar novos desafios” _____ **236**

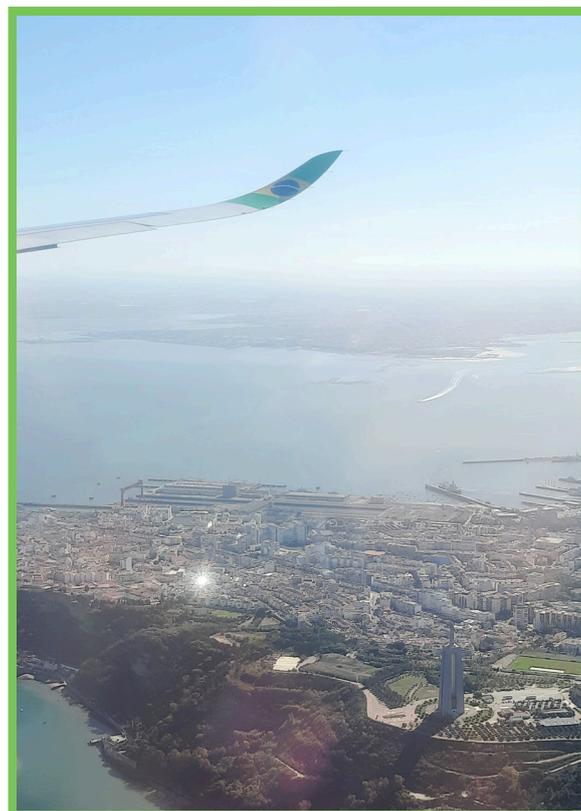
Autor: Wellington de Oliveira Veloso





ESTAR LONGE ME PROPORCIONOU GRANDE AMADURECIMENTO

Autora: Ana Carolina Silva do Carmo - CEFET-MG



Olá, meu nome é Ana Caroline e sou estudante do curso de Bacharel em Engenharia Civil do CEFET-MG Campus Varginha, Brasil. Meu intercâmbio foi realizado no Instituto Politécnico da Guarda, na Guarda, em Portugal. Por meio de parceria entre o CEFET e o IPG pude participar do programa de mobilidade acadêmica no primeiro semestre do ano letivo 2022/2023.

Nutri, por longo tempo, o interesse em morar fora do Brasil e conhecer novas culturas, mas não sabia como poderia realizar este desejo. Então, por meio de orientações da Secretaria de Relações Internacionais do CEFET, o sonho de participar de um programa de intercâmbio tomou forma. Aqui, já aproveito para reforçar a importância de o aluno planejar e organizar, com antecedência, os processos de obtenção do visto e do passaporte, já que as chances de ocorrerem contratempos são grandes. Mesmo me antecipando para obter toda a documentação necessária, ainda tive problemas que precisaram de muita informação e diálogo para serem resolvidos.

Já em Portugal, a primeira impressão que tive do país foi bastante positiva. As pessoas tentavam ajudar, mesmo que de maneira tímida e reservada, ora com informações ora com alguma gentileza. Lisboa foi meu primeiro contato português (e internacional), uma cidade muito maior que a minha no Brasil, repleta de obras arquitetônicas históricas, monumentos, pontos turísticos importantes que são marcos de eras passadas. O clima no mês de setembro é muito semelhante ao do sudeste brasileiro, o idioma... não me pareceu o mesmo no primeiro momento. Foram necessários alguns dias para me acostumar ao luso português (peço licença poética por soar redundante), que na grafia é praticamente o mesmo, mas o ritmo falado era de outro mundo.

Observei que muitas palavras são diferentes da língua brasileira: peneira do Brasil é peneiro (aprendi nas aulas de Mecânica dos Solos), “o app” é “a app” (de aplicação e não aplicativo), a casa de banho é o banheiro, apenas para citar alguns exemplos. Também precisei compreender a expressão: “não percebi”, que corresponde, no português brasileiro, à expressão “não entendi”.

Ao fim das aulas me era oferecida boleia, que vim a saber que é o equivalente a carona brasileira. E como não lembrar da palavra rapariga, que em Portugal é uma menina, moça, e no Brasil... bem, não cabe neste texto a sua tradução. Por falar em tradução, nunca imaginei em minha vida que precisaria tanto do inglês em um país de língua portuguesa. Em Lisboa fui abordada por estrangeiras me pedindo informações, na Guarda, cidade de meu intercâmbio, precisei muito de usar inglês para me comunicar, tanto no IPG quanto no apartamento que morei, pois haviam estrangeiras da Turquia e da Lituânia. De fato, Portugal me surpreendeu muito.

Na Guarda, município pequeno comparado a minha cidade natal, a adaptação foi muito fácil, pois fui muito bem recebida por pessoas muito educadas e hospitaleiras. O senhorio do meu apartamento me recepcionou ainda na estação de autocarros, no Brasil chamado de ônibus, e me direcionou e orientou até o apartamento, que dividi com uma colega de curso do CEFET. O senhorio e sua esposa sempre foram muito atenciosos e solícitos comigo assim como os demais colegas da residência, o que resultou, durante toda minha estadia, em ótimo relacionamento e reciprocidade das partes. Esse carinho e calor humano foi muito bem-vindo e ajudou a superar o frio da cidade mais alta do país. Em setembro e outubro as temperaturas estavam amenas, o sol se punha mais tarde, o que tornava os dias longos. Na medida que as semanas foram passando, as temperaturas foram caindo e tornaram-se necessário mais cobertores, mais blusas, mais agasalhos, um verdadeiro amontoado de roupas. Esse frio todo era amenizado, também, com as sopas servidas no IPG, que a princípio confesso que achava um costume bem estranho, pois não fazia sentido para eu “almoçar” uma boa quantidade de sopa e depois ter o prato principal. Nos primeiros dias eu tive dificuldade para conseguir comer tudo, mas logo tornou-se um hábito muito agradável e gostoso. Gostoso também eram os peixes e frutos do mar, oferecidos com tanta variedade no país, o que tornava impossível escolher apenas uma opção nos restaurantes da cidade. Entretanto, precisei me adaptar quanto aos horários das refeições porque eles eram muito mais tarde daqueles que eu estava acostumada no Brasil, tanto no almoço quanto no jantar. Por sinal, aqui vai mais uma diferença linguística: em Portugal diz-se pequeno almoço, enquanto em meu país dizemos café da manhã.

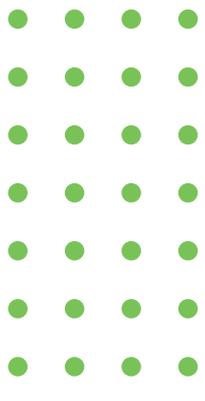
Quanto ao IPG, a recepção foi maravilhosa: sempre muito atenciosos e preocupados com os alunos estrangeiros. Houve diversos encontros para orientações, para festejo, para brindes de boas-vindas. Além de auxiliar os alunos, essas reuniões proporcionaram uma ótima integração entre as diversas culturas ali presentes, ou seja, havia intercambistas do Brasil, da Turquia, da Guiné-Bissau.

Essa troca de experiências foi fantástica e tornou o intercâmbio uma experiência ainda mais rica na medida em que aprendi sobre o outro, seus costumes, seu idioma. Pude, também, aprimorar meu inglês e experimentar comidas diferentes em um lugar completamente novo por um semestre. Essa nova perspectiva me permitiu perceber meu país com outros olhos e refletir sobre o que poderíamos melhorar e o que já é muito bom. E o primeiro aspecto que precisamos mudar enquanto nação é a segurança, pois nunca me senti tão segura quanto na Guarda, algo absurdo para mim, até então, já que nunca havia vivenciado este sentimento. É uma tranquilidade para se caminhar, para sair à noite, para fazer as compras, enfim, para viver. De fato, pude comprovar que Portugal é um dos países mais seguros do mundo.

Portugal além de seguro é lindo, com muitos pontos turísticos, paisagens e tradições. O país tem muita história, castelos, monumentos, igrejas, museus, e para quem gosta de cenários como estes, é um deleite. Sentia-me muito bem caminhando nas ruas de pedra da Guarda, antiquíssimas, ficava sempre imaginando quantas carruagens haviam passado naquele local, quantos cavaleiros, e o tudo mais que se sabe do período medieval.

Não posso encerrar sem dizer o quanto foi difícil ficar longe da minha família e dos meus amigos, as três primeiras semanas foram de muita saudade e angústia. Com o tempo amenizou e a tecnologia me permitiu estar junto mesmo estando longe. Passei meu aniversário, o Natal e a virada de Ano longe de casa, fato inusitado para mim, já que em todas estas datas sempre estive na companhia daqueles que eu amo. No entanto, tudo que vivenciei valeu a pena e eu faria tudo igual se preciso fosse. Fiz muitas amizades e essas foram fundamentais para meu acolhimento. Estar longe também me proporcionou grande amadurecimento, crescimento pessoal e independência e não há preço que pague isso. Acredito que o intercâmbio seja uma experiência que todos os estudantes deveriam ter a oportunidade de vivenciar.





PROFESSORES CONSTRUINDO A DOCÊNCIA NUM AMBIENTE DE TRANSFORMAÇÃO

Autora: Irma Kunnari - CEFET-MG

Coautores(as): Janylle Rebouças Ouverney; José Luiz Amado de Menezes e Souza

O trabalho do professor demanda processo constante de formação para as mudanças da nossa sociedade. Para assegurar que as mudanças ocorram, as instituições de ensino devem se tornar parte integrante dos ecossistemas de aprendizagem. Na Finlândia, as Universidades de Ciências Aplicadas já deram passos promissores na integração de atividades de pesquisa, extensão e inovação no aprendizado dos alunos. No Brasil, os Institutos Federais seguem a mesma diretriz buscando integrar o ensino, a pesquisa e a extensão associando-os à inovação. No entanto, há necessidade de uma mudança mais ampla, e os professores podem ser os principais responsáveis por ela. O programa “Professores para o Futuro” (VET), realizado entre os anos de 2014 e 2016, em uma parceria da SETEC/MEC com Universidades de Ciências Aplicadas na Finlândia e a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica oportunizou o compartilhamento das visões finlandesa e brasileira sobre a criação e manutenção de ecossistemas de aprendizagem.

● APRENDIZAGEM AUTÊNTICA EM ECOSSISTEMAS

O aprendizado em ecossistemas vai além da sala de aula tradicional e da instituição de ensino. Nesta perspectiva, o processo de aprendizagem está centrado no estudante, nos ecossistemas de aprendizagem levando os alunos transcenderem o espaço da sala de aula e ao envolvimento deles com organizações do setor público e privado em suas cidades, regiões e na sociedade em geral.

O ecossistema de aprendizagem oportuniza a materialização do que chamamos de aprendizagem profunda ou para a vida toda. É no momento do encontro do estudante com o mundo do trabalho que ele percebe como os conhecimentos agregados em sala de aula podem, concretamente, ser aplicados no seu ofício.

Nas visitas realizadas a diversas escolas durante nossa participação no programa VET, em especial na escola profissional Tavastia, na cidade de Hämeenlinna, tivemos contato com estudantes que atendiam à sua comunidade local com serviços de manutenção, reparo e pintura de automóveis, com supervisão de professores e como parte do currículo dos cursos em que estavam matriculados.

Essa transformação desafia o trabalho do professor e as atividades que ele precisa realizar. Quanto mais o professor passa do familiar para o desconhecido, do nível parcial para o sistêmico e da aprendizagem superficial para a profunda, mais isso exige planejamento, revisão do seu trabalho e colaboração com os pares.

- **ELABORAÇÃO DE TAREFAS - DOS DETALHES AO PANORAMA GERAL**

Em diversos casos, os professores que vivenciaram experiências de internacionalização no programa VET modificaram suas tarefas de várias maneiras em seus ecossistemas de aprendizagem. Para poderem trabalhar de forma eficaz, os professores passam do trabalho e das tarefas individuais para o trabalho em conjunto. Eles abandonam o planejamento e a preparação precisos do ensino para se concentrarem mais em moldar a aprendizagem e oferecer oportunidades de aprendizagem com projetos, problemas e, atualmente, também incorporam os ambientes digitais para implementarem o trabalho de ensinar e aprender. De ministrar e avaliar pequenas tarefas separadas, eles passam para uma orientação e avaliação contínua mais abrangente da competência, e por meio dessas atividades, se tornam facilitadores.

Um dos pilares do programa VET é a fundamentação de que a aprendizagem se apoia no tripé conhecimentos-habilidades-competências, ou nas características representadas pelo saber, fazer e ser. Após a participação no programa, ficou clara a percepção de que, anteriormente, o ensino praticado pelos participantes era calcado principalmente nas dimensões do saber e, em segundo plano, nas dimensões do fazer. As competências, o ser, as atitudes, tocavam tangencialmente o currículo. A aprendizagem profunda e significativa para a vida toda tem dificuldade em florescer num ambiente onde as atitudes e competências não são estimuladas durante a prática docente e os efeitos dessa mudança de visão foram rapidamente percebidos nos ecossistemas de aprendizagem após o retorno dos participantes do programa ao Brasil.

Os professores mudam a ênfase de "dar aulas" para ouvir, observar e estar presente para e com os alunos. Assim, eles sentem que também podem apoiar o desenvolvimento da autoconfiança e da criatividade dos alunos e os alunos, por sua vez, percebem que são parceiros ativos da produção do conhecimento.

- **CRIAÇÃO DE RELACIONAMENTOS — A CONFIANÇA COMPENSA**

Como os professores moldam seus relacionamentos uns com os outros, com os alunos e com os parceiros de trabalho? A principal descoberta está relacionada ao fato de que, em ambientes de aprendizagem autênticos, alunos, professores e parceiros de trabalho são todos aprendizes

A importância da confiança é enfatizada, especialmente na capacidade dos alunos de orientar seu próprio aprendizado e resolver desafios da vida real. A confiança do professor em si mesmo é considerada um pré-requisito para estender a confiança aos outros.

A cooperação mútua entre os professores aumenta o desenvolvimento conjunto e o compartilhamento de conhecimentos, fortalecendo, assim, a linguagem e o entendimento comuns. A partir dos laços firmados entre os parceiros, variadas ações têm se desdobrado. Os egressos do programa VET se associaram aos membros de sua comunidade direta e promoveram ações de formação continuada (oficinas, cursos de pequena e longa duração), publicações, participação em editais de fomento, palestras e disciplinas ministradas em dupla/equipes (como Projeto Integrador em cursos de ensino médio, pedagógicas em cursos de Licenciatura e cursos de pós-graduação).

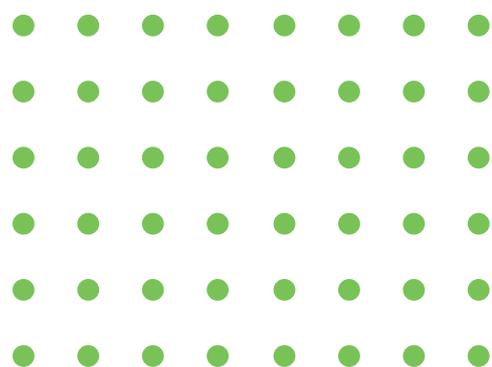
● ELABORAÇÃO DO PENSAMENTO – A ACEITAÇÃO DA IMPERFEIÇÃO DÁ ESPAÇO

Uma mudança na mentalidade fortaleceu a transição de distribuidores de conhecimento para facilitadores de aprendizado. Após a formação, consideramos a docência flexível e adaptável às necessidades do estudante e da colaboração. A atitude experimental também se torna importante e a aceitação da inovação, da imperfeição e da incompletude são constantes na prática do ensinar e do aprender, que se renova a cada experiência. Quando a aprendizagem ocorre em ecossistemas, é essencial que a incerteza e a imprevisibilidade sejam apreciadas.

Estar na Finlândia representou uma oportunidade de entender a força da pedagogia Freireana e de seus princípios, que há muito ultrapassaram as fronteiras do nosso país. Ao nos depararmos com as referências de Freire nesse percurso, entendemos a potencialidade da educação brasileira e como somos peças-chave nesse processo.

Em organizações em rede, como a nossa, diferentes tarefas e relacionamentos de trabalho estão interconectados. A modificação do trabalho não pode ser feita somente a partir de pontos de vista individuais, pois observa-se que resultado melhor é alcançado em conjunto. Adaptar às transformações em andamento, ter a mente e o coração abertos são elementos essenciais para incluir diferentes pontos de vista no processo de cocriação do ensinar e aprender. A participação em um programa de internacionalização foi fundamental para perceber estas diferenças e iniciar o necessário processo de mudança em nossa realidade e, ulteriormente, no panorama educacional brasileiro.





HISTÓRICO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ

Autora: Michele Roberta Rosa e Silva - CEFET-RJ

Sou ex-aluna do Curso de Técnico em Secretariado do Colégio Estadual do Paraná e hoje trabalho como técnico-administrativa em educação no Cefet/RJ, onde comecei a trabalhar em meados de 2017, iconicamente, o ano do centenário da Instituição. As comemorações incluíram o lançamento do livro “Registros de uma instituição centenária: Cefet/RJ”, o que despertou em mim uma curiosidade ainda maior por conhecer o local onde estava trabalhando.

Minha história com o Cefet/RJ, por vias transversas, tem início alguns anos antes. Em 2014, comecei a carreira como servidora do Colégio Pedro II, desenvolvendo várias atividades, uma delas como substituta da assessoria de relações internacionais, o que me levou a participar de vários eventos nacionais e internacionais, como reuniões do Forinter (CONIF), Congresso Internacional WFCP 2016; 40ª Reditec, FAUBAI - Associação Brasileira de Educação Internacional e reuniões da Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (REARI).

Nas reuniões da REARI pude estreitar laços com as assessorias de outras instituições, principalmente do IFRJ e do Cefet/RJ, e aprender sobre os desafios de desenvolver projetos de internacionalização para os alunos do Ensino Médio integrado, pois, na maioria das vezes eles ainda são menores de idade e, muitas vezes, em razão do excesso de burocracia, não são os primeiros a serem lembrados para participarem desses projetos.

Durante minha atuação no Colégio Pedro II, colaborei, em 2016, na recepção de alunos estrangeiros vindos da Tailândia, Alemanha, Turquia, Nova Zelândia e Groenlândia, que passaram um ano na Instituição por meio do convênio com a AFS Intercultura Brasil. Ainda em 2016, orientei a preparação da missão internacional que levou os alunos para o International Young Mathematicians' Convention (IYMC) na Índia, que retornaram ao Brasil com medalhas (bronze) nas provas individuais.

Como parte do trabalho de assessoria de relações internacionais, ainda no Colégio Pedro II, em 2017 recebemos, para tratativas iniciais, o Prof. Christian Larsen do colégio dinamarquês Mariagerfjord Gymnasium, cujo desfecho foi a assinatura de um acordo de cooperação. Em julho de 2017 ingressei no Cefet/RJ, mas continuei acompanhando o trabalho do Prof. Flavio Balod, assessor de relações internacionais do Colégio Pedro II, que, em 2018, realizou o projeto que recebeu 27 alunos dinamarqueses do colégio Mariagerfjord Gymnasium para uma visita técnica.

Devido à minha atuação na área de internacionalização, quando cheguei ao Cefet/RJ a assessora internacional, Prof.^a. Angela Norte, carinhosamente estava a minha espera. O Cefet/RJ, naquele momento, precisava de minha experiência de secretária nos conselhos superiores e não fui, infelizmente, trabalhar com a Prof.^a. Angela Norte, mas sempre mantivemos uma relação muito estreita, e pude colaborar, eventualmente, nas atividades da assessoria.

Inspirada pelo centenário da minha instituição, me candidatei, em 2018, ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Pedro II (Profept) e apresentei um projeto sobre o resgate da memória de internacionalização do Cefet/RJ, pois, além de pioneiro nas parcerias internacionais, o Cefet/RJ, assessorado pela Prof.^a. Angela Norte, se preocupava em integrar os alunos dos cursos técnicos às ações de internacionalização, dentro e fora da Instituição.

Sendo ex-aluna de curso técnico, foi natural que minha pesquisa de mestrado procurasse destacar a importância de ações de internacionalização para esses alunos, não apenas pela experiência de vida, mas também pensando que esses projetos agregam conhecimentos para esses estudantes que se preparam para entrar no mundo do trabalho.

Durante meus anos no Curso de Letras Português, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, pude vivenciar um momento ímpar e passar uma temporada estudando em Salamanca, na Espanha. O cotidiano distante da família, dos amigos, da língua materna, trouxe lições de vidas que carrego até hoje, tais como a solidariedade entre alunos estrangeiros, todos longe de casa e construindo novas referências.

Importante destacar o desenvolvimento da habilidade para resolver problemas sozinha, desde coisas muito simples, como não saber onde encontrar itens básicos no comércio local, pois no Brasil estamos acostumados a que as coisas estejam mais ou menos nos mesmos lugares, até tomar decisões importantes quanto ao orçamento disponível para as despesas.

O mundo em que estamos hoje apresenta algumas facilidades das quais eu não dispunha no começo dos anos 2000: a internet estava começando a invadir nossas vidas, mas nem todos tínhamos acesso a ela; as ligações telefônicas internacionais eram caríssimas e, portanto, limitadas para boa parte dos estudantes que estavam fora de seu país. As cartas com notícias eram enviadas por correio e demoravam em média 20 dias para chegar ao destino, e as ligações para casa eram feitas no máximo duas vezes ao mês, com duração de 3 a 5 minutos!

A oportunidade de conhecer um novo país, uma nova língua, novas culturas foi uma experiência incrível e motivadora, pois, tantos anos mais tarde, quando eu não imaginava os rumos que teria tomado na vida pessoal e profissional, a internacionalização me encontrou novamente.

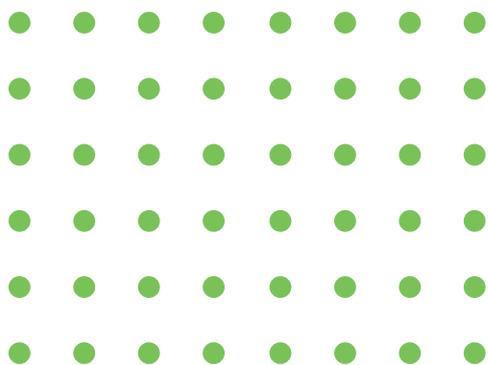
A minha dissertação de mestrado se dedicou à linha de pesquisa em memória e história, entendendo que a educação profissional, ao longo dos anos, sofreu várias alterações e hoje está muito mais voltada para a educação integral, sempre em busca do fim da dualidade entre as disciplinas básicas e as técnicas.

O Cefet/RJ, assim como outras instituições da rede federal de educação profissional e tecnológica, tem tradição no ensino técnico de nível médio, na educação superior e na pós-graduação. A minha pesquisa se debruçou sobre a história dessa instituição centenária, destacando o histórico de projetos de internacionalização, cujo marco é o ano de 1987, com a parceria entre professores da Universidade do Estado do Rio (UERJ), professores do curso de Engenharia Elétrica do Cefet/RJ e professores do Fermi National Accelerator Laboratory (FERMILAB).

Como parte do meu projeto de pesquisa, desenvolvi um website para que esses registros históricos ficassem disponíveis para toda comunidade, não somente do Cefet/RJ, mas a todos aqueles interessados neste tema de internacionalização. A Instituição foi muito generosa e acolheu o meu website como parte do Portal Institucional, e hoje, na área de relações internacionais - histórico da ASCRI, apareço como colaboradora para o protótipo da página.

Esse texto foi um passeio de memória e uma recapitulação das minhas experiências de vida, tanto no campo pessoal, profissional e de formação acadêmica. Tenho orgulho de fazer parte da rede federal de educação profissional e tecnológica e espero que minhas contribuições possam inspirar novos projetos de internacionalização, principalmente para os alunos do ensino técnico.





MOLDOU MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Autora: Tamiris Coelho de Moraes Soares - CEFET-RJ

No ano de 2018, embarquei em uma jornada que transformaria minha vida de maneira profunda e significativa: um intercâmbio na França proporcionado pelo CEFET/RJ. Essa experiência não apenas se tornou um momento decisivo e de muito crescimento em minha vida, mas também moldou minha trajetória acadêmica e profissional de maneira inestimável.

Durante o período que estive no exterior, as experiências que vivenciei foram tão impactantes que tomei a iniciativa de basear meu trabalho de conclusão de curso neste tópico. Com um desejo de dar mais visibilidade a essa temática, minha intenção era clara: incentivar que programas de intercâmbio continuassem a ser promovidos, permitindo que outros estudantes pudessem ter acesso a oportunidades semelhantes às que eu tive.

Como profissional internacionalista, agora já graduada, percebi rapidamente que o intercâmbio me tornou uma candidata mais visada no mercado de trabalho. As habilidades adquiridas, como adaptabilidade, comunicação intercultural e fluência em mais um idioma, tornaram-me uma peça valiosa em qualquer equipe internacional.

O intercâmbio me proporcionou não apenas desenvolvimento acadêmico e profissional, mas também forjou minha independência e amadurecimento pessoal. Os desafios de viver em um país estrangeiro foram fundamentais para minha evolução como pessoa. Minha motivação para realizar esse trabalho acadêmico também se estendeu ao desejo de alterar a percepção que muitos têm sobre o intercâmbio. Muitas vezes, é visto como algo supérfluo ou inacessível, quando, na verdade, é uma experiência rica e transformadora, com benefícios que vão muito além das fronteiras acadêmicas.

Além disso, queria reconhecer e destacar o excelente trabalho realizado pela Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI) do CEFET/RJ, que tornou possível a realização do meu intercâmbio e de muitos outros.

Para enriquecer ainda mais meu trabalho de conclusão de curso, decidi coletar narrativas de outras pessoas que também tiveram a oportunidade de participar de programas de intercâmbio.

A pesquisa qualitativa incluiu a pergunta: "Conte mais sobre sua experiência e como ela foi importante para sua formação?" As respostas recebidas foram incrivelmente reveladoras e evidenciaram o quanto o intercâmbio pode ser uma experiência inigualável e transformadora.

Abaixo é possível conferir as respostas recebidas: (fonte: SOARES, Tamiris Coelho de Moraes. A Percepção Estudantil Durante a Mobilidade Out Semestral. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Departamento de Línguas Estrangeiras, Rio de Janeiro, 2022.)

“Acredito que minha experiência foi muito além de poder melhorar minha formação acadêmica, me permitiu crescer como pessoal, principalmente com o aumento de responsabilidade. Além disso, pude conhecer outros países e suas culturas, é engrandecedor perceber o quão pequenos somos como indivíduo, e a pluralidade cultural que vivemos no mundo.”

“O intercâmbio me fez crescer como ser humano e me abrir mais para um mundo de possibilidades que eu desconhecia. Além de ter me ajudado muito a destravar o inglês, ainda que não fosse o idioma local, pelo convívio com pessoas de todo o globo.”

“Foi a experiência mais incrível da minha vida. O intercâmbio me deu a oportunidade de estudar em uma universidade conceituada fora do Brasil, obter mais conhecimento em minha área, me adaptar a uma cultura diferente, me relacionar com pessoas de diferentes culturas. Além disso, fiz amizades para a vida e tive a oportunidade de conhecer diversos lugares no tempo livre. Fazer um intercâmbio é expandir os horizontes, é abrir a mente, é ver que não há limites para você.”

“A experiência para mim foi fantástica. Primeiro momento em que vivi por conta própria, lidando em um país com culturas diferentes e conhecendo pessoas totalmente diferentes do habitual aqui no Rio de Janeiro. Tive uma troca cultural grande com outros brasileiros, portugueses e outras nacionalidades que lá estavam. Pude desenvolver línguas como inglês e espanhol pois estava em contato direto com pessoas que só poderia me comunicar por meio desses idiomas. Foi gratificante conhecer e fazer amizades pelo mundo, além de abrir uma porta para voltar a estudar fora”

“Foi uma revolução na minha vida pessoal e profissional. Abriu meus horizontes de possibilidade de estudo fora do país. Facilitou a minha inserção no mercado de trabalho, uma vez que o intercâmbio é uma experiência muito valorizada pelas empresas. Me permitiu desenvolver a independência em todas as áreas da vida e a interação com pessoas de diferentes países/culturas/costumes.”

“Acredito que o intercâmbio foi de maior valor pensando em relação a formação pessoal e ampliação de visão do mundo. O maior conhecimento foi o pessoal e desenvolvimento de habilidades como adaptabilidade, flexibilidade e lidar com problemas complexos. Acredito que isso vai ser muito importante no meu crescimento profissional.”

“Tanto a experiência acadêmica na minha área, quanto com relação ao idioma foram essenciais para minha formação. Entender como se dá a formação em outro país, quais são as frentes de pesquisa realizadas na universidade, alguns aspectos da valorização da ciência e do pesquisador etc. A abertura para o novo, também impactou na minha formação profissional e pessoal. Voltei do intercâmbio uma pessoa diferente da que eu era antes de ir. Novas perspectivas sobre a vida em geral.”

“Não consigo definir em palavras o tamanho da importância desse intercâmbio. Uma experiência cultural, pessoal, profissional, intelectual incrível! Sou muito grata ao Cefet por essa oportunidade.”

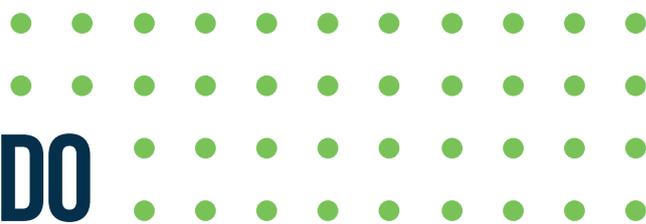
“Minha experiência me trouxe inúmeros benefícios tanto na vida pessoal quando acadêmica. No âmbito pessoal, aprendi a ser mais independente, mais comunicativa e me trouxe um enorme amadurecimento. Já para minha formação, percebi de forma clara como o mesmo assunto pode ser abordado de diferentes olhares e me trouxe uma carga cultural que acho que todos deveriam ter, me trouxe novos olhares, novas perspectivas sobre o turismo e a cultura, agregou de todas as formas possíveis.”

“Foi a experiência mais valiosa que já tive na vida. Eu, sendo de uma família de baixa renda, seria muito difícil ter conseguido essa experiência por conta própria e o CEFET proporciona isso de uma maneira formidável e inclusiva para todos os alunos. Para a minha formação, essa experiência me trouxe um leque de caminhos que posso e quero seguir e, principalmente, me deu uma autoconfiança que eu nunca achei que teria.”

Concluindo, meu intercâmbio para a França não apenas enriqueceu minha vida pessoal e profissional, mas também me motivou a compartilhar dessa riqueza com outros, destacando a importância e os benefícios do intercâmbio para os alunos, para a instituição e para a sociedade em geral. Essa jornada me fez perceber que as experiências compartilhadas têm o poder de inspirar mudanças e abrir portas para um mundo de oportunidades.



O COLÉGIO PEDRO II ME MOSTROU O MUNDO



Autor: Raniery Costa Mendes - CPII

- **ATO I - SEU EXEMPLO, SEGUI, COMPANHEIROS.
NÃO DEIXEMOS O ANTIGO ESPLENDOR**

Eu gostaria que todo jovem tivesse a oportunidade de estudar no Colégio Pedro II. Claro, é muito tendencioso, eu, um estudante formado no Colégio Pedro II Campus Realengo II, escrever isso. Mas preciso te contar algo. Após ter sido aprovado no concurso para iniciar meus estudos no 6º ano do ensino fundamental, eu, sinceramente, não sabia se aquela era a escola certa para mim. Havia feito o concurso com o apoio dos meus pais, mas estava incerto. Hoje sei que estava tudo bem. Essa era só uma das muitas lições que o CP2 tinha para me ensinar.

- **ATO II - NÓS TRAZEMOS NO OLHAR O LAMPEJO
DE UM RISONHO FULGENTE PORVIR**

No dia 14 de fevereiro de 2011, uma segunda-feira, eu teria minha primeiríssima aula no Colégio Pedro II. Ao adentrar a escola eu não sabia o que estava me esperando, e os próximos sete anos foram uma avalanche de ensino - dentro e fora de sala. Aulas instigantes, palestras que me fizeram questionar o que eu entendia como inquestionável. O mais importante disso tudo foi o vanguardismo do CP2, que me moldou enquanto um ser crítico e me empoderou enquanto cidadão. Preparou-me para ser não somente um cidadão Brasileiro, mas também um cidadão global. As portas do colégio, eram na verdade as portas do aeroporto chamado vida. E hoje sei que minha caderneta, era na verdade, meu primeiro passaporte.

- **ATO III - ALCAMOS ARDENTEMENTE A ESPERANÇA DE BUSCAR,
DE ALCANÇAR, DE MANTER. NO BRASIL A MAIOR CONFIANÇA
QUE SÓ PODE A CIÊNCIA TRAZER.**

Em 2014, fui selecionado para fazer parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia (NEPAG), lá tive a oportunidade de me descobrir pesquisador júnior sob a orientação do então jovem professor Yan Navarro da F. Paixão.

No núcleo, estudei mobilidade urbana, direitos humanos, direito à cidade, roteiro, edição de vídeo; participei também de discussões sobre as dificuldades das comunidades quilombolas e sobre a maior tragédia natural na região serrana do estado do Rio de Janeiro, além de aprimorar métodos de ensino e de participar de feiras de ciências e eventos em Portugal, Inglaterra, Espanha e Estados Unidos.

Ficaria difícil listar todos os aprendizados que tive dentro do NEPAG. No entanto, o mais marcante é como o NEPAG e o CP2 em conjunto me permitiram entender que eu não estava limitado a viver onde nasci. Isto é, o CP2 me potencializou a chegar aonde eu quisesse, independente de qual improvável fosse. Eu vivi e vi o impossível se tornar realidade. Vi o trabalho que desenvolvi com outros membros do núcleo alcançar locais que muitos jamais imaginaram. Vi nosso trabalho feito em Realengo chegar a uma das mais renomadas instituições do mundo: a Stanford University. Ao apresentar para pessoas de diversos backgrounds e de países diferentes, percebi que a mesma educação transformadora que me levou até novos países e novas culturas poderia me levar ainda mais longe!

Foi graças ao Colégio Pedro II que tirei meu primeiro passaporte, meu primeiro visto, viajei pela primeira vez de avião, saí do país, e vi o que eu achava que era “o mundo lá fora”. Em 2017, ao atender a FabLearn Conference em Stanford, na Califórnia, EUA, tive a certeza de que todo o ensino crítico e humanista que o CP2 me proporcionara ao longo dos meus 7 anos na instituição tinha um objetivo: me preparar para viver o mundo!

- **ATO IV - “NÓS LEVAMOS NAS MÃOS O FUTURO DE UMA GRANDE E BRILHANTE NAÇÃO”**

Parece conto de fada, mas não é! Estudando no Colégio Pedro II e vivenciando todas essas experiências, eu, morador de Realengo, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, tive consciência de que poderia experienciar o mundo em sua totalidade. Não tinha que viver restrito a geografia do meu bairro, cidade, estado, e até mesmo país. A minha jornada entre 2011 e 2017 me provou que o mundo - sim, o MUNDO - era o meu lugar. A oportunidade de sair do Brasil pela primeira vez, em 2016, e posteriormente em 2017, para levar o nome da minha instituição do coração, CP2, foi o verdadeiro visto de que eu precisava no meu passaporte.

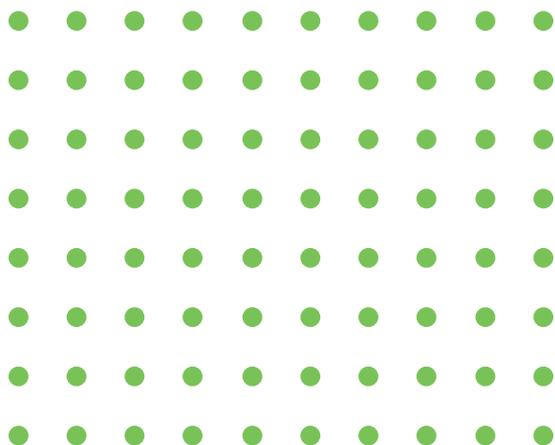
Influenciado pelo currículo único do CP2 que vai além do “academiquês” padrão, decidi continuar a trilhar meu caminho como “Soldado da Ciência” no hemisfério norte. Em 2018, fui selecionado como US-Brazilian Scholar (bolsa integral) para estudar na Wake Forest University (WFU), uma das melhores instituições de ensino dos Estados Unidos. Lá pude colocar em prática todos os ensinamentos que o Colégio Pedro II me deu para ser um cidadão global. Fiz amizades com pessoas de todos os continentes, visitei outros países, conheci e abracei outras culturas. Fiz também o que o Pedro II sempre me ensinou: desafiei-me a sair da minha zona de conforto!

Em 2020, estudei por um semestre na Universidade Aut3noma de Barcelona, na Espanha. Em 2021, fui premiado com a Richter Scholarship para realizar um estudo comparativo entre as capacidades de seguran7a cibern3tica do Brasil e dos Estados Unidos. Em 2022, me formei summa cum laude por WFU em Ci4ncias da Computa73o e em Ci4ncias Pol3ticas e Rela73es Internacionais. Atualmente, curso Mestrado em Ci4ncia da Computa73o tamb3m em WFU, onde realizo pesquisa sobre o uso de t3cnicas avan7adas de Machine Learning para a evas3o de Intrusion Detection Systems (IDSes).

Que loucura tudo isso! 3s vezes me pego pensando como toda essa jornada come7ou com o meu adentrar no Col3gio Pedro II campus Realengo II, com a minha participa73o no NEPAG e com minha primeira viagem internacional - e, claro, com muito esfor7o. Embora eu ainda n3o tenha certeza de onde estarei ano que vem ou at3 mesmo daqui 5 anos, o que posso dizer 3 que ser3 em algum lugar do mundo. E, bem, que sorte a minha ter sido um soldado da ci4ncia e ter vivido o Col3gio Pedro II! Obrigado por ter me feito um cidad3o global, me levando de Realengo para o mundo!

Ao CP2, sempre tudo - em qualquer lugar do mundo!





“NÓS PROPOMOS!” NO COLÉGIO PEDRO II: CIDADANIA ATIVA E INTERNACIONALIZAÇÃO

Autor: Yan Navarro da Fonseca Paixão - CPII

Desde o ano de 2015, o Colégio Pedro II e a Universidade de Lisboa estreitam laços por meio do projeto “Nós Propomos!”, que tem como objetivo a realização de um estudo de caso em que os alunos identificam um problema da comunidade e, acompanhados por um professor orientador, realizam trabalhos de campo, estudam e desenvolvem colaborativamente uma proposta de intervenção territorial, posteriormente levada até as autoridades competentes para sua concreta aplicação.

Tudo começou em 2015, durante a “Conferência Regional da União Geográfica Internacional”, em Moscou, Rússia, onde foram iniciadas as primeiras conversas entre o professor Sergio Claudino, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, da Universidade de Lisboa (IGOT-UL), e o Professor Yan Navarro, regente de Geografia do Colégio Pedro II, para a implementação do “Nós Propomos!”, que está em funcionamento desde 2011/2012, em Portugal.

No Colégio Pedro II, o Projeto “Nós Propomos!” é desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia (NEPAG), no campus Realengo II, espaço no qual a metodologia do “Nós Propomos!” encaixou-se perfeitamente. O núcleo, composto de estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, desde 2012 desenvolve, de maneira colaborativa, projetos pedagógicos em que são produzidos conteúdos audiovisuais. Trata-se de documentários, fotos, podcasts, artigos científicos e vídeos 360, que são disponibilizados na internet para que escolas de todos os países lusófonos possam utilizá-los, uma metodologia que comprova a importância de se oportunizar o protagonismo aos estudantes. Cabe destacar que as temáticas que o NEPAG desenvolve em suas pesquisas são as mais diversas, desde a questão quilombola do Brasil, até a mobilidade urbana da cidade do Rio de Janeiro, sem deixar de mencionar que esses projetos já renderam ao Núcleo mais de vinte prêmios no Brasil e no exterior.

Em 2016, o NEPAG teve a oportunidade de visitar o IGOT-UL, quando participou do “34th Youth Science Meeting”, realizado em Lisboa. Nessa ocasião, os membros do Núcleo puderam conhecer de perto o funcionamento e o impacto gerado pelo “Nós Propomos!” e voltaram determinados a implementar a metodologia nos próximos projetos.

Ao voltarem ao Brasil, os estudantes realizaram diversos trabalhos de campo em Realengo, onde muitos problemas foram identificados, mas um deles chamou atenção: o grande número de ciclistas que passavam pela porta da escola e, ao mesmo tempo, o baixíssimo número de estudantes que usavam a bicicleta para seu deslocamento diário. Dessa forma, os alunos propuseram a criação de uma ciclovia ligando os bairros de Bangu e Sulacap, o que proporcionaria, para cerca de 60% dos estudantes, a possibilidade de utilizar a bicicleta para ir e voltar da escola. Esse Projeto foi apresentado na XII FECTI - Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro em 2018.

Os estudantes identificaram, através de pesquisas, que a comunicação escolar não reconhecia o espaço em que viviam ou circulavam diariamente como relevantes culturalmente. Dessa forma, o “Nós Propomos!” foi utilizado para buscar a valorização do patrimônio histórico e cultural de Realengo, por meio do desenvolvimento de uma rota turística no bairro que rendeu o artigo “A criação de uma rota turística pedagógica no bairro de Realengo-RJ aplicando a metodologia do projeto “Nós Propomos!”, escrito pelo professor Yan Navarro e pelas estudantes Camille Pacheco Prata Monteiro e Cristine Rodrigues de Almeida da Silva, e publicado na Revista Giramundo. Além disso, em 2018, o NEPAG apresentou esse projeto no “I Congresso Iberoamericano Nós Propomos!: Geografia, Educação e Sociedade”, realizado no IGOT-UL. Essa viagem, em 2018, consolidou a participação do núcleo do projeto e despertou o desejo de trazer a segunda edição do evento para o Colégio Pedro II.

Foi lançada uma chamada pública para as instituições brasileiras que quisessem sediar o “II Congresso Iberoamericano Nós Propomos!”, que seria realizado em meados de 2020. Cinco instituições candidataram-se, e o Colégio Pedro II foi escolhido pela comissão como sede. Infelizmente, por conta da pandemia, o evento só foi acontecer, de maneira virtual, em 2022. Dentre as ações vinculadas à realização do “II Congresso Iberoamericano Nós Propomos!”, foi publicado um número especial na revista Giramundo, dedicado ao Projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação Em 2023 foi realizada uma visita técnica ao IGOT-UL, liderada pela reitora do Colégio Pedro II, Ana Paula Giroux e pelo assessor internacional da Instituição, Yan Navarro, para que as instituições pudessem oficializar a parceria através de um acordo de cooperação.

Nesses oito anos, desde o primeiro encontro em Moscou, o projeto “Nós Propomos!”, que hoje é aplicado em escolas e universidades não apenas do Brasil e Portugal, mas também da Espanha, México, Moçambique, Peru e outros países ibero-americanos, encontrou um espaço fértil para seu desenvolvimento no Colégio Pedro II, que, muito além dos prêmios recebidos pelo NEPAG por conta dos projetos desenvolvidos, despertou a cidadania ativa nos estudantes, ou seja, despertou neles a consciência de que eles podem sim transformar a realidade do espaço em que vivem.



SAKURA SCIENCE HIGH SCHOOL PROGRAM: MEMÓRIAS DE UMA INTERCAMBISTA NO JAPÃO



Autora: Vitória Renata Nunes Barros - IFAC
Coautora: Luciana Maira de Sales Pereira

Eu me chamo Vitória Barros, tenho 17 anos e atualmente estou cursando o terceiro ano do Ensino Médio integrado em Edificações do Instituto Federal do Acre, Campus Rio Branco. Ingressei no curso em 2021, no auge da pandemia da COVID-19, e, logo no primeiro dia, nos apresentaram as atividades curriculares e extracurriculares oferecidas pelo Instituto. Ao chegar na parte de internacionalização, nos explicaram sobre as oportunidades de participação em programas de intercâmbio oferecidos pela Rede Federal, sendo um deles o Sakura Science High School Program. Fiquei muito interessada e surpresa ao saber que a escola oferecia oportunidades como essa.

Desde pequena, sempre tive um grande interesse pelo Japão e pela cultura japonesa. Lembro-me de jogar e assistir a desenhos em japonês e até mesmo tentar aprender a língua. Sempre sonhei em visitar o país, mas, conforme eu crescia, esse sonho parecia cada vez mais distante, o que me levou a deixá-lo de lado.

Durante todo o primeiro e segundo anos do Ensino Médio, me dediquei completamente a estudar o máximo que podia e a participar do máximo de extracurriculares que conseguisse, a fim de alcançar as melhores notas e construir um currículo bom o suficiente para ser aceita tanto no Sakura Science High School Program quanto em qualquer outro intercâmbio que surgisse. Em meados de 2022, finalmente consegui me inscrever no processo seletivo para participar do Sakura Program. Passei o resto do ano me dedicando a estudar cada vez mais, a aprimorar meu currículo e a dar o meu melhor em cada fase do processo seletivo. Ao chegar na última etapa da seleção, recebi a notícia de que não havia ficado entre os primeiros três selecionados no Brasil, mas sim em décimo lugar, na lista de espera. Não tinha esperança alguma de ser chamada. Fiquei completamente arrasada, mas segui em frente.

O ano de 2023 começou e meu último ano no IFAC também. Passei a maior parte do tempo trabalhando no projeto de clube de inglês da escola, bem como me dedicando a outras atividades extracurriculares e aos estudos. Foi quando, numa noite de fevereiro, minha mãe recebeu uma ligação e logo depois me chamou na cozinha de casa, chorando e dizendo: “Filha, você conseguiu! Você vai para o Japão!”. Não conseguia acreditar. Aquela realidade que antes parecera tão distante agora estava ali, diante de mim.

Depois de alguns meses cuidando da papelada do passaporte e do visto, abril, o mês da viagem, finalmente chegou. Na noite do dia 13 de abril, eu e minha família saímos de casa rumo ao aeroporto. Despedi-me dos meus pais e de minha irmã e segui meu caminho sozinha até o avião. O vento gelado que batia no meu rosto me lembrava que aquilo era realidade, apesar de não parecer. A cada degrau que subia para entrar no avião, sentia cada vez mais que todo aquele esforço havia valido a pena e que sem aqueles dias difíceis, eu não estaria ali, realizando um sonho.

Saí de Rio Branco, minha cidade natal, para Brasília. Lá, peguei outro avião rumo a São Paulo. Documentando toda a minha experiência, eu compartilhava alegremente com minha família e amigas tudo o que acontecia. Quando todos os intercambistas chegaram, pegamos nossas malas e partimos para o check-in. Todos já haviam feito seus check-ins e despachado suas bagagens, porém, ao chegar minha vez, devido a um erro no teste de COVID, precisei ficar para trás. No dia seguinte, juntamente com a ajuda da professora Bianca, uma das responsáveis por acompanhar os intercambistas, consegui resolver o imbróglio e passamos o dia tentando encontrar um voo para irmos ao Japão. Foi um longo dia e, chegada à noite, decidimos ir para um hotel. Cheguei lá exausta e fui direto para o banho. De repente, ouvi uma batida na porta do banheiro e escutei a professora Bianca do outro lado me dizendo para me apressar, pois haviam encontrado um voo disponível para uma hora da manhã e tínhamos que ir para o aeroporto urgentemente. Lembro-me vividamente de como me senti ao ouvir aquilo. Quis pular, gritar, chorar, mas não havia tempo para isso. Partimos para o aeroporto e, com o check-in feito e as malas despachadas, só nos restava embarcar no avião e descansar pelas próximas quinze horas até Dubai e depois por mais dez horas até o Japão.

Depois de tanta espera, finalmente chegamos à Terra do Sol Nascente. Passamos pela imigração, pegamos nossas malas e fomos para o hotel, onde nos encontramos com a orientadora do programa, que nos levou para jantar. Finalmente reencontramos os outros intercambistas, que estavam tão animados quanto eu por estar ali.

No dia seguinte, pela manhã, visitamos a Universidade de Ciência Marinha e Tecnologia de Tóquio. Fomos também ao museu da universidade, onde aprendemos mais sobre vários animais. Em seguida, partimos para Chiba para visitar o Instituto de Pesquisa de DNA Kazusa. Lá, fizemos experimentos de extração de DNA de frutas, aprendemos mais sobre DNA e confeccionamos um chaveiro. Durante a noite, fizemos mais uma viagem, dessa vez até Kawasaki, onde fomos jantar em um restaurante. Depois disso, retornamos para o hotel.

Na quarta-feira, começamos o dia indo para Tsukuba para visitar o AIST (Instituto Nacional de Ciência Industrial Avançada e Tecnologia), onde aprendemos sobre células de combustível e fizemos um experimento com elas. Durante a tarde, visitamos a JAXA (Agência Japonesa de Exploração Aeroespacial).

Aprendemos sobre os astronautas, o preparo físico e mental que eles tinham que fazer, entre outros detalhes. Também visitamos o museu da JAXA, no qual pudemos ver um exemplo de nave espacial, entre outras coisas.

Depois de lá, partimos para Ginza para jantarmos em um restaurante.

A quinta-feira foi o dia em que eu mais estava animada, afinal iríamos conhecer uma escola de Ensino Médio japonesa. Fomos muito bem recebidos pelos alunos da Fuji High School. Na escola, fomos separados por grupos e cada equipe tinha uma atividade diferente. Meu grupo havia ficado com o clube de carros, onde montamos um carrinho de corrida e competimos. As trocas de experiência na escola japonesa foram incríveis. Conhecer mais sobre o estilo de vida e a rotina dos alunos e poder compartilhar a minha também me deixaram muito feliz. Durante a tarde, tivemos aula de Kendo, uma arte marcial japonesa, e uma palestra. Nos despedimos dos alunos e fomos a um shopping para jantar.

Na sexta-feira, visitamos o templo Asakusa, um dos santuários xintoístas mais famosos da cidade. Apesar de curta e corrida, a visita ao templo foi uma das minhas atividades prediletas, pois fiquei muito interessada em conhecer a cultura, a religião e as crenças dos povos japoneses. Depois da visita ao templo, fomos a um restaurante de churrasco coreano para o almoço e, durante a tarde, tivemos a cerimônia de encerramento. No evento, assistimos a uma palestra sobre como estudar no Japão, aos discursos dos representantes de cada país no Japão e a apresentações culturais também, além de recebermos o nosso certificado de conclusão do intercâmbio.

Na manhã do dia seguinte, visitamos o Rinkai, um parque de prevenção a desastres. Lá, aprendemos como escapar de um terremoto por meio de uma simulação. Durante a tarde, visitamos a TEPIA, uma galeria de tecnologia avançada. Também pudemos observar várias invenções tecnológicas e programar um robô para cumprir desafios. Depois, fomos a um shopping, onde jantamos e fizemos compras pela última vez antes de irmos embora. Fomos ao aeroporto e, no voo de volta, passamos pela Coreia do Sul e pela Etiópia.

Concluo minha narrativa com a certeza de que toda essa experiência foi, de fato, muito transformadora. Estar em um país tão diferente, rodeada de pessoas vindas do mundo todo, me permitiu expandir meus conhecimentos e aprender mais sobre a diversidade de cada um desses lugares. Como futura universitária, além de pretender seguir carreira na área de Tecnologia graças às possibilidades de atuação profissional que pude visualizar neste intercâmbio, acredito que irei usar os conhecimentos obtidos para enfrentar novos desafios acadêmicos, além de continuar me aperfeiçoando cada vez mais para participar de novas possibilidades de intercâmbio e mobilidade acadêmica, pois meu grande objetivo é estudar no exterior.





•• A DICA É: ECONOMIZE, ” •• PLANEJE E TENHA UM •• BOM GRUPO DE AMIGOS

Autor: Thawan Bezerra Martins - IFAC

Durante o período de 2018-2019, aconteceu o primeiro intercâmbio para os Estados Unidos entre o IFAC e a NOVA na cidade de Cedar Rapids - Iowa, com extensão acadêmica na instituição de ensino Kirkwood Community College, que ofereceu dois semestres de estudos na área de ciência e produção animal. Esse programa funciona da seguinte forma: reúne mais de 100 alunos bolsistas de mais ou menos 10 países de diferentes continentes, como América Latina, Europa, África e Ásia, e os seleciona em diferentes faculdades americanas de acordo com suas áreas de estudos. O objetivo da mobilidade é oferecer aos alunos a oportunidade de expandir habilidades acadêmicas em áreas específicas de estudo, conhecer a cultura dos Estados Unidos, estabelecer amizades com outros participantes internacionais e aperfeiçoar a proficiência na língua inglesa.

Ao chegar ao tão sonhado país de destino, os Estados Unidos da América, depois de horas de voos que pareciam mais anos, o avião finalmente pousou no aeroporto internacional de Miami, porém ali não era meu destino. E somente ao observar toda aquela multidão apressada andando em volta, foi que percebi que um sonho acabava de se tornar realidade e que um grande desafio tinha apenas começado. Naquele momento, tínhamos apenas quinze minutos para embarcar no próximo voo com destino a Chicago. Eu me encontrava sozinho, perdido, sem saber me comunicar claramente, pisando num dos maiores aeroportos da vida, com vários terminais e portões de embarque me dando a sensação de que nunca encontraria o meu, ainda mais tendo o medo e desespero tomando conta da minha cabeça. Rapidamente pensei: “meu sonho acaba de virar um pesadelo”.

Pela distância que eu me encontrava do portão de embarque, era logisticamente impossível chegar a tempo do voo mesmo andando ou correndo. O que mais me desesperava. Até que eu percebi que havia sempre um pequeno trem indo e vindo, porém nunca imaginei que ele transportava pessoas aos seus terminais de embarque. Com uma mistura de coragem e medo, toda aquela situação me forçou a abrir a boca e usar um pouco do pouco de inglês que eu tinha trazido de casa e perguntar. “What is di little ting for?” Após repetir mais duas vezes, uma senhorinha muito simpática da limpeza foi capaz de me responder e disse: “Ele pode te levar para seu portão de embarque”. Enquanto ela me respondia, eu já preparava a próxima pergunta: “Você pode me levar lá? Eu preciso chegar a esse portão”. Com toda disposição, a senhora atendeu ao meu pedido e eu embarquei a tempo.

Finalmente desembarquei em Cedar Rapids, uma cidade localizada no estado de Iowa conhecida por extensos campos de milho, com grandes criações de suínos, gado de corte e de leite. E era exatamente nesse local que iria morar por um ano e estudar na instituição chamada Kirkwood Community College, um dos melhores colégios em relação ao ensino agrário com um ótimo programa na área de agricultura e ciência animal, equipado com vários laboratórios, fazendas, aulas práticas e suporte para alunos internacionais. Chegando ao condomínio do campus, encontrei mais 20 bolsistas do mesmo programa chamado CCI, que significa Community College Initiative Program, vindos de 8 países: Brasil, Tunísia, Indonésia, Gana, África do Sul, Egito, Índia e Bangladesh, cada um com sua própria cultura, língua e personalidade, bastantes diferenças para termos uma grande experiência morando juntos durante todo o programa.

Compartilhar um espaço com pessoas que eu não conhecia, quase não entendia, não foi uma tarefa fácil. Ver todos os outros conversarem e fazerem amizades e eu permanecer apenas sentado observando pessoas incríveis cheias de personalidade e histórias, com uma vontade enorme de interagir, socializar e mostrar quem eu realmente era e não poder, por causa de um simples fato, não saber me comunicar em inglês, foi um dos piores sentimentos que já experimentei. E esse foi o primeiro desafio, chamado desafio casa, no qual tínhamos que dividir espaços, manter tudo limpo e organizado, além de sermos capazes de conviver em harmonia com colegas que tinham hábitos, tradições e costumes diferentes. Outro desafio era a administração de tempo. Tínhamos que assistir a aulas de inglês e do curso na área específica de cada um, e ainda realizar 100h de atividades voluntárias, mais 100h de estágio e entregar um documento comprovando no final do programa.

Para um estudante internacional não falante de inglês como eu que se desafiou a acompanhar aulas em inglês numa turma regular de faculdade americana, para muitos seria um completo fracasso. Mas sempre confiei que eu daria meu máximo para nunca fazer parte desse completo fracasso. E provei! Admito que fácil não foi, mas não é impossível conquistar bons resultados. Nada que um trabalho dobrado não ajude. Por exemplo, antes era acostumado a estudar em casa apenas durante a noite, depois tive que passar a estudar durante a noite, à tarde e em qualquer outro tempo vago que achasse, como durante os 15 minutos de caminhada para o campus que passaram a ser um bom tempo para ouvir um podcast; até mesmo os 7 minutos no ônibus eram uma boa chance de revisar alguns livros. Se antes lia um livro, passei a ler dois para ser capaz de alcançar os outros alunos.

O programa CCI dá total liberdade e condições aos estudantes que queiram viajar e conhecer o país durante o período de férias para se aprofundar mais na cultura americana, vendo as diferenças culturais na perspectiva de vários estados, e conhecer pontos turísticos e famosos cartões postais, como o Grand Canyon.

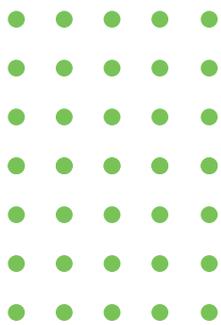
Como já era um grande sonho conhecer vários lugares nos Estados Unidos, essa foi a melhor oportunidade que eu poderia ter.

Então fizemos vários meses de economias para cobrir todas as despesas da viagem seguidos de muito planejamento, escolhendo os melhores lugares para visitar e a melhor forma de transporte, avião ou ônibus. As acomodações também foram algo bem planejado; as Airbnbs eram os locais mais acessíveis para um grupo de seis amigos que queriam viajar muito, gastando pouco. A dica é: economize, planeje e tenha um bom grupo de amigos para dividir as despesas com acomodação e transporte.

A faculdade oferece três oportunidades de férias. As de verão, mais ou menos 3 meses, as férias de inverno, com duração de 3 semanas, e as férias de primavera sendo apenas 1 semana. Os períodos em que viajamos foram os das férias de inverno e primavera. Durante 2 semanas de winter break, cobrimos quatro estados e diferentes cidades. Primeiro saímos de Iowa, ficamos alguns dias em Chicago (Illinois), uma cidade que tem um feijão gigante no meio da praça. Segunda parada foi São Francisco (Califórnia), onde vimos a enorme Golden Gate Bridge; em seguida, Los Angeles que tem a famosa calçada da fama e o sinal de Hollywood. Depois Las Vegas (Nevada), resumindo, com cassinos e cassinos. Em Orlando (Flórida), fizemos quatro dias de parques Disney e Universal. E, por fim, Miami, que parecia o Brasil. Já durante o spring break, visitamos três cidades: Washington DC, onde vimos a Casa Branca; Nova York e a deslumbrante Time Square e o alegre Central Park; por fim, Boston, uma comunidade brasileira.

Durante o mês de janeiro (2019), o programa CCI organizou uma viagem para o estado do Arizona, toda patrocinada, com o objetivo de reunir mais ou menos 180 intercambistas de 11 países (Brasil, Indonésia, Gana, África do Sul, Egito, Índia, Bangladesh, Turquia, Costa do Marfim, Colômbia e República Dominicana) para incentivar troca cultural através de palestras, workshops, conferências, apresentações culturais de dança, música, artes e também conhecer uma das mais belas obras da natureza, como o Grand Canyon, Horse Chore Band, entre outros. Logo depois do spring break, o programa CCI, mais uma vez, organizou um outro encontro e reuniu todos os alunos no Texas, na cidade de Houston, com o objetivo de nos preparar para a volta para casa. Foram muitos dias de aprendizagem e diversão e, no final, foi uma grande tristeza e saudade deixar amigos queridos no aeroporto e voltar para casa.





QUANDO MAR CHEGOU À ALAGOAS: PREMIAÇÃO, PRÁTICAS FORMATIVAS, INTERDISCIPLINARIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO COM A CHEGADA DE MAR FERNÁNDEZ-PALACIOS AO IFAL

Autora: Adriana Thiara Oliveira - IFAL | Coautora: Elaine dos Santos Sgarbi

Galeano uma vez citou que “O melhor que o mundo tem está nos muito mundos que o mundo tem” . Esta citação encarna o sentido de internacionalização como um processo de integração entre os “vários mundos” existentes, seja de maneira intercultural ou global. Ao longo deste relato, redigido a quatro mãos, convidamos você a embarcar em uma jornada através de duas experiências que se cruzaram, explorando práticas no ensino da língua espanhola e um projeto de ensino que prepara estudantes para o mundo do trabalho por meio da organização de eventos, ambos, tendo o Instituto Federal de Alagoas (Ifal), como espaço dessa construção.

Vivemos em um país de grande extensão territorial e com quase todas as suas fronteiras dentro da América Latina hispano falante. Entretanto, em Alagoas, na região Nordeste do Brasil, estamos geograficamente longe dessas divisas, o que faz com que o uso da língua espanhola, por vezes, pareça ser algo abstrato, embora o mundo globalizado nos mostre o contrário. Dessa maneira, o trabalho com a língua espanhola dentro do Ifal/Campus Maceió prioriza um processo de ensino-aprendizagem de forma a compreender as simbologias e perceber as ideologias presentes nas diversas culturas onde o espanhol está presente.

O processo de levar para a sala de aula interações com o mundo globalizado trouxe consigo desafios e experiências únicas no campo da educação linguística e da integração internacional, pois as/os estudantes puderam perceber que nosso contexto local era apenas um dos vários mundos existentes. Tais práticas interculturais, que proporcionam uma aprendizagem significativa, fizeram com que o Campus Maceió fosse um dos ganhadores da edição de 2020, do Concurso Colegio del Año en Español, promovido pela Embaixada da Espanha no Brasil, através do seu Escritório de Educação.

Esse concurso teve como objetivo principal reconhecer e premiar o compromisso e as boas práticas docentes das escolas e suas/seus respectivas/os professoras/os que contribuem para difundir o espanhol e para melhorar a qualidade do ensino dessa língua no Brasil. Além disso, o concurso pretendeu promover a cooperação educativa entre as escolas que possuem o espanhol em seus currículos mediante a inserção dos ganhadores na chamada “Red de Centros”, que é uma rede compostas pelos assessores do Escritório de Educação da Embaixada da Espanha no Brasil, o Colégio Miguel de Cervantes e todos os centros ganhadores do concurso.

Dadas as relações diretas estabelecidas entre o IFAL/Campus Maceió e a Embaixada da Espanha, por meio do concurso, tivemos várias experiências de internacionalização tanto para os estudantes quanto para Elaine Sgarbi, docente que representa o IFAL na Red de Centros.

Podemos citar, por exemplo, a palestra interdisciplinar com um representante da La Liga para nossas/os estudantes sobre os valores presentes no futebol e os desafios encontrados por muitos atletas em suas trajetórias profissionais e pessoais; a oportunidade de uma discente de fazer graduação na Universidade de Jaén (o que já seria outro relato de experiência, pois não há espaço aqui); duas formações que fiz, uma na Argentina e outra na Espanha para melhorar minha prática profissional e, conseqüentemente, proporcionar aulas cada vez melhores para as/os aprendizes; e a atividade que mais marcou a instituição como um todo que foi a visita da Embaixadora da Espanha no Brasil, a Excelentíssima Senhora Mar Fernández-Palacios.

Para receber a visita da chefe do corpo diplomático da Espanha, promovemos uma atividade interdisciplinar envolvendo a língua espanhola, o núcleo de artes (camerata jovem) e o Núcleo Prático de Relações Públicas, Comunicação e Eventos (Nurpe).

A partir dessa ação interdisciplinar, o Nurpe se engajou no processo de recepção da comissão diplomática espanhola por meio do envolvimento de um grupo de estudantes que foram selecionados para atuar como comissão de boas-vindas e cujos perfis foram identificados entre as/os aquelas/es que já desempenharam funções e/ou serviços similares em exercícios simulados ou reais em outras ocasiões.

As docentes responsáveis por ambas iniciativas, quer da disciplina de Língua Espanhola, destacadamente a mediadora nessa relação, quer de Gestão de Eventos, receberam apoio institucional da Coordenação de Relações Internacionais, na pessoa da sua então coordenadora, Carolina Duarte, e do Departamento de Comunicação e Eventos (DCE), na pessoa da então coordenadora de Eventos, Luciana Fonseca.

Para executar a recepção da Embaixadora Mar Fernández-Palacios, estudamos coletivamente o protocolo e desenhamos uma cerimônia objetiva e simples que contemplasse as necessidades que a equipe de assessoramento da embaixada espanhola havia solicitado.

Desta feita, além de providências quanto a um presente de cortesia, que foi uma peça em filé, artesanato feito à mão pelas rendeiras de um bairro tradicional de Maceió/Al que foi entregue com um cartão bilíngue explicando tipo do artesanato e as possibilidade de uso até a organização da frente de honra, recebeu atenção, rigor técnico e protocolar de uma equipe integrada e intencionada em manter, não apenas boas relações, mas visando impulsionar outras oportunidade de internacionalização cuja parceria com a Embaixada Espanhola no Brasil, pode proporcionar.

Por ocasião da recepção ao corpo diplomático, além de evidenciar a premiação ora recebida pela performance no ensino da língua espanhola, também ficou testificada a atuação cooperada e interdisciplinar por meio da parceria com o Nurpe. Cabe registrar que as/os estudantes que atuaram na referida recepção possuíam domínio da língua espanhola na mesma medida que já gozavam de experiência nas práticas em eventos, assim, sendo possível desde a execução dos serviços de organização, recepção, apoio e coordenação de eventos na condição bilíngue.

Ao final desse momento transcultural ficou evidenciado que a missão institucional do Ifal foi alcançada, entretanto, para além disso, observou-se com clareza que a cooperação entre as equipes docentes e técnica na instituição fortalecem as relações institucionais internas, as quais são de suma relevância para que cooperações ou quaisquer outros arranjos de colaboração externa como a internacionalização ocorram. Aproveitamos e parafraseamos o prof. Damião Augusto dos Santos, diretor geral do Ifal/Campus Maceió, por ocasião da visita: O que acontece dentro do Ifal é o que acontece na nossa América: a pluralidade.





RELATO DE INTERCÂMBIO ESTUDANTIL PROMOVIDO PELO IFAL EM PORTUGAL



Autor: Sandoval da Silva Almeida - IFAL

Chamo-me Sandoval Almeida, graduado em Tecnologia de Hotelaria em 2021 pelo Instituto Federal de Alagoas - IFAL, campus Maceió. Tenho 47 anos, casado e pai de um aluno formado no Curso Técnico em Eletrotécnica, também pelo IFAL. Esta informação é importante, pois, no ano de 2018, ele participou de um intercâmbio técnico em Portugal, e essa experiência dele, impulsionou-me a participar do processo seletivo em 2019 para um Intercâmbio de Turismo. Este intercâmbio, que se realizaria em 2020, daria início a um planejamento nunca antes feito por mim, tendo em vista minha vida profissional e pessoal, precisando inclusive abrir mão do meu emprego de gerente de restaurante que atuava há 5 anos.

Todo o processo se passou um pouco tenso, pois, paralelamente enquanto tomava todas as providências para a viagem de 06 meses (fevereiro a julho de 2020), não havia a certeza de que o visto de estudante, requerido ao governo Português, iria ser emitido a tempo, devido ao grande volume de solicitações. Porém, tive todo o suporte necessário para o trâmite do Setor de Internacionalização do IFAL, prestando todas as informações, intermediando o contato junto ao órgão Português, bem como, com encaminhamento do alojamento e a entidade educacional que iria me receber naquele país, neste caso, a Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo, Instituto Politécnico de Bragança, na cidade de Mirandela, Norte de Portugal. Por fim, com tudo alinhado, com o apoio de minha família e professores do IFAL, passagens e alojamentos OK e todas as outras providências tomadas, a poucos dias do embarque, é emitido o Visto pelo Governo Português e pude embarcar para o que seria uma das melhores experiências vividas por mim.

Chegando à cidade de Mirandela, as aulas na ESACT, sigla do Instituto Politécnico (www.esact.ipb.pt/), já havia começado há duas semanas, mas ainda assim, fui bem acolhido pela direção da faculdade, seguindo com os trâmites administrativos e no mesmo dia, comecei a assistir às aulas. Podendo assim, usufruir de todas as dependências e laboratórios da instituição referentes ao meu curso. A estrutura da faculdade é impecável e o prédio sede é novo, sendo inaugurado no ano de 2016. Tive aulas presenciais por três semanas, quando por conta do agravamento da pandemia de Covid, as aulas migraram para a modalidade remota, porém, nós alunos continuamos a ter acesso ao prédio para usar os laboratórios, bibliotecas e cantina da faculdade.

Aliás, devo ressaltar a velocidade na adequação da faculdade, em adotar o sistema on-line de ensino, onde não sentimos dificuldade nem tão pouco, perdemos o ritmo das aulas. De início, é verdade, houve um pouco de frustração, tendo em vista que eu já estava totalmente entrosado com o corpo docente e os demais alunos, que por sinal, eram de várias partes do Mundo, que também estavam ali realizando um intercâmbio. Pois bem, as aulas se deram por meio remoto até o término do período, mas não menos satisfatório, muito pelo empenho e cobrança dos professores, tendo assim, acesso a outras modalidades, técnicas e disciplinas que não teria acesso no Brasil.

Em paralelo às aulas, pude então, apesar da pandemia, realizar uma imersão na cultura da cidade de Mirandela, visitando seus museus, mercados, feiras, bares, restaurantes, parques, igrejas e eventos (<https://youtu.be/pX5r5TbMTPw>). Mirandela é uma cidade que se localiza próximo a Espanha, recebendo assim, vários visitantes durante o ano, promovendo vários eventos culturais, cívicos, religiosos e esportivos. Mesmo com as restrições impostas pela pandemia, procurei participar de forma ativa da cidade e interagindo com seus solícitos habitantes, o que é peculiar, diga-se de passagem, a grande maioria dos Portugueses. É necessário, aliás, abrir um parêntese para a região norte de Portugal, onde aproveitando minha estadia, conheci também as cidades de: Vila Real, Bragança, Braga e Guimarães, além de visitar as cidades do Porto e Lisboa. A região é belíssima e a mais fria de Portugal e com ótima infraestrutura de transporte terrestre e ferroviário. Mas é de Mirandela que guardo as melhores recordações. A cidade é relativamente pequena com pouco mais de 20 mil habitantes, porém, com uma ótima estrutura tanto para seus habitantes, quanto para quem a visita, com ótima rede hoteleira e com várias atrações turísticas, que procurei conhecer, pois era relativo ao meu curso. A paixão por Mirandela ficou evidenciada nesse vídeo que fui convidado a participar de autoria de outro aluno brasileiro da cidade de Cuiabá, que também estava fazendo um intercâmbio na ESACT. Vídeo este que serviu como parte de trabalho de seu curso, intitulado de “Meu Encontro com Mirandela” (https://youtu.be/eTVhq_Dn3HQ).

Ainda em Mirandela, tive a oportunidade de contribuir com dois órgãos de imprensa de Alagoas, que me procuraram para relatar como estavam lidando com a pandemia do Covid, os cidadãos do Estado que estavam em outros lugares do Mundo e quais os aspectos que os Brasileiros podiam ter como referência, no que dizia respeito ao enfrentamento da pandemia: (https://youtu.be/tkK_E6T4E5Q e <https://youtu.be/xdaR2VButb4>).

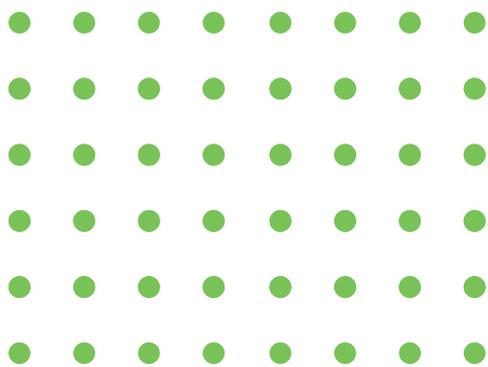
Apesar de ter conhecido alunos de outros países Europeus, percebi que a maioria dos alunos que escolhem Mirandela para realizarem os seus estudos, é do Continente Africano. Sendo uma comunidade muito alegre e unida, fiz muitos amigos africanos, principalmente de Angola, onde dividia um apartamento com alguns deles e pudemos trocar experiências, através de relatos e, principalmente, na culinária, que muito lembra a Brasileira.

Os africanos muito por conta do esforço que eles fazem em estarem ali, estudando num país Europeu, eles dão muito valor e se esforçam muito em aproveitar a experiência de um intercâmbio, para segundo eles, voltarem aos seus países de origem e conseguirem fazer a diferença em sua terra natal. Este contato direto com alunos do continente africano serviu também para acabar com determinados estereótipos que tinha a respeito dos países africanos, principalmente sobre sua economia, onde muitas vezes é vista como locais pobres e sem perspectivas.

Aproveito para ressaltar algo que percebi estando na Europa, a facilidade nos deslocamentos entre os países, tanto aéreo como ferroviário e nesse sentido, antes de retornar ao Brasil, aproveitei a oportunidade, assim que a pandemia deu “trégua”, também viajei a França, mais precisamente à Normandia, onde há época, uma parenta morava. E assim, em meados de julho, parti para conhecer a região onde praticamente se deu o fim da Segunda Guerra, quando em 06 de junho de 1944, a tropa aliada, desembarcou nas praias da Normandia, no que hoje é conhecido como o dia “D”, que culminou na libertação da França e posterior rendição de Hitler. A Normandia se localiza no litoral Norte da França, repleto de lindos vilarejos e cidades bem estruturadas e históricas (<https://youtu.be/xTGYDgMWGlc>), bem como lugares emblemáticos marcados pela Segunda Guerra, como, por exemplo, a Praia de Omaha, local onde desembarcou a maioria das tropas, e que tive a oportunidade de visitar, e ver parte do aparato militar erguido pela Alemanha Nazista quando ainda estava ocupando a França, como fortes e barricadas que até hoje resistem ao tempo. Outros dois pontos muito marcantes que também visitei, foram o Cemitério de Guerra Alemão La Cambe e o Cemitério e Memorial Americano, onde estão enterrados milhares de combatentes da Segunda Guerra, lugares estes que é impossível não refletir sobre os horrores de uma guerra. (<https://youtu.be/VIWhEbuRoxg>).

E foi após essa grata experiência, que retornei ao Brasil na data programada e cheio de histórias e também perrengues para contar e não sendo possível nesse breve resumo acima, explanar toda a minha alegria e experiência adquirida nesse período, muito menos, relatar todos os lugares que conheci. Criei laços com a região, onde até hoje procuro me manter informado através de sites e Tvs do país, bem como, grandes amizades que carregarei comigo para sempre. E para finalizar, gostaria de falar aos futuros estudantes que irão também um dia fazer intercâmbio dos Institutos Federais, que o maior ganho que vocês terão é saber lidar com a diversidade do Mundo, mas para isto, se encham de coragem, pois valerá muito a pena.





COIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ALUNO DO IFAM – CMC

Autor: Julian Juan da Silva Severiche - IFAM

Nos dias 12 de abril e 10 de maio de 2023, foi realizado o Curso COIL, uma parceria entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e a Corporação Universitária Unitec, que, com 5 aulas ministradas por professores do Curso Superior de Tecnologia em Produção Publicitária do Brasil e da Colômbia na modalidade EAD, teve o objetivo de compartilhar conhecimentos acerca do Marketing Digital e do Empreendedorismo.

As aulas aconteceram às quartas-feiras, às 18 horas no horário de Manaus, e foram ministradas em língua espanhola, pelos professores Alexandra Prieto Corredor (da Colômbia), Wallace Lira e Éverton Moura Arruda (Brasil).

Por meio do Curso COIL, foram ministradas aos alunos do Brasil e da Colômbia, três delas pela professora Alexandra Corredor e duas pelos professores Éverton Arruda e Wallace Lira.

Durante as aulas, os alunos foram instigados a pensar de forma criativa tanto para o Marketing Digital como para o Empreendedorismo.

Nas primeiras aulas, a partir de vídeos e cases, a professora Alexandra demonstrou como problemas simples do cotidiano podem ser resolvidos de maneira empreendedora - por exemplo, como os que ocorreram com as empresas Uber, Airbnb, Rappi etc., em que os alunos puderam identificar problemas pelos quais a população passava e resolvê-los de forma criativa. Também mostrou vídeos que faziam os alunos treinar o raciocínio lógico; neles, por não estarem em português, eu tive um pouco mais de dificuldade para raciocinar do que os nativos da língua espanhola.

A primeira atividade foi pensar em problemas sociais, ambientais e culturais de onde vivemos e como resolvê-los de forma criativa. Depois, em grupo, tínhamos de escolher para qual deles iríamos criar uma campanha a fim de solucioná-lo.

Nas aulas do Éverton e do Wallace, foram apresentados cases como o do Bradesco na época da pandemia de Covid-19, quando a empresa trabalhou o marketing digital para atrair novos clientes. Os professores interagiram tanto com os alunos do Brasil como com os da Colômbia. Ao fim, apresentamos nossa primeira atividade, e os professores nos auxiliaram mostrando-nos como poderíamos solucioná-las e de que formas abordá-las.

Ao final do curso, apresentamos em grupos (com alunos tanto do Brasil como da Colômbia) uma campanha que solucionasse de forma criativa os problemas expostos no início das aulas. Foram 5 grupos, e cada um apresentou com slides as marcas e/ou ideias que tiveram para resolver de maneira criativa os problemas expostos.

Durante as aulas, muitas pautas entraram em discussão, como: Igualdade de Gênero, Meio Ambiente, Criminalidade etc. As campanhas desenvolvidas pelos alunos tinham o objetivo de pensar, de forma criativa, como resolver problemas ambientais, culturais e sociais.

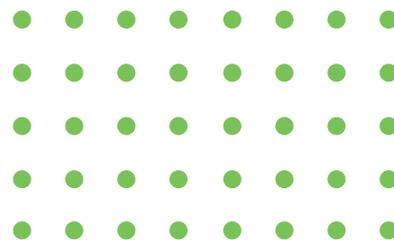
Formaram-se grupos de 5 pessoas, compostos por brasileiros e colombianos. Com a cooperação dos alunos, foram criadas campanhas, marcas e ideias que solucionassem, ou pelo menos tentassem solucionar, problemas diários enfrentados pela população dos dois países, levando os alunos a exercitar o pensamento empreendedor e as habilidades em Marketing Digital.

As aulas desenvolvidas pelo Curso COIL, além de conectarem duas culturas diferentes, mostraram que entre elas há semelhanças universais. A cooperação entre os alunos proporcionou uma experiência imersiva e serviu de grande oportunidade para ampliar os conhecimentos acadêmicos de ambas as instituições. Houve grande receptividade e compreensão tanto dos alunos colombianos como da professora com os alunos brasileiros na questão do idioma.



LAPASSION: A INTERNACIONALIZAÇÃO SOB UMA ÓTICA AMAZÔNICA

Autor: João Vitor de Andrade - IFAP



Em novembro de 2001, nascia, às margens do rio Amazonas, um pequeno e sonhador macapaense. Filho, neto e bisneto de mães-solo, teve sempre incentivo para estudar, uma vez que todas essas mulheres que participaram de sua criação acreditavam que somente pela educação poderiam mudar suas próprias realidades e as daqueles ao seu redor.

Sua jornada acadêmica teve início em 2008, na renomada Escola Estadual Irmã Santina Rioli, durante o Ensino Fundamental I. Desde então, teve contato com professores incríveis que conseguiram demonstrar a magia da educação. Apesar do modelo de ensino tradicional, a escola sempre buscava parcerias com instituições para cultivar o apreço dos estudantes pelo aprendizado e pela pesquisa.

Em 2011, a irmã do pequeno sonhador ficou sabendo de uma nova instituição federal de ensino, onde os alunos poderiam cursar o ensino médio. Por meio de uma prova, ela foi selecionada e começou sua trajetória no curso Técnico em Mineração.

Através da escola e da irmã, o jovem amapaense soube, no final de 2015, que o Instituto Federal do Amapá - IFAP estava com inscrições abertas para o processo seletivo de 2016. Ele se inscreveu e foi aprovado no curso técnico em Redes de Computadores. No entanto o protagonista deste conto de vida real se deparou com um dilema: sua mãe estava grávida e as coisas não estavam indo bem. Apesar disso, sua irmã o incentivou, informando-o sobre o programa de assistência estudantil que ajudaria com suas despesas na escola, uma grande oportunidade.

Em 2018, juntamente com seu professor de História, iniciou um projeto que buscava investigar a contribuição do Instituto para o setor computacional do estado do Amapá. Esse projeto foi selecionado para o XII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação - CONNEPI, onde o aluno teve seu primeiro e impactante contato com a realidade de outros institutos do Brasil e ficou ainda mais encantado pela tríade ensino, pesquisa e extensão.

Durante o ensino médio, nosso ator principal pegou gosto pela disciplina de Biologia, principalmente quando teve contato com os conteúdos de Botânica. O jovem se encontrou no universo acadêmico, descobriu o que queria para o futuro e, com isso em mente, se inscreveu para os cursos de Bacharelado em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Amapá, e em Engenharia Agrônoma, no Campus Agrícola Porto Grande do Instituto. Como na vida desse jovem nada é fácil, optou pelas Ciências Agrárias, uma vez que a área é mais ampla e tem foco no segmento vegetal.

Já em outro município, iniciou o curso em fevereiro de 2019; no mesmo ano, foi contemplado com auxílios e bolsa de iniciação científica, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão no campus até 2022. Nesse período, soube de um edital que selecionaria estudantes com envolvimento em projetos e alto desempenho acadêmico; ele se inscreveu e foi escolhido.

No entanto o projeto estava focado em uma área até então desconhecida para o estudante: empreendedorismo e inovação. Porém, movido por sua curiosidade e pelo desejo de se conectar com pessoas de todo o Brasil e do mundo, nosso jovem pupilo abraçou essa jornada imersiva, o LaPassion.

Envolvendo Portugal, Finlândia, Espanha, Brasil, Uruguai e Chile, o LaPassion (Projeto Práticas e Habilidades Interpessoais para uma Rede Voltada à Inovação na América Latina, da sigla em inglês) é um projeto plurianual voltado para toda a rede federal de ensino. Para seleção, cada instituto precisou indicar “estudantes engajados na busca de soluções sustentáveis, criativas e inovadoras para problemas reais”.

No começo, os alunos foram divididos em equipes e cada time foi apresentado a um problema sugerido pela contraparte, sendo que todas as equipes continham pelo menos um estudante de cada região do Brasil e de cursos diferentes. Além disso, cada equipe possuía um tutor também estudante, ocorrendo aqui a primeira surpresa: o protagonismo estudantil.

O segundo grande impacto foi a vivência com as mais diversas culturas do Brasil e do mundo; pessoas de todos os estados, além de alunos de Portugal, permitiram ao estudante um grande intercâmbio sociocultural, econômico, político e científico, bem como a oportunidade de poder difundir as vivências amazônicas aos seus colegas, muitas vezes rompendo estigmas e preconceitos quanto a essa região tão rica.

Uma das grandes conquistas de nosso personagem tucuju foram as soft skills adquiridas. Durante todo o projeto, a empatia foi o alicerce principal, uma vez que esses alunos foram apresentados a um problema e era necessária uma solução. Surgiram dificuldades na convivência, mas foram superadas com conversa e paciência.

O networking gerado foi um aspecto importantíssimo para a carreira do estudante, pois esse evento funcionou como uma vitrine tanto para as empresas presentes quanto para o próprio estudante que teve acesso a conceitos de empreendedorismo e inovação até então desconhecidos.

Com todo o conhecimento adquirido, o aluno se inscreveu para participar do bootcamp do programa Floresta+Ideação, uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente e Mudança Climática, Governo Federal e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Durante o evento, o aluno e sua equipe desenvolveram uma solução para a cadeia produtiva do mel no estado do Amapá e ficaram em segundo lugar conseguindo uma mentoria especializada para o projeto.

Agora, podemos nos perguntar: “qual a moral da história?” A resposta não é tão simples, pois esta narrativa ainda não acabou, porém é notório que, mesmo com dificuldades, o Instituto Federal do Amapá não se deixou abalar pela tentativa de sucateamento que sofreu nos últimos anos e vem mudando vidas, proporcionando a jovens um futuro melhor.

Ao participar de iniciativas como o LaPassion, o Instituto Federal do Amapá torna-se um farol de esperança para que, além das oportunidades acadêmicas, seus alunos tenham acesso à capacitação pessoal, profissional e interpessoal. Este relato é a prova cabal de que a rede de Educação Profissional Científica e Tecnológica é um exemplo educacional de sucesso e precisa de mais investimentos para continuar a forjar futuros brilhantes para os jovens e adultos brasileiros, em especial aos da Amazônia.





ME ADAPTAR ÀS NOVAS CONDIÇÕES DE UM OUTRO PAÍS



Autora: Juliana Eveline dos Santos Farias - IFAP

É incrível poder partilhar a admiração e o entusiasmo que me invadiram depois dessa viagem maravilhosa, durante o Intercâmbio Internacional para a Colômbia. Posso dizer que foi uma das experiências mais impressionantes, incríveis e maravilhosas da minha vida! Pessoalmente, para mim, foi bastante desafiador e, por isso, ainda mais fascinante, pois tive de me adaptar às novas condições de um outro país.

O importante é dizer que esses 15 dias passados na Colômbia foram muito úteis para mim, pois ganhei muita experiência de vida e de aprendizagem; melhorei muito a minha capacidade de comunicação, pois tivemos que participar de várias atividades acadêmicas. Percebi que é possível combinar o estudo dos programas de duas instituições de ensino simultaneamente.

A viagem foi fruto da cooperação técnica do curso de formação continuada de Atualização em Botânica em cooperação internacional com o Tecnológico de Antioquia - TdeA e o Instituto Federal do Amapá - IFAP - Campus Laranjal do Jari, e possibilitado pelo Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal - CONIF, mas não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas dentro do IFAP. Gostaria, por este fato, de expressar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que essa experiência se tornasse uma realidade.

Com grande alegria, iniciamos a viagem de intercâmbio saindo do Município de Laranjal do Jari no Amapá. A equipe de intercambistas era composta por 11 estudantes do Curso de Engenharia Florestal do IFAP e mais 6 servidores deste Instituto Federal. Nosso intuito era estabelecer a integração pan-amazônica, para efetuar medidas concretas em defesa da Amazônia e fortalecer nossa conexão com vizinhos fronteiriços, para que todos partilhem da mesma floresta, dos avanços tecnológicos, educacionais e científicos.

Um dos objetivos da viagem foi conhecer a estrutura universitária incrível do Centro Tecnológico de Antioquia e, a partir de então, realizar uma real operacionalização desse acordo internacional, bem como reforçar a premissa de que é no seio das instituições de ensino que devem ocorrer os grandes avanços científicos e tecnológicos e a efetiva integração dos povos, respeitando, acima de tudo, as diferenças e as especificidades de cada nação.

A Botânica foi a primeira disciplina escolhida entre as instituições como objeto de estudo, por ser um importante ramo das Ciências Biológicas que se dedica aos estudos dos vegetais, de grande valor para a conservação da Amazônia. O Tecnológico de Antioquia possui uma estrutura incrível, além de receber muito bem nossos estudantes em intercâmbio. Me sinto realizada e muito grata, por poder realizar esta incrível experiência, que me proporcionou um enriquecimento profissional, pessoal e cultural.

Os objetivos do intercâmbio foram: capacitar os alunos e os servidores para reconhecer a anatomia das plantas vasculares, a morfologia externa dos órgãos vegetativos e reprodutivos e seus hábitos de crescimento; aprender a coletar, herborizar amostras botânicas e o processo de identificação de espécies por meio de literatura especializada e consulta à base de plantas; além de conhecer a realidade local da região de Medellín na Colômbia e suas inúmeras variedades de ambientes naturais.

Chegamos à cidade de Medellín, na Colômbia, no dia 06 de março de 2023. Foram dois dias de deslocamento, entre a saída do Município de Laranjal do Jari e a chegada a Medellín. Foi uma chegada tranquila, conhecemos muitas pessoas legais, lugares lindos e grande riqueza cultural, além de várias instituições de ensino. Me encantei por cada lugar que cruzamos. Conhecemos o Tecnológico de Antioquia - TdeA, que tem uma estrutura enorme e equipamentos de ponta para pesquisa. Conheci também os professores da instituição e todas as pessoas que trabalham nos laboratórios. Tudo se encaixou perfeitamente dentro do contexto da cooperação internacional e iniciamos os trabalhos juntamente com os passeios pela cidade, com a programação feita pelo TdeA, incluindo estudos de Botânica e atrações culturais de Medellín.

As aulas foram muito produtivas com visita ao Jardín Botánico de Medellín: Herbario JAUM - Casa de las Mariposas; visita à Universidad de Antioquia: Herbario HUA e ao Museo; Universidad Nacional de Colombia: Herbario e Museo Entomológico; Saída de campo: visita ao Parque Arví e Estação Florestal Pedras Brancas. Participamos da atividade cultural Graffitour - Comuna 13, conhecemos o Jardín Botánico de Medellín: Apresentação de Identificação de Orquídeas; visitamos também a cidade de Belmira e o Museo de Antioquia e conhecemos o Centro de Medellín.

Os aprendizados relacionados a situações que afetam o Laranjal do Jari e Medellín foram prioridades. Além disso, todas as atividades abordadas foram bem organizadas; também prezam muito pela aprendizagem do aluno, para que desenvolva suas habilidades dentro da Universidade. Os estudos de botânica foram divididos em parte teórica e outra prática, laboratoriais e de herbário, o que tornou a experiência ainda mais interessante. Em Medellín, tivemos a oportunidade de realizar vários procedimentos novos, que ainda não havíamos realizado na prática, bem como ficar esclarecidos com relação aos métodos botânicos e técnicas já conhecidos, verificando a forma diferente como são realizados lá.

Outro aspecto importante relaciona-se ao país, que é incrível: possui uma cultura encantadora. Tivemos a oportunidade de participar e conhecer algumas atividades culturais, como a linda Comuna 13, por onde fizemos um tour de uma manhã.

Essa região de Medellín, na Colômbia, é apenas uma das 16 comunas (distritos) que compõem a cidade, mas sem dúvidas é a mais famosa. É que durante o longo período em que Medellín chegou a ser considerada a cidade mais violenta do mundo, essa região era uma das mais perigosas da cidade e até mesmo do planeta. Mas o que observamos ao conhecer o local foram centenas de turistas do mundo inteiro, jovens dançando break e moradores caminhando tranquilos. Hoje é um local totalmente pacificado. O que mais admiramos na Comuna 13 foram os seus grafites e conhecer essa impressionante história de superação. A população local não vive mais aqueles dias de terror, a comunidade vive basicamente do turismo.

Além disso, foi uma grande oportunidade para comparar a forma de obter educação na universidade colombiana com a que temos no Instituto Federal do Amapá, bem como para me desafiar a obter experiências suficientemente altas neste sistema educativo novo. Portanto a experiência proporcionou uma contribuição inestimável para o autodesenvolvimento tanto na educação quanto na vida cotidiana.

Volto ao Amapá com vontade de retornar, pois, com o intercâmbio, aprendemos sobre a cultura colombiana, o que tornou possível ter uma nova visão de mundo, em especial desse país. Quando ficamos algum tempo fora do Brasil, é possível aprimorar a capacidade de opinar a respeito da situação em que nosso país se encontra em relação ao mundo e em relação também a outros países da América Latina, bem como procurar saber o que podemos fazer para melhorá-lo, em especial nosso pequeno município de Laranjal do Jari e no que devemos continuar trabalhando para termos mais responsabilidade socioambiental, bem como entender o mundo como um todo!





AUXILIAR DE CONVERSAÇÃO DE PORTUGUÊS NA ESPANHA

Autor: Daniel Rodrigues Fernandes - IFB

Todos os anos, o Ministério de Educação e Formação Profissional (MEFP) da Espanha abre vagas para que auxiliares de conversação trabalhem em salas de aulas de centros públicos do país. Os leitores, como são conhecidos ali, são nativos de outros países que vão até a Espanha para melhorar a qualidade do ensino de línguas, colaborando com a educação infantil, ensino fundamental (C.E.I.P.), médio (I.E.S.) e escolas oficiais de idiomas (E.O.I.).

Foi a primeira vez que a parceria entre os governos espanhol e brasileiro alcançou o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) com o Programa de Auxiliares de Conversação. É com muito orgulho que faço parte dessa história, sendo um dos 7 estudantes pioneiros da Rede Federal como leitor nesse país, no ano letivo de 2022/23. O mesmo programa já está vigente no Brasil há alguns anos, mas antes era regido unicamente pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

Para participar do edital n. 03/2022 do Conif, precisava estar na 2ª metade de um dos cursos superiores listados; o meu foi um dos contemplados. Faz muito sentido convidar universitários de Licenciatura em Letras-Espanhol para trabalhar em instituições espanholas, pois pressupõe-se que já temos o nível mínimo do castelhano e somos nativos da língua-alvo no estrangeiro. Após o processo de análise curricular, convocação, inscrição na plataforma do Governo Espanhol e trâmites na embaixada, nós fizemos um curso rápido e obrigatório, antes de atuarmos como auxiliares de conversação.

Enquanto acontecia todo o processo burocrático antes da viagem, só pensava em como estava realizando um sonho. Quando criança, vivia falando que meu desejo era conhecer o mundo, mas com a conjuntura social que tinha, não sabia quando seria. Não imaginava que aos 20 anos desbravaria em direção à Europa para ensinar a minha língua materna, tão aclamada pela sociedade em que me inseri. Por isso, em meio aos anseios, receios e medos por ir morar 8 meses em outro país, pela primeira vez, eu criei uma rifa. Assim a minha família, meus amigos, a comunidade acadêmica e pessoas desconhecidas, mas com um grande coração, poderiam sonhar comigo. Gosto de dizer que, como um bom cristão que sou, Deus me ajudou e esteve comigo em cada momento. Sem Ele e todo o apoio - institucional e não institucional - que tive, não seria possível.

Após todos os trâmites, no dia 30/09/2022, desembarquei em Madrid e, no mesmo dia, fui para Badajoz/Extremadura. Nunca me esquecerei que, após mais de 20h de viagem (avião e metrô), o meu jantar foi um hamburger do fast food mais próximo do que seria a minha casa pelos meses seguintes, junto com o auxiliar da E.O.I. O que faria novamente, pois toda experiência valeu a pena e tenho como aprendizado. No domingo (02), tive o primeiro contato com a minha tutora do Instituto de Educación Secundaria Reino Aftasí (I.E.S.); ela me apresentou o instituto por fora e conversamos sobre a educação no Brasil e na Espanha, como seria o projeto e nos apresentamos. Na mesma semana, tive contato com a minha tutora do Colegio Público de Educación Infantil y Primaria Francisco Ortiz Lopez (C.E.I.P.). Elas foram responsáveis por me auxiliar durante a minha estada em território espanhol. Não posso deixar de, neste documento, agradecer-lhes publicamente; fui o primeiro auxiliar sob sua responsabilidade e foram estupendas comigo. Ampí e Ali, vocês são anjos de Deus para mim. Obrigado por todo carinho e cuidado que tiveram comigo; eu as levo em meu coração.

No início, foi muito difícil adaptar-me. Como falei, era a minha primeira viagem internacional e não sabia muito bem como agir em cada situação, mas estava disposto a conhecer o novo mundo que me estavam apresentando. Lembro-me de que, quando desembarquei em Madrid, senti uma mistura de alegria e medo: a animação por estar praticando o idioma pelo qual sou tão apaixonado, compreendendo e vivendo-o de forma tão real, e o receio por não saber como seria estar em território desconhecido.

Recordo-me do meu 1º dia laboral, como auxiliar de conversação de português; fui recebido com um café da manhã na sala dos professores, prática muito comum, pois são demasiado receptivos. O instituto a que fui destinado é voltado para a área de artes e humanas, então há sempre muitas festas e datas comemorativas. Um aniversário é motivo de bolos e doces típicos dos povoados de origem do cumpleaños e levados por este. Causa uma certa curiosidade, né? Eu não levei doces no dia do meu aniversário, mas apresentei o gostinho do Brasil, através das famosas paçocas, quando me despedi. Em busca da melhor forma de aproveitar essa viagem que me trouxe tantas vivências, socializei desde o primeiro momento com nativos e aos poucos fui conhecendo outros brasileiros; é incrível como estamos em vários cantos. Como diz um pedaço da música de Daniel Lüdtke, “tem Brasil para todo lado”. Cheguei ao país com um estereótipo de que os espanhóis são frios, mas a minha experiência com os extremos é que eles são extremamente acolhedores, dentro e fora de sala de aula. Levemos em consideração que também tive contato com diversos hispano-americanos, tais como: venezuelanos, nicaraguenses, colombianos, argentinos, salvadorenses, paraguaios, bolivianos, equatorianos, dominicanos e hondurenses, o que me fez estar mais próximo do nosso continente. Além disso, tive o privilégio de conhecer francesas e italianas, graças ao Programa Erasmus+. Estar na Espanha não foi só ensinar português, acima de tudo conheci outros mundos, realidades e culturas.

Como leitor, eu acompanhava todas as turmas do equivalente ao nosso ensino médio e todas da educação infantil. No instituto, eram 6 no total, sendo eles os 1º, 2º, 3º e 4º ESOs, 1º e 2º bachilleratos.

Foi muito desafiador, pois definimos que eu entraria em toda seção bilíngue de português. No início, pensei que planejava aulas para Física, Química, Artes, História, Geografia, tecnologia e teria de me especializar em todas as áreas ou simplesmente fazer a leitura de textos, mas, em reunião individual com os professores, decidimos trabalhar a cultura geral do Brasil, o que me trouxe a liberdade criativa para realizar um plano de ensino para todo o curso, aplicando os conhecimentos adquiridos no meu curso superior de origem. Ao mesmo tempo foi custoso, pois não havia uma sequência de conteúdos a abordar, o que me instigou a estudar mais sobre o meu país e investigar o que os estudantes gostariam de aprender.

No colégio, a minha atuação foi totalmente diferente; trabalhar com crianças de 3, 4 e 5 anos, ensinando português como língua adicional, não é uma tarefa fácil. O objetivo era a ambientação na língua-alvo, para o que apresentamos mais léxicos do que estruturas gramaticais, além das músicas brasileiras e portuguesas, diferenças regionais e contos. A saber, mostramos o conto Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado nesse colégio e no dos filhos da minha tutora do instituto. Foi único, afinal, tudo os surpreendia, sobretudo a ideia de ter um nativo de um país a 9 horas de distância (em avião).

No mais, com lágrimas nos olhos e bastante emocionado, finalizo este relato dizendo que meu sentimento é de missão cumprida. Dei o meu melhor e sei que fizemos história, deixei um pedaço do meu coração em uma viagem relativamente curta. Não sobrevivi na Espanha, eu vivi todas as experiências que pude, viajei com os estudantes, docentes e amigos para Madrid, Sevilha, Logroño, Lourinhã, Lisboa, Ilhas Berlengas, Óbidos, Nazaré, Elvas e Campo Maior. Rimos muito e fizemos as aulas cada vez mais leves, ensinando para adolescentes a imensidão do nosso país, a doçura, as danças, músicas, comidas, alegria e é claro, por ter sido em época de Copa do Mundo e eleições nacionais, foi impossível não falar sobre o futebol e a política.

Em poucas palavras, finalizo o meu relato lembrando tudo o que vivi, ansiando pelo dia em que voltarei e abraçarei cada um que me acolheu. Ver como os meus estudantes cresceram e estão falando português pelo mundo. Não foi um adeus, foi um até breve.

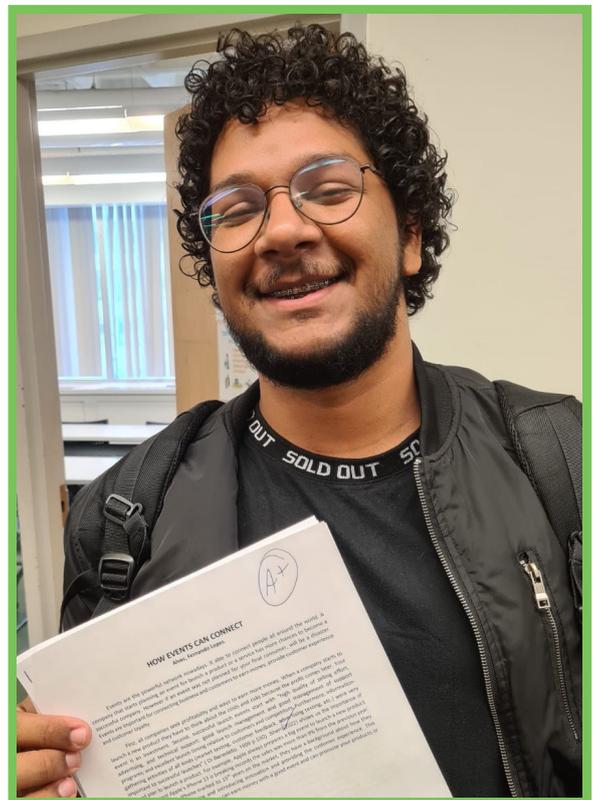


A VONTADE DE FAZER UM INTERCÂMBIO AUMENTOU CADA VEZ MAIS



Autor: Fernando Lopes Alves - IFB

O meu relato de experiência começou muito antes de o Instituto Federal de Brasília realizar um dos meus maiores sonhos, que era ir para o Canadá fazer um intercâmbio de inglês. Quando eu era ainda uma criança, em Ceilândia-DF, ao entrar em uma das vans, transporte público da época, encontrei um par de tênis com o símbolo do Canadá. Ali iniciou um desejo grande de ver essa folha e conhecer o país. No final do meu primeiro ano no Ensino Médio, tive contato com o professor Almir do Centro Educacional 06 de Ceilândia que me fez respeitar muito o idioma inglês e contribuiu para que eu me apaixonasse pela licenciatura e idiomas. Foi aí que comecei a estudar inglês fortemente e fiz a faculdade de Licenciatura em Português/Inglês. A vontade de fazer um intercâmbio aumentou cada vez mais, até que fui estudar Tecnologia em Eventos no IFB e, em 20 de setembro de 2022, apareceu a oportunidade de fazer um intercâmbio de inglês na cidade de Toronto no Canadá por um período de 4 semanas, entre abril e maio de 2023 e foi nesse momento que tudo começou.



Graças a amigos, professores, familiares e ao IFB, esse sonho aconteceu e fui desbravar com todas as emoções o Canadá. Chegando lá, tive um choque cultural com a educação e o acolhimento do país e também ao perceber que Toronto é muito multicultural, o que fez eu ter dores de cabeça por querer poder aprender um pouco de cada idioma e tanta novidade.

O curso de inglês começou 5 dias após eu chegar na cidade e o meu foco principal era poder melhorar minha parte escrita do idioma e poder ter contato com o máximo de pessoas. Sendo assim, iniciou a primeira semana na ILSC - Toronto, a escola de inglês que foi parceira da Agência Toronto First Steps que organiza essa mesma experiência com os Institutos Federais de vários estados do Brasil. Nessa primeira semana, a Rosiane, responsável pela recepção e eventos da ILSC, me convidou para gravar a minha jornada da saída do Brasil até a chegada em Toronto, relatando minha experiência, pois eu tive o visto negado pela primeira vez e depois foi reconsiderado. A Rosiane sugeriu que eu contasse esse episódio para inspirar outros estudantes a não desistirem e, sim, a confiarem no processo; e então gravamos e postamos, e o vídeo foi um sucesso.

Na ILSC, eu tinha entre duas e três aulas no dia e acabei decidindo trocar a minha aula de gramática por uma aula de escrita acadêmica 3 para avançados na língua, com o objetivo de aperfeiçoar mais a escrita e saber como funciona a redação para entrar nas universidades e faculdades de Toronto. Então iniciei os estudos e o professor tinha uma didática incrível. Fiquei impressionado com a forma com que ele ensinava e deixava sempre um tempo acessível para poder tirar dúvidas e deixar-nos livres para poder escrever.

O objetivo do professor Bruce Lawrence era que saíssemos sabendo escrever uma redação sobre um tema livre e com referências adequadas. Ele produzia sua própria pesquisa com os alunos e nos mostrava como editava; sua meta era que, no fim da 4ª semana de estudos, os alunos entregassem uma redação digna de um A+, e o Bruce mesmo dizia: “eu não aceito um B ou um C, quero de vocês um A ou A+ se vocês quiserem”, pois o aluno decidiria se a sua redação era correta o suficiente para essa nota.

Nesse momento, eu não acreditava que seria capaz de produzir uma redação totalmente em língua inglesa com todas as referências e normas da APA, pois era algo totalmente novo para mim. Dias se passaram e as aulas eram cada vez melhores que as outras; era apenas uma hora de aula, mas eu gostava tanto dela, que, depois de uma semana e meia, consegui começar a desenvolver meu tema, que era na área que estudava no Brasil, pois é muito difícil encontrar materiais de pesquisa sobre eventos, então eu escolhi escrever sobre o tema “Events can connect” (Eventos podem conectar).

O meu texto se baseava em mostrar a importância de as empresas usarem o evento como meio de fazerem os seus serviços e produtos alavancarem e o quão era importante usar o evento para este fim. Escrevendo assim parece até fácil, mas eu tinha dificuldade de pensar sobre o que exatamente eu gostaria de falar e, quando fui mostrar para o Bruce pela primeira vez o meu tema e o texto discorrido, ele não entendeu direito sobre o que eu estava falando.

Nesse primeiro momento, me senti super perdido, pois estava difícil colocar o que eu pensava em português, imagine colocar em inglês, até que Bruce me disse: “Me fale exatamente sobre o que você gostaria de falar”, e expliquei o que havia dito acima e ele colocou em tópicos básicos o que comentei: “Você vai falar da importância das empresas usarem o evento como meio e vai mostrar para o leitor como as empresas podem lucrar, desenvolver experiência para o consumidor e fidelizar o cliente”.

Depois que ele destacou esses três tópicos que eu havia comentado, minha cabeça deu um start, uma luz começou a brilhar e tive que recomeçar toda a minha pesquisa e usar apenas um dos parágrafos que já havia escrito. Nesse mesmo dia, me obriguei a ir para a biblioteca pública de Toronto (reference library); já estava na última semana e tinha que entregar algo certo e com as referências adequadas as quais Bruce já havia ensinado. Fiquei cerca de 4 horas na biblioteca escrevendo e buscando muitas referências sobre os tópicos.

No dia seguinte, mostrei para o professor o que havia escrito. Ele começou a corrigir e eu estava supernervoso vendo-o buscar as referências e verificar, mas logo fiquei feliz que tinha acertado como colocar a maioria delas.

Em seguida, ele começou a reler os tópicos de acordo com cada parágrafo, checando se todos estavam em ordem e assim estavam; então começou a ler meu texto para saber se havia um sentido real, o que era um dos meus medos, pois não sabia se estava conseguindo me expressar corretamente em inglês de acordo com o que ele esperava. Logo vieram alguns erros de pontuação leves, como vírgulas e palavras que estavam sem certas letras e algumas palavras que sem as letras corretas significavam outras coisas. No final, o Bruce foi me dar a nota e tirei um A. Não acreditei que havia conquistado um A, ao que o professor me disse: “Se você corrigir as marcações que mencionei aqui com você, pode tirar um A+”.

Fui então para o computador e comecei a corrigir todos os erros que havia cometido que para mim pareceram poucos comparado com o que havia pensado e reenviei para o professor refazer a correção e, sim, finalmente consegui o meu tão distante A+. Digo tão sonhado A+ pois havia pessoas na sala que, no início da 3ª semana, já haviam terminado de escrever e conseguido a nota e eu ainda estava perdido no meu tema sem saber por onde começar e com muito medo, porém eu tenho uma característica peculiar que é gostar de desafios, pois eles nos impulsionam a ser nossa melhor versão e, se você estiver com medo, vai com medo mesmo, e eu não queria desistir. Com isso, digo para as pessoas que sonham em poder passar pelo que passei ou que sonham outras coisas também: “não desistam do sonho de vocês, vocês podem, vocês conseguem tudo; é questão de fé, fazer por onde e correr atrás”.

Além dessa experiência maravilhosa, eu tive muitas outras oportunidades, como conhecer toda a gestão da escola e de como a instituição funcionava, por completo. Conheci a parte principal para mim, que era a área de eventos, a área de seleção de casas para os estudantes, o setor de ajuda ao estudante, o que ajudava estudantes que estavam em dúvida sobre o que queriam estudar em universidades e qual caminho seguir e de como toda a escola era organizada para a recepção dos estudantes a cada 4 semanas. Com isso, finalizo meu relato de experiência, deixo vocês com algumas fotos que comprovam esses momentos e agradeço imensamente ao IFB por proporcionar essa oportunidade incrível.





RENOVAÇÃO COM COOPERAÇÃO

Autora: Aliger dos Santos Pereira - IFBA

Tudo começou quando fui convidada a conhecer o Instituto Politécnico de Bragança- IPB em Portugal, entre os dias 22/11/19 e 27/11/2019, pois eles queriam que eu apresentasse o meu e-book: “Clusters de veículo em Salvador: geoprocessamento e gestão de negócio para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs)”, mas somente foi possível devido ao Convênio de Cooperação Técnica entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA e o IPB. Lá, apresentei meu trabalho (PEREIRA, 2018) “aos estudantes dos Mestrados em Empreendedorismo e Inovação e em Inovação de Produtos e Processos”; e participei do workshop da equipe de Demola na área de Inovação e Empreendedorismo, onde adquiri um conhecimento e uma visão diferentes sobre o que é empreendedorismo e sua importância. Além disso, conheci todas as áreas do IPB. Esta experiência me auxiliou bastante a melhorar as aulas ministradas no IFBA de Camaçari na área de Empreendedorismo, tanto na graduação de nível superior (Ciência da Computação e Licenciatura em Matemática) como no curso Técnico Integrado de Informática.

No ano de 2020, realizei junto com dois programas de pós-graduação do IFBA (o de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT) e o de Difusão do Conhecimento - PPGDC) um relatório técnico sobre o diagnóstico empresarial das principais empresas da cidade de Bragança do ano de 2020, com o uso do geoprocessamento como ferramenta de inteligência territorial competitiva. O trabalho foi apresentado de forma virtual (através do link: <https://youtu.be/xbxYogdo8ao>) para os Mestrados em Empreendedorismo e Inovação e em Inovação de Produtos e Processos do IPB, com o objetivo de intensificar os saberes e os conhecimentos da cooperação entre o IFBA e o IPB.

Os alunos do IFBA da graduação e da pós-graduação, sob minha orientação e da professora Dr.^a Vera Lebres (IPB) e os dos coordenadores dos dois Programas de Pós-Graduação (PROFNIT e PPGDC) puderam participar do 17º Poliempree que corresponde à maior rede de empreendedorismo nacional no ensino superior politécnico de Portugal.

A participação desses estudantes no concurso só foi possível por causa do acordo de cooperação técnica firmado entre o IFBA e o Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal, pois eles foram considerados alunos de IPB e do IFBA. Os alunos do IFBA conquistaram a segunda, a terceira e a quarta colocações (IFBA- JEQUIÉ,2023).

Fiz parte do comitê de organização do 2º e do 3º workshops de Propriedade Intelectual e Inovação referentes às aulas inaugurais do PROFNIT nos anos de 2020 e 2021 que tiveram palestrantes tanto do IPB como do IFBA. Os workshops foram realizados pelo canal do youtube do IFBA para a sociedade.

Durante os anos de 2020 até 2022, mesmo com a pandemia, foram fortalecidos os processos educativos das instituições envolvidas, proporcionando a vivência internacional mesmo que de forma remota, pois possibilitaram o desenvolvimento de competências globais e habilidades interculturais, promovendo o respeito e a compreensão às diferenças, aumentando o conhecimento técnico, acadêmico e cultural e estimulando as pesquisas nas áreas de Inovação e Gestão de Conhecimento.

Como o acordo de cooperação estava para acabar em fevereiro de 2023, consegui junto com os dois programas de pós-graduação do IFBA sua renovação por mais 5 anos.

Para renovar o acordo, foi necessária a elaboração de um plano de trabalho que visa identificar através do cluster (Aglomeração) as principais atividades empresariais de comércio e de serviço relacionadas a micro, pequenas e médias empresas na cidade de Bragança em Portugal. Por isso foi feita a seguinte pergunta: O que modificou nas principais atividades empresariais de comércio e de serviço relacionadas a micro, pequenas e médias empresas da cidade de Bragança em Portugal a partir do diagnóstico do cluster espontâneo?

O objetivo geral desta nova pesquisa é comparar, por meio de mapas, a situação das principais atividades empresariais de comércio e de serviço relacionadas a micro, pequenas e médias empresas na cidade de Bragança em Portugal no ano de 2020 (antes da pandemia) com a do ano de 2023 (após pandemia). Já os objetivos específicos são:

- Mapear, através do geoprocessamento, as principais atividades de comércio e de serviço relacionadas a micro, pequenas e médias empresas da cidade de Bragança em Portugal;
- Diagnosticar o antes (ano de 2020) e o pós-pandemia (ano de 2023) do território da cidade de Bragança através do SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats);
- Quantificar as empresas que se mantiveram e os principais fatores que promoveram a mortalidade destas; e
- Elaborar artigos, relatórios técnicos e seminários em conjunto entre IFBA e o IPB para fortalecer a cooperação técnica em ambas as Instituições de Ensino Superior

Optei por este tema para as pesquisas futuras para o ano de 2024, pois trabalho com cluster e geoprocessamento empresarial com foco em inteligência territorial competitiva desde minha dissertação de mestrado no ano de 2007, além de publicar artigos e e-books na área, sendo um assunto de pouca aplicação em pequenos negócios; e, finalmente, ao realizar um diagnóstico na cidade de Bragança, é possível auxiliar na melhoria de Políticas Públicas que trabalhem com a realidade local, para depois confrontar e comparar com a realidade do Brasil. Espero oferecer novos resultados no ano de 2024 através desta pesquisa conjunta e apresentar para a sociedade, pois o papel do docente é aproximar a Universidade da população.



- ● **MOBILIDADE INTERNACIONAL**
- ● **COMO FOMENTO AO TRIPÉ**
- ● **ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO:**
- ● **UMA EXPERIÊNCIA NO IFBA,**
- ● **CAMPUS SALVADOR**

● ● Autora: Lucélia Ramos Alcântara - IFBA



A mobilidade internacional, como parte do processo de internacionalização, costuma ser o sonho dos estudantes de tal forma, que muitos não percebem que a interação com intercambistas presentes no campus, bem como a oferta de cursos de línguas por meio dos Centros de Idiomas são parte da Internacionalização em Casa. Diante dessa realidade, utilizei a mobilidade internacional como atrativo para o incentivo à participação em projetos de pesquisa e extensão, além da melhora nas notas e busca pela diminuição da evasão no campus. Essa oportunidade surgiu enquanto estive na função de Assistente de Relações Internacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Salvador, com o apoio do professor Albertino Nascimento, então diretor do Campus.

Assim, surgiu a Visita Cultural e Técnica Internacional em 2016, seguida de outras edições até o ano de 2019. Foram contemplados estudantes dos cursos de Automação, Edificações, Eletrotécnica, Geologia, Mecânica, Química e Refrigeração. No que tange a gênero e raça, participaram 30 meninas e 31 meninos, entre os quais 21 se autodeclararam brancos, e 40, pardos/pretos. Participaram discentes com características diversas e visões de mundo diferentes, o que contribuiu para o enriquecimento cultural dos grupos formados nas seleções.

A Alemanha foi escolhida como destino em virtude de ser uma potência mundial, vista como referência no que diz respeito a fábricas de automóveis, excelência energética, além de ser detentora de grande importância histórica e cultural. Foram contactadas diversas fábricas, estudados pontos turísticos e históricos, a fim de que fosse proporcionada uma experiência única aos estudantes selecionados.

O edital foi construído com a ajuda do setor de Relações Internacionais da Reitoria do IFBA, passou, em seguida, pelo aval da Procuradoria Jurídica (PROJUR) e foi publicado em canais institucionais. Nele, além de constarem os itens explanatórios, a quantidade de vagas, verba a ser designada a cada estudante para as despesas durante o período de estudo no país estrangeiro, também se encontrava um barema que descrevia como seria registrada a pontuação de cada candidato.

No processo de seleção, além da análise da documentação comprobatória de vínculo institucional, era preciso pontuar no barema constante no edital (máximo de 100 pontos).

O primeiro item para pontuação era o coeficiente de rendimento dos estudantes. Com média no histórico entre 6,0 e 6,9, cinco pontos; entre 7,0 e 7,9, dez pontos; entre 8,0 e 8,9, 15 pontos; e entre 9,0 e 10, 20 pontos.

Muitos são os estudantes com vulnerabilidade social, os quais costumam ter pouco tempo para se dedicarem a projetos de pesquisa, extensão e atividades extracurriculares de forma geral. Portanto foram atribuídos 12,5 pontos a todos os contemplados com auxílio do Programa de Assistência ao Estudante (PAAE). Cabe lembrar que a verba para a realização desta ação vinha da Assistência Estudantil. Foram avaliadas todas as candidaturas daqueles que atingiram o mínimo de 60 pontos no barema.

Para completar a pontuação, os estudantes precisavam, caso tivessem, apresentar: certificados de participação em projetos de pesquisa ou extensão (cinco pontos cada, máximo de dez em cada tipo de projeto); comprovantes de participação em eventos como monitores, ouvintes ou apresentadores (pontuação máxima de 20 pontos); experiência com trabalho voluntário (2,5 pontos); participação em Olimpíadas Acadêmicas (2,5 pontos); representação do IFBA em eventos esportivos (2,5 pontos); experiência profissional na área de formação (ligada ao IFBA), estágio ou monitoria de disciplina (máximo de dez pontos). O estudante que nunca tivesse perdido um ano escolar teria cinco pontos. Além disso, era necessário apresentar uma carta de intenção não identificada, com pontuação máxima de 15 pontos, que era avaliada por uma banca composta por três membros: um(a) representante da Reitoria e um(a) do Campus Salvador na área de Relações Internacionais, bem como de um(a) pedagogo(a) ou psicólogo(a) do mesmo campus. As cartas eram avaliadas individualmente, e as notas atribuídas pelos integrantes da banca somadas e divididas por três, sendo registrada no barema do(a) candidato(a) a média aritmética.

O total atingido no barema estabelecia a ordem classificatória. No entanto, considerando que todas as atividades fora do país seriam realizadas em inglês, foi feita uma entrevista com os candidatos que não apresentaram certificado de proficiência na língua-alvo, a fim de que fossem eliminados aqueles que não conseguissem demonstrar um nível B1 de proficiência de acordo com o Quadro Comum Europeu.

As diferentes edições tiveram variações de locais visitados que acabaram indo além da Alemanha. Visitamos fábricas de automóveis e seus museus, sempre guiados por especialistas (Volkswagen, Mercedes-Benz, Porsche, BMW, Glass Factory [carros elétricos]); fomos agraciados com as diferentes áreas do conhecimento no Deustches Museum e no Museu Tecnológico de Praga; fizemos um tour guiado em uma fábrica de vidro; aprendemos sobre o processo de fabricação de cerveja na Hofbräuhaus; e fomos recebidos com excelência na Bitzer por especialista em refrigeração.

No que diz respeito à sustentabilidade, tivemos a oportunidade de conhecer Freiburg, cidade referência em consumo sustentável na Alemanha. Lá, com a guia que nos acompanhou, aprendemos sobre transporte com energia limpa, processo de compostagem, uso inteligente do clima a partir de estruturas construídas com esse fim, passagem de esgoto, reutilização da água etc.

A guia nos levou à sua casa, onde nos mostrou o dia a dia ambientalmente responsável. Além do que vimos nessa cidade, pudemos visualizar o uso da energia eólica em grande proporção nas viagens de trem.

Em relação às questões histórico/culturais, apesar de ser difícil mencionar todo o aprendizado, foi possível conhecer um campo de concentração nazista, Dachau, onde visitamos o museu, os templos que representavam diferentes crenças daqueles que lá estiveram, além da câmara de gás e o processo completo da crueldade nazista. Essa foi uma visita muito chocante para muitos alunos, o que me levou a tentar preparar os estudantes das edições seguintes para o que iriam vivenciar em Dachau. Houve, no entanto, momentos de reflexão sobre como uma nação tão destruída conseguiu se reerguer e alcançar os índices positivos que hoje apresenta.

Com um dos grupos, foi possível passar algumas horas apreciando belezas em Madrid em uma escala de voos; com outro, conseguimos visitar o Museu do Louvre; em outra edição, foi possível ir até Praga, ao lado da cidade em que visitamos a fábrica de vidro. Nos outros grupos, conseguimos acrescentar cidades, nas quais fizemos tours guiados por especialistas na produção da Faber Castell e em uma fábrica de caminhões.

No retorno ao IFBA, os resultados da Visita Cultural e Técnica foram divididos com a comunidade durante o InterIFBA, evento criado pela Assessoria de Relações Internacionais do Campus de Salvador com o objetivo de que fossem feitas exposições de temas de áreas técnicas específicas, bem como apresentações sobre a história e cultura estrangeiras para os estudantes que não tiveram a possibilidade de participar presencialmente da Visita. Após o I InterIFBA, muitos estudantes passaram a dedicar seu tempo para aprender inglês, estudar mais, participar de projetos de pesquisa e extensão, além de aprimorar seu currículo para estarem aptos a novas seleções. É nesse sentido que a mobilidade internacional funciona como incentivo ao desenvolvimento do tripé ensino, pesquisa e extensão. Na esperança de que ações de inovação como essa voltem a acontecer, agradeço por ter tido a oportunidade de mostrar aos alunos que asas não lhes faltam; só é preciso fazê-las voar.





TALENTOS BRASILEIROS NA CIÊNCIA INTERNACIONAL: HISTÓRIAS DE SUCESSO DO IFBAIANO

Autora: Hildonice de Souza Batista - IF BAIANO

Coautores(as): Cinira de Araújo Farias Fernandes; Saulo Capim; Karoline Farias Fernandes

A participação de estudantes em pesquisa e eventos internacionais é uma oportunidade valiosa que vai além dos benefícios acadêmicos, oferecendo crescimento pessoal, experiência prática e uma compreensão mais profunda do mundo. Este texto tem como objetivo apresentar uma coletânea de narrativas autênticas e inspiradoras sobre algumas experiências de internacionalização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano), por meio de pesquisas de nossos estudantes e professores.

Essas iniciativas não apenas contribuem para o avanço científico, mas também promovem o despertar de um mundo de descobertas, de novas oportunidades, pessoais e profissionais, significativas.

O Projeto de pesquisa intitulado como “O Cicatríbio”, do Campus Catu, é formado pelos estudantes do IF Baiano, João Pedro de Oliveira, Ítila Maykely Conceição, Isis Pereira e Ana Luiza de Souza dos Santos e pelos professores Saulo Capim, Maurício Pereira e André Rezende. A pesquisa produziu um gel e uma pomada a partir do látex de mangaba, eficaz na cicatrização de ferimentos, que já resultou no depósito de duas patentes, além do registro da marca, junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

Vencedor de mais de 12 prêmios, foi apresentado na competição internacional GENIUS Olympiad, que é uma olimpíada de projetos de ensino médio sobre questões ambientais, fundada e organizada pela Terra Science and Education e hospedada pelo Rochester Institute of Technology.

Para o estudante João Pedro, “foi muito gratificante levar essa pesquisa para um evento internacional do porte da GENIUS Olympiad e, com isso, poder levar a bandeira do IF Baiano e do Brasil para uma feira que reúne pesquisas de todo o mundo. É importante poder mostrar para outras pessoas ao redor do mundo que nós conseguimos, sim, produzir pesquisa e tecnologia de ponta capazes de desenvolver mecanismos de solucionar problemas cotidianos”. Uma outra pesquisa, desenvolvida pelos estudantes João Pedro Lima e Ítila Maykely Santos, e pelos professores Saulo Luis Capim e Jane Lima, também levou o certificado concedido pela Society for in Vitro Biology, intitulado “Outstanding Achievement for Ability and Creativity in In Vitro Biology”.

A estudante Ítila destacou: “A gente viu que cada esforço e cada momento que a gente dedicou valeu muito a pena. Hoje, a ciência tem uma grande importância para a gente, até porque somos jovens pesquisadores e nesse momento de pandemia a gente vê o quanto a ciência é importante e o quanto a gente pode mudar a vida das pessoas”.

No Campus Valença do IF Baiano, o projeto de pesquisa TAAPETE: um dispositivo de tecnologia assistiva de baixo custo que torna essa ação executável a partir de movimentos da cabeça com o objetivo de tornar possível que uma pessoa com tetraplegia utilize um computador, foi criado pelo estudante Álvaro Vasques e os professores orientadores Leandro Teixeira e Gustavo Sabry. A pesquisa conquistou prêmios nacionais e recebeu credenciais para a participação no Encuentro Internacional Colombiano de Ciencia, Inovacion y Emprendimiento (EICCIE), no ano de 2021, em Valledupar, Colômbia.

O professor orientador relatou que “um professor tem o poder de destruir ou construir sonhos, a pesquisa faz abrir vários mundos e nós como professores, não adianta fazer mestrados e doutorados se não tiver evolução através do ensino e orientação para os jovens brasileiros.”

A partir do evento científico Expo Nacional Milset Brasil, uma feira de ciências que reúne jovens cientistas oriundos de 22 estados brasileiros e mais sete países: Portugal, Peru, Paraguai, México, Colômbia, Chile e Argentina, trabalhos de pesquisa desenvolvidos por estudantes do IF Baiano campus Catu, foram premiados com credenciais para participação em outros eventos científicos de abrangência internacional.

O trabalho ‘Processamento da farinha da casca do mangostão e sua utilização na alimentação de pessoas com diabetes’, de autoria dos estudantes Daniela de Jesus, Enrick Melo e Iago Lage, conquistou o 2º lugar na categoria Ciências Agrárias e foi credenciado para participar da Milset mundial, em Dubai, nos Emirados Árabes.

Segundo o estudante Iago Lage, o reconhecimento o motivou: “A pesquisa nos instigou a pesquisar, a buscar e proliferar a ideia benévola de conhecimento científico, ainda mais quando este é aliado com a beneficência social, como no caso do projeto que apresentei, visando o combate de uma mazela presente em grande parte da comunidade”.

Já a pesquisa: “Utilização da canela na obtenção de substâncias com potências atividades leishmanicidas”, inscrita na categoria Ciências da Saúde, a de autoria da estudante Anna Clara Barbosa, foi premiada com uma credencial para representar o Brasil em evento internacional voltado para estudos de doenças endêmicas e tropicais em Medellín, na Colômbia.

Segundo a Anna Clara, “Acredito que reconhecer a qualidade de um trabalho é a forma mais eficaz de incentivar a continuidade e aprimoramento do mesmo e nosso”.

O projeto “Produção de biofilmes comestíveis a partir do extrato da casca do rambutan para auxiliar na conservação de frutos” ganhou destaque na área de Ciências Agrárias e conquistou uma credencial para se apresentar na Feira de Ciências CIENTEC, que ocorrerá em novembro deste ano, no Equador.

O trabalho foi apresentado pela estudante Ester da Conceição, orientada pelos professores Saulo Capim e Alexandra de Carvalho. O projeto tem como objetivo trazer soluções que reduzam o consumo de plásticos, o desperdício de alimentos no Brasil e o descarte de resíduos agroindustriais no meio ambiente. Para Ester, a responsabilidade de representar o projeto e mostrar para as pessoas a transformação que ele pode trazer é um privilégio: “Eu me sinto extremamente agradecida, é um mix de emoção, felicidade, euforia, por ver que todo o nosso esforço foi recompensado”. Na 4ª Olimpíada Internacional de Física e Cultura (IphCO), foram classificados para Olimpíada Internacional de Astronomia Maria Clara Macedo Lelis e Gabriel Da Silva Santos.

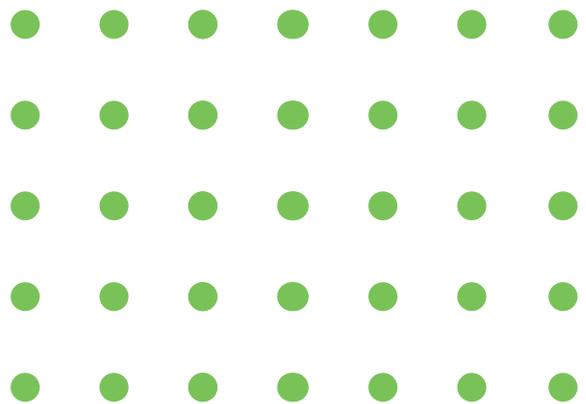
O aluno João Emanuel Oliveira Bastos, foi medalhista de prata na MOBFog Virtual e chave de cobre na 4ª IphCO - International Physics & Culture Olympiad. Para João Emanuel, foi muito bom participar dos eventos, e ainda mais por estar em um momento de pandemia “Eu nem imaginava que nessa modalidade à distância poderia ser tão legal foi um processo em que a gente aprendeu bastante”. O Professor orientador Saulo Capim, diz que “A participação nestes eventos, sejam eles nacionais ou internacionais, propiciam ao estudante um momento de aprendizado, interação e desenvolvimento pessoal e intelectual, e conseguem contribuir ainda mais com a ciência e divulgação científica brasileira”.

Os relatos mostram que ao interagir com colegas de diferentes partes do mundo, os estudantes são expostos a diversas perspectivas culturais, sociais e acadêmicas o que contribui para o desenvolvimento de uma compreensão mais global e inclusiva do mundo, preparando-os para um ambiente globalizado e interconectado. Além disso, incentiva os estudantes a integrar conhecimentos de várias áreas e a aplicá-los de maneira eficaz, promovendo o aprendizado interdisciplinar, a enfrentar desafios como barreiras linguísticas e culturais, o que os obriga a desenvolver habilidades de adaptabilidade, resolução de problemas e comunicação intercultural.

Ao mesmo tempo em que acontece a criação de redes profissionais globais, permite que os estudantes acessem recursos e experiências que podem não estar disponíveis em seu país de origem, enriquecendo sua formação acadêmica, habilidades como adaptabilidade, comunicação intercultural e a capacidade de lidar com desafios complexos e aumentando sua empregabilidade no futuro.

Em resumo, encorajar e apoiar a participação dos estudantes em pesquisa e eventos internacionais é fundamental para prepará-los para um mundo globalizado e interconectado, proporcionando benefícios acadêmicos, pessoais e profissionais significativos.





UMA JORNADA DE DESCOBERTAS: ESTUDANTES BRASILEIROS NA FRANÇA

Autora: Cinira de Araújo Farias Fernandes - IF BAIANO
Coautora: Karoline Farias Fernandes

A experiência de viajar para o exterior é sempre enriquecedora, e quando se trata de uma oportunidade única de aprender sobre práticas agrícolas inovadoras em um país famoso por sua tradição na agricultura, a experiência se torna ainda mais especial.

Neste relato, acompanharemos a jornada de quatro estudantes e uma professora do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal Baiano (IF Baiano), Campus Uruçuca, selecionados a partir do Edital interno de nº. 12/2015 para o Fórum Franco Brasileiro “Ciência e Sociedade”, promovido pela Rede Brasil dos Estabelecimentos de Ensino Agrícola Francês, em parceria com o Ministério da Agricultura, La Direction Régionale de l’Alimentation, de l’Agriculture et de la Forêt de Rhône-Alpes, o Conselho Regional de Nord-Pas de Calais e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

O edital teve como objetivo uma viagem de 15 dias para a França, para vivenciar e conhecer escolas técnicas na região da Córsega - onde a agricultura é 100% orgânica -, explorar as experiências agrícolas do norte da França e participar do Fórum Franco Brasileiro na cidade de Arraes-França.

Durante toda a jornada, o grupo brasileiro foi acompanhado pelo grupo francês, formado por 2 professores e seis estudantes franceses. Tanto os estudantes franceses como os brasileiros são de origem rural.

A primeira parte da jornada levou nossos estudantes à pitoresca ilha da Córsega, situada no Mar Mediterrâneo. Córsega é conhecida por suas paisagens deslumbrantes e pela agricultura e criação de animais totalmente orgânica, um exemplo inspirador para todo o mundo.

Os estudantes visitaram três escolas técnicas dedicadas ao ensino e prática de agricultura orgânica na região.

Na Escola Técnica Agrícola de Córsega, eles foram recebidos por professores e alunos que compartilharam suas técnicas avançadas de cultivo orgânico, experienciando a integração de práticas sustentáveis, como o uso de compostagem, rotação de culturas e o cuidado com a biodiversidade local.

Na parte animal, acompanhamos o resgate da raça suína do Porco Corsa, com as técnicas aplicadas e a transformação para uma criação utilizando sistemas agrosilvipastoris.

Em seguida, visitamos a região de Cozzano, “O Mundo do Porco”, um local que fala da história do porco Corsa, sobre suas formas de produção, manejo, abate e das iguarias que podem ser feitas com o porco. É uma região localizada em uma altitude de quase 1000 m, e toda a economia se concentra na charcutaria do porco. E a alimentação principal é a amêndoa nativa, que proporciona uma qualidade adicional à carne do animal.

A segunda parte da jornada, levou nossos estudantes ao norte da França, uma região rica em variedade agrícola e inovação. Eles começaram a experiência na região Norte de Callais, de onde nos deslocamos de carro até o Liceu Agroambiental de Arras, sede do EPLEFPA Du Pas de Calais, localizada na cidade de Arras. Local onde se realizaria o Fórum, entre os dias 18 e 23 de outubro, e estariam presentes todos os Liceus e Institutos participantes do Evento.

Visitamos pequenas fazendas que fornecem produtos frescos para mercados locais e aprendemos sobre o valor da “agricultura de proximidade”. Em seguida, tivemos a oportunidade de explorar a produção de laticínios orgânicos em uma fazenda tradicional. Os estudantes aprenderam sobre a importância do bem-estar animal e da produção de leite de alta qualidade.

Também visitaram uma propriedade de produção de queijo, hortaliças e frutas, que tem a proposta de que os compradores pudessem colher eles mesmos o seu próprio alimento (seleção pelo consumidor). Puderam também conhecer o Programa da ORQUE: Operação Reconquista da Qualidade da Água. Visitamos um Parque Regional Scarpe-Escout na cidade de Thivencelle. O parque está em uma região urbanizada, possui 66 comunas, é um patrimônio cultural e natural, é considerado patrimônio cultural da Unesco. Antes a região tinha muitas minas de carvão e os agricultores exploravam o carvão, já atualmente aplicava-se ali uma agricultura de pequena escala. Logo depois fomos ao Réserve Naturelle Nationale des Étangs du Romelaère.

Nos dias que se seguiram, iniciou-se o seminário com oficinas / Workshops sobre Agroecologia com temas como: Agricultura Familiar; gestão das águas; Agroecologia e biodiversidade; circuitos curtos de comercialização, e agrofloresta.

Todos os eventos aconteceram com participação ativa dos estudantes, havendo também momentos em que eles apresentaram experiências agrícolas e culturais.

Os estudantes brasileiros nunca haviam tido uma experiência internacional ou sequer ter viajado a outro estado brasileiro. O relato deles foi que a experiência foi única e irá influenciar toda sua vida. Esta experiência foi no ano de 2015 e hoje esses estudantes egressos já são mestres, e estão trabalhando em diversos cantos do Brasil (Acre, Mato Grosso e Bahia), em instituições renomadas.

Márcia Eduarda: “A experiência me transformou e me mostrou onde posso chegar”.

Itaiara: “Foi única e sei que poderei ter muito mais oportunidades como esta”.

Kaelem: “A experiência na França foi um lembrete de que o conhecimento transcende fronteiras e que a busca pela sustentabilidade agrícola é uma causa global que une pessoas de diferentes partes do mundo.”

A viagem dos quatro estudantes brasileiros à França foi uma experiência inesquecível de aprendizado e descoberta. Eles testemunharam em primeira mão a excelência da agricultura orgânica na Córsega e a diversidade das práticas agrícolas no norte da França. Essa jornada não apenas ampliou seus horizontes acadêmicos, mas também os inspirou a aplicar essas valiosas lições em suas futuras carreiras como agroecólogos(as).





Autora: Carolina Giordano Bergmann - IFC
Coautora: Miriam Pillar Grossi

A IMPORTÂNCIA DO APOIO INSTITUCIONAL PARA A REALIZAÇÃO DO MEU DOUTORADO SANDUÍCHE

Primeiramente, preciso me apresentar. Sou técnica em assuntos educacionais do Instituto Federal Catarinense (IFC) desde 2013 e, atualmente, doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na linha de estudos de gênero.

Quando vi a chamada do CONIF para a publicação deste e-book, quis muito compartilhar minha experiência, pensando que talvez ela possa contribuir para que outras e outros colegas se sintam estimulados a viver algo semelhante ao que vivi. Outra informação importante, que não posso deixar de compartilhar, é que atualmente me encontro em afastamento integral para cursar minha pós-graduação e considero que esta possibilidade de afastamento foi fundamental para as duas coisas: cursar o doutorado e ter uma experiência de estudos no exterior. Se minha instituição não tivesse me liberado para estudar, com certeza eu não estaria agora compartilhando este texto com vocês.

Antes de trabalhar no IFC eu trabalhei por 13 anos em uma Universidade pública municipal e, destes 13 anos, 10 deles foram no setor de Relações Internacionais. Uma das minhas funções neste setor era a de auxiliar nossos estudantes a fazerem seus intercâmbios e também receber e auxiliar os estudantes estrangeiros que vinham estudar conosco a se estabelecerem na cidade. Assim, conheci muita gente, tive contato com pessoas das mais diversas culturas e países e isso foi aumentando a minha vontade de também viver uma experiência internacional como estudante.

Quando ingressei no doutorado, em uma das primeiras conversas que tive com minha orientadora, Profa. Miriam Grossi, falei sobre a minha vontade de ter uma experiência de estudos no exterior. Ela então, desde o começo, incentivou-me a preparar-me para o intercâmbio, seja cursando disciplinas ministradas por professores estrangeiros que vinham em visita ao programa de pós-graduação, seja estudando diferentes idiomas, por isso, comecei a estudar francês, uma língua que ainda não sabia.

No meu segundo ano de curso, abriram as inscrições para o edital de seleção do Programa Institucional de Internacionalização - CAPES - PrInt, do qual o meu programa de pós-graduação fazia parte. Este programa previa o pagamento de bolsas de estudo em universidades no exterior e alguns de seus objetivos eram "(...) estimular a formação de redes de pesquisas internacionais (...); promover a mobilidade de docentes e discentes (...) para o exterior e do exterior para o Brasil (...); fomentar a transformação das instituições participantes em um ambiente internacional (...)" (MEC, 2020).

Novamente com o apoio da minha orientadora, fiz minha inscrição que exigiu a entrega de alguns documentos. O primeiro deles foi um comprovante de proficiência no idioma estrangeiro. Como o período de inscrição era muito curto, optei por fazer a proficiência em inglês, pois era o idioma que dominava pôr o estudar há bastante tempo e por ter vivido um tempo na Escócia. O TOEFL, que foi a proficiência que fiz, tem muitas datas de provas disponíveis ao longo do ano, o que contribuiu também para a minha escolha pelo inglês. Já as proficiências em francês e espanhol, por exemplo, são mais demoradas e muitas vezes não é possível ajustar o cronograma das provas com o cronograma de inscrição dos editais de intercâmbio. Outros dois documentos que precisei providenciar foram um plano de trabalho a ser desenvolvido no exterior e uma carta de um/a professor/a de universidade estrangeira aceitando me orientar. Este último documento eu consegui muito rapidamente devido ao fato da minha orientadora ter muitos contatos no Brasil e no exterior. Ela prontamente me sugeriu algumas pessoas e assim consegui minha orientação no exterior. Isto me mostrou o quanto é importante que docentes também tenham experiências internacionais, bem como trabalhos conjuntos em redes internacionais, pois assim podem auxiliar seus estudantes que desejam participar desses editais. Este processo de inscrição e a minha experiência profissional de 10 anos na área me ajudaram a perceber que um intercâmbio exige preparação.

Acredito que um dos primeiros passos seja dominar outro idioma. Entendo que isso "abre muitas portas" e possibilita participar de diferentes processos seletivos, ampliando as chances de ser selecionada em algum deles. O outro passo que considero fundamental é ler com atenção e entender o edital para o qual será feita a inscrição, tomando o cuidado de providenciar toda a documentação solicitada. Enfim, se candidatar a uma bolsa para estudar no exterior exige um planejamento, mas também não é algo totalmente impossível, como muitos às vezes pensam. Afinal, não custa nada tentar. Então, fui aprovada no edital CAPES - PrInt para um período de seis meses de estudos na University of California, Berkeley (UC Berkeley), na cidade de Berkeley, nos Estados Unidos. Foi assim que eu cheguei na famosa costa oeste americana no final de 2022. Foram 6 meses de muito estudo, muitas trocas, muitos passeios, muitas comidas diferentes e muitos amigos. Durante este período eu participei de muitos eventos na Universidade, desde palestras e seminários na minha área de estudos, até passeios por cidades próximas e para assistir a jogos de beisebol. A vida acadêmica me deu oportunidade de vivenciar a cultura do país e também de ter contato com outros estudantes estrangeiros.

Destaco uma atividade que foi organizada por alguns intercambistas em que ocupamos uma cozinha da universidade para que cada um pudesse preparar um prato do seu país.

Além disso, estar numa universidade estrangeira me fez ter contato com temáticas de estudo e pesquisa que não me eram familiares, como a questão das fronteiras (principalmente por causa das tensões relacionadas à imigração México-EUA) e da imigração de povos asiáticos para os Estados Unidos, principalmente na costa oeste, na região da Bay Area. Estas discussões estiveram tão presentes durante todo o meu período na Universidade que acabaram me ajudando a pensar alguns caminhos teóricos para a minha pesquisa. A disciplina que assisti, *Sexuality, Culture and Colonialism*, ministrada por minha orientadora na UC Berkeley, Profa. Paola Bacchetta, ampliou meu arcabouço teórico a respeito do tema da colonialidade/decolonialidade, me auxiliando na análise dos dados iniciais da pesquisa que desenvolvo no doutorado.

Enfim, eu passei 6 meses vivendo longe de casa, em um país que não me era totalmente estranho, mas que tem suas particularidades. Viver fora me fez perceber o mundo de outra forma e isso contribuiu para meu crescimento pessoal e para dar um novo rumo a minha pesquisa de doutorado. Desta experiência eu só trouxe comigo boas lembranças e o coração cheio de agradecimento por quem me ajudou a chegar aqui, pelas experiências que vivi e pelos amigos que fiz e que tornaram minha estadia na terra do "Tio Sam" mais fácil! E tudo isso só foi possível porque a instituição onde trabalho, o Instituto Federal Catarinense, resolveu investir na minha formação, permitindo o meu afastamento para este período de estudos. Se não fosse assim, nada disso teria sido possível.

Entendo que uma oportunidade dessas não pode se encerrar com o meu retorno e ficar restrita apenas a minha pessoa e por isso gostaria muito de usar esta experiência internacional no meu retorno à instituição, após a conclusão do doutorado. Auxiliar outros colegas servidores, bem como estudantes a conseguirem uma oportunidade dessas é uma forma de agradecer a todos que me ajudaram a viver este sonho e de reconhecer a importância do trabalho coletivo.

Obrigada, IFC, UFSC e UC Berkeley, por tudo!



INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: TRÊS VOZES, VÁRIOS CAMPI



Primeiramente, uma palavra sobre internacionalização. Para que aconteça a comunicação na comunidade acadêmica, é preciso valer-se de uma língua. Neste contexto, assim como no contexto comercial, é que surgem as chamadas línguas francas, que possibilitam a troca de informação entre diferentes países e culturas. Várias línguas podem cumprir este papel, dependendo, entre outras coisas, do espaço-tempo e de variáveis sócio-históricas. Contemporaneamente, o inglês tomou um espaço considerável enquanto língua internacional em ambos os contextos. Como professor de língua inglesa, sempre acreditei que o inglês é uma espécie de ator coadjuvante do meio acadêmico. Ele é um meio. Desta forma, penso que toda oportunidade que tivermos de inserir e aproximar o corpo docente e discente de contextos de uso da língua estrangeira estamos colaborando para a formação de profissionais mais bem preparados para navegar na infinidade de informação que o mundo globalizado nos apresenta e ocuparmos espaços fazendo aparecer a nossa voz. Ou vozes.



Autor: Günter Cristiano Butzen - IFC

A VOZ DOS PROFESSORES

No ano de 2016, através da chamada pública Chamada Pública CAPES/SETEC/MEC/NOVA nº 01/2015, de 22 de setembro de 2015, para capacitação de professores de inglês da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, tive a oportunidade de fazer um curso de metodologia de ensino de língua inglesa para falantes de outras línguas (TESOL) em um College americano (NOVA - Northern Virginia Community College) no estado da Virgínia, financiado pela CAPES. Os Colleges de lá têm características próximas às dos IFs daqui. Inseridos neste contexto, um grupo de cerca de trinta e cinco professores dos Institutos Federais de todo Brasil, estudaram e discutiram o ensino da língua inglesa e lecionaram lá para alunos de outros países, não falantes de português ou de inglês, que precisavam aprender o idioma. Este tipo de formação torna o professor mais bem preparado para ensinar aqui, pois tal contexto de ensino nos leva a observar uma série de fatores a que aprendemos dar mais atenção e ser ainda mais técnicos nas nossas intervenções pedagógicas.

Fui um dos professores do IFC - Instituto Federal Catarinense a serem agraciados com uma vaga no certame. Na época, eu era professor do campus do IFC em Videira-SC.

Nesta estada, pudemos também visitar a embaixada brasileira em Washington-SC e participarmos de uma reunião com o embaixador. Foi um momento ímpar. O embaixador, ao referir-se ao programa de intercâmbio Ciência sem Fronteira, que oferecia os recursos para alunos brasileiros cursarem parte de seus cursos de graduação fora do país, relatou-nos que, uma consequência boa do crescimento do número de alunos brasileiros que iam para fora do país, foi o aumento significativo da vinda de alunos estrangeiros para passar temporadas acadêmicas aqui no Brasil. Algo que não havia sido planejado, mas que se revelou um indicativo muito importante de que passamos a exportar mais conhecimento através das instituições de ensino. Ao ver os brasileiros por lá, os americanos passaram a se interessar mais em vir para cá cursar também parte de seus cursos. É a voz dos professores brasileiros que de alguma forma estiveram envolvidos neste processo que se apresenta.

Em 2017, como contrapartida pela participação no projeto, lecionei inglês para uma turma em um projeto de extensão no IFC Campus Videira-SC, ofereci oficinas de formação para professores da rede pública em Caçador-SC e também em workshops do BRAZ-TESOL Santa Catarina Chapter para professores de inglês. Para finalizar, apresentei o trabalho A classroom pet-peeve: “Do you understand?” no VI Congresso Latino-Americano de Professores de Língua na UEL em Londrina-PR. É a minha voz como professor asseverando um crescimento profissional no âmbito pessoal, o que ensejou um melhor rendimento em sala de aula, amplificando também a voz dos alunos.

A VOZ DOS ALUNOS

Em 2018, com suados recursos próprios, tive a oportunidade de fazer o Curso de Avançado de Língua e Metodologia (Advanced Language and Methodology Course), no British Studies Center, em Oxford, na Inglaterra. Éramos cerca de uma dezena de professores/alunos neste curso, sendo que pelo menos sete eram da Polônia. Eu era o único professor brasileiro do grupo. Durante os intervalos das aulas, comentamos sobre a possibilidade de colocar os nossos alunos de Ensino Médio em contato via videoconferência. No início do ano letivo, no IFC Campus Videira-SC, comecei a organizar os meus alunos para fazer acontecer o projeto. Na Polônia, a professora Zdzisia Tajkiewicz, também organizou os alunos dela. Realizamos alguns encontros em que o grupo de alunos do Brasil se reunia para conversar sobre assuntos de interesse mútuo. Lembro que eles conversavam sobre tudo, desde hábitos do cotidiano até questionamentos sobre a grade curricular nas escolas daqui e de lá. Planejamos os encontros dos alunos de modo a ficarmos de fora e deixar que apenas os alunos interagissem. Foram momentos interessantes em que podíamos perceber as vozes dos alunos dos dois continentes se encontrando e fazendo surgir ótimas discussões.

A VOZ DA REDE

Em 2022, já lotado no IFC Campus Luzerna-SC, tive a oportunidade de conseguir uma das vagas para o curso de formação de professores de língua inglesa Presentation Skills for Academic Purposes, oferecido em parceria entre embaixada e consulado americanos no Brasil e Ministério da Educação. Foi um curso em dois momentos. No primeiro, professores da rede federal fizeram o curso de formação de facilitadores por nove semanas e na sequência, como facilitadores/multiplicadores, lecionamos o curso, por videoconferência, para alunos da rede de todo o Brasil também por nove semanas. Na turma com que trabalhei, tive alunos de pelo menos seis estados oriundos de diferentes IFs e dos mais variados cursos - desde alunos do curso de Artes Cênicas até alunos da Engenharia da Computação - trocando experiências e aprimorando suas habilidades de apresentação oral de trabalhos acadêmicos em língua inglesa. Outros colegas professores estiveram também à frente de outros cursos de língua inglesa com finalidade acadêmica (além da oralidade, nas habilidades de leitura e escrita em língua inglesa). Nas várias turmas que foram oferecidas, a voz de toda rede apareceu.

CONCLUSÃO

O Brasil, no geral, ainda deixa a desejar no que tange ao domínio da língua inglesa. Se comparado a outros países, é bem pequena a parcela da população que tem acesso a cursos de língua e desenvolve efetivamente o domínio do idioma. Para reverter este quadro, a formação de professores e o fomento de projetos de intercâmbio se fazem necessários para estarmos mais bem preparados para a comunicação internacional.





MEMÓRIAS DE WINNIPEG

Autor: Adão Lopes da Fonseca - IFCE

Era uma tarde de agosto, mais especificamente no dia 24/08/2022, por volta de 16h da tarde, quando eu chegava na cidade de Winnipeg, província de Manitoba, Canadá. Logo na casa onde me hospedei para passar a primeira noite antes de ir para a residência estudantil, senti todo o impacto da nova realidade. Parecia ser um bairro nobre. Casas bem bonitas, com jardins bem cuidados à frente, árvores frondosas, bandeiras do Canadá na parte de trás das casas, o retrato perfeito das vizinhanças estadunidenses mostradas nos filmes da sessão

da tarde, só que no Canadá. No dia seguinte, era o momento quando de fato eu começaria a me comunicar e interagir em língua inglesa, consolidando o conhecimento adquirido durante quase cinco anos de estudos no curso de Letras - Português e Inglês do Instituto Federal do Ceará, campus Tianguá. Breno Martins, um dos servidores da instituição anfitriã, me auxiliou em todo o processo de check-in na residência estudantil onde eu moraria por cerca de 4 meses. Ao final, ele me levou ainda para conhecer brevemente o campus localizado no centro da cidade, a 5 minutos de caminhada do prédio da residência.

O intercâmbio que realizei foi pelo Programa de Bolsas IFCE Internacional, financiado pelo IFCE, neste caso em parceria com o Red River College Polytechnic. Durante o período de 12 semanas, participei de diversas atividades no campus. Na primeira semana, conheci o prédio do departamento do Centro de Treinamento de Idioma, e me reuni com alguns membros da gestão do curso: Lori Lobchuk, Norlan Page e Logan Brunette, assim como fui apresentado a alguns membros do corpo docente deste departamento na instituição. Nesta primeira semana, Logan foi o responsável por me auxiliar na familiarização com o campus e o curso de Inglês Intensivo para Estudantes Internacionais. Neste período também foram providenciadas as minhas credenciais, sendo colocados à minha disposição e-mail acadêmico, acesso à sala dos professores, impressoras do campus e armário reservado neste mesmo espaço.

Na segunda semana, fui direcionado pela coordenadora a iniciar as observações na turma inicial do curso. Fui então alocado na turma de CLB 3-4 do curso, da professora Marie Rogge, onde permaneci por 2 semanas.

Nas aulas de Marie, me disponibilizei a auxiliar no que fosse necessário, e ela então sugeriu que eu tirasse dúvidas dos estudantes durante a realização dos exercícios. Ainda, quando necessário, a professora solicitava que eu formasse dupla com algum estudante nas atividades de conversação, dentre outras.

Na quarta semana, continuei as observações na turma de CLB 4-5, da professora Jillian Johnson. Ela certificou-se de deixar-me à vontade para realizar as observações, e eu me dispus também a participar da forma que mais conviesse na turma. Assim, pude auxiliar os estudantes nas questões de pronúncia e também juntar-me a eles para a realização de exercícios em duplas e(ou) grupos. Quanto à sexta semana, visitei o departamento de Educação Internacional, a convite do coordenador de projetos e recrutador de estudantes do RRC, Breno Martins. No escritório, fui apresentado à equipe de conexões globais e a Eddy Lau, diretor de educação internacional e parcerias globais. Durante a visita, participei de reuniões com os demais integrantes e de sessões de mentoria com Eddy Lau, além de auxiliar em pequenas tarefas quando solicitado.

Já na sétima semana, fui direcionado para iniciar a minha observação na turma de Melissa Flores, professora da turma CLB 5-6. Durante as atividades desenvolvidas, Melissa me orientou a intervir sempre que eu julgasse necessário nas discussões dos estudantes a respeito dos conteúdos estudados, seja para corrigir a pronúncia ou até mesmo contribuir com ideias nas discussões que ela promovia em grupos, na maioria das vezes. Participei das aulas desta turma pelo tempo de 2 semanas, assim como nas anteriores.

Durante a nona semana, fui inserido na turma CLB 6-7, da professora Laila Aronas. Nessa turma, grande parte das atividades exigia discussões e argumentação relacionadas ao tópico em questão, uma vez que estudavam maneiras de se expressar em determinadas situações. Ainda nessa turma, a professora Laila concedeu-me a oportunidade de, por duas vezes, ministrar lições de acordo com o conteúdo programático do curso.

Na décima primeira semana de intercâmbio, fiz minha visita de observação na turma CLB 7-8, cujo professor era Jules Meija. A turma era classificada como College Readiness, ou seja, uma turma de Inglês preparatório para ingresso na Universidade. Nesta turma, pude observar as aulas, participar das discussões juntamente com os estudantes, e prestar auxílio ao professor com opiniões relativas às produções dos estudantes nos exercícios, de maneira mais crítica e do ponto de vista profissional. Além disso, Jules também me ofertou tempo e espaço na sua aula para que eu praticasse regência de classe, reforçando o quão significativo seria para minha formação.

Para além das atividades citadas, participei ainda de diversas atividades culturais e eventos extraclasse promovidas pela instituição, além de outros passeios não relacionados com a instituição. Certo dia, a convite de Lori, fui a um passeio com ela e a família dela ao Lago Winnipeg, o maior lago da província de Manitoba.

Eles costumam chamar algumas áreas às margens do lago de “praia”, embora geograficamente não o seja. Mas os espaços têm areia, cadeiras de praia e guarda sol, tal qual uma praia propriamente dita, além de serem muito frequentadas durante o verão canadense. Visitamos assim em um tour a Winnipeg Beach, Winnipeg Dog's Beach e Gimli Beach. Fui ainda a uma excursão no zoológico da cidade, o Assiniboine Park Zoo. Conheci diversos animais da fauna norte americana, tais como bisão, focas, alces e até mesmo ursos polares.

Outra experiência extremamente rica foi quando assisti a um jogo de hóquei no gelo, um dos principais entretenimentos dos moradores de Winnipeg. Na cidade existem alguns times, como o Winnipeg Jets e o Manitoba Moose. Em dias que esses times jogam, a arena (Canada Life Centre) fica lotada. Tive a oportunidade de assistir a 3 jogos durante a estadia na cidade. Além disso, no dia de ação de graças, comemorado antecipadamente no Canadá em comparação com os Estados Unidos, Breno e sua esposa Evelyne me convidaram para um tradicional jantar de Thanksgiving. Foi um momento bastante especial. O jantar na casa deles, que obviamente também seguia o estilo residencial local, trazia o ar outonal que todos os ambientes àquela época do ano transmitiam. Foram servidos pratos tradicionais desta data, desde o famoso peru, até a torta de abóbora; além de vinho tinto, completando mais uma experiência irretocável em terras canadenses.

Já no Halloween, fui com um colega de residência a uma festa temática. A tradição é realmente forte no sentido das fantasias. Muitos clubes de festa da cidade promovem competições para eleger a melhor fantasia, e mesmo que nem todas as pessoas participem da competição em si, é raro encontrar alguém descaracterizado para o momento. E por fim, o momento mais marcante dentre todos: observar, em novembro, a primeira queda considerável da neve, que aos poucos embranquecia tudo ao alcance da vista, fazendo-nos perder os limites da calçada, da rua... No dia seguinte já tínhamos um passeio programado, que estava com risco de ser cancelado por conta das tempestades de neve. Felizmente nevou somente o suficiente para conseguirmos fazer a trilha na neve, percebendo a beleza natural do Parque Provincial Birds Hill coberto de neve, numa atmosfera gélida, porém inesquecivelmente deslumbrante.





AS EXPERIÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL COMO UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autora: Antonia de Jesus Sales - IFCE

Por meio desta escrita, narrarei minha relação com o IFCE no tocante à minha experiência como aluna e como profissional, relação esta que é permeada por experiências com a internacionalização. Graduei-me em Tecnologia em Hotelaria, em 2016, pela parceria IFCE/UAB (Universidade Aberta), no polo Rubens Vaz, em Caucaia. Eu já tinha uma graduação anterior, em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Durante minha experiência como aluna do Instituto, participei de intercâmbio pelo edital do IFCE Internacional (2015), tendo a oportunidade de estudar um semestre na Confederation College, no Canadá, entre janeiro e abril de 2015.

Ter uma experiência em uma instituição renomada, em um país com nível de excelência em educação, é uma oportunidade excepcional e um diferencial na formação de qualquer estudante, pois por meio desta experiência, pude conhecer uma nova cultura, além de ter acesso a uma nova perspectiva de educação superior, ter acesso a espaços de apoio diferenciados, como biblioteca e espaços de convivência e eventos na instituição de ensino em outro país. Para uma aluna, filha de agricultores e que estudou a vida inteira em escola pública, tal experiência é um marco.

Prosseguindo na minha vida profissional, em 2017, me tornei professora substituta de língua inglesa no IFCE (Campus Umirim), onde pude aplicar muito da minha experiência no exterior na sala de aula, como docente de língua estrangeira, principalmente com relação ao uso de estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e no emprego de recursos didáticos. Posteriormente, em 2019, ingressei no IFCE como professora efetiva, no Campus Tauá, onde atuei como professora de língua inglesa, no ensino médio e, também, no curso de Letras Português-Inglês. Nesse campus, pude me aperfeiçoar na dinâmica e nas práticas do ensino superior.

Entre dezembro de 2021 e maio de 2022, tive outra oportunidade de estudo no Canadá. Passei na seleção do CAPES/PRINT, mais um edital do governo federal, em parceria com uma instituição federal, a Universidade Federal de Santa Catarina, onde curso doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC).

Mediante a aprovação nesse edital, tive a oportunidade de passar um semestre letivo como pesquisadora visitante, num doutorado sanduíche na Universidade de Alberta (UofA) - instituição que ocupa a sétima posição mundial no ranking de impacto na Educação Superior (Times Higher Education Impacto Rankings).

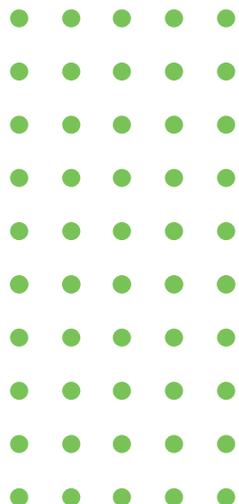
Essas duas oportunidades, como estudante, foram muito marcantes e decisivas para a minha práxis acadêmica e profissional. No âmbito profissional, também tive a oportunidade de fazer parte da comissão de internacionalização do meu campus (IFCE-Tauá), em 2022. E durante essa trajetória, vi alunos meus indo para o exterior pelo mesmo edital que eu tive a oportunidade de tentar. Em 2023, tive a felicidade de receber uma menção honrosa no 1º Prêmio Anas Mulher & Ciência do IFCE, na categoria Humanidades. Obviamente, essa menção honrosa é fruto de muito esforço engajado. No entanto, sem as oportunidades oferecidas, não teria tido experiências tão profícuas na minha formação e práxis profissional.

Considero, assim, que experiências como as oportunizadas pelos editais que os institutos oferecem para seus alunos e servidores impactam profunda e extensivamente a vida dos que são beneficiados. Considero que os editais de internacionalização promovem oportunidades únicas e incentivam a inclusão de alunos da educação pública em espaços de ensino de excelência, o que engrandece e impacta o futuro desses alunos beneficiados e a instituição, por ter cumprido o seu dever de oportunizar a seus alunos e servidores ações de formação e cooperação no exterior.

Por essa razão, este meu relato, como estudante egressa e atual servidora do Instituto Federal do Ceará, é primordialmente voltado para defender a educação pública e o aumento de ofertas de intercâmbios para todos que fazem parte do cotidiano dos institutos e instituições federais. Afinal, a educação salva!



DO IFES PARA O MUNDO



Autor: Abílio Marcos Coelo de Azevedo - IFES

Olá, me chamo Abílio Azevedo, tenho 28 anos, casado com a Bianca e pai da Cecília. Hoje atuo como engenheiro de software em uma empresa americana, já visitei 36 países e falo inglês e francês, além do português é claro.

Cheguei aonde estou hoje devido as minhas experiências de ensino no curso de eletrotécnica, graduação em engenharia elétrica, diversos cursos e atividades de extensão, além é claro da minha experiência internacional de estudo durante 1 ano na universidade politécnica de Nice na França. Vou contar um pouco sobre esta minha experiência.

● A JORNADA

Minha jornada internacional começou no IFES, onde estudei Engenharia Elétrica. No final de 2015, fui apresentado à oportunidade de estudar na França no ano letivo de 2016/2017. A seleção era feita pela própria instituição, e o processo era rigoroso, exigindo proficiência em francês e diversos documentos.

Após uma tentativa frustrada, no ano seguinte, apliquei novamente para o BRAFITEC. Preparei-me intensamente para a prova de proficiência, utilizando vários materiais e aulas particulares de francês. A prova consistia em várias seções, incluindo compreensão oral, expressão oral, compreensão escrita e expressão escrita.

Consegui a nota requerida pelo Edital do IFES e fui classificado para a entrevista. A entrevista foi multilíngue, e expliquei meus projetos, experiências e motivações para estudar na França. Finalmente, recebi a notícia que eu e mais dois colegas iríamos para a França.

● PREPARAÇÃO E DESAFIOS

A preparação para a viagem foi uma correria. Tive que escolher entre três universidades francesas. Escolhi a L'École Polytechnique de l'Université de Nice-Sophia Antipolis (UNICE) e fui direcionado para o coordenador Walter da UFC, visto que a esta universidade também tinha alunos que escolheram a UNICE. Este contato com o coordenador e alunos da UFC me ajudou no preenchimento dos documentos necessários.

Foram muitas atividades antes da viagem: juntar documentos para inscrição, conseguir a carta de aceite da universidade, dar procedimento junto à CAPES, comprar a passagem, correr atrás do visto francês e resolver toda a papelada necessária. O visto foi um processo complexo, tive que ir ao Rio de Janeiro para a entrevista presencial e finalmente, uma semana antes da viagem, meu passaporte estava disponível.

● EXPERIÊNCIA NA FRANÇA

Cheguei na França para estudar na Polytech Nice Sophia (UNICE), e tive que passar por vários processos como imigrante. Arrumei um chip de telefone, abri uma conta no banco, fiz documentos no escritório de imigração (OFII), paguei a taxa de Sécurité Sociale, me inscrevi para os esportes, fiz o pedido de ajuda moradia para CAF, fiz minha carteirinha de transporte, e tive que fazer um contrato com a empresa de energia (EDF).

A primeira semana de aulas foi aquele baque, mas pensei que seria pior, consegui entender algumas coisas. Entretanto, conheci um professor que falava em uma velocidade supersônica, não tinha como acompanhá-lo, depois consegui entendê-lo melhor! Tive aulas todos os dias da semana em francês, totalizando umas 25 horas semanais.

Eu estava acostumado a tirar boas notas, mas nas primeiras em francês fui péssimo. Eu queria voltar para o Brasil depois de ver as notas, mas com o tempo fui melhorando. O que me ajudou muito foi o contato com alguns franceses que me deram abertura, fazer esporte para não surtar no inverno e desenvolver um projeto de extensão.

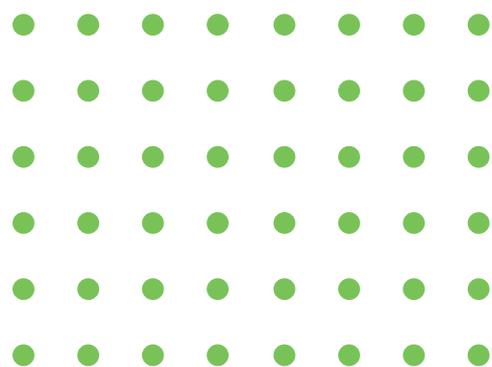
Na segunda semana de aula ouvi uma menina falando sobre um robô Rover com uns chineses me intrometi na conversa e quando eu vi estava no carro dela indo conhecer o projeto. Gostei do que eles estavam desenvolvendo e entrei no time.

Este projeto tinha como foco o desenvolvimento de um robô Rover, utilizando o framework ROS (Robot Operating System) e a biblioteca de processamento de imagem OPEN-CV. Desenvolvi a parte de tracking facial para posicionar a câmera no nariz da pessoa identificada. Assim, podemos mover o robô na direção da pessoa e segui-la.

● CONCLUSÃO

Cheguei ao fim mais uma etapa da minha vida pessoal e acadêmica. Foi difícil, mas no final valeu a pena. Aprendi o Francês, estudei com pessoas de culturas diferentes, vi novas tecnologias, fiz amizades, viajei, cresci academicamente, profissionalmente e pessoalmente. Se você tem a oportunidade de fazer um intercâmbio, corra atrás e aproveite ao máximo!





A INTERNACIONALIZAÇÃO A PARTIR DE PROJETOS DE PESQUISA COM COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Autora: Flavia Duarte Ferraz Sampaio - IFES

O objetivo deste texto é partilhar minha experiência em Projetos com cooperação internacional como propulsores das ações previstas na Política de Internacionalização do IFES (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo). Na coordenação do NRI (Núcleo de Relações Internacionais) do Campus Vila Velha, aprendi que as “Ações na Política de Internacionalização” do IFES envolvem: ensino e aprendizagem de línguas; pesquisa conjunta; articulação de grupos de pesquisa (online); acordos de cooperação/Memorandum of Understanding (MoU); organização e participação em eventos e congressos; mobilidade/intercâmbio; projetos com cooperação internacional; comunicação/divulgação dos dados e indicadores internacionais. Ao participar de 2 projetos coordenados pelo professor Dr. Lars Gansel da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia (NTNU), pude vivenciar todas as ações previstas na nossa Política de Internacionalização institucional.

Tudo começou quando, após o término do meu Doutorado (2014), ainda trabalhando Campus Curitiba do IFPR (Instituto Federal do Paraná), continuei colaborando com a professora que orientou minha Tese, Dra. Carolina Arruda Freire da UFPR (Universidade Federal do Paraná). No ano de 2019, iniciamos o projeto “Norwegian-Brazilian partnership program on sustainable aquaculture systems” da NTNU que teve como instituições integrantes no Brasil a UFPR e a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Dentre as áreas de formação e treinamento do projeto, encontrava-se a Biotecnologia. Porém, em função da pandemia, o projeto foi suspenso e retomado em 2022, quando eu já estava no Campus Vila Velha (IFES).

Na oportunidade, a Dra. Celine Rebours estava vindo ao Brasil no mês de setembro visitar as instituições integrantes (UFPR e UFSC) e fiz o convite para que conhecesse o IFES e ele foi aceito. Com a ajuda de vários colegas, tanto do Campus Vila Velha quanto do Campus Piúma, fizemos nossa recepção à Dra. Celine e os objetivos da visita foram plenamente atendidos. Em outubro de 2022, fui convidada a ir ao Campus Alesund da NTNU discutir possibilidades de novos projetos que envolvessem o intercâmbio dos alunos da Biomedicina, uma vez que, eles possuem um curso de Biotecnologia com várias disciplinas em comum. Essa visita resultou na inclusão do IFES no Projeto vigente, que possui maior aderência ao Curso de Biomedicina: “Digital twin lab for international biomedical laboratory science education”.

A participação nesses 2 projetos com o professor Lars Gansel me possibilitou também a ida a Belo Horizonte-MG entre os dias 15 e 19 de abril do corrente ano para participar do evento FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional) 2023. Apresentei junto aos colegas da Noruega o trabalho: “Building lasting structures for international collaborative education - Challenges and solutions”. Foi um momento de grande aprendizagem para mim, fui a única brasileira a falar na sessão e em todas as reuniões que antecederam a apresentação. A troca de experiências com os colegas me deram a oportunidade de entender melhor o papel do IFES e do Brasil em projetos internacionais.

Na sequência tivemos reuniões presenciais para alinhar as ações do projeto para 2023, o professor Lars Gansel veio pessoalmente conhecer o Campus Vila Velha e ficou decidido que teríamos uma vaga de intercâmbio de um aluno do curso de Biomedicina para passar 4 meses na NTNU. A vaga incluiu passagens, hospedagem, despesas com o visto e ainda uma bolsa, tudo custeado pelo projeto norueguês.

Foi o momento de construção e assinatura do Memorandum of Understanding (MoU) e não poderia deixar de agradecer à Nágila Moraes, Assessora de Relações Internacionais do IFES, pois desde o primeiro contato que fiz relacionado aos projetos internacionais, tive todo apoio necessário para as mais diversas atividades que foram demandadas. O MoU foi assinado entre o IFES e a NTNU, realizamos a seleção através de um edital e a aluna do curso de Biomedicina, Ana Laura Maia Farias, foi selecionada para estar em Alesund - NO desde agosto até dezembro deste ano.

Para o bom andamento da pesquisa relativa ao projeto bem como do plano de trabalho da aluna são necessárias reuniões periódicas, nas quais tenho aprendido cada vez mais sobre como funciona a educação e a pesquisa em uma universidade norueguesa.

Finalizo minha exposição ressaltando o quanto vale a pena a participação em Projetos com Cooperação Internacional, uma vez que possibilitam vivenciar a internacionalização de diversas formas. A busca por editais externos que possam subsidiar os projetos também tem sido um valioso aprendizado. E a pesquisa que fazemos corriqueiramente pode ser o passo inicial para uma jornada que envolve crescimento profissional pessoal dos alunos, do Campus e do IFES.



INTERCULTURALIDADE E CIDADANIA GLOBAL ATIVA: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO VIRTUAL ENTRE BRASIL E COLÔMBIA



Autora: Carla Luciane Klos Schöninger - IFFAR | Coautora: Ana Adela Ardila

Os momentos singulares de partilha cultural entre estudantes de diferentes países tornam-se memoráveis. No ano de 2019, a AFS Intercultural (American Field Service) ofertou o programa “One World Classroom”, oportunizando a realização de intercâmbio virtual. Deste modo, a turma de 3º ano, do curso Técnico em Automação Industrial, 26 estudantes, e 30 alunos do 10º ano da Institución Educativa Inem José Félix De Restrepo I. E. INEM, de Medellín, Colômbia, desenvolveram as atividades propostas em quatro módulos: 1- Concepts and Theories of Culture, Types of Intercultural Conflicts, Culture, Intercultural Terminology; 2- Local Community and SDGs, The Global Goals, The comfort-stretch-panic model; 3- Live Session (in English); 4- Learning and Reflection. O módulo 3, sessão virtual em tempo real de transmissão entre alunos do Brasil e da Colômbia, oportunizou um momento intercultural, numa troca de experiências, de conhecimentos culturais, educacionais e sociais, bem como de percepções pessoais.

O encontro virtual de 2019 foi especialmente significativo para os docentes e estudantes de Medellín e do IFFar, sendo a primeira oportunidade que eles tiveram de intercâmbio intercultural entre pares de outros países. Nesta troca, os estudantes de Panambi e de Medellín puderam perceber os benefícios adquiridos ao falar uma língua estrangeira, o quão gratificante é se comunicar com outras pessoas, conhecer um pouco da cultura dos outros e o quanto as tecnologias, com fácil acessibilidade, contribuem para esses propósitos. As atividades foram mediadas pelas professoras, autoras deste texto, que mantiveram contato após a participação no programa, e, em diálogo, organizaram de forma colaborativa um segundo encontro virtual.

INTERCULTURALIDADE, LETRAMENTO E ENSINO DE LÍNGUAS: PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO

A interculturalidade refere-se às práticas de estímulo à compreensão, à interação e às atitudes de respeito entre diferentes grupos étnicos e culturais. A experiência vivida em 2019 demonstrou que a comunicação intercultural “adquire um papel cada vez mais importante no contexto da globalização e das transformações mundiais que caracterizam nossa realidade de hoje” (KUNSCH, 2017, p.341).

Pensando nisso, no ano de 2022, desenvolvemos metodologias e temáticas comuns em ambas as instituições (IFFar e I. E. INEM José Félix De Restrepo), para que os alunos tivessem um melhor entendimento sobre as relações interculturais e sobre o que é ser um cidadão global ativo.

Participaram da proposta, no campus Panambi, 33 discentes do curso Técnico em Informática, 2º ano e 28 discentes do 10º ano da INEM José Félix de Restrepo. No decorrer das aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, os alunos analisaram os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), realizaram uma autoavaliação, enfatizando aspectos e características pessoais, leram *Examples of Young Goalkeepers from around the World*, visualizaram vídeos sobre os ODSs, discutiram sobre os vídeos assistidos e, em grupos, pensaram em ações que pudessem ser desenvolvidas na comunidade local de forma a contemplar tais objetivos. A partir disso, criaram poemas abordando a temática e os traduziram para a língua inglesa, uma atividade do projeto de pesquisa “Mosaico de textos”.

Tais práticas de recepção e produção textual implicam na interpretação, colaboração, nas convenções, no conhecimento cultural, na reflexão e na autorreflexão, bem como na comunicação e no uso da linguagem. Isso remete ao conceito “letramento”, abordado por Richard Kern. O letramento circunda uma consciência de como os atos de ler, escrever e dialogar medeiam e transformam significados (2000, p.23). Significados esses compartilhados no diálogo intercultural.

CIDADANIA GLOBAL ATIVA: INTERCÂMBIO VIRTUAL ENTRE IFFAR E INEM J. F. RESTREPO

Encontros internacionais contribuem para o ensino de línguas por permitir aos estudantes que vejam os múltiplos benefícios de se falar uma língua estrangeira. O contato direto entre participantes de países distintos promove o desenvolvimento de qualidades da cidadania global. Tais qualidades são trazidas por Oxfam (1997), que destaca: ser consciente do mundo global, mantendo a ideia de uma aldeia global, ser dotado de uma consciência cultural através do compartilhamento de ideias, sentimentos e conhecimento entre os pares, ser participativo na comunidade a fim de solucionar problemas e evitar a injustiça social e ter responsabilidade mediante palavras e ações, buscando fazer do mundo um lugar melhor para todos.

A sessão de intercâmbio virtual realizada em 2022 priorizou essas qualidades. O encontro aconteceu em língua inglesa e contou com diferentes etapas, de modo a permitir o diálogo acerca dos diferentes tópicos que envolvem o que é ser um cidadão global ativo. Primeiramente, a professora Ana Ardila fez uma introdução, mencionando o encontro de 2019, com participação de outros estudantes, falou brevemente da sua instituição de ensino: INEM, como uma escola vocacional em constante busca por inovações, que oferta aos estudantes 23 modalidades, em 5 áreas, sendo o ano de 2019 o primeiro da Modalidade Inglês. Além disso, tratou de aspectos geográficos, econômicos e culturais de seu país. Para apresentar o IFFar, a professora Carla Schöninger mostrou mapas do país, do estado, situando a instituição na cidade de Panambi. Citou os cursos técnicos, superiores e pós-graduação ofertados e o sistema de ensino. Também algumas questões da cultura local, a cultura gaúcha. Os alunos fizeram colocações e questionamentos sobre ambos os países, inserindo-se na troca intercultural.

Na sequência, estudantes de ambas as instituições retomaram os estudos sobre os ODS e responderam como poderiam contribuir na comunidade local, em sua cidade, a fim de atingir alguns dos objetivos. Como resposta, eles pontuaram que podem contribuir fazendo trabalho voluntário, separando o lixo, ajudando os necessitados, agindo com responsabilidade e informando as pessoas sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Poemas de três alunos do IFFar foram apresentados: A single blanket, Poem about SDGs e At the Bottom of the Sea. Enquanto tais estudantes compartilharam suas produções literárias, os alunos da INEM José Félix de Restrepo expuseram seu conhecimento resultante do estudo sobre “Goalkeepers”, pessoas focadas em trabalhar para atingir os ODSs, como: Memory Banda, Ndubuisi Uchea e Hayel Wartemberg,

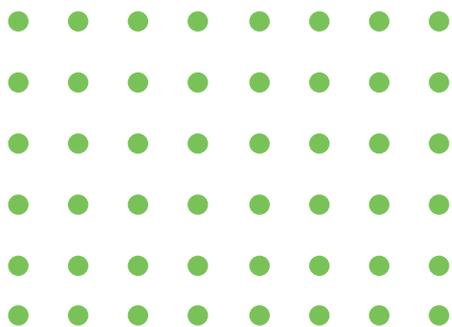
Um aluno do curso técnico retomou o termo “Cidadão Global Ativo” como alguém que se mobiliza para a transformação social, um colaborador proativo que cria pontes entre o local e o global, de forma a contribuir para um mundo mais seguro, pacífico e tolerante. Os estudantes de ambas as instituições foram convidados a mencionar nomes de pessoas que eles consideram cidadãos globais ativos, características dessas pessoas e atitudes que tiveram para fazer a diferença.

PALAVRAS FINAIS

Para culminar o momento de troca, após as discussões e exemplos, todos editaram uma nuvem de palavras que continha o seguinte questionamento: “O que significa ser um cidadão global ativo?”. Assim, compôs-se um conjunto de palavras que uniram as percepções dos estudantes de ambos os países.

Dentre as palavras em destaque constam ajuda, solidariedade, humanidade e doação, substantivos que reforçam a cidadania global ativa como algo que envolve engajamento e responsabilidade conjunta, o que foi assimilado e intensificado com essa experiência intercultural.





UMA DAS MELHORES EXPERIÊNCIAS DA MINHA VIDA



Autor: Luan Portella da Silva - IFFAR

Em meados de 2013, eu embarcava para uma das melhores experiências da minha vida. Naquela época, eu era aluno do curso de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal Farroupilha, campus Júlio de Castilhos. Minha jornada de intercâmbio me levaria para a cidade de Chicago, Illinois, para a Roosevelt University, oportunidade fruto do programa "Ciências Sem Fronteiras". O intercâmbio durou aproximadamente 18 meses.

Cheguei durante o verão com apenas uma semana para me instalar, mas, como tudo era novo, não me importei com a correria. Os alunos brasileiros foram alocados em dormitórios diferentes para incentivar que todas as conversas do dia a dia fossem realizadas em inglês. No primeiro semestre, participei apenas das disciplinas de língua inglesa, uma vez que eu não possuía proficiência no idioma. Como uma criança, precisei ser alfabetizado novamente e já experimentei um pouco do que seria o ensino norte-americano, que considero bastante individualista e com muitas atividades a serem realizadas fora do horário de aula.

Oficinas sobre as disciplinas acadêmicas e trabalhos comunitários eram ofertadas com frequência, porém, como a língua ainda era um empecilho, me dediquei exclusivamente às disciplinas do curso de inglês.

No segundo semestre, denominado bridge, podíamos começar a escolher algumas disciplinas voltadas a nossos respectivos cursos, mas era preciso manter pelo menos metade da carga horária ainda dedicada ao aprimoramento da língua estrangeira. Foram ofertadas disciplinas voltadas para modelagem matemática e lembro-me de que as dificuldades da disciplina somadas aos obstáculos linguísticos remanescentes tornaram esse semestre o mais difícil do intercâmbio. Soube através das redes sociais que vários alunos brasileiros desistiram neste período de transição. Com muito estudo e auxílio dos professores, que se mostraram solícitos em nos atender fora do horário de aula, conseguimos concluir as disciplinas com bom desempenho. Os docentes gostaram tanto do nosso esforço que nos convidaram para apresentar um trabalho sobre o sistema de presa-predador em outra universidade.

No intervalo entre o semestre bridge e o semestre final, o qual seria de recesso para os alunos das graduações, foram ofertadas disciplinas condensadas (cursos de verão), não apenas dos cursos específicos, mas de idiomas também.

A universidade oferece disciplinas durante todo ano, possibilitando, assim, que os alunos, caso tenham interesse, possam concluir a graduação antes do período padrão. Algumas dessas matérias são ministradas por professores estagiários ou são focadas mais na aplicação da disciplina, como por exemplo, o uso da matemática no sistema eleitoral norte-americano.

No semestre final, não era mais necessário cursar disciplinas da língua inglesa, então, escolhi conteúdos que poderiam contribuir mais com meu currículo. Uma característica interessante sobre o ensino das universidades norte-americanas é que você tem uma porcentagem do seu currículo para escolher disciplinas fora da sua área de atuação, como as de programação, idiomas, música, entre outras.

Tive a oportunidade de realizar o intercâmbio em um país tecnicamente mais desenvolvido que o nosso, com estruturas modernas, laboratórios de última geração, bibliotecas com acervos ricos e constantemente atualizados, salas de aula equipadas com tecnologia de ponta, vasto material de estudo à minha disposição e professores pesquisadores do mundo todo com diferentes expertises. No entanto, percebi que eles também têm problemas e o que mais me chamou atenção foi a competição exacerbada entre alunos, que além de isolar os sujeitos, afeta seriamente a saúde mental deles.

Ao retornar para o Brasil, tive dificuldade em me readaptar às particularidades do ensino daqui, como a burocracia excessiva e a limitação de recursos, mesmo assim, concluí o curso de graduação com êxito. Mantenho contato com os professores do Estados Unidos até hoje, trocando artigos e ideias. O intercâmbio será sempre um diferencial tanto para o estudante que pretende se tornar professor um dia quanto para aqueles que pretendem ingressar no mercado de trabalho em carreiras fora do magistério. Mais do que obter contatos internacionais, aprender uma nova língua, conhecer novas tecnologias e metodologias, o intercâmbio contribui para o amadurecimento do indivíduo. Além disso, o intercâmbio tem sido utilizado como ferramenta para estreitar laços com outras nações, mostrando o nosso país mundo afora, e para acelerar o desenvolvimento de inúmeras áreas da Ciência, promovendo a conexão com outras universidades e pesquisadores.



UMA AVENTURA NO CANADÁ

Autora: Maria Barbatho Goulart - IFF

Essa história não é um conto de aventuras, mas será iniciada assim... Era uma vez uma menina chamada Maria Barbatho Goulart, essa mesma que está aqui escrevendo esse texto. Eu sempre fui uma criança muito animada e vivia me aventurando em brincadeiras com meus amigos na rua. Além das brincadeiras como pique esconde e bandeirinha, uma das minhas preferidas era cantar músicas em inglês. Eu costumava ler as letras e me desafiar a pronunciar. Naquela época era só uma brincadeira, mas que já despertava em mim o sonho de aprender a língua inglesa.



A minha infância foi rodeada de incríveis experiências, mas como na vida de todos, alguns acontecimentos desagradáveis aconteceram, e por conta disso, desenvolvi certos medos que tinham nomes até difíceis de pronunciar na época, “Tensão de Estresse Pós-traumático e Síndrome do Pânico”, a minha psicóloga disse. Por algum momento cheguei a me perguntar se um dia seria capaz de sair de casa e viver uma vida plena como via a minha família e todas as pessoas ao redor fazendo, mas minha família sempre me manteve motivada e me incentivava a enfrentar os meus desafios.

A vida continuou acontecendo e me deparei com uma decisão importante: onde cursar o ensino médio? Em um colégio perto de casa, o que parecia ser mais seguro, ou em outro na cidade vizinha que oferecia um ensino integral e técnico? Parecia ser uma decisão bem simples, mas para chegar nessa escola mais especializada, eu deveria começar a enfrentar meu medo de sair de casa sozinha. Eu, que antes não entendia como poderia iniciar o enfrentamento do medo, percebi nos estudos uma oportunidade de começar. E, então, me candidatei para a vaga, fiz a prova e algum tempo depois recebi uma mensagem de texto via celular comunicando a aprovação. Foi um suspiro de alívio, não apenas pela aprovação, mas porque sabia que seria o início de uma aventura pessoal.

As aulas começaram, e eu iniciei meus estudos na área de alimentos, e logo percebi que seria a carreira dos meus sonhos. Os anos se passaram e veio aquela indagação complicada: o que fazer quando me formar? Eu tentei de todas as maneiras possíveis manter-me por perto da família, principalmente do meu pai, que tinha adoecido nessa época.

Tentei vagas nas faculdades próximas a minha casa. Um ano inteiro de tentativas malsucedidas me fizeram perceber que eu deveria dar uma chance para as faculdades mais distantes. Até que um dia a vaga dos meus sonhos chegou, fui aprovada em primeiro lugar no curso de Ciência e Tecnologia de Alimentos no Instituto Federal Fluminense. Uma faculdade de renome no interior do estado do Rio de Janeiro, mas a 333 km de distância da minha casa. A decisão foi difícil, eu teria que me mudar para um lugar completamente novo e muito distante da minha família. O peso da decisão foi maior, pois havia apenas três meses da repentina partida do meu pai. Porém, eu guardei um conselho dele no meu coração, que se parecia muito com o que eu buscava desde mais nova, ele disse que eu precisava viver mais, conhecer mais a vida e ir a novos lugares, e assim, apesar de tudo, senti que tomava a decisão certa de viver uma nova aventura.

O primeiro semestre foi um pouco complicado, rotina nova, matérias difíceis e a saudade difícil de lidar. Mas aos poucos, o IFF foi me apresentando os motivos pelos quais eu deveria estar lá. No meu 2º ano da faculdade fui aprovada em um projeto de pesquisa e extensão e pouco depois fui eleita a presidente da empresa júnior do campus e comecei a entender a importância de uma boa liderança nas organizações. A língua inglesa se manteve muito presente, principalmente no dia a dia acadêmico, através dos artigos científicos e pesquisas.

Com isso, eu esperava por uma oportunidade de desenvolver minhas habilidades de liderança e língua inglesa. Depois de algum tempo estudando em um curso de inglês on-line, decidi procurar por intercâmbios, mas os valores estavam muito acima do que eu poderia custear. Até que uma oportunidade inimaginável surgiu: um programa de intercâmbio gratuito para o Canadá, que além de ter a língua inglesa como oficial, fomenta os princípios de liderança de jovens de toda América. A princípio a ideia de ir para um novo país parecia ser muito distante, mas esse não seria o meu primeiro desafio.

A 1ª fase do processo consistia no envio de documentos e na declaração de atividades realizadas no IFF. A experiência na Empresa Júnior e a participação nos projetos de pesquisa foram essenciais para que eu pontuasse a maior nota entre os candidatos. Já a segunda fase foi uma entrevista em inglês e português, para comprovar que o aluno tinha o nível pós-intermediário da língua e conhecia a importância do programa. A entrevista foi realizada e eu fui aprovada. Havia ainda a última fase, em que o College of the Rockies, faculdade recebedora, avaliava o currículo do candidato.

Quatro meses depois o resultado saiu. Às 1h da manhã de uma quinta-feira, um e-mail chega ao meu celular, todo em inglês com cores que reforçavam urgência, era o e-mail da aprovação na seleção. A euforia tomou conta e eu quase não tinha sono para dormir, um sonho que parecia impossível estava se tornando realidade. No meio de todo frenesi as preocupações surgiram: será que aquela menina que mal saía de casa teria coragem de ir para outro país? Mas, pela primeira vez uma decisão foi tomada sem titubear e eu decidi que iria. Era tudo novo, eu nunca tinha ido a outro país, nunca havia voado de avião, nem entrado em um aeroporto. Os meses passaram muito rápido, e o tão esperado dia da viagem chegou.

A parte mais marcante foi a sensação da primeira decolagem, o frio na barriga, a pressão engraçada na cabeça e as lágrimas de alegria involuntariamente escorrendo pelos olhos.

A cada decolagem e pouso eu sentia que meus limites estavam se expandindo, e não se tratava somente de uma oportunidade acadêmica, eu estava vivendo um divisor de águas pessoal. Tudo se tornou mais nítido quando cheguei a Cranbrook, a primeira vez que senti o frio do inverno canadense no aeroporto de Toronto, a primeira vez que vi a neve cair, no dia de orientação da faculdade, a primeira vez que vi um cervo, voltando de um jogo de vôlei do College. Durante os quatro meses, imergi na cultura do país, na língua inglesa, cursei disciplinas desafiadoras, fiz amigos do mundo todo, conheci culturas completamente diferentes e uma natureza exuberante. No começo, senti medo por pensar que não conseguiria conciliar tantas mudanças, mas aos poucos fui me adaptando.

As disciplinas me proporcionaram experiências diferentes, através de Organizational Behaviour aprendi pela perspectiva canadense os processos e habilidades necessárias para me tornar uma boa líder, ao passo que aprimorava meu nível de inglês nas disciplinas imersivas de English Composition e Written and Oral Communication Skills, juntamente com colegas de classe de todo o mundo. As amizades do intercâmbio foram fundamentais, tive a chance de conhecer pessoas vivendo experiências similares e pude dividir com elas as alegrias e dificuldades de estar estudando longe de casa. A proposta do programa é promover oportunidade para líderes emergentes nas Américas vivenciarem experiências que se relacionam com a perspectiva que uma líder deve ter. Uma boa líder é capaz de compreender diferentes pontos de vista, e o ELAP, permitiu que esta habilidade fosse desenvolvida ao me aproximar de pessoas de lugares e históricos de vida diferentes, o que torna os líderes mais empáticos e atentos a novas realidades. O programa oferece a oportunidade de desenvolvimento acadêmico em uma faculdade canadense de prestígio com a base técnica que um bom líder precisa ter, e, por fim, o ELAP proporciona uma verdadeira imersão na língua inglesa, um requisito tão necessário para a comunicação entre diferentes populações. No final do intercâmbio me emocionei ao lembrar daquela menina que morria de medo de ir à rua e que se perguntava se seria capaz de sair de casa.

Dentro do meu coração, a mais de 10 mil km de distância de casa, respondi a minha criança interior que ela conseguiria sim, e muito além. Hoje, no Brasil, estágio em uma empresa da área de alimentos que em seus pré-requisitos solicitava exatamente as habilidades que desenvolvi no intercâmbio. Toda a minha trajetória me levou onde eu deveria estar, e o Emerging Leaders in the Americas Program foi uma maneira de evidenciar para mim e para todos os alunos das Américas a potência que a educação pode ter na vida pessoal e profissional de uma pessoa.

O programa me mostrou que eu poderia voltar a ser aquela menina aventureira, e que apesar das barreiras, sempre é possível mergulhar em uma nova jornada e se desenvolver de formas antes inimagináveis. E é por isso que, apesar dessa história não ser um conto de aventuras, eu gosto de me lembrar dela assim.





EXPERIÊNCIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO MUNDO ESPAÑOL

Autora: Maria Célia Cardoso de Lira - IFF



Em novembro de 2013, fui convidada pela professora Renilse Paula Batista a participar de uma mesa redonda sobre as perspectivas da prática de ensinar e aprender Língua Espanhola no Brasil, na Faculdade São José, em Itaperuna (cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro). Neste evento, intitulado I Encontro de Professores de Espanhol do Noroeste Fluminense, conheci a diretora do curso Mundo Español, Mariela Cristina, que apresentou um catálogo de programas de intercâmbio para alunos e professores em Buenos Aires.

Após esse primeiro contato, começamos as tratativas para levar um grupo de 8 alunos do último módulo de Espanhol do Centro de Línguas do Instituto Federal Fluminense CELIFF - campus Itaperuna para uma experiência imersiva de uma semana na capital argentina.

O primeiro passo foi conhecer mais sobre a proposta de imersão, desde a oferta do curso, assim como hospedagem e certificação para os alunos. Realizada esta etapa e constatada a seriedade do programa ofertado pela professora Mariela, iniciamos o processo no Instituto Federal Fluminense para saber como viabilizar o intercâmbio. Depois de 2 meses de longas conversas e verificação documental de ambas as partes (IFF e Mundo Español), marcamos uma reunião com os alunos do CELIFF e seus responsáveis para consolidar a proposta com eles. Esta reunião foi necessária para esclarecer as dúvidas a respeito da bolsa que cobriu todas as despesas do programa de intercâmbio (transporte, hospedagem, alimentação, curso, material didático e certificação). Além disso, tivemos um cuidado maior, pois neste grupo de 8 alunos, 4 eram menores de 18 anos e precisávamos organizar uma documentação específica dos responsáveis para a saída desses alunos do país.

No dia 31 de março de 2014, a van do campus Itaperuna nos conduziu ao aeroporto do Galeão/RJ, onde demos início ao intercâmbio. Sim, o programa começou já no aeroporto do Rio, pois para a maioria dos alunos era a primeira vez que viajavam de avião. Estavam todos muito ansiosos e alguns tensos por ser a primeira experiência naquele ambiente.

Chegamos a Buenos Aires no início da tarde e fomos direto para o alojamento deixar as malas. Em seguida, fomos almoçar no centro comercial da cidade e aproveitamos para conhecer a Calle Florida e Plaza de Mayo.

No dia seguinte, bem cedinho, nos dirigimos para o nosso primeiro dia de aula e lá iniciamos com uma palestra, onde recebemos o cronograma do curso com o conteúdo voltado especificamente para as dificuldades linguísticas do grupo. Esse modelo de curso foi organizado pela equipe da professora Mariela baseado nas informações que lhe passei a respeito da minha turma, pois como tínhamos pouco tempo (só uma semana de imersão), queria que os alunos pudessem aproveitar a experiência, aprofundando ao máximo seus conhecimentos em espanhol. Logo após a palestra, os alunos passaram por uma pequena avaliação, para que os professores do curso averiguassem as dificuldades dos estudantes e assim dar início às aulas.

A proposta do curso organizada pela equipe Mundo Español foi maravilhosa, muito didática e eficiente. Na parte da manhã, os alunos tinham aula de gramática e, à tarde, aula prática de comportamentos tipicamente culturais dos argentinos. As aulas práticas aconteceram tanto na sede do curso como nas ruas de Buenos Aires. Na sede, foram a de preparação e formas de consumo de mate (bebida típica da região) e a de tango. Nas de rua, os alunos receberam atividades para cumprir no mercado, no restaurante e em galerias de arte, onde precisavam colocar em prática o uso da língua, numa comunicação efetiva.

Lembro que, no primeiro dia, os alunos estavam muito assustados em estar na capital argentina, afinal, Buenos Aires é uma cidade grande, com prédios altos, elevadores, escadas rolantes, metrô... tudo o que não havia em Itaperuna. Essa diversidade fez com que eles valorizassem muito a oportunidade de estarem ali a aproveitassem cada experiência nova que lhes era proposta. Mas ao longo da semana, tive o privilégio de observar, de pertinho, não só o desenvolvimento linguístico-cultural deles, como também o amadurecimento que foram conquistando a cada dia.

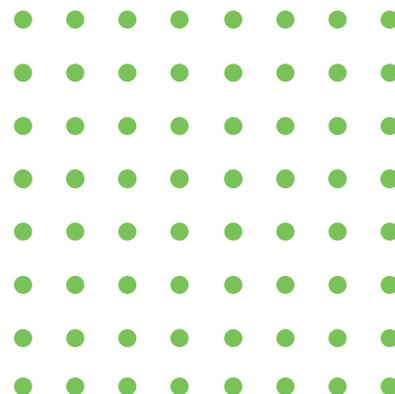
O intercâmbio é um braço da internacionalização que promove uma experiência única que, além de ampliar o conhecimento acadêmico, enriquece a formação integral do estudante, trabalhando - em cima dos desafios da comunicação em língua estrangeira - a autonomia, o senso crítico e o respeito à diversidade cultural.

Foi um presente acompanhar - mesmo depois de atuar por mais de 10 anos como professora de espanhol - a educação, pública e de qualidade fazendo a diferença na vida de alunos de uma cidade do interior do Rio de Janeiro. Esta experiência de internacionalização foi uma virada de chave na vida deles, permitindo que sonhassem com a universidade e com outros programas de intercâmbio. Ver alunos de 17, 18, 19 anos, que nunca tinham ido à capital do seu Estado, desbravando uma capital estrangeira foi uma das vivências mais marcantes na minha trajetória como professora, porque tive o privilégio de acompanhar o amadurecimento linguístico, cultural e pessoal de cada um deles. Foi incrível ver alunos que nunca tinham andado de avião, em apenas uma semana, voltarem para casa fazendo o seu próprio check in, escolhendo, pagando e conferindo o troco da sua própria comida, pedindo informação na rua para chegar a algum lugar desconhecido, sem medo de se perderem, porque na verdade já estavam “perdidamente” imersos na transformadora experiência de internacionalização.



CONTRIBUIÇÕES PARA A RELAÇÃO INSTITUIÇÃO-COMUNIDADE POR MEIO DA OFERTA DE CURSOS DE LÍNGUAS NO IFG - CAMPUS LUZIÂNIA

Autor: André Luiz dos Santos - IFG | Coautor: Schneider Pereira Caixeta



No ano de 2014, começamos a ofertar cursos de línguas para a comunidade da cidade de Luziânia - Goiás. Inicialmente, disponibilizamos os cursos de Inglês Básico e Espanhol Básico, com carga horária total de 140 horas, distribuídas por 02 encontros semanais de 03 horas cada, nos quais trabalhávamos o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Os cursos eram organizados em módulos, obedecendo às orientações do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas.

Devido à alta demanda de carga horária necessária para o desenvolvimento das atividades, foi necessário que a oferta ocorresse por meio de cursos de extensão na modalidade FIC (Formação Inicial e Continuada), o que nos impunha algumas condições, como critérios de seleção dos participantes, tais como: a idade mínima de 15 anos e ter terminado o Ensino Fundamental até a efetivação da matrícula.

Desse modo, nossos cursos foram compostos 80% por alunos entre 15 e 19 anos, que enxergavam nas aulas não só uma oportunidade para a aprendizagem de uma nova língua, mas também a possibilidade de frequentar um curso de uma instituição de qualidade referenciada na sociedade. Isso parecia algo distante da sua realidade, do seu contexto, pois ouviam dizer que o processo seletivo, tanto para o curso técnico integrado quanto para os cursos superiores, era acirrado e exigia muita preparação.

Assim, destacamos que o curso de línguas serviu para que o Instituto Federal de Luziânia - Goiás ganhasse maior visibilidade nas comunidades carentes da cidade, já que grande parte das alunas e alunos matriculados vieram dos mais variados bairros e até mesmo de cidades vizinhas. A grande procura se deu em virtude da divulgação da oferta dos cursos de línguas por meio de entrevistas concedidas para a TV local no noticiário do horário do almoço.

Acreditem, ofertamos duas turmas de língua inglesa de nível básico e uma turma de espanhol básico com a previsão inicial de 25 vagas para cada turma. No entanto, ao vermos o tamanho das filas que se formaram e diante da necessidade de entregarmos senhas, resolvemos ampliar a oferta de vagas de 25 para 30 por turma e, mesmo assim, nossa lista de espera alcançou um número superior a 200 interessados.

É importante mencionar que vários fatos somaram-se aos sonhos dos professores idealizadores e executores desses cursos de línguas, tais como o apoio da diretoria do campus, que forneceu uma sala de aula exclusiva para o ensino de línguas, equipada com armários, lousa digital, televisão, caixas de som; disponibilizou um servidor para ofertar um curso sobre a utilização da lousa digital para nós (idealizadores/professores) dos cursos de línguas; bem como recebeu o representante de uma renomada livraria especializada no ensino de línguas no nosso país, que prontamente doou os materiais do professor, gramáticas e livros para leituras. Além disso, recebemos ajuda também da gerência de pesquisa e extensão (GEPEX), que disponibilizou toda a sua equipe para auxiliar no processo de matrícula, rematrícula, busca ativa dos alunos que faltavam a mais de duas aulas consecutivas, para saberem os motivos das ausências e das desistências, para que os cursos ainda em realização pudessem, com essas informações, realizar correções e aperfeiçoamento.

Um fato interessante é que muitos dos alunos dos cursos de línguas oriundos da comunidade externa, quando ainda faziam o segundo ano, ou seja, o nível intermediário, realizaram suas inscrições nos processos seletivos para os cursos técnicos integrados, lograram êxito e tornaram-se alunos regulares da instituição.

Destacamos que a cada novo semestre, desde a implantação dos cursos de línguas, mais e mais pessoas se inscreviam e novos cursos de línguas começaram a ser ofertados, tais como: o Curso de Inglês para a 3ª Idade, o Curso Básico de Libras, o Curso de Estratégias para Preparação para Provas de Proficiência, como o TOEFL e o TOEIC e o Curso de Gramática da Língua Inglesa, todos com carga horária total de 40 horas, o que só foi possível porque novos professores e servidores tornaram-se colaboradores e apoiadores.

O que inicialmente era somente um curso de línguas foi ganhando cada vez mais espaço e tornou-se um centro de línguas, ofertando regularmente, por três anos consecutivos, aulas de inglês e espanhol nos níveis: Básico I, Básico II, Intermediário I, Intermediário II e Intermediário Superior, assim como realizando a aplicação de provas de proficiência, tais como o TOEFL-ITP e o TOEIC BRIDGE para alunas, alunos, servidoras e servidores do Instituto. Ademais, houve também o reconhecimento da relevância social dos cursos de línguas ofertados por parte da prefeitura de Luziânia, por meio da entrega de uma Menção Honrosa ao docente idealizador ainda durante o segundo ano de funcionamento dos cursos.

Atualmente, o centro de línguas não está mais em atividade, todavia deixou um legado - seu funcionamento está servindo como embrião para a criação do Centro de Línguas do Instituto Federal de Goiás, por meio da Diretoria de Relações Internacionais e, a nosso ver, os nossos cursos de línguas configuraram-se como uma das primeiras tentativas de internacionalização da instituição, mesmo que de modo local e resultante de algumas ações individuais realizadas por meio de ações de extensão dedicadas ao ensino de línguas.



CRUZANDO FRONTEIRAS, TRANSGREDINDO AS BARREIRAS COLONIAIS DE ACESSO À EDUCAÇÃO

Meu primeiro contato com o Instituto Federal de Goiás, Campus Anápolis, foi através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Eu me matriculei no curso de Espanhol, em 2013. Na época, minha pretensão era que o curso me ajudasse com o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nunca imaginei que ele me levaria tão longe. Em 2014, vieram as aprovações no vestibular: passei em três instituições públicas: em Licenciatura em História na Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) e no Instituto Federal de Goiás (IFG).

Optei pelo IFG, pois ficava localizado perto da minha casa e eu já conhecia a instituição. Ao longo da minha trajetória acadêmica, fui uma aluna dedicada e aplicada, aproveitando todas as oportunidades que a instituição oferecia. Participei de vários programas do IFG de bolsas de iniciação científica, PIBIC, PIBITI, PROEX e Monitoria; fui também voluntária em projetos, programas e comissões de representação discente; apresentei trabalhos em eventos locais e regionais. Nunca havia saído de Anápolis, então tive a oportunidade de conhecer outras cidades dos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul e também Salvador, na Bahia.

A participação em projetos, eventos e um bom desempenho acadêmico foram fundamentais para que eu preenchesse os critérios de pontuação do Edital do Programa de Bolsas Ibero-Americanas para Estudantes de Graduação-Santander Universidades (2018). O edital em questão estava aberto para dois países, Portugal e Argentina, era uma vaga para cada um deles. Eu optei pela Argentina para aprimorar o idioma e adquirir fluência, e 50% das vagas estavam reservados a candidatos que ingressaram na instituição por meio da política de ações afirmativas.

Eu tenho orgulho de ser cotista e poder usufruir das políticas de ações afirmativas; muitas pessoas que vieram antes de mim lutaram para que a efetivação do direito de



Autora: Dáguila da Silva Boaventura - IFG

pessoas negras não somente acessarem a educação pública e de qualidade, mas conseguirem permanecer na universidade. Realizei intercâmbio por seis meses na Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP), localizada a 415 quilômetros de Buenos Aires, capital da Argentina. Conheci pessoas de vários países: México, França, Colômbia, Paraguai, Estados Unidos, Bolívia, Venezuela e República Tcheca.

Fui recebida pelo Vice-Reitor da UNMDP, Federico Valcarce, no dia 11 de março na Faculdade de Humanidades da instituição, para quem entreguei a versão impressa dos documentos solicitados para a formalização do meu ingresso na universidade. Ele me explicou como funcionava o intercâmbio na instituição, as programações de eventos direcionadas para os intercambistas e o acompanhamento de tutoria que era realizado por estudantes da universidade que realizaram intercâmbio nos países de origem dos visitantes.

Mauricio Vouilloz, que me ajudou com a moradia estudantil, sistema de transporte da cidade, escolha das matérias que tinham compatibilidade com a matriz curricular do meu curso de origem. Além disso, ele me acompanhou em todos os eventos previstos pela coordenação de Relações Internacionais: Visita à Fábrica de Alfajores “Havana”, doce típico da Argentina, ao Museu Coletivo Faro da Memória e à Fábrica de Cerveja Artesanal Antares. Esse suporte de tutoria foi essencial para mim, emocionalmente; eu consegui conciliar estudos e socialização e gradualmente fui desenvolvendo confiança e me sentindo mais confortável e acolhida, amenizando a saudade da família e amigos do Brasil.

No hostel universitário onde morei por um mês, conheci Amália Diaz e Rocio Puebla Micaela, duas argentinas que se tornaram grandes amigas. Alugamos um apartamento e moramos por três meses juntas. Com elas aprendi muito, não somente sobre a comida, cultura e lugares da Argentina, mas também sobre a vida; elas estiveram comigo, quando fui informada de que meu pai estava na Unidade Intensiva de Saúde (UTI), no Dia das Mães, nos momentos de insegurança de elaboração dos primeiros trabalhos das muitas disciplinas que resolvi cursar.

Por ser a pioneira a representar a instituição nessa universidade, me empenhei muito academicamente; escolhi quatro matérias que contemplavam as áreas do meu curso. A disciplina de “Adolescência, Educação e Cultura” (Educação), “Opinião Pública e Mídias Sociais” (Ciência Política), Sociologia da Saúde (Sociologia) e Seminário Socioantropológico: Arte e Cultura do século XX, História e Estética do Cinema, o século das vanguardas (Antropologia). Obtive aprovação em todas e uma carta de bom desempenho acadêmico nessa última disciplina, na qual pude abordar um pouco sobre o cinema brasileiro. Sempre que possível, apresentava os contrapontos e particularidades do Brasil em sala de aula, em termos políticos, educacionais, sociológicos e antropológicos.

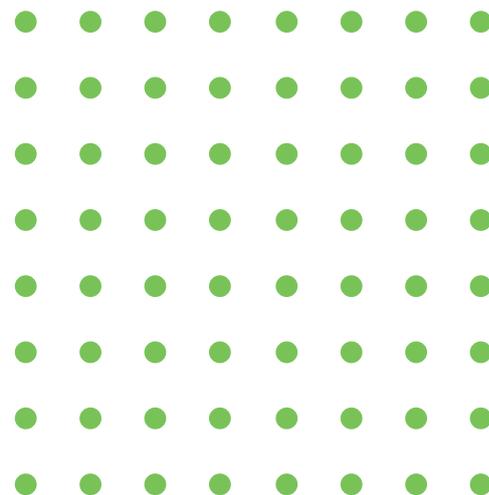
O intercâmbio para mim foi a realização de um sonho, sendo uma das experiências mais desafiadoras e bonitas que já vivenciei até agora.

Destaco as feitura educacionais, pois para mim as minhas maiores conquistas estão relacionadas ao conhecimento. Sou a quinta de seis filhos e a primeira mulher da casa a ingressar na universidade. O intercâmbio foi fundamental para o meu ingresso no mestrado e sou atualmente contratada como tradutora de espanhol para dois alunos venezuelanos que estudam em uma escola estadual na minha cidade.

O trabalho que desempenho consiste em acompanhar os alunos em sala de aula; eu traduzo as aulas para eles de forma instantânea, estabeleço a ponte de diálogo entre a família, coordenação e professores. Faço a leitura e interpretação dos exames avaliativos, aulas de reforço de português, com treinamento de leitura e escrita do idioma.



INTERCÂMBIO SOCIOCULTURAL DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO CAMPUS IPORÁ - EM BUENOS AIRES, ARGENTINA



Autor: Bruno Silva de Oliveira - IF GOIANO
Coautores(as): Jaciane Martins Ferreira; Juliana Borges Minotto;
Natalia Leão Prudente; Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva

Nós, professores da área de Letras do IF Goiano, Campus Iporá, observamos que muitos de nossos alunos têm interesse em estudar línguas estrangeiras, mas que cursar duas línguas estrangeira estava sobrecarregando-os e o rendimento na aquisição de uma segunda língua estava comprometido, por uma série de fatores, como: carga horária semanal elevada; muito alunos em sala de aula, dificultando as práticas orais; foco apenas na língua estrangeira que seria a opção dele no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Visando melhorar a qualidade do ensino de língua estrangeira, os docentes reestruturaram a disciplina, possibilitando que o aluno escolhesse apenas 1 (uma) língua para estudar durante os 3 (três) anos e, caso ele quisesse estudar a outra língua estrangeira ofertada pela instituição, ele cursaria no Centro de Línguas do próprio Campus, pois sabemos da importância da Língua espanhola para a formação pessoal e acadêmica do indivíduo. Ao oferecer cursos de Espanhol gratuitos para os alunos regulares e para a comunidade iporaense, o IF Goiano trabalharia com dois eixos base da instituição: o ensino e a extensão.

Em 2019, ao observarmos uma melhora nas habilidades orais e escritas dos alunos na língua que escolheram, fruto da mudança na matriz curricular e na nova estrutura da oferta da disciplina de língua estrangeira, nós, os docentes da área de Letras, em articulação com o setor de Extensão, a Direção Geral do Campus Iporá e a Unidade de Assuntos Internacionais, lotada na Reitoria do IF Goiano, pensamos em um intercâmbio sociocultural na Argentina; em que os alunos da disciplina de Língua Espanhola fariam uma imersão na língua e na cultura do país vizinho. Dominar o espanhol é abrir portas para o mercado de trabalho, oportunidades de estudo, e outras situações, assim como no processo de pertencimento do mundo, uma vez que se trata da segunda língua mais falada no mundo por número de falantes e do segundo idioma de comunicação internacional. A língua espanhola é importante para cultura, negócios, política e vida acadêmica dos indivíduos.

Na primeira experiência, ainda no ano de 2019, o Campus Iporá publicou um edital com 9 (nove) vagas para alunos com renda per capita igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo, que estivessem com matrícula ativa na instituição, seja nos cursos técnicos, de formação inicial ou continuada (FIC) ou superiores, e estivessem matriculados na Língua Espanhola.

O sucesso e a procura pelo projeto acabou gerando um aumento de 5 (cinco) vagas, totalizando o envio de 14 (catorze) estudantes acompanhados por 7 (servidores) servidores entre responsáveis e que estariam em capacitação.

A viagem ocorreu entre os dias 14 e 21 de dezembro de 2019. Nessa semana, além da oportunidade de vivenciar a cultura, os alunos participaram do curso de Língua Espanhola em diferentes níveis. No primeiro dia de curso, professores, na escola de idioma, fizeram entrevista e prova escrita com os alunos para direcioná-los ao nível de cada um. Desta forma, os alunos tiveram a oportunidade de estudar com colegas de diferentes partes do mundo e se relacionarem por meio da Língua Espanhola.

No período matutino, os alunos assistiam às aulas de Língua Espanhola e, no período vespertino, os servidores acompanhavam os alunos em uma atividade cultural em Buenos Aires. Dentre as atividades socioculturais desenvolvidas, listamos: a visita à Casa Rosada, sede do poder executivo do país; excursão ao Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), onde pudemos ter acesso a diversas obras de arte, dentre elas as produzidas por Tarsila do Amaral; fomos ao Caminito; tiramos fotos com a estátua da Mafalda; também conhecemos a zona portuária de Buenos Aires e a Floralis Genérica; como também levamos os intercambistas para comer um tradicional churrasco argentino.

A experiência foi singular para os participantes, gerando um impacto positivo na formação dos envolvidos e na continuidade dos estudos deles, visto que muitos ingressaram em cursos superiores e continuaram a estudar a Língua Espanhola. A ida para Buenos Aires gerou um interesse dos alunos pela língua, uma vez que o número de alunos ingressantes na disciplina em 2020 foi maior do que nos anos anteriores. Mas, com a pandemia de Covid-19, não conseguimos publicar editais para o intercâmbio nos anos de 2020 e 2021.

Em 2022, depois das atividades presenciais terem voltado ao normal, retomamos o programa de intercâmbio sociocultural para a Argentina. Nesse ano, conseguimos contemplar 16 (dezesesseis) alunos regularmente matriculados em cursos técnicos e superiores do IF Goiano Campus Iporá e que possuíam renda per capita igual ou inferior a 1,5 salário. Eles embarcaram para Buenos Aires no dia 26 de novembro de 2022 e voltaram para o Brasil no dia 03 de dezembro de 2022. A experiência de 2022 seguiu os moldes da de 2019: no período da manhã, eles assistiam às aulas na escola de idiomas e, no período da tarde, realizavam as visitas socioculturais pela cidade.

Em 2023, o edital do intercâmbio já foi publicado e executado. O IF Goiano Campus Iporá enviará uma nova delegação de servidores e alunos no mês de outubro para realizar um curso de aprimoramento na Língua Espanhola e realizar visitas socioculturais na capital portenha.



“ OPORTUNIDADE DE REALIZAR UM ESTUDO INTERNACIONAL



Por: Luiza Ferreira Rezende de Medeiros - IF GOIANO

angústia e preocupação, instigaram o meu interesse, já de longa data, em aprofundar aspectos relacionados à promoção da empregabilidade nos contextos das Instituições de Ensino Superior (IES). Um estudo que possibilitaria a compreensão em nível macro (estrutural, nacional) e em nível meso (institucional, contextual, universitário) e com potencial para contribuir com o nível micro (trajetos e projetos dos estudantes), por meio de espaços formativos que potencializariam o desenvolvimento dos estudantes.

Após 14 anos de docência, em 2022, pareceu-me importante um aprimoramento em minha área de atuação, que envolve as transformações do mundo do trabalho e suas implicações na contemporaneidade. Alguns questionamentos constituíram-se como bússola de orientação, tais como: quais são as ações de apoio e a promoção da empregabilidade e de carreira propostos nos Institutos Federais?

O presente texto busca promover uma reflexão sobre os desafios, experiências e significados relacionados à realização do estágio de pós-doutorado cursado na Universidade do Minho, sediada em Braga, Portugal. Essa oportunidade de realizar um estudo internacional constituiu um momento singular na carreira desta servidora docente da Rede Federal, possibilitando aprimoramento e amadurecimento metodológicos e epistemológicos, ampliação de relacionamentos e intercâmbios profissionais e culturais. Uma oportunidade ímpar, viabilizada e estimulada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus Rio Verde, por meio de participação em um edital público para capacitação de servidores (mestrado, doutorado e pós-doutorado).

Em 2008, com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, o ensino superior nesses contextos foi reorganizado ao promover novas oportunidades de formação acadêmica qualificada e contribuir para o desenvolvimento econômico e social em instituições universitárias em diferentes regiões do país. No Instituto Federal Goiano, Campus Rio Verde, fui procurada por uma aluna da graduação para expor suas ansiedades em relação à construção de sua carreira profissional, assinando que não se sentia preparada para trabalhar no curso no qual estava prestes a se formar. Seus depoimentos, carregados de

Em que medida estas ações têm possibilitado a construção de redes e pontes com o mercado de trabalho? O que tem sido proposto em outros países e instituições sobre essa temática? A busca de respostas para essas questões coloca um dos primeiros desafios para viabilizar a saída para capacitação, que é a construção de um projeto científico e a localização de uma instituição internacional que pudesse contemplar tais temas de interesse. Conhecia os programas de estratégia econômica Europa 2020, tanto o programa de investigação científica e de inovação Horizon2020 quanto o Programa “Youth on the Move”, iniciativas lançadas pela Comissão Europeia que propunham medidas essenciais objetivando ajudar os jovens a adquirirem os conhecimentos, as competências e a experiência necessários para conseguir o seu primeiro emprego.

Integrante desses programas, escolhi Portugal como país para compreender as propostas de empregabilidade em função de registros, especialmente nas últimas décadas, de uma profunda transição educativa, sobretudo nas gerações mais jovens. Com uma elevação do nível médio de qualificação geral, estas gerações testemunham o investimento recente em políticas educativas e iniciativas específicas de qualificação e reconhecimento de competências. Impulsionado pelos desafios colocados pelo Processo de Bolonha, observa-se no contexto português, um duplo papel e esforço das Instituições de Ensino Superior (IES) - o esforço por melhorar seus programas de estudos por um lado e, por outro lado, o crescente suporte à empregabilidade dos seus diplomados em um mercado de trabalho cada vez mais volátil. Assim, o cenário português combinava uma série de elementos que cancelavam os objetivos que me interessavam e, com os dados da investigação, poderia construir um mapeamento das práticas de promoção da empregabilidade abrangendo as realidades portuguesa e brasileira.

O estágio de pós-doutoramento foi realizado na Universidade do Minho, Campus Braga, no Centro de Investigação em Educação- CIEd, sob a supervisão da professora Silvia Monteiro, que disponibilizou uma infraestrutura para meus estudos que incluía um gabinete equipado com aquecedor, um item indispensável nas estações de outono e inverno, acesso às bibliotecas presenciais da UMinho, inclusive a belíssima biblioteca situada no centro de Braga, a biblioteca setorial do Instituto de Educação e ao RepositóriUM. Durante esse período, que foi de setembro a fevereiro, participei de vários eventos nas cidades de Braga, Porto, Coimbra e Lisboa e conheci universidades de referência como a Universidade de Porto e a Universidade de Salamanca. Em tais eventos, conheci pessoas de várias partes do mundo, com realidades institucionais e perspectivas acadêmicas diversas, estabelecendo com alguns diálogos de projetos futuros. Destaco minha participação na Conferência Pós Doutoral - CIEd realizada na Universidade do Minho, na qual ministrei palestra aberta ao público, apresentando os dados da pesquisa conduzida no contexto português. Um outro aspecto que muito me orgulhou em terras lusitanas foi a estreita relação entre os Politécnicos Portugueses e muitos Institutos Federais brasileiros, dentre os quais cito com muita alegria o Instituto Federal Goiano.

Quanto à proposta de pesquisa, inicialmente esboçou-se uma pesquisa de campo, contudo o tempo exíguo e os documentos necessários para a aprovação no comitê de ética português, o qual tem uma legislação tão rigorosa quanto a brasileira, fez com que se alterasse essa estratégia. Optou-se pelo desenho original de conduzir a investigação por meio de uma técnica de etnografia virtual. O uso dessa metodologia ainda é incipiente no Brasil e poder conhecer e conduzir uma pesquisa nessa perspectiva possibilitará o incremento dos projetos de pesquisa conduzidos no Instituto Federal Goiano, principalmente no âmbito da graduação, na qual muitas vezes os estudantes utilizam como único meio de coleta de dados a internet.

O processo de Bolonha transformou de forma profunda os cursos, colocando o tema da empregabilidade na agenda das IES e no debate público, impondo exigências ainda que controversas tais como o tempo de entrada no mercado de trabalho, taxas de emprego e desemprego, setores e empresas onde os graduados exercem funções, situação salarial, atividades e cargos exercidos, dentre outros. Ao realizar o mapeamento das várias atividades existentes e desenvolvidas pelos serviços de apoio à empregabilidade e carreira dos institutos politécnicos que compuseram a amostra, constatei práticas “embrionárias”, consistindo apenas na divulgação de ofertas e de eventos “pontuais” relacionados com a empregabilidade, e também práticas diferenciadas e sofisticadas, tais como as propostas pelo Instituto Politécnico de Coimbra, das quais destaco os dispositivos de apoio à transição para o trabalho que compõem o Programa Trilhas e a proposta de mentoria profissional ofertada tanto para o graduando quanto para o diplomado (egresso). Em comum, as instituições investigadas apresentavam um Portal de Empregabilidade bastante interativo e funcional, que aproximava principalmente as organizações empregadoras. Essa aproximação visava minimizar uma queixa recorrente observada na literatura que se refere ao distanciamento observado entre as IES e o mercado de trabalho.

Concluo enfatizando que as orientações da professora orientadora, o acesso a um referencial teórico e metodológico bastante inovador, a participação em eventos e seminários e a submissão de artigo científico abrilhantaram uma experiência que me encorajou a propor um ebook socializando o mapeamento de dados portugueses e brasileiros, contribuindo com a promoção da empregabilidade de estudantes dos Institutos Federais brasileiros. Os resultados obtidos também contribuem para estabelecer novas linhas de investigação e incentivam projetos de extensão voltados para o desenvolvimento da empregabilidade dos estudantes, temática ainda pouco explorada nas IES brasileiras.





MINHA EXPERIÊNCIA COMO ESTUDANTE E PROFESSORA NOS E.U.A.

Autora: Juliana Sales Viegas Castelo Branco - IFMA

Em 2015, quando surgiu o edital da SETEC/ CAPES NOVA, para um curso de capacitação destinado a professores de inglês da Rede Federal na Northern Virginia Community College (NOVA), eu já tinha viajado para o exterior, entretanto, apenas como turista. Vivenciar o cotidiano de uma Community College como estudante e professora foi uma experiência muito enriquecedora - e não me refiro apenas ao campo acadêmico!

Foram selecionados 75 professores de diversos estados do Brasil, os quais foram divididos em dois grupos. Metade foi para a Califórnia e a outra metade para a Virgínia. Fiquei no grupo que foi enviado à Alexandria-VA, uma cidade histórica localizada próxima à capital americana, Washington D.C.

É importante destacar que Community College é uma instituição de ensino profissionalizante, com cursos de menor duração e mais acessíveis financeiramente em comparação aos cursos das universidades. Seu processo seletivo é mais rápido e menos exigente, e serve como uma introdução para, posteriormente, o aluno complementar seus estudos em uma universidade tradicional.

São instituições muito procuradas por estrangeiros que estão tentando aprimorar o inglês para terem mais chances de conseguir emprego ou entrarem em uma universidade. Acredito que esta particularidade potencializou nossa experiência, pois tivemos contato com estudantes de língua inglesa de diversas partes do mundo, como Colômbia, Turquia, Costa do Marfim e China.

Cursamos o Teaching English to Speakers of Other Languages (TESOL), com uma programação voltada ao ensino da língua inglesa para falantes de outras línguas, abordando metodologias de ensino das quatro habilidades, manejo de classes heterogêneas, uso de tecnologia e materiais autênticos, dentre outros tópicos. Outra parte do programa tratou da história e cultura dos Estados Unidos, pois sabemos que não dá para dissociar o estudo de uma língua do contexto cultural que a rodeia.

Trabalhamos os conteúdos do curso em sala de aula pela manhã e, nos turnos da tarde e da noite, fizemos observações e atuamos como assistentes dos professores de inglês da NOVA.

Pudemos entender a dinâmica do funcionamento de uma Community College de ambos os lados, como alunos e como professores, o que nos deu melhores condições de compreender esta parte específica do sistema educacional norte-americano.

Fizemos algumas visitas técnicas intermediadas pelo programa, como à Embaixada do Brasil em Washington, ocasião em que alguns alunos da Rede Federal que estavam fazendo intercâmbio também foram recebidos pelo embaixador brasileiro. Fomos à Casa Branca, visitamos a Georgetown University e conhecemos a TC Williams High School, onde também pudemos observar diferentes classes, não apenas durante aulas de língua inglesa.

As oportunidades de aprendizado realmente extrapolavam os muros da NOVA, haja vista que viver nos Estados Unidos durante oito semanas nos proporcionou conhecer novos nuances do idioma por conta da imersão cultural em situações simples do cotidiano: pegar ônibus/metrô, fazer supermercado, abrir conta em banco, visitar museus... Inevitável fazermos algumas comparações com nossa realidade brasileira. Lamentamos que ainda tenhamos um longo caminho a percorrer em determinados aspectos, como o funcionamento do transporte público, por exemplo. Mas em outros acabamos por valorizar ainda mais nossa cultura.

Para não perder os detalhes e permitir que meus alunos pudessem acompanhar mais de perto esta aventura, criei um blog, o <https://juintheusa.blogspot.com/>, no qual ia compartilhando algumas curiosidades através de textos e fotos. Deixá-los a par do que estava acontecendo pareceu-me uma boa alternativa para que fizessem essa viagem junto comigo e de instigá-los a pensar que algum dia poderiam ser eles a desfrutarem de uma experiência assim. E, claro, incentivá-los a estudar inglês!

De acordo com o edital da SETEC/CAPES NOVA, cada professor deveria apresentar um plano de trabalho, que trouxesse uma contrapartida para a comunidade acadêmica. Minha proposta foi um curso de conversação em inglês com foco no Task-Based Language Teaching (TBLT), metodologia dentro da abordagem comunicativa, baseada em tarefas, e que sugere que o aluno tenha contato com atividades autênticas e relevantes para seu contexto acadêmico e profissional. Também passamos a ministrar preparatórios e aplicar testes de proficiência em nosso Campus, posto que até então alunos e servidores precisavam se deslocar para outros campi do IFMA para fazê-los.

Acredito ter atingido o objetivo do meu plano de trabalho: fomentar o ensino da língua inglesa em Timon e contribuir para o fortalecimento da política de internacionalização dos Institutos Federais, oferecendo subsídios e incentivo à comunidade escolar para participarem dos editais de mobilidade acadêmica. Contudo, reforço que ações nesse sentido devem ser uma constante, e devemos batalhar para que mais servidores e alunos possam também ter suas experiências acadêmicas internacionais.

Agradeço à SETEC, à CAPES e à NOVA pela oportunidade de colocar em prática a teoria aprendida ao longo dos anos em cursos de conversação e nos bancos da universidade e pela importante qualificação e atualização no Lattes. Ainda, agradeço com carinho ter conhecido, convivido e aprendido com esse grupo tão especial que me acompanhou nesta jornada, meus colegas de trabalho espalhados por este Brasil afora: Ailton, Alana, Aline, Ana Angélica, André, Antônio, Camila, Carla, Carlos Fabiano (in memoriam), Cláudia B., Cláudia S., Daniele, Elane, Emerson, Felipe, Fernanda D., Fernanda K., Graziela, Gunther, Jannine, Jaqueline, Lauro, Lênia, Liane, Luciano, Luiz Eduardo, Maria Clara, Mayelli, Nilson, Patrícia, Paula, Suelene e Wesley. The struggle is real, but together we stand!





MISTURA DE FELICIDADE E GRATIDÃO

Autora: Vitória Maia Machado - IFMA

Meu nome é Vitória, atualmente sou uma jovem estudante de Bacharelado em Agronomia, mas minha história de internacionalização no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) começou em 2019, eu tinha dezesseis anos quando soube que poderia cursar uma língua estrangeira na instituição, sempre estive ciente das oportunidades dentro do IFMA e após começar o curso de Língua Francesa no Campus São Luís - Centro Histórico dei início à busca do meu primeiro sonho acadêmico.

Durante um ano, trabalhei no projeto de extensão Casa das Línguas, sendo bolsista e também aluna no curso de Francês, foi um período de muito trabalho, durante o qual me dediquei bastante, tive muitos altos e baixos tentando aprender esse novo idioma, mas também vivi experiências incríveis imergindo na cultura francesa através de diversos eventos que realizávamos no curso, como rodas de conversa, palestras com nativos e cine-debates, aos poucos fui cultivando uma grande paixão pela Língua Francesa e me preparando para quando surgisse a oportunidade de intercâmbio.

Em 2020 fiz o teste de proficiência linguística através do IFMA e consegui meu diploma de nível intermediário, sabia que era um grande passo para o intercâmbio, até então a instituição tinha aberto portas para que eu estudasse e obtivesse as qualificações necessárias, eu estava bem confiante. No entanto, quando comecei a cursar a graduação dentro do IFMA, as expectativas esfriaram um pouco, mudei de área de estudos e comecei novos projetos, o intercâmbio ainda era um sonho, mas parecia um pouco mais distante de ser alcançado, mal sabia eu que estava caminhando para o lugar certo e na hora certa.

Em 2022 recebi uma das melhores notícias da minha vida acadêmica, o IFMA tinha realizado um convênio com uma instituição francesa e iria enviar o primeiro aluno para um intercâmbio de 8 meses, sendo este diretamente ligado à minha área de estudos, as Ciências Agrárias, nesse momento eu soube que meu sonho estava mais perto do que eu imaginava.

Durante o ano inteiro, comecei a trabalhar para ter um currículo ideal para o intercâmbio, era meu segundo ano de graduação e eu só pensava em me dedicar ao máximo para a vaga no intercâmbio do ano seguinte, participei do desenvolvimento de diversos projetos de pesquisa e me esforcei ao máximo para conseguir um bom índice de rendimento acadêmico, além de retomar a todo vapor meus estudos da Língua Francesa.

E então, aconteceu... em janeiro de 2023, o Instituto Federal do Maranhão lançou o Edital de mobilidade acadêmica como Serviço Cívico na França, o intercâmbio tinha como missão promover a interculturalidade trabalhando no Instituto Saint Joseph e no Lycée Franz Stock, duas instituições francesas parceiras do Instituto Federal do Maranhão, além de trabalhar em projetos para o Fórum Franco-Brasileiro de 2023.

Obviamente como muitos editais, eu tive que apresentar meu currículo e meu diploma de proficiência na língua francesa, foi uma mistura de tensão, medo, alegria e ansiedade, tinha me preparado para aquele momento desde a adolescência, e logo estava esperando a divulgação de um resultado que mudaria minha vida completamente.

Quando o resultado do edital saiu, eu simplesmente não consegui acreditar que tinha passado, chorei muito, finalmente tinha conseguido, foi um momento mágico na minha vida, a satisfação de ter feito toda uma jornada dentro do IFMA até chegar ao tão sonhado momento do intercâmbio me acompanhou até o dia do embarque, quando de fato minha ficha caiu, eu estava embarcando para França para viver meu primeiro intercâmbio e representar o IFMA.

Quando cheguei à França no dia 25/03/2023, eu mal podia acreditar, juro que ainda era irreal na minha cabeça, todos ao meu redor falando francês o tempo todo e, adivinha? Eu entendia o que falavam e conseguia me comunicar sem dificuldade! Isso significou que todo esforço investido durante os anos de curso de francês no IFMA tinha dado um resultado verdadeiro.

Foi o início de uma grande aventura, o colégio em que eu trabalharia era um Castelo, sim, você não leu errado, um castelo de verdade, construído em pedra talhada e com uma arquitetura do século 17, algo que pareceu surreal. Eu cheguei ao Castelo de Mesnières-en-Bray e fui muito bem recebida, os professores da instituição eram muito gentis, e logo comecei minha missão.

Minhas atividades se dividiam entre fazer apresentações de diversos temas sobre o Brasil (cultura, culinárias, agricultura, etc.) e participar de aulas práticas com os alunos da instituição, toda semana tinha uma aula prática de floresta, onde partíamos para passar uma manhã ou tarde inteira na floresta tendo aulas sobre aspectos botânicos e econômicos das florestas, algo muito enriquecedor, pois conheci biomas e muitas espécies novas de plantas, as quais não seria possível conhecer onde eu moro.

Também tive aulas semanais de meio ambiente e agronomia, onde fiz diversas visitas técnicas em fazendas, praias e bosques, para conhecer sistemas de produção, falar sobre ecologia, fauna, flora e ecossistemas, foram aulas incríveis, pude conhecer muitos locais diferentes e adquirir muito conhecimento técnico.

Uma vez por semana eu trabalhava nas estufas hortícolas, um lugar lindo, cheio de flores e plantas que eu nunca tinha visto na vida, botávamos a mão na massa a tarde inteira plantando, limpando áreas e fazendo o planejamento e organização dos espaços da estufa, ao final do dia eu estava muito cansada, mas bastante feliz, pude conhecer muitas espécies diferentes e aprendi muitas noções de ornamentação.

Foram quase quatro meses intensos e maravilhosos trabalhando com as classes no castelo de Mesnières-en-Bray, durante esse tempo, paralelamente também trabalhei em ações de internacionalização juntamente com o Castelo de Mesnières, recebemos alunos argentinos e fizemos juntos uma grande visita turista a Paris e diversas visitas em fazendas e pontos turísticos.

Quando o período de férias dos alunos chegou, eu descobri um novo trabalho maravilhoso no Castelo de Mesnières, eu iria trabalhar como guia do castelo, fazendo visitas guiadas em francês para turistas de várias partes do mundo, trabalhei no mês de julho e agosto nessa função e foi uma das experiências mais geniais que eu já tive, eu conheci pessoas de vários países, além de aperfeiçoar meu francês, algo muito gratificante para mim.

Após esse período como guia, tinha chegado a hora de trocar de instituição, e assim também chegamos ao meu presente momento. Atualmente setembro de 2023, estou no Lycée Franz Stock, na segunda fase do meu intercâmbio, tudo que contei até agora sobre o intercâmbio se passou entre o final de março e o mês agosto.

Todos esses meses até o atual momento eu também trabalhei para o Fórum Franco-brasileiro, uma das minhas missões como Serviço Cívico, ajudar a desenvolver um projeto acadêmico e cultural entre o Castelo de Mesnières e o IFMA, um grupo brasileiro e um grupo francês trabalhando juntos, para apresentar os resultados no grande Fórum Franco-Brasileiro. Além de trabalhar com outros colégios franceses e institutos federais no Brasil que farão parte do Fórum.

Atualmente eu me sinto muito feliz por estar tendo essa experiência, volto para o Brasil em novembro, mas até lá sei que ainda terão muitas aventuras e muito trabalho a ser realizado para o Fórum Franco-Brasileiro e no colégio em que me encontro atualmente. Embora meu intercâmbio ainda não tenha acabado, cada dia que eu acordo vivendo essa experiência eu sinto uma mistura de felicidade e gratidão. O Instituto Federal do Maranhão me abriu portas para o caminho da internacionalização desde o aprendizado de uma língua nova até a oportunidade do intercâmbio, e eu espero que muitos outros alunos acreditem e busquem dentro instituição caminhos como este.





AMIZADE, FRATERNIDADE E BENEVOLÊNCIA: HISTÓRIAS CRUZADAS ATRAVÉS DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Autora: Alda Maria Luiza Moura de Queiroz Sá dos Santos - IFMG

Participamos do programa Internacionaliza, da Diretoria de Relações Internacionais (DRI) do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). O IFMG selecionou 5 estudantes para realizar o intercâmbio em Portugal, na cidade de Bragança, no 1º semestre de 2023. Fomos duas das selecionadas neste processo seletivo, sendo Alda Maria L. M. de Queiroz Sá dos Santos, estudante de Arquitetura e Urbanismo no campus Santa Luzia e Isabela Lima Santos, estudante de Letras Inglês/Português no campus Congonhas.

Esse relato poderia ser unicamente sobre a nossa experiência acadêmica, pois ter a vivência em uma instituição europeia é enriquecedora. Também poderia ser sobre o quanto voltamos deste intercâmbio valorizando muito mais o ensino público federal do Brasil. Também podíamos listar todos os ganhos profissionais que podemos enxergar com o intercâmbio ou as disciplinas que cursamos. Entretanto, esse relato será sobre uma das coisas mais importantes que aprendemos sobre este processo: a amizade. Antes de sermos alunas, intercambistas e acadêmicas, somos pessoas lidando com esse acontecimento único que é a internacionalização. Sendo assim, as relações pessoais que desenvolvemos nesse processo foram primordiais; pudemos passar por isso da melhor forma possível.

Certa vez nos disseram sobre a internacionalização, que poderíamos ir só, mas que jamais voltaríamos da mesma forma. Ir para outro país faz com que a gente traga uma bagagem muito maior para casa e isso é o mais clichê a ser dito. Mas não sabíamos que passar por essa experiência poderia ser algo tão ambíguo, afinal, ao mesmo tempo que estar sozinho te transforma drasticamente em uma pessoa mais resiliente e independente por enfrentar situações inimagináveis, lidar com pessoas totalmente diferentes, com uma cultura e território novos, essas situações também te transfiguram em um ser humano humilde e aberto para ser acolhido e amado.

A solidão do intercambista faz parte desse período que pode ser, por muitas vezes, doloroso. Mudar dói. Sair de casa dói. Deixar o nosso país dói! E a nossa fragilidade consegue nos unir em fraternidade, porque o medo toma conta de todos os nossos sentimentos. Medo de não conseguir, medo de ficar doente, medo de não aprender uma nova língua, medo de não se adaptar, medo de não ser, medo de sentir medo!

Somos seres humanos, estamos condicionados a estarmos em alerta quando a situação nos exige e estávamos preparadas para isso, preparadas para a ansiedade, para tristeza, para a angústia de estar só.

Tudo é mais intenso, a sensação de estar vivendo além do tempo convencional. Emoções mais afloradas, sentimentos únicos e experiências, sejam elas boas ou não, extremamente marcantes. Estar em um país diferente, longe da nossa zona de conforto nos força a sermos mais profundos em tudo, principalmente ao sentir tudo que está acontecendo a nossa volta.

Embarcamos neste sonho juntas antes mesmo de nos conhecermos. Fomos selecionadas pelo mesmo edital, no entanto, não nos conhecíamos antes e, na verdade, só nos encontramos pessoalmente em Portugal. Mas, no mesmo dia em que foi publicado o resultado, nos encontramos em redes sociais e passamos por todo o processo uma do lado da outra. A angústia de separar a documentação para tirar o visto, o medo de comprar as passagens e oscilar o preço, a incerteza de onde vamos morar, do que vamos comer, a insegurança de irmos sozinhas e deixar as nossas pessoas amadas para trás e de embarcamos em um avião com o destino mais desafiador de nossas vidas. Tudo isso foi compartilhado.

A questão aqui é que nós somos selecionadas sozinhas para viver um intercâmbio, mas nunca estamos sozinhas indo viver isso. Ao chegar na nova cidade, nos deparamos com centenas de estudantes na mesma situação que nós, que também deixaram o seu país de origem, a sua casa e as pessoas que mais amam para estar ali naquele lugar. Se olharmos com carinho, somos apenas muitos corações com medo, juntos, nunca sozinhos. Nos preparamos para o semestre no exterior desde que recebemos a notícia de que havíamos passado no edital, porém, não esperávamos que não estaríamos preparadas para tudo de bom que a internacionalização poderia oferecer. Foi surpreendentemente emocionante perceber que a nossa vulnerabilidade nos permitiu conhecer pessoas maravilhosas, deixando-nos aberta para amar tão rapidamente uma gente tão diferente de cada uma de nós e de lugares tão distantes do nosso.

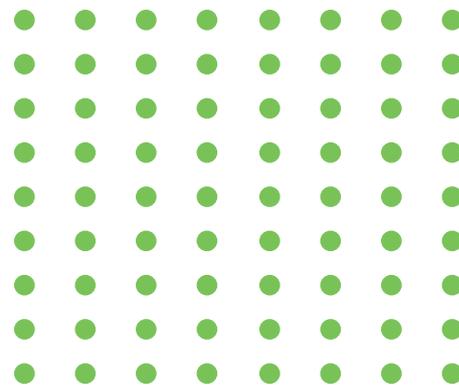
Por isso, é importante frisar que a melhor parte é se conectar com pessoas que você jamais poderia conhecer se você não estivesse disposto a enfrentar os desafios do intercâmbio. Podemos afirmar com certeza que conhecemos muito mais do nosso próprio país estando em Portugal.

Fizemos amigos de vários estados e cidades diferentes, conhecemos mais sobre a cultura deles, as gírias e expressões idiomáticas, trocamos a gastronomia, festas típicas e músicas, a começar por nós duas, Alda e Isabela, que moramos em municípios diferentes de Minas Gerais e nos tornamos o alicerce necessário uma da outra para enfrentarmos a intensidade que é todo o processo de internacionalização.

A verdade é, que estamos sempre nos precavendo da tristeza. Estamos sempre nos limitando a sentir medo, a não estarmos prontos para vivenciarmos algumas descobertas. Mas o fato é que não estamos prontos para o que isso pode nos acarretar. Foi a partir desses sentimentos que pudemos nos tornar simples para absorver o melhor de Portugal. O melhor daquilo que Bragança poderia nos oferecer: cultura, beleza, tradição e historicidade. Fizemos isso carregadas do afeto de grandes amigos. Pudemos cantar e dançar com pessoas de norte a sul e principalmente pudemos ser felizes tão longe daqueles que ficamos no Brasil e que acreditávamos serem os únicos que nos passariam segurança até então. A internacionalização de fato é uma grande surpresa para os intercambistas. A superação do medo nos faz mais fortes e o enfrentamento dele nos une enquanto seres humanos.



ALUNOS DO IFMG EM MOBILIDADE ACADÊMICA: UMA JORNADA DE SABER, CULTURA E DESAFIOS



Autora: Simone Garcia de Oliveira - IFMG
Coautores(as): Maria Gabriela Carvalho; Fernando da Costa Barros; Isabela Lima Santos;
Alda Maria L. M. de Queiroz Sá dos Santos; Charles Alício Melquíades Vieira Barbosa

O programa Internacionaliza, da Diretoria de Relações Internacionais (DRI) do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de imersão em ambientes educacionais no exterior, promovendo uma valiosa troca de conhecimentos e experiências. Além disso, visa a enriquecer a formação acadêmica dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento de seu capital intelectual e cultural, ao mesmo tempo em que busca solidificar a internacionalização como um componente integral do processo educacional no IFMG. Essa iniciativa não apenas facilita a internacionalização acadêmica da instituição, mas também estimula o desenvolvimento de atividades de pesquisa e inovação, abrindo portas para futuras parcerias em projetos acadêmicos.

Assim, a edição 2022 do Programa Internacionaliza selecionou cinco graduandos para cursarem um semestre letivo, de fevereiro a julho de 2023, em Portugal, no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), uma das instituições parceiras do IFMG, que oferece uma variedade de cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento. O IPB é localizado em Bragança, uma cidade acolhedora, com pouco mais de 35.000 habitantes, no nordeste de Portugal, com uma história rica e uma comunidade estudantil vibrante que a tornam um lugar onde cultura, natureza e educação de qualidade se entrelaçam, atraindo, assim, estudantes de outras partes do país e do mundo.

Foi nesse ambiente tranquilo e seguro, com uma variedade de atividades culturais, esportivas e sociais, que os alunos selecionados pelo Edital 39/2022 tiveram a missão de representar o IFMG, cursando disciplinas e fazendo estágios relacionados às suas áreas de estudo. Para tanto, cada um obteve um auxílio financeiro de R\$22.707,00 para custear parcialmente suas despesas. Os finalistas, dentre os 46 inscritos no processo seletivo, foram: Maria Gabriela Carvalho, estudante de Zootecnia no campus Bambuí; Fernando da Costa Barros, estudante de Engenharia Civil no campus Piumhi; Isabela Lima Santos, estudante de Letras Inglês/Português no campus Congonhas; Alda Maria L. M. de Queiroz Sá dos Santos, estudante de Arquitetura e Urbanismo no campus Santa Luzia; e Charles Alício Melquíades Vieira Barbosa, estudante de Pedagogia no campus Ouro Branco.

Logo após o resultado final da seleção, em agosto de 2022, iniciou-se o processo de preparação, que incluiu requerimento de passaporte, solicitação de visto, busca por acomodações, entre outros.

Durante todo esse processo, a DRI acompanhou os estudantes, fornecendo o apoio necessário, tanto antes da partida quanto durante a estadia no exterior. Ao retornarem, em agosto de 2023, os intercambistas participaram de uma Mesa Redonda virtual intitulada: "Relatos de Experiências de Mobilidade Acadêmica de Discentes do IFMG" (nota de rodapé: disponível neste link), na qual compartilharam suas expectativas iniciais e discutiram como essa experiência transformou suas vidas.

Cada um trilhou um caminho único e inspirador em suas áreas de estudo. Suas conquistas e experiências demonstram o valor da dedicação e determinação na busca pelo sucesso acadêmico. Dentre as várias realizações desses estudantes, citamos as mais notáveis: Maria Gabriela Carvalho (Zootecnia) se destacou cursando disciplinas de Ciências Agrárias na graduação e gestão de plataformas de aprendizagem na pós-graduação; realizou estágio no laboratório de patologia apícola, voluntariou-se em pesquisas de mestrado e conquistou o terceiro lugar no concurso "24 horas de Agricultura Syngenta", enriquecendo ainda mais a sua formação; da mesma forma, Fernando da Costa Barros (Engenharia Civil) se destacou nas disciplinas de Engenharia e Gestão, e participou de uma visita técnica à Constálica Sin Profile; alcançou o terceiro lugar no PoliEmprende e foi premiado no concurso "Logo 71" da Força Aérea Portuguesa, ampliando a sua experiência na construção civil e na inovação; Isabela Lima Santos (Letras), além de aprimorar a sua fluência e domínio da língua inglesa, fazendo disciplinas nesse idioma, ela também utilizou a arte, especificamente a música, para vencer seus próprios medos e inspirar outras pessoas por meio da banda Euforia, criada com mais dois amigos; de modo semelhante, Alda Maria de Queiroz Sá dos Santos (Arquitetura e Urbanismo) usou a arte, tanto visual quanto a dança, para compartilhar sua experiência e sentimentos; criou cartões postais, aprendeu técnicas portuguesas de design e cerâmica, contribuiu com a comunidade local e participou de diversas atividades extracurriculares, tornando a sua experiência ainda mais gratificante; também Charles Alício Melquíades Vieira Barbosa (Pedagogia) não apenas cursou disciplinas de mestrado, expandindo suas perspectivas sobre importantes teóricos da educação, mas também utilizou sua habilidade na escrita de forma criativa e impactante. Ao ser premiado em um concurso de contos, ele sentiu que estava contribuindo para a valorização da variedade linguística brasileira em um contexto internacional.

De fato, todas essas conquistas demonstram que a educação vai além da sala de aula e que o comprometimento pessoal e a curiosidade intelectual são fundamentais para o crescimento e o sucesso. Todavia, viver em um outro país não deixa de apresentar desafios. A adaptação a uma nova cultura, ambiente e clima exigiu esforço, o que, por vezes, resultou em desafios linguísticos e choques culturais. Além disso, tiveram que lidar com problemas de saúde inesperados e com desafios emocionais e psicológicos,

incluindo a ansiedade da primeira experiência internacional, a saudade da família e a difícil experiência de vivenciar a xenofobia e o preconceito. Precisaram também se ajustar a diferentes métodos de ensino e estilos pedagógicos.

Em contrapartida, superar todos esses obstáculos lhes permitiram desenvolver habilidades cruciais para a vida. Retornaram ao Brasil mais amadurecidos e trazendo na bagagem muito mais do que lembranças: trouxeram conhecimento, amizades internacionais e uma perspectiva global que enriquecerá suas futuras carreiras e projetos de vida. Ademais, estão comprometidos com a missão de compartilhar essas experiências e com a divulgação da internacionalização em nossa comunidade acadêmica.

Por fim, almejamos que essa inesquecível aventura, que profundamente moldou suas vidas, sirva de inspiração para outros estudantes da Rede Federal. Esperamos que as experiências desses estudantes incentivem todos aqueles que buscam oportunidades de internacionalização, seja ela virtual, presencial, acadêmica, profissional ou cultural. Que suas histórias motivem a exploração do mundo, enriquecendo suas jornadas educacionais e ampliando seus horizontes. Desejamos que essas vivências inspirem a busca incansável pela excelência acadêmica e pelo crescimento pessoal.





Autora: Aline Maruse Monteiro Mariano Zotelli - IFMS

DO SUPLETIVO AO MESTRADO: A EXPERIÊNCIA DE UMA TAE - SECRETÁRIA EXECUTIVA ESTUDANDO EM PORTO/PORTUGAL



Em 2017 decidi prosseguir com minha formação acadêmica, embarcando em uma jornada de aprimoramento profissional que se revelaria transformadora e, ao mesmo tempo, ilustraria a importância da internacionalização para uma sonhadora Técnica Administrativa da Rede Federal de Educação.

Paralisei meus estudos aos 13 anos, na antiga 6ª série, para priorizar o trabalho como costureira, garantindo assim o sustento da minha família. Anos depois, percebi a importância de concluir o ensino fundamental e médio, principalmente devido às dificuldades de encontrar emprego sem formação básica, o que só foi possível aos 20 anos, em 1997, através do Ensino Supletivo. Mais adiante, em 2006, com grande esforço, completei a graduação em Secretariado Executivo Bilíngue. Nunca mais parei de estudar: fiz uma especialização em Assessoria Executiva, participei de diversos cursos, congressos e formações curtas e, me preparei para o concurso do IFMS, conquistando o 3º lugar entre os aprovados, e ingressando na instituição em 2014.

Por ser graduada em Secretariado Executivo Bilíngue, escolhi ingressar no programa de Mestrado em Assessoria de Administração na cidade do Porto, em Portugal, um programa pensado e direcionado para profissionais que atuam no Secretariado, sendo uma oportunidade única, já que no Brasil não havia algo semelhante no âmbito do Stricto Sensu. Fui admitida no Programa de Mestrado em razão de uma cooperação entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul - IFMS e o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto - ISCAP, unidade vinculada ao Instituto Politécnico do Porto - IPP.

Foi meu desejo de avançar e de ser a primeira Mestra da família que me levou a buscar oportunidades além das fronteiras do Brasil.

Entretanto, cursar o mestrado implicou em deixar meu marido, meus filhos e minha avó que, naquela época, enfrentava uma batalha dolorosa contra o câncer. O apoio incondicional deles e o sonho de ter o título foram a força motriz que me impulsionou a prosseguir.

Esse percurso acadêmico envolveu a participação em aulas concentradas, de segunda a sexta-feira, durante várias semanas, divididas em três períodos presenciais em Portugal (outubro de 2017, outubro de 2018 e novembro de 2019). Uma dimensão valiosa dessa experiência foi a chance de partilhar vivências com colegas servidores do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS, de diversos campi, e também com servidores do Instituto Federal de Rondônia - IFRO. Essas conexões, estabelecidas durante esse período, continuam a ser parte da minha vida e, naquele período, ajudaram a amenizar a saudade da família e do meu Mato Grosso do Sul.

Pessoalmente, a decisão de buscar uma educação fora do Brasil trouxe outros desafios significativos. Até as diferenças linguísticas, mesmo sendo a língua portuguesa minha língua materna, exigiram uma adaptação cuidadosa e peculiar dos dialetos que complementam a comunicação oral daquele país. O outono europeu também foi desafiador. Sair de uma temperatura entre 35° e 40°, típicas da região centro-oeste brasileira, e provar temperaturas menores de 10 ° por tanto tempo, despendeu esforço, disposição e resiliência.

Reconheço que as dificuldades foram em muito atenuadas com o protagonismo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto - ISCAP, escola que desempenhou um papel imperioso nessa jornada. Além do apoio e orientação dos docentes, criei conexões com funcionários e estudantes de lá, que permanecem até hoje. O compromisso do ISCAP com o sucesso dos estudantes brasileiros proporcionou um ambiente amistoso, acolhedor e propício para o aprendizado.

Além disso, a vivência naquele lugar permitiu que a experiência acadêmica não se limitasse à interação com outros estudantes e às atividades em sala de aula. Mergulhei profundamente na rica cultura portuguesa, explorando a história, a culinária e o cotidiano da cidade do Porto. A emoção de explorar a Ribeira, com suas ruas de paralelepípedos beirando o Rio Douro, e dali acompanhar o pôr do sol exuberante foi uma experiência única.

Saindo de Porto, pude conhecer a cidade histórica de Guimarães, com sua atmosfera medieval e castelo imponente. Também tive a chance de conhecer a cidade à beira do Rio Tejo - a bela Lisboa, e aprender mais sobre o legado das Grandes Navegações aos pés do Padrão dos Descobrimentos, uma obra que homenageia os exploradores portugueses que partiram para conquistar novos mundos.

E, para tornar essa experiência ainda mais incrível, a proximidade geográfica permitiu que, em um fim de semana, eu realizasse o sonho de conhecer a esplêndida cidade de Paris e visitar o maior museu do mundo - o Louvre. Experimentar a atmosfera peculiar que envolve a capital francesa era como caminhar dentro de uma narrativa enraizada na história e na cultura europeia. Essa oportunidade de vivenciar de perto lugares que antes eram apenas imaginação e leitura trouxe uma dimensão extra de enriquecimento à minha experiência internacional, tão distante se não fosse a compreensão pelo IFMS do quão precioso é este processo de internacionalização.

Em resumo, o mestrado em Assessoria de Administração em Portugal não apenas resultou em um valioso diploma acadêmico, mas também enriqueceu minha vida de diversas maneiras. Tive a oportunidade de aprender com professores altamente qualificados, participar de debates ricos em perspectivas e adquirir competências essenciais para exercer minhas atividades laborais. Além disso, as interações com representantes de empresas locais e as experiências culturais únicas marcaram de forma significativa, preparando-me para os novos desafios na carreira e aprimorando habilidades de comunicação organizacional, gestão de tempo e resolução de problemas, entre outras.

Destaco que foi essencial o olhar inteligente e estratégico do IFMS em priorizar a participação de servidores Técnicos Administrativos em Educação nessa cooperação. A meu ver, isso contribuiu para nos transformar em colaboradores ativos na nossa missão, se relacionarmos a aquisição de competências ao nosso saber fazer diário, as quais se coadunam na qualidade da prestação de serviços à sociedade. Dar essa oportunidade ao Técnico Administrativo em Educação é vê-lo como um agente ativo do valioso processo de internacionalização, uma vez que tais iniciativas costumam ser direcionadas quase sempre à docentes e discentes.

Hoje sou Mestra! E minha história é uma prova de que a busca incessante pelo conhecimento e a coragem de enfrentar adversidades, mesmo quando isso parece impossível, culminam em conquistas extraordinárias. Minha caminhada como estudante e servidora encorpa as muitas histórias que perpassam as ações de internacionalização, promovidas aos servidores da Rede Federal, e nesse viés ratificam que proposições dessa natureza desbordam os limites das salas de aula e alteram perspectivas pessoais e profissionais daqueles que desempenham um papel expressivo na rotina de uma instituição de ensino que se vê atenta ao Princípio da Eficiência.



DO INSTITUTO FEDERAL AOS ESTADOS UNIDOS: A JORNADA DE UMA JOVEM EMBAIXADORA

Autora: Crisianne Moreira Zara de Souza - IFMS



Falar sobre o programa Jovens Embaixadores é uma tarefa que exige de mim começar antes do começo. Antes de realmente chegar no programa - e na tão esperada viagem aos Estados Unidos - existe muito mais história. E a minha história começou lá no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul campus Campo Grande.

Iniciei minha jornada do ensino médio quase que ao mesmo tempo que a pandemia do COVID-19 proliferava ao redor do mundo. Apesar de todos os contratemplos advindos desse cenário, consegui aproveitar várias oportunidades – de cursos sobre computação quântica até Hackathons virtuais – e atuar em projetos. Todas essas experiências foram fundamentais para a minha formação como estudante, pesquisadora, cidadã, empreendedora, e Jovem Embaixadora.

Um desses projetos me marcou especialmente: o Solo Fértil. O objetivo dessa iniciativa é combater a insegurança alimentar nas nossas comunidades através de diversas ações que vão desde hortas comunitárias até a conscientização da população acerca do que é a insegurança alimentar.

Obviamente não estive trabalhando sozinha, sempre pude contar com a ajuda de meus orientadores e coorientadores. Além disso, as nossas parcerias com outros campi do Instituto Federal no nosso estado e a Illinois University eram muito importantes. Estudantes e professores de vários lugares realizando ações diferentes, mas todos com um mesmo objetivo: aumentar a segurança alimentar de suas comunidades.

Para conseguir entrar nesse projeto e participar efetivamente das reuniões eu tive que me preparar antes, visto que as reuniões com os participantes dos Estados Unidos eram em inglês e eu ainda não me sentia muito confiante com as minhas habilidades linguísticas.

Sendo assim, eu entrei no curso de inglês do CENID (Centro de Idiomas) e tive a chance de aprender muito durante um ano.

Durante meu período ativo no Solo Fértil eu ajudei no processo de conscientização sobre a insegurança alimentar nas redes sociais, participei de oficinas (incluindo sobre o papel semente, que era um dos eixos que atuamos), debati sobre nossas ações em reuniões, apresentei o projeto, ajudei na horta comunitária e pude divulgar o projeto como Jovem Embaixadora.

Para ser selecionada neste programa de intercâmbio da embaixada dos Estados Unidos é necessário que você esteja participando de um projeto voltado para o empreendedorismo social há, no mínimo, seis meses e eu escolhi o projeto Solo Fértil na minha candidatura do programa Jovens Embaixadores.

Tive a chance de, durante o processo de aplicação, compartilhar um pouco sobre as atividades que exerci no projeto, como a apresentação que realizei para o adido cultural da embaixada dos Estados Unidos e os conteúdos que criei para divulgar informação útil para a comunidade combater a insegurança alimentar.

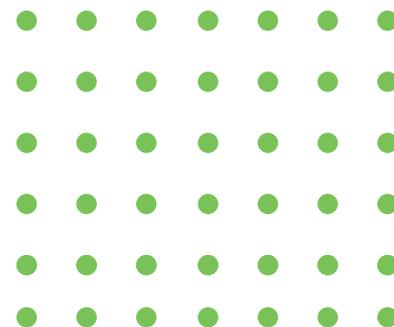
Assim, depois de uma longa seleção que consiste em diversas etapas, consegui ser selecionada e me tornei oficialmente uma Jovem Embaixadora. Sinceramente, essa é uma das minhas maiores conquistas até hoje. A sensação de ter conhecido um país completamente diferente e de ter viajado por tanto tempo enquanto meu pai nunca sequer andou de avião é muito única. Para mim seria impossível ter vivenciado um intercâmbio se não fosse pelos Jovens Embaixadores.

Sem sombra de dúvidas, o Instituto Federal me possibilitou uma realidade que seria inacessível para mim, como curso de inglês de alta qualidade, matérias que estimulam o pensamento empreendedor e recursos para a realização de pesquisa. Se não fosse por esse ambiente que estimula o protagonismo do jovem, não teria conquistado uma das 50 proporcionou um grande crescimento não apenas profissional, mas também pessoal.



IMPRESSÕES DOS INTERCAMBISTAS DO AFS COMO ESTUDANTES DE NÍVEL MÉDIO NO IFMT

Autora: Daniela Cauduro Bianchi - IFMT



O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) foi criado através da Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. O que proporcionou a união das seguintes instituições de ensino: Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá e Escola Agrotécnica Federal de Cáceres. Desse modo, elas continuaram voltadas para a oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes modalidades de ensino, mas fazendo parte da nova instituição de ensino denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

Posteriormente, a Diretoria Sistêmica de Relações Internacionais do IFMT foi criada no dia 20 de julho de 2015, mais especificamente durante a gestão do reitor José Bispo Barbosa (que também foi o primeiro reitor do IFMT). Durante sua existência (de 2015 até o ano de 2023) o setor foi gerido por três diretores sistêmicos: Sônia Regina Guimarães da Fonseca (que esteve na gestão do setor por cerca de cinco anos e sete meses), João Felipe Assis de Freitas e Willian Silva de Paula. Dentro da DSRI foi começada uma sistematização de ações que de alguma forma remetiam à internacionalização. Foi necessária uma grande ação para divulgar a Diretoria em diferentes segmentos que compuseram o IFMT tanto para servidores quanto para estudantes.

Dentro do IFMT, alguns servidores começaram a ter contato com a organização denominada AFS Intercultura Brasil. Esse contato acabou chegando na cidade de Cuiabá pois alguns campi do interior começaram a receber intercambistas provenientes da Europa, da Ásia ou de outros continentes. A DSRI também passou a conhecer a atuação da organização, bem como a participar dos trâmites para recebimento de estudantes intercambistas e para a divulgação dela. A proposta é muito interessante, a de tentar promover a interculturalidade através do estabelecimento de contato com culturas diferentes. Inclusive foi realizado um acordo de cooperação entre o CONIF e o AFS no ano de 2016 e que foi renovado neste ano, 2023.

Uma das coisas que mais chamou a minha atenção enquanto trabalhei na DSRI foi justamente os intercâmbios promovidos pelo AFS, principalmente na modalidade em que o intercambista, geralmente com apenas dezessete anos, passava aproximadamente um ano no Brasil. Durante esse período ele moraria na casa de uma família hospedeira e estudaria em uma escola brasileira (no caso o IFMT). Dentro da família ele seria encarado como um filho e dentro da escola como um estudante, mas sempre visando a experiência ou vivência intercultural.

Esse contato com o AFS para mim acabou ocorrendo em 2017, ano em que Embaixadores da DSRI (servidores dos campi que desenvolvem atividades de internacionalização e que são uma espécie de ponte para estudantes, servidores e comunidade externa do campus com a diretoria) que tinham mais contato com o setor também acabaram atuando como lideranças dentro de alguns comitês atuantes na região de Mato Grosso. Algumas questões ecoavam, como as seguintes:

- *Por que os pais deixariam um estudante tão jovem realizar um intercâmbio sozinho?*
- *Será que um ano não é muito tempo longe dos pais?*
- *Eles realmente vão ficar em cidades do interior do estado de Mato Grosso? Será que elas não são muito pequenas para os padrões deles?*
- *Nossa, mas a comida pode ser expressivamente diferente, será possível adaptar o paladar?*
- *Por que eles querem viajar para outras cidades brasileiras e sozinhos? Não querem a família hospedeira junto?*
- *E se os costumes cotidianos forem estranhos para eles? Até que ponto eles efetivamente devem mudar seus hábitos?*
- *Por que passar um ano sem efetivo aproveitamento de estudos formais? Será que eles não deviam estar focados em entrar em uma universidade?*

Aos poucos fui percebendo que ter contato com um outro diferente auxilia efetivamente no autoconhecimento e na percepção dos nossos próprios valores. No entanto, também verifiquei que eu poderia estar errada, que eu poderia estar julgando excessivamente tanto os intercambistas quanto suas famílias de origem. A questão é que cada pessoa é única e possui os próprios direcionamentos internos. Quando eu tinha dezessete anos, nunca pensei em fazer intercâmbio e estranhei bastante verificar que muitos jovens queriam e efetivamente fizeram intercâmbio.

Então talvez eu que fosse mais fechada para novas experiências em relação a eles, ou que eu simplesmente estivesse focada em outras metas que não a realização de uma atividade em outro país. Talvez eles não estivessem tão sozinhos quanto eu imaginava, afinal, eles teriam a família hospedeira e amigos na escola. Eles teriam outras perspectivas e valores. Eu não preciso fazer as mesmas escolhas que eles e estou aprendendo a não julgar tanto as escolhas que eles fazem.

Por que os pais deixariam um estudante tão jovem realizar um intercâmbio sozinho? Resposta: Porque pode ser o sonho do intercambista e eles querer apoiar e possibilitar novas experiências para ele. Aquilo de dar ao filho o que não se teve.

Será que um ano não é muito tempo longe dos pais? Resposta: Eu não sei quanto tempo as pessoas vivem e elas podem escolher como desejam gastar o tempo que têm.

Eles realmente vão ficar em cidades do interior do estado de Mato Grosso? Será que elas não são muito pequenas para os padrões deles? Resposta: Cada cidade de Mato Grosso possui as suas especificidades e possibilitam experiências diferentes. Se há uma estrutura social adequada deve ser possível receber.

Nossa, mas a comida pode ser expressivamente diferente e será possível adaptar o paladar? Resposta: Eu posso não gostar de passar muito tempo comendo comidas que eu considero exóticas, mas isso é uma coisa minha.

Por que eles querem viajar para outras cidades brasileiras e sozinhos? Não querem a família hospedeira junto? Resposta: Eles tiveram uma criação diferente da minha e podem acabar tendo objetivos e focos diferentes dos meus também.

E se os costumes cotidianos forem estranhos para eles? Até que ponto eles efetivamente devem mudar seus hábitos? Resposta: O próprio AFS possui regras de ouro, bem como exercita-se a possibilidade de negociar o que pode ou deve ser realizado por ele.

Por que passar um ano sem efetivo aproveitamento de estudos formais? Será que eles não deviam estar focados em entrar em uma universidade? Resposta: Talvez seja simplesmente uma questão de existir valores diferenciados. Não cabe a mim julgar se a escolha do intercambista é ruim.

Mesmo eu não realizando intercâmbio, a presença de intercambistas já me modificou. Há uma espécie de contato que faz refletir sobre o que é cotidiano ou comum. Posteriormente lembrei que eu tinha lido “O Pequeno Príncipe” quando eu estava no ensino médio. Dessa forma, percebi que a própria literatura trazia exemplos da importância das viagens, de perceber pessoas ou seres que são diferentes de você. O personagem principal devia ser criança ou adolescente e, mesmo assim, se propôs a refletir sobre mim. De fato, eles se permitiram sair das suas zonas de conforto.





CRUZAR A FRONTEIRA PODE SER UM MERGULHO INTERIOR

Autor: Marcos Aparecido Pereira - IFMT

Nunca sabemos quando estamos prestes a deixar uma marca na vida de alguém. No entanto, como professor, acredito profundamente que a escola seja um catálogo plural e diversificado de formas de abrir novos horizontes, estabelecer conexões e, de fato, cruzar fronteiras, tanto literalmente quanto metaforicamente. A parceria, por exemplo, entre instituições de Cáceres - MT e San Matías, na Bolívia, proporcionou vivências únicas para todos nós, de um lado e de outro das demarcações geográficas.

Corresponder às expectativas e ser capaz de atender a uma demanda social, econômica e formativa de alunos e professores bolivianos que buscavam capacitação na área de bovinocultura de leite foi só o primeiro passo. Fizemos um seminário de língua e literatura, a fim de conhecer um pouco mais de nossos vizinhos. Via consulado, eles proporcionaram bolsas na área de medicina a alunos do nosso campus. Enfim, estabelecemos laços, quebramos preconceitos e aprendemos uns com os outros.

Mas, antes de mais nada, gostaria de dizer que quando se pensa em internacionalização é comum que as pessoas se voltem para destinos distantes, como os Estados Unidos ou a Europa. Não que eles não sejam importantes, fato é que muitas vezes deixamos de perceber o vasto potencial de nossos vizinhos latino-americanos. A gama de conhecimentos e de experiências que pode ser extraída desta relação não perde em nada para a internacionalização com países do hemisfério norte.

Sempre que olho para aquela experiência penso nas palavras de encorajamento da professora Sônia, Diretora de Relações Internacionais do Instituto Federal do Mato Grosso, à qual eu estava vinculado à época. Ela disse: "criem a demanda, que nós ajudaremos a resolver". Pronto, foi o voucher, o cheque em branco de que precisávamos. Isso porque, há mais de um ano, um grupo de bolivianos mantinha contato conosco na esperança de um curso de capacitação que melhorasse as práticas relacionadas à bovinocultura de leite.

Nossos esforços anteriores, porém, haviam esbarrado em entraves burocráticos e na falta de modelos institucionais apropriados para a oferta de cursos para além da fronteira. Acho que é quase uma máxima: quando ninguém trilha um caminho, há sempre um ar de impossível na jornada. O medo de falhar, a falta de indicativos e sinalizações para seguir às vezes quase jogam as esperanças e os esforços por terra.

Passamos por tudo isso e talvez um pouco mais. Enfrentamos desafios burocráticos significativos, afinal, a papelada necessária para acomodar estudantes estrangeiros raramente considerava as particularidades de suas situações. E mesmo com um Acordo de Cooperação entre as instituições brasileiras e bolivianas, os trâmites ainda complicaram o processo: jurídico, social, ensino, financeiro e lá se vai análise, carimbo e assinatura.

E após erros e acertos, retomadas, conversas, pedidos e apresentações (várias) da proposta, criamos o projeto do curso atendendo aquela comunidade, acertamos os detalhes logísticos e entregamos a papelada. Assim, com muito papel, ânimo reforçado e a audaciosa ideia, oferecemos o primeiro curso internacional em colaboração com o IFMT Campus Prof. Olegário Baldo, a Diretoria de Relações Internacionais do IFMT, o Instituto Tecnológico Roberto Pillai Herrera e o Consulado da Bolívia em Cáceres.

O curso foi uma Formação Inicial Continuada (FIC) em Bovinocultura de Leite, de pouco mais de 200 horas, dividido em módulos ao longo de cinco meses. As matérias abrangeram desde o gerenciamento da produção de leite até as melhores práticas de manejo bovino. Para que isso fosse possível, oferecíamos transporte e alimentação, enquanto o consulado disponibilizava alojamento para os alunos que passavam uma semana por mês no Brasil.

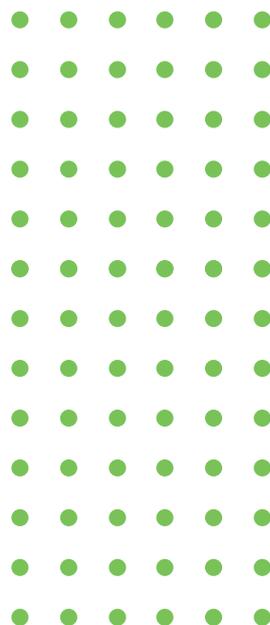
Tivemos 32 matrículas e 28 conclusões bem-sucedidas no final do semestre letivo de 2017/2. Gostaríamos que tivesse sido cem por cento, mas algumas vezes a vida muda os caminhos de alguns alunos. Vale lembrar que instituímos monitores voluntários, que eram estudantes do curso subsequente em Agropecuária de nosso campus, a fim de desempenhar um papel crucial na orientação e no apoio aos estudantes estrangeiros durante as semanas do curso.

Embora a barreira do idioma tenha sido motivo de preocupação, uma vez que nossos professores não falavam espanhol, a comunicação fluiu surpreendentemente bem. Isso se deveu, em parte, à proximidade entre as cidades e ao constante intercâmbio comercial entre elas. Além disso, procuramos deixar toda a equipe consciente das diferenças socioculturais e da necessidade de uma abordagem sensível para apoiar esses alunos e extrair o máximo de aproveitamento daquela experiência educativa e intercultural.

No entanto, o que verdadeiramente se destacou durante o curso foi o comprometimento dos alunos bolivianos nas aulas práticas, demonstrando um desejo fervoroso de aprender na prática. Eles estavam decididos a absorver todo o conhecimento e a experiência para aplicá-los em sua terra natal, como produtores ou como instrutores dos conhecimentos daquela área. Encanta qualquer professor perceber o quanto o aprendizado faz mais sentido para aquele que anseia por ele.

Ao final das cinco semanas, o impacto ultrapassou as fronteiras da sala de aula. O intercâmbio desses alunos bolivianos trouxe uma riqueza cultural e um senso de solidariedade à comunidade do IFMT Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo. Foi uma jornada que uniu ainda mais as cidades-irmãs, as duas nações, superou obstáculos e demonstrou que a busca pelo conhecimento e entendimento não conhece fronteiras. Ensinou-nos que precisamos mudar o foco, pensar além e inventar novas formas de fazer educação. Por fim, acredito que essa troca cultural contribuiu para transformar a identidade do "estrangeiro-estranho" em outro, um outro que é humano e, acima de tudo, nosso "hermano".





MOBILIDADE ACADÊMICA IFNMG E IPG: ALUNOS DO CURSO DE ENGENHARIA CIVIL

Autora: Isadora de Souza Ferreira - IFNMG | Coautora: Carla Carolina de Araújo Burle

Eu, Isadora Ferreira, nascida em Pirapora, terras ribeirinhas, também conhecidas como barraqueiras, aos 18 anos, ingressei no tão sonhado curso superior. Minha jornada acadêmica, então, iniciou-se. O caminho escolhido: Engenharia Civil, no IFNMG Câmpus Pirapora, onde meu sonho floresceu.

No 2º semestre do ano de 2018, ali me encontrei. Em 2022, uma chance divina apareceu e tomou conta de mim: mobilidade acadêmica para Portugal. Uau! Seria para mim? Não sei, mas não poderia deixar de tentar.

Dentro de casa, tenho uma irmã gêmea, também colega de curso e sala. Enquanto eu nutria fé e esperança. Ela tinha total descrença. No dia tal, 10 de agosto de 2022, fui selecionada! Não podia acreditar, tamanha era a emoção: um misto de gratidão, medo do desconhecido e ansiedade em passar por toda aquela experiência, além do profundo pesar por ir sem minha parceira da vida, que dividiu tudo comigo, uma vida inteira, até mesmo o útero. Fica o aprendizado de que devemos sonhar e acreditar que é possível e, principalmente, sempre tentar.

Quando tivemos nossa primeira reunião com a Coordenação de Relações Internacionais, tive certeza de que o tão inesperado sonho (pois nem sabia o quanto o desejava) era real. A oportunidade era completa. Recebemos uma bolsa que contemplava todos os gastos, como passagem, seguro, alimentação e ainda nos permitia algum passeio ou outro. Em contrapartida, Portugal nos forneceu alojamento, uma excelente acolhida e, ainda, muito aprendizado.

Segui para a próxima etapa: tirar passaporte, comprar passagem, organizar a mala, reunir-me com os professores responsáveis. Tudo enchia o coração, mas nada se compara ao que foi vivido.

Estava indo para outro continente, eu, que mal saí do meu estado, indo para tão longe. Em Portugal foi tudo ainda melhor. Fomos muito bem recebidos pelo professor José Carlos, que iria ministrar a disciplina que faríamos. Antes de chegar no Instituto Politécnico da Guarda (IPG), porém, fizemos um tour por Lisboa. Comi o famoso pastel de nata, fui ao Castelo de São Jorge, Praça do Comércio e Sé de Lisboa. Em seguida, seguimos para a Guarda, e a cidade revelou-se um cenário cativante para minha experiência acadêmica. No coração desta cidade, o Instituto Politécnico da Guarda ofereceu uma perspectiva única em comparação aos cursos no Brasil. A distinção mais marcante que pude observar foi a ênfase nas aulas práticas e dinâmicas. Enquanto no Brasil o ensino, frequentemente, se inclina para a teoria, na Guarda, a abordagem foi focada na aplicação direta do conhecimento.

Essa abordagem pedagógica mais prática e envolvente fez com que eu absorvesse o conteúdo de maneira mais profunda e participativa, enriquecendo de forma significativa minha formação acadêmica. Foram 3 semanas intensas de aulas, além de visitas técnicas e, o mais importante, de intercâmbio cultural.

Aprendemos muito sobre respeito, empatia, vivenciamos uma cultura diferente, conhecemos estudantes de vários países, inclusive do Iraque. Acredito que seja esta a parte mais importante: a troca com pessoas diferentes, criadas com outras religiões, maneiras de pensar, comportamentos distintos. Assim crescemos como seres humanos melhores, mais ricos de experiência.

Durante as 3 semanas que estudamos a disciplina Dimensionamento de Vigas de Betão Armado segundo o Eurocódigo 2, aprendemos a dimensionar vigas de concreto armado de acordo com as diretrizes europeias. Fomos amparados todo o tempo pelo IFNMG, pelos professores Áureo e Fábio, que nos acompanharam do início ao fim e estavam sempre a postos para nos auxiliar, e também pela Crinter, que estava sempre dando dicas e ensinando sobre a cultura e planejamento da viagem.

Uma outra experiência muito agradável foi o momento com nossa reitora. Nos sentimos muito honrados em abrir a mobilidade com a representação maior da nossa instituição. Deixamos ali um gostinho do Brasil, com uma feijoada preparada pelos colegas de curso e, claro, um pouco do nosso samba e da nossa alegria.

O desejo que ficou e ainda está implantado em mim é o desejo de fazer o mestrado em Portugal. Após nossa experiência, foi iniciado o processo de dupla diplomação, fruto da mobilidade, que está sendo acordado entre o IPG, pela figura do professor José Carlos, e a Coordenação de Relações Internacionais. Fiquei com o coração apertado por não poder participar, pois me formaria antes do acordo finalizar.

Mas, isso não me desanima, pois fico feliz pelos meus colegas que terão essa oportunidade.

Através da mobilidade, minha mente se abriu para as diversas oportunidades que o curso me proporciona. Busco agora a minha qualificação. Quero ser o melhor que me for possível. Quero colher os frutos dessa experiência e de tantas outras que hei de vivenciar.

No presente momento, posso compartilhar que estou oficialmente formada como engenheira civil. Encontro-me trabalhando em uma empresa que me proporciona um suporte integral na cidade de Patos de Minas. Esta experiência profissional tem sido incrivelmente gratificante, permitindo-me aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo de minha jornada acadêmica. Estou empolgada com as oportunidades que essa carreira oferece e ansiosa para contribuir com projetos significativos na área da engenharia civil.

Ora, pois! Finalizo esse relato com meu coração saudosista e apaixonado por tudo que lhe foi permitido viver. Deixo aqui minha eterna gratidão a Deus e ao IFNMG, aliás, a toda a Rede que não se cansa de trabalhar e resiste bravamente para que mais Isadoras tenham oportunidades como essa.



MOBILIDADE INTERNACIONAL PARA TAES: UMA AÇÃO-PILOTO A PARTIR DE UMA INICIATIVA INTRÍNSECA DE QUEM ACREDITA NO PROCESSO

Autora: Roberta Silva Santos - IFNMG ● ● ● ● ●



A internacionalização é “uma viagem, um caminho que começa em nós, nas nossas proximidades, e vai se alargando a outros mundos.” (NÓVOA, 2014, p.71). E de fato, é exatamente essa sensação que tenho como servidora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), atuando no setor de Relações Internacionais (RI), quando busco encontrar oportunidades para que essa instituição esteja integrada às dimensões internacionais, interculturais e globais. Como servidora Técnica Administrativa de Educação (TAE), eu precisava também convencer os meus colegas TAEs que internacionalizar é sair da nossa zona de conforto para alcançar objetivos mais audazes. Além disso, sob uma ótica abrangente, a internacionalização pressupõe um “compromisso institucional articulado”, ou seja, a necessidade de fomentar, envolver e engajar os diferentes agentes da instituição em objetivos comuns (HUDZIK, 2015).

Considerando que até 2017 o IFNMG não contava com nenhuma parceria junto a instituições da América Latina, me senti na obrigação de articular um acordo para cumprir as diretrizes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) que afirma a relevância das parcerias proximais e estabelecimento de vínculos com países fronteiriços baseada nas ações de reciprocidade, solidariedade, respeito mútuo e na promoção de valores humanísticos e diálogos interculturais (PDI 2019/2023). Neste sentido, foi por meio da troca de e-mails que iniciei o diálogo com a Universidade Nacional de Villa Maria (UNVM) na Argentina.

Leask (2004), há tempos, já argumentava sobre o potencial das funções tecnológicas na internacionalização, então foi pelas redes midiáticas que estabelecemos o pré-acordo de cooperação entre o IFNMG e a UNVM, o qual foi consolidado com a participação do IFNMG na 3ª Semana de Internacionalização da UNVM. A missão à Argentina foi realizada por mim, por um professor de Espanhol, e pelo diretor do Câmpus Montes Claros. Imergimos na cultura argentina e nas mais diversas possibilidades de trabalho em conjunto com a universidade. Na programação, fui convidada a apresentar uma experiência de internacionalização do IFNMG, bem como representar a nossa instituição diante do Foro Internacional de Experiências Universitárias, onde encontravam-se reunidos vários dirigentes representantes de instituições da América Latina.

Apresentei, então, o artigo intitulado “Internacionalização: Experiências Exitosas de Mobilidade Acadêmica no IFNMG”, em que relatava a experiência de mobilidade acadêmica internacional de alunos em vulnerabilidade social do IFNMG. Uma ação que impactou positivamente a vida de cada estudante, uma vez que, pela primeira vez, eles tiveram a possibilidade de atravessar cidades, estados, países e oceanos até chegar no destino final: Portugal. No tocante à apresentação, falei da perspectiva da internacionalização inclusiva das instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) e do meu trabalho de formiguinha para inserir o IFNMG nas dimensões internacionais.

Tive o reconhecimento dos dirigentes presentes naquele Fórum e, em seguida, diversas solicitações de trabalhos em conjunto. Todavia, considero que o marco principal dessa parceria foi o desdobramento que ela proporcionou: a tão esperada mobilidade internacional para TAEs, que não era só uma demanda local do IFNMG, mas também nacional e internacional, pois tantos outros institutos da Rede externaram essa premência, bem como a própria UNVM.

No ano seguinte, foi lançado o primeiro Edital na RFRCT para Mobilidade Internacional de TAEs do IFNMG. A UNVM também lançou Edital semelhante para oportunizar que um de seus servidores realizasse a mobilidade para o IFNMG. O plano para execução dessa mobilidade assemelhava-se às propostas de benchmarking. Camp (1989) define o benchmarking como um processo positivo, proativo e estruturado que conduz a mudanças nas operações, a um desempenho superior a partir de novas ideias percebidas em processos exitosos. O objetivo da mobilidade para TAEs envolvia uma intervenção em uma das áreas de referência na instituição anfitriã, buscando conhecer as práticas, as estratégias e as boas condutas para a replicação ou simples orientação no retorno à instituição de origem.

Diante do contexto, percebi que o lançamento do Edital no IFNMG trouxe muitas inquietações para os servidores TAEs, principalmente porque o pré-requisito para participar da seleção era ter o nível básico do Espanhol. Notei que vários servidores lamentaram por não possuírem e nunca terem se preocupado em aprender uma segunda língua. Recebi diversos e-mails solicitando informações sobre cursos de idiomas, o que resultou no curso de línguas ofertado pelo Centro de Referência a Distância (CEAD) do IFNMG.

Para os servidores selecionados, um de cada instituição, a experiência revelou que há muito para se aprender. O discurso de ambos se resumia na satisfação de poder obter conhecimento através das trocas profissionais e, sobretudo, interculturais. Para eles, mesmo diante das dificuldades enfrentadas durante a mobilidade, todos os momentos são considerados como uma capacitação prática e altruísta.

Novamente menciono Nóvoa (2014) que assevera que a internacionalização é uma viagem que se inicia em nós mesmos.

É a partir dos nossos desejos, das nossas mudanças, do enfrentamento de obstáculos que somos lançados a buscar oportunidades, experiências e aprendizado. Internacionalizar inicia com o prefixo “in”, que remete à ideia de dentro para fora, e o sufixo “ização” refere-se a um processo de adaptação. Assim, posso afirmar que internacionalizar é sair do seu “eu” para se adaptar, continuamente, ao mundo exterior.



GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA UTILIZANDO O HIDROGÊNIO VERDE

Autor: Denis Carlos Lima Costa - IFPA



A experiência começou a ser construída no ano de 2022, no Projeto do Governo Federal: Geração de Energia via Hidrogênio Verde - Power-to-X Brasil, uma cooperação técnica entre a Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) - Agência Alemã de Cooperação Internacional, em parceria com o Ministério de Minas e Energia (MME).

A pesquisa indica que, a substituição dos modelos de geração de energia, a partir de combustíveis fósseis para neutros em carbono, necessita de uma significativa transformação na geração e no consumo de eletricidade. E assim, o projeto evidencia o Hidrogênio Verde como um imprescindível potencial para intensificar o processo de geração de energia baseado em fontes renováveis.

Durante o curso, foram estudadas as alterações climáticas na Terra, a partir do crescente uso dos combustíveis fósseis e a urgente exigência de políticas de “desfossilização” (descarbonização) do meio ambiente e, principalmente, sobre o papel do Hidrogênio como parte de uma metodologia para mudança climática utilizando a Ciência na construção de uma trajetória tecnológica para o uso eficiente do H₂ energético no Brasil.

Com professores brasileiros e europeus, foram avaliadas as Matrizes elétricas e energéticas no Brasil e no mundo. Os sistemas eólicos e fotovoltaicos instalados e potenciais de ampliação no Brasil foram correlacionados à geração em pequenas e/ou grandes centrais de geração de energia, analisando os valores de produção e capacidade instalada. Esses modelos foram comparados aos novos modelos de Gestão da 6ª geração de energia: uso do Hidrogênio; gestão da água; e desafios tecnológicos e ambientais de implantações de plantas.

A fim de aprofundar os conteúdos estudados no Projeto Power-to-X Brasil, fui à Europa realizar visitas técnicas e receber orientações mais práticas. Durante as visitas foi possível realizar as seguintes experiências:

- Aprimorar o significado do termo “Economia do Hidrogênio” dentro do novo paradigma econômico emergente. O uso em larga escala do H₂ como vetor energético mundial para atender a demanda crescente por energia e reduzir as emissões de gases do efeito estufa;

- Os diferentes estágios de desenvolvimento da Economia do Hidrogênio no mundo: discussão de casos práticos mundiais com suas peculiaridades sociais e econômicas; Segurança e aspectos físico-químicos gerais a serem monitorados e controlados durante toda a cadeia do H₂, desde a produção até o uso final;

- Exemplos de dados sensíveis, tais como: os níveis de concentração aos quais o Hidrogênio pode reagir com o ar sob uma pressão e uma temperatura normais: o Limite Inferior de Explosividade - LEL e o Limite Superior de Explosividade - UEL;

- Aspectos relacionados aos efeitos fisiológicos de contato e manuseamento do H₂ e a proteção ambiental;

- Procedimentos e prevenções em caso de acidentes com transporte ou vazamentos de Hidrogênio.

Embora a parceria do Projeto seja entre a Alemanha e o Brasil, as visitas técnicas foram realizadas na Espanha, Itália, França e, principalmente, na Inglaterra.

Trouxe ao Brasil a experiência que está fundamentado o estudo da geração de energia, cujo combustível é o Hidrogênio. Foi possível confirmar que o Hidrogênio é um relevante elemento à transição energética, e mediante seu uso, poderemos sair da dependência dos combustíveis fósseis em direção ao uso das fontes de energia renováveis.

Como consequência, estamos realizando estudos no IFPA Câmpus Ananindeua sobre as estruturas da eletrólise da água e de células de combustível para utilização segura do Hidrogênio Verde. Estamos desenvolvendo Modelos Matemáticos-Computacionais para fundamentar estratégias bioinspiradas que utilizem o maior número de variáveis de controle.



Autor: Vinícius Gabriel Dias de Souza - IFPA
Coautora: Luizela Moreira Miranda



PREPARAR ALUNOS COM ESPÍRITO DE LIDERANÇA ”

O evento Findinexa Brasil é um intercâmbio de empreendedorismo juvenil que visa preparar alunos com espírito de liderança para o mercado de trabalho por meio de atividades, workshops, palestras, competições e muito mais. Este evento reuniu delegações de vários países e regiões brasileiras no estado do Piauí/Brasil e

contou com a presença de palestrantes renomados e bem-sucedidos no ambiente empreendedor, como o digital influencer Davi Braga.

No contexto da imersão dos alunos do ensino médio integrado do IFPA Câmpus Belém, curso de edificações, em novembro, dois alunos selecionados, autores deste resumo, tiveram acesso ao evento como representantes do IFPA Campus Belém, seletiva realizada pela Organização Não Governamental (ONG), Junior Achievement (JA) - instituição renomada entre as organizações sociais incentivadoras do empreendedorismo no mundo, em parceria com a Fundação Bradesco e o Instituto Federal do Pará - IFPA Câmpus Belém. Os alunos se destacaram pela participação ativa durante a palestra realizada no Câmpus Belém, proferida para mais de cem pessoas, e foram selecionados para a produção de uma redação com o tema “Por que eu devo ir para o FNB 2022?”. O resultado da redação os credenciou como primeiro e segundo colocados. Os discentes participaram ativamente de palestras, testes de resistência, concurso de talentos, feira miniprensa, representação cultural, festas temáticas e outras atividades voltadas à educação empreendedora ao público jovem.

A conexão entre os participantes do evento foi incrível: começou desde a recepção dos alunos no hotel na capital Teresina, o chamado briefing, onde tiveram o primeiro contato com os demais integrantes do FNB 2022, e apresentaram-se em um desfile caracterizados com roupas representativas de seus respectivos estados/países, além de levarem consigo suas bandeiras. Em seu segundo dia de evento, fizeram uma viagem de seis horas rumo à Luiz Correia, no litoral do Piauí, local onde foram acolhidos pelos demais staffs do evento no hotel Sesc Praia, um imenso condomínio à beira mar, com auditório, refeitório, piscina, quadra de esportes e tudo a que tiveram direito.

Lá deram continuidade ao restante da programação do FNB, ou seja, houve uma palestra sobre empreendedorismo juvenil e um maravilhoso luau à beira-mar, chamado Festa da Paz.

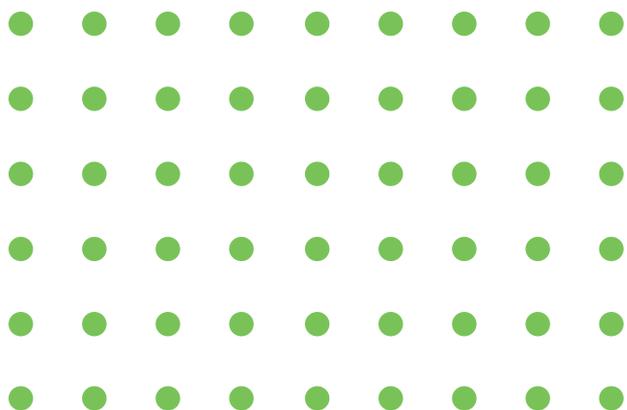
Ao longo dos seus cinco dias de evento, vivenciaram diversas palestras de empoderamento juvenil, liderança, investimentos e saberes. Além disso, houve competições em grupos, denominadas Minha Terra, apresentaram a cultura paraense para os findinexers, contaram um pouco das suas histórias, e compartilharam a culinária típica do Pará. E Luizela também expandiu sobre a cultura da Ilha de São Tome e Príncipe, no continente africano. Inclusive, ganharam na competição Minha Terra em segundo lugar geral do evento. E o grupo de empreendedorismo social de Vinicius foi destaque no evento e premiado com uma medalha.

Em termos de expectativas, foram entusiasmados, e retornaram se sentindo protagonistas nas ações, cheios de novidades e compartilharam seus aprendizados e experiências na 8ª Semana Técnico Científica do Instituto Federal do Pará - SETECI. Sobre sonhos, ressaltam que os seus sonhos são a chave para trilhar o caminho dos seus objetivos e que oportunidades são ouro a que todo estudante deveria ter acesso.

Além disso, Vinicius foi semifinalista na seletiva do programa Jovens Embaixadores 2023, uma iniciativa da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, em conjunto com os consulados americanos, ou seja, em um intercâmbio de curta duração nos Estados Unidos, totalmente custeado por eles. O estudante vivenciou o processo de aplicação, da avaliação de documentos, realizou a prova escrita e a entrevista oral, processos realizados totalmente na língua inglesa. Esse ano está participando novamente da seletiva dos Jovens Embaixadores 2024.

Os alunos tiveram todas essas experiências publicadas por meio de resumos e relatos em eventos científicos do IFPA Câmpus Belém, como o MOVET e SETECI, ambos com apoio do professor Dr. Haroldo Bentes, coordenador do projeto de Iniciação Científica Ensino Médio Técnico do Câmpus. Na atual conjuntura, os pesquisadores desenvolvem-se como jovens pesquisadores pelo projeto IC e contribuem para a ciência, tudo isso graças às aulas e incentivo do professor-orientador e sua força de vontade.





DREAMS IN ACTION : UM SONHO (QUASE) IMPOSSÍVEL

Autora: Ana Angélica de Lucena Taveira Rocha - IFPB
Coautora: Ana Cláudia Dias de Fontes Faria

Depois de 20 anos de experiência na rede privada de ensino, ingressei no serviço público em 2013, como professora da educação básica, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) e fui lotada no Campus Picuí, que fica a quase 240 km de onde moro, João Pessoa. Tive uma enxurrada de sensações de medo e de insegurança, ao mesmo tempo em que senti um revigoramento para trabalhar, quando me deparei com realidades completamente diferentes das que havia vivenciado até então na rede privada de ensino.

Foi dentro desse contexto que voltei a amar à docência, amor tão desgastado pelos desafios da rede privada, e “sonhar” que poderia contribuir para que as/os jovens com quem agora convivia compreendessem o seu valor e pudessem ter melhores perspectivas de futuro. Decidi, então, que usaria a sala de aula para transformar vidas. E foi na sala de aula, que, a partir de novembro de 2016, foi se moldando o “sonho” mais transformador da minha carreira docente: o Projeto Dreams in Action.

A ideia surgiu espontaneamente, sem planejamento prévio. Como docente da disciplina de inglês, estava em um dia rotineiro, em sala de aula, quando, ao escutar as/os estudantes discutirem sobre cotas para sua festa de formatura, me ocorreu a ideia de vê-las/os experimentando outras formas de comemoração, como uma experiência de viagem. Então, fiz uma proposta à turma (na época, 31 estudantes do 2º ano do curso Técnico em Edificações integrado ao ensino médio) de trabalharmos juntas/os para levantar recursos suficientes e custear um curso de inglês fora do país.

Não esqueço o olhar de espanto daquelas/es jovens que sequer cogitavam uma aventura desse porte. Tentei explicar como poderia ser. No entanto, nem eu mesma tinha noção do tamanho dessa aventura (e da responsabilidade implicada ali!). “Teacher, a senhora é doida mesmo, né? Como é que a gente vai fazer isso, sem dinheiro?”, questionou um estudante, e eu, com uma certeza inexplicável, respondi que a primeira coisa que precisávamos era a vontade de fazer (bem sabemos que nem sempre é assim, principalmente, em se tratando de uma realidade como aquela na qual estávamos inseridas/os!). Elas/es ficaram se entreolhando, e eu deixei que “digerissem” a ideia por alguns minutos, até que votaram a proposta, que foi aceita por unanimidade. Saí da sala naquele dia como quem iniciou uma grande (e louca) aventura!

Como tudo aconteceu espontaneamente, não tive tempo de ponderar sobre os possíveis (ou melhor, os mais do que certos) percalços que poderíamos enfrentar em uma aventura como essa. Não me dei conta, por exemplo, da parte logística dessa proposta, que incluía, dentre tantos outros desafios, a impossibilidade de um apoio financeiro por parte do Instituto, devido às contingências que vínhamos sofrendo naquele momento. “O desafio vai ser grande!”, comentei com uma colega, que já tinha se proposto a mergulhar conosco nessa empreitada. Voltei para João Pessoa naquela semana com a incumbência de buscar orçamentos em agências de viagem. Em casa, ao contar sobre a ideia aos familiares, ouvi meu pai fazer um comentário que, para mim, foi ainda mais instigante: “Filha, eu achava que você era louca, mas agora eu tenho certeza!”.

De fato, a execução de um Projeto tão ousado estava além das possibilidades a que as/os estudantes eram expostos, pelo contexto socioeconômico e cultural. No caso de uma viagem internacional, custeada com recursos próprios, seria algo absoluta e absurdamente fora desse terreno de possibilidades para estudantes de uma escola pública (mesmo sendo uma escola federal), de uma região situada no interior do estado. Então, o Projeto permitiu, inicialmente, que um grupo de jovens saísse da sua zona de conforto (ou seria desconforto?) para pensar (e agir) diferente.

Ao voltar para a escola na semana seguinte, apresentei uma opção de orçamento, que consistia em uma viagem de duas semanas, a Dublin, Irlanda (era a opção mais barata!). O espanto com os valores foi enorme! No entanto, como já estávamos tão envolvidas/os com a ideia, a turma se manteve firme no propósito, sabendo também que as/os docentes e servidoras/es iriam dar todo o apoio e orientação para que pudessem levantar aquele montante.

Depois de uma reunião em que conseguimos convencer as/os responsáveis pelas/os estudantes, começamos a colocar em prática o plano de ações, elaborado às pressas, que contemplava a venda de lanches, rifas mensais, mensalidades individuais, conquista de padrinho/madrinha para colaborar com um valor mensal, bazares mensais em diferentes municípios, confecção e distribuição do Dream Cofrinho, que deveria ser alimentado em casa e recolhido a cada quatro meses etc.

Dentre as muitas ações, destaco a primeira de todas, que consistiu na doação, por parte de uma mãe de estudante, de 30 cópias de um livro de sua autoria, que foram vendidas pelas/os estudantes a docentes e outras/os servidoras/es do Campus. Esta mesma mãe, escritora e poeta, escreveu depois um cordel sobre o Projeto, que foi impresso em folheto e também vendido pelas/os estudantes. Outra ação que destaco, por ter sido inusitada e trazer grande euforia entre nós, pelo seu sucesso, foi a venda de ovos de capoeira, trazidos por um participante da zona rural. O Projeto custeou o investimento inicial, a compra de 2 galinhas e fornecimento de ração necessária. Dessa forma, o estudante teve um retorno suficiente para pagar sua mensalidade individual até o final do Projeto.

Todo o valor arrecadado com as ações descritas era depositado em uma conta poupança específica para o Projeto, ou revertido em novos investimentos, como compra de material para venda de lanches, por exemplo. A cada ação realizada, a parceria e o envolvimento das famílias aumentavam. Semanalmente, as/os estudantes eram divididas/os em equipes para planejamento, preparo e venda de lanches diários, e as famílias colaboravam, preparando os “quitutes” em suas casas, vendiam rifas, como também arrecadavam material e organizavam os bazares nos seus municípios, juntamente com as/os estudantes.

Depois de um ano e meio de muito trabalho, orçamentos cumpridos, documentação providenciada e malas prontas (a maioria emprestada, além das roupas de frio!) e ainda sem acreditar que o sonho se tornara realidade, no dia 18 de abril de 2018, partimos rumo a Dublin, Irlanda. Ficamos hospedadas/os em um albergue (por ser a opção mais barata!) e fizemos um curso intensivo de inglês de 40 horas, em parceria com a Dublin City University (DCU), por duas semanas. Além do curso, foram realizadas diversas atividades culturais com o grupo, sendo todas necessariamente gratuitas, devido ao nosso orçamento limitado, como visita a museus e locais turísticos da cidade, jardim botânico e atividades de socialização disponibilizadas pela universidade (como aulas extras de conversação em inglês e atividades esportivas).

Certamente, o IFPB teve grande participação na conquista do que foi a primeira experiência de intercâmbio internacional de estudantes do ensino médio desse Instituto. Apesar de, inicialmente, terem expressado o seu apoio, sem dar nenhuma garantia de suporte financeiro, como já foi relatado, nossas/os gestoras/es se empenharam na captação de recursos para complementar o orçamento do Projeto e, assim, possibilitar a ida das/os 18 estudantes que permaneceram até o final do processo.

Desse modo, o IFPB busca cumprir a função de contribuir para a construção de uma sociedade que possibilite a inclusão social, de forma a proporcionar às/aos estudantes a (re)configuração de seus planos de vida, tentando, a todo custo, respeitar a sua missão de contribuir na formação de cidadãs/os, de maneira inclusiva, justa, sustentável e democrática. E essa missão se concretiza quando, contra todas as impossibilidades, o Instituto consegue, juntamente com o apoio de servidoras/es comprometidas/os, proporcionar experiências que vão além da sala de aula, e que trazem um impacto permanente na trajetória das/os jovens, como a que foi vivenciada pelo grupo do Projeto Dreams in Action.





DESENVOLVER CADA VEZ MAIS ORGULHO DE SER DE ONDE VOCÊ É ”

Autora: Clara Andreielem Baia Batista - IFPB

A decisão começa difícil e se mantém difícil durante o caminho. Não digo isso com a intenção de assustar, até porque, de fato, o intercâmbio foi uma das maiores realizações de sonho da minha vida. Mas, escolher, independentemente do período que for, estar longe de toda a rede de apoio que você tem e construiu é uma das coisas mais difíceis que você pode decidir fazer. No entanto, o crescimento está do lado de fora do confortável.

Eu sou uma amapaense que mora no interior da Paraíba desde 2018, quando passei em Medicina Veterinária no IFPB Câmpus Sousa. De certa forma, a saudade e o reinício são meus companheiros desde os meus 17 anos, quando saí de casa para estudar fora do meu estado pela primeira vez. Mas, dessa vez, a experiência começou com uma ida para outro lado de um oceano, e, em uma ocasião, até dois. Não era mais uma barreira terrestre. Nem sempre a realização será com uma companhia no início, mas sua coragem se tornará sua melhor amiga.

Ter um sonho custa, realizá-lo custa ainda mais. Aprender sobre o movimento de valorização de uma moeda que você nunca viu, se organizar para ter economias pro mês inteiro, planejar uma viagem pra um país que não fala sua língua, pesquisar se o chip do seu celular funciona no outro país, aprender o dia da promoção de um supermercado diferente com produtos totalmente diferentes, comer uma comida que você nunca viu ou ouviu falar, andar em um transporte que você nunca andou, aprender a andar sob pistas de gelo (e rir até das quedas!), aprender sobre resiliência, desenvolver cada vez mais orgulho de ser de onde você é... são apenas algumas coisas que você vai aprender a lidar durante esse período.

O crescimento pessoal e acadêmico durante esse período ocorrerá em forma de curva ascendente e estão correlatos. As relações formadas com professores vão lhe acompanhar na sua carreira acadêmica, impulsionando-a para caminhos que não se imagina ir antes, mas que te surpreenderão. Poder conhecer um país e ter uma imersão na cultura local faz com que a empatia tenha lugar, tal como a admiração aprimorada.

Eu tive a oportunidade de conhecer muitos lugares durante o intercâmbio, porque os custos de uma viagem pelos países são muito acessíveis (essa é uma das melhores partes!), mas conhecer Marrocos, em Marrakesh, no continente africano foi uma das viagens que me mudou completamente. A imersão cultural, a comida, as conversas sobre diferenças de vida, a arquitetura, o jeito que as pessoas vão lhe tratar por você ser brasileiro...te surpreende. Se sentir cidadã do mundo te surpreende.

Por fim, gostaria de dizer que sem a ajuda incansável da minha família e de pessoas do meu IFPB, não seria possível a realização de tantos sonhos dentro de um. O IFPB Câmpus Sousa me proporcionou uma realização que nunca esquecerei, nem minha família.

O sonho sempre vai ser ancestral e a realização dele sempre vai ser conjunta.





UMA DAS MELHORES EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR MIM ”

Autor: Thiago Victor de Oliveira Santos - IFPE

Era novembro de 2013, eu estava cursando o doutorado na universidade e já era professor do IFPE. A função de coordenador, juntamente com as aulas que ministrava, fez com que meu doutorado não progredisse após dois anos de ingresso. Apesar disto, o sonho de realizar um doutorado sanduíche no exterior, explorar um país, um continente, aprender efetivamente um novo idioma e uma nova cultura sempre existiu.

Em dezembro de 2013, em uma reunião com meu orientador, ao confirmar meu interesse em realizar o doutorado sanduíche, ele disse: “Já estou próximo de me aposentar, não é uma linha em meu currículo que irá mudar minha vida. Vá fazer um doutorado completo!” Estas palavras mudaram minha vida.

Como já havia recebido o aval da universidade e da orientadora para realizar o doutorado sanduíche, perguntei a ela se haveria a possibilidade de realizar um doutorado completo em Engenharia Mecânica. E a orientadora disse que sim! Reuni todo o material necessário, fiz o teste de proficiência, submeti e fui contemplado com a bolsa para estudar na Brunel University London. Meus familiares comemoraram bastante esta conquista. Afinal, eu era o primeiro da família a morar em outro país.

Com as malas prontas, aterrissei em Londres, a primeira cidade (de muitas) da Europa que conheci. Por não possuir vivência no inglês, tive dificuldades em entender o inglês britânico. Reservei um B&B (Bed and Breakfast) por poucos dias enquanto resolvia minha acomodação na universidade. O Câmpus possui apartamentos com quartos individuais e cozinhas compartilhadas. Optei em morar no Câmpus pois acreditava que seria possível conhecer pessoas de todos os lugares do mundo.

Após estar devidamente alojado em minha acomodação, fui ao encontro da minha orientadora do doutorado. Conversamos sobre assuntos diversos e o foco que minha pesquisa iria tomar. Ela me incluiu em um grupo de pesquisa que utilizava um laboratório bem estruturado da universidade graças a uma parceria com a iniciativa privada.

A universidade ficava em Uxbridge, há cerca de uma hora de metrô do centro de Londres. Este deslocamento me fazia cruzar por diferentes cidades ao redor do mundo dentro de Londres.

Isto porque gregos, portugueses, árabes, indianos ou demais grupos étnicos escolhiam o mesmo bairro para residir, o que faz com que o mercado local se especialize e forneça produtos típicos, reduzindo a saudade de casa.

Em toda a cidade é possível ver as pessoas usando os trajes típicos de seus países de origem, que vão desde trajes Indus até a Burka (um traje islâmico onde todo o corpo da mulher é coberto, deixando apenas uma pequena tela nos olhos). Era inspirador testemunhar as pessoas na rua expressando livremente sua identidade cultural, sem medo de julgamentos ou rejeição.

Devido a esta diversidade, eventos culturais e restaurantes de praticamente todos os lugares do mundo podem ser encontrados por lá. Somado a isso, os museus são surpreendentes. As exposições mais importantes do mundo sempre passam pela cidade e, sempre que era possível, eu visitava exposições e museus.

Diferente do doutorado realizado no Brasil, na Inglaterra não é necessário cursar disciplinas, é pesquisa pura. O programa dura três anos, mas muitos acabam levando quatro anos para concluir. No início, foi necessário reescrever o meu projeto, desta vez, estabelecendo prazos e metas a serem entregues juntamente com a orientadora. A proposta inicial era utilizar um equipamento comercial de baixíssimo consumo de energia capaz de refrigerar uma cozinha industrial. Esta proposta tinha como objetivo fazer uso da infraestrutura do laboratório a que pertencia (voltado para a indústria alimentícia). Pois, não muito diferente do Brasil, nem todos os professores possuem verbas para financiar seus projetos. Tive muitos colegas brasileiros com dificuldades para desenvolver suas pesquisas devido à falta de recursos. Após uma reunião com a empresa, levantamos as necessidades de melhoria do equipamento e, assim, o projeto foi remodelado. Ao participar do aprimoramento deste equipamento, meu doutorado iria produzir algo concreto, melhorando a eficiência, reduzindo seus custos de produção e promovendo o uso de equipamentos com baixa emissão de CO₂. Também participei de outros projetos a convite da minha orientadora do doutorado. Em um deles, morei na Itália por dois meses.

Para auxiliar na jornada do estudante, uma ferramenta chamada 3D tool (Do, Disseminate and Develop) foi apresentada. Através dela, o pós-graduando avaliava quais cursos voltados ao desenvolvimento pessoal e acadêmico deveriam ser realizados. Além disso, aos 9, 20, 30 e 40 meses, uma reunião com a orientadora é realizada, e um documento contendo as atividades desenvolvidas neste período é preenchido. Também se faz necessário fornecer os principais marcos com datas previstas e o que é necessário para concluí-los.

Enquanto conduzia o doutorado, tive a oportunidade de realizar outros cursos dentro da universidade, como Life drawing (nu artístico), cerâmica e pintura. De todos, a cerâmica foi a que mais me cativou.

O entusiasmo foi tanto que conquistei até um prêmio em uma exposição de arte da universidade. Estes cursos fizeram com que eu desenvolvesse habilidades como autocontrole, paciência, criatividade, imaginação, concentração etc. Particpei também de equipes de escalada e fazia academia na universidade. Para dar conta de tudo isso, acordava bem cedo, fazia um café e lia um livro. Em seguida, ia para academia e por volta das 9h eu já estava no escritório. Com um planejamento sendo seguido, sobrava tempo disponível para viajar. Como é Londres um Hub mundial, há voos para todos os lugares do mundo a um custo muito baixo. Com isso, tive a oportunidade de conhecer muitas cidades da Europa.

Quanto às amizades, fiz algumas que duram até hoje. Nos apartamentos da universidade e em meu laboratório pude conviver com estudantes de, pelo menos, 22 países, incluindo Nigéria, Bangladesh, Grécia, China, Argélia, Índia, Chipre, Líbano, Egito, Síria, Irã e Arábia Saudita. Uma experiência marcante foi um casamento entre uma grega e um egípcio, uma mistura de culturas onde foi possível ver um pouco de como seria o casamento em cada um desses lugares.

De todas essas pessoas que cruzaram meu caminho, a maioria dos amigos que possuo até hoje foram devido às aulas de Maracatu. Isso mesmo, em Londres tem um grupo de Maracatu! Lá foi possível conhecer britânicos de todas as classes sociais, brasileiros residentes e realizar apresentações em algumas cidades da Inglaterra. Também desfilei no Carnaval de Notting Hill e, dentre as várias apresentações ao redor de Londres, destaco o Brazilian day, realizado na Trafalgar Square, o principal local da cidade para realização de eventos públicos de grande porte. Outro ponto positivo das apresentações foi conhecer partes de Londres inexploradas por muitos turistas e estudantes. Ou seja, fui a lugares onde apenas os londrinos frequentam. Pude ver de perto seus costumes e como eles admiram da cultura dos outros países.

E assim terminou meu doutorado e hoje possuo um PhD em Engenharia Mecânica. Voltei para o Brasil após ter passado por esta experiência que transformou minha vida sob todos os aspectos. Observei que grande parte dos europeus possuem uma vida mais simples e optam por experiências a bens materiais. Aprendi que você deve, ao máximo, ser quem você é e respeitar as diferenças. Também acredito que absorvi um pouco da cultura britânica, como ser mais calmo, não falar alto, ser mais objetivo, mais pontual e valorizo todo tipo de trabalho. Observei também que nunca falaremos igual ao inglês nativo; o importante é se comunicar. Quanto à área acadêmica na Inglaterra, observei que os estudantes de graduação e mestrado são os protagonistas no processo de aprendizagem: possuem uma carga horária menor quando se comparada ao do Brasil, entretanto, possuem mais tempo livre para desenvolver diversos projetos e trabalhos ao longo do curso. Fazer do estudante um ser ativo no processo de aprendizagem me motivou a ser um disseminador da Cultura Maker no Brasil. Hoje, exerço a função de coordenador do laboratório Maker no IFPE / Campus Ipojuca. Neste espaço, projetos de inovação, ensino e pesquisa estão em desenvolvimento, sendo alguns deles inspirados pela bagagem adquirida durante os quatro anos de doutorado na Inglaterra.





UM MOMENTO QUE CADA UM VAI LEVAR COM MUITO CARINHO

Autor: William de Lemos Cassiano - IFPE | Coautor: José Felipe Florencio Monteiro Mariano

Caruaru, uma cidade do interior de Pernambuco, sempre foi reconhecida por sua riqueza cultural e tradições de São João, artesanato com barro e forró. No entanto, alguns estudantes do IFPE desta cidade decidem ampliar seus horizontes através de ações de internacionalização. Ao embarcarem para uma universidade peruana em um programa de intercâmbio, esses jovens se deparam com um mundo novo de possibilidades. Eles vivenciam experiências marcantes, imergindo na cultura local, aprendendo o idioma espanhol e desenvolvendo novos laços de amizade com pessoas de várias nacionalidades. Essa experiência única amplia seus conhecimentos acadêmicos, abre portas para novas oportunidades de carreira e, acima de tudo, os transforma em cidadãos globais, preparados para enfrentar desafios em qualquer parte do mundo.

A narrativa dessa experiência de intercâmbio tem início de uma forma bem incomum ou, para muitos, até mesmo improvável. Ela começa quando dois estudantes do IFPE Câmpus Caruaru - um que veio da pequena cidade de Altinho e outro da cidade de Garanhuns - mesmo cursando períodos distintos, já apresentavam uma amizade devido a interesses em comum que convergiram para a participação dos dois em mesmos grupos de pesquisas e desenvolvimento tecnológico. Mais tarde, quando divulgada nas redes sociais do IFPE uma oportunidade de intercâmbio para a UTP (Universidad Tecnológica del Perú), o interesse pela possibilidade de adquirir uma experiência internacional de estudo em engenharia, além de ampliar os horizontes e conhecer novas culturas foi sendo despertado.

Embora um pouco desmotivados, pois a informação publicada no portal indicava que o prazo de inscrição já havia encerrado, eles decidiram se candidatar ao programa de intercâmbio, organizando a documentação necessária e escrevendo uma carta de motivação requerida no formulário do programa de mobilidade internacional presencial. Com o apoio mútuo e o incentivo de alguns professores, eles persistiram mesmo após o prazo de inscrição ter expirado. Enquanto aguardavam ansiosos, sem muita confiança, mais tarde descobriram que o prazo final havia sido prorrogado pela universidade estrangeira, o que garantia a participação deles na análise de aceitação do programa, com a possibilidade de embarcar nessa jornada de aprendizado e crescimento pessoal. Inesperadamente, 1 mês após o envio da documentação, os dois recebem uma carta de aceitação e, com muito esforço e persistência, a instituição fornece uma ajuda de custo para a viagem.

Chegando lá, já se tornou evidente, esses estudantes não estavam mais em terras nacionais, logo, os dois, apesar de terem um básico conhecimento linguístico e serem pessoas relativamente tímidas, tiveram que se adaptar às novas adversidades, câmbio de dinheiro, necessidade de se adaptarem a uma grande metrópole com 9,2 milhões de habitantes. Simplesmente, suas vidas transformaram-se da água para o vinho, e essa transformação repentina de estilo de vida, inicialmente, acabou desestabilizando-os, pois nem café da manhã e nem jantar tinham corretamente, devido ao Airbnb não propiciar acesso a cozinha e nem disponibilizar geladeira. Eles viviam a base dos famosos restaurantes de menu, que são restaurantes típicos onde a pessoa pode selecionar a entrada (salada, ceviche ou sopa, sendo essa muito diferente das sopas nacionais, pois ela é muito mais rala) e o prato em si, que poderiam ser vários pratos típicos peruanos, além de sempre ser acompanhado do famoso suco de chicha morada. E essa situação se manteve por umas semanas, até que conseguiram mudar de Airbnb, sendo este novo completo, com geladeira, cozinha, ou seja, com o essencial. Tudo parecia perfeito, menos o fato de se encontrar entre duas favelas...

A situação da casa entre favelas foi algo que foi muito importante para os dois. Sim, o perigo existiu, mas através das pessoas que conheceram lá descobriram onde estavam. Passaram a semana em busca de uma residência, mas a busca não foi fácil, pois por ser uma capital, acabava que o custo de vida era relativamente elevado, mas como a fala de um personagem de *Overwatch* diz "da adversidade surge a oportunidade de mudança". Então, os dois chegaram à conclusão de que, apesar de no hotel anterior eles viverem em um quarto só, ele se tratava de um local interessante devido a sua proximidade com a universidade, e na atual situação monetária algo plausível de se fazer seria regressar para lá, mas a alimentação era essencial, logo, por que não combinar com os responsáveis do hotel um valor para a utilização da cozinha? Depois de muito tentarem e conversarem conseguiram, saindo finalmente de uma situação de um risco maior para um ponto seguro e capazes de fazer seus próprios alimentos, assim reduzindo o custo de subsistência absurdamente.

A vida na universidade foi outra quebra de padrão, pois nela havia um projeto de sempre ter estudantes estrangeiros, logo, não só foi possível conhecer pessoas do Peru, como também do Panamá, México, Paraguai e, de forma virtual, da Argentina, Uruguai, dentre outros países da América Latina. Logo, esses dois estudantes que passaram a vida no nordeste brasileiro estavam conhecendo basicamente pessoas da América Latina inteira, e isso foi extremamente gratificante e ao mesmo tempo curioso, pois apesar de não parecer, por serem do mesmo continente, a diferença cultural é clara entre o Brasil e esses países que têm como sua língua o Espanhol, mesmo muito diferentes. Foi possível saber que o Peru e o Chile têm intrigas e inimizades geracionais, muito motivadas por questões de território e culturais. O exemplo clássico é o famoso pisco peruano, que, no caso, os chilenos dizem que inventaram e os dois discutem até hoje isso.

Porém não só foi extremamente gratificante para os dois expandir os horizontes no sentido cultural como também conhecer como é a visão sobre a área acadêmica de outros países. As abordagens são várias. A forma de avaliação, por exemplo, não se tem uma média até 10, e sim até 20, e, normalmente, em todas as semanas havia atividades avaliativas, que tanto, de um certo modo, força o estudante a sempre estar correndo atrás do conteúdo, como acaba cansando-o, mas não pela dificuldade em si, e sim pela carga de ter que carregar tantas cobranças todas as semanas. Mas, mesmo assim, isso não os impediu de conhecer um pouco do país para onde acabaram indo. E algo que pode ser adiantado, se trata de um país com belezas naturais deslumbrantes.

Um pré-julgamento que ocorre muito é pensar que o Peru só se trata de Machu Picchu, e isso não é real. Junto com estudantes da UFPE que também foram para o mesmo intercâmbio, os nossos dois mochileiros caruaruenses conheceram desde desertos com oásis, ilhas repletas de leões marinhos e pinguins a imponentes montanhas presentes nas cordilheiras dos Andes. Inclusive, passaram as mais diversas situações nas mesmas, até de conseguir fazer parte de uma cena de resgate em alta velocidade onde o que se tinha em jogo era a vida de uma de suas conhecidas. Essa história ocorreu na Cordilheira da Viuda, que em alguns pontos tem 4600 metros. Devido a menor concentração de oxigênio na atmosfera, uma falta de ar acometeu uma das conhecidas do grupo, porém, o que antes era só uma falta de ar estava evoluindo para desmaios e quadros de parada cardiovascular, algo que, na situação, foi extremamente desesperador, pois todos que estavam na excursão tiveram que descer o mais rápido possível em busca de ajuda, algo que demorou na faixa de 2h para ser possível de conseguir, e durante esse processo, inclusive, foi ensinado a fazer uma respiração boca-a-boca, e todos no ônibus estavam juntos, ajudando, até, finalmente, conseguirmos chegar nos paramédicos que se encontravam em uma cidade a vários quilômetros de distância da montanha, mas, no final, tudo acabou bem, apesar do susto.

Mas, apesar dessas histórias dignas de séries americanas, o dia-a-dia acabou se tornando padrão para os dois, pois, no geral, na semana, tinham uma rotina que se baseava em conhecer um pouco cada dia da cidade, estudar, ir à faculdade e, pela noite das 22h à meia-noite, algumas vezes até às 2h da manhã estar na academia, além de todos os dias caminhar algo na faixa de 14 km (algo que por se tratar de uma cidade plana, onde quase nunca fica com sol forte, e que nunca chove, era algo não tão complexo de fazer. Sim, Lima é uma das capitais mais secas do mundo, onde raramente se chove na cidade), além de conhecer a culinária local (e apesar de gostar muito, sentir falta da brasileira, de uma paçoca, uma farinha, várias coisas que não se tem lá).

Então, o que ficou claro com todas as experiências vividas por essa dupla é que foi uma situação que teve duas adversidades, mas que foi um momento que cada um vai levar com muito carinho e relembrar para sempre, além de que, com certeza, faz parte da nossa saga do crescimento pessoal.

O Felipe e o William de 2023 agradecem muito o mesmos de 2022 por terem tido essa coragem de se meterem em uma aventura, e do fundo do coração deles, eles sempre vão recomendar a todos os estudantes desse país que, se tiverem a oportunidade, procurem fazer um intercâmbio, pois não é só importante, é essencial para entender o que é de verdade o Brasil e o mundo que nos rodeia, e que nós fazemos parte, apesar de muitas vezes pensarmos que não somos merecedores. Nós somos, todos nós somos.



A chamada visava selecionar 10 (dez) iniciativas colhidas no mundo, para serem compartilhadas em seus Laboratórios Urbanos, nos sites e mídias sociais do TUC e IIED, e para nossa alegria, o Projeto HortEduc ficou entre as 10 (dez) iniciativas selecionadas, por considerar que a abordagem realizada pode ser replicada visando descarbonizar cidades e reduzir a pobreza e desigualdade arraigadas, além de promover a justiça social.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, vozes locais foram ouvidas para ilustrar e contextualizar as interpretações desta narrativa. “Sinto-me agradecida por todos os ensinamentos recebidos durante todas as oficinas do projeto. Foram momentos de bastante aprendizado, o que pode contribuir para aumentar a variedade de produtos ofertados para nossos clientes e conseqüente aumento do faturamento” (Josefa Soares da Rocha, presidente da Associação dos Horticultores).

O debate climático surge nesse cenário de alterações ambientais produzidas pela atividade econômica e pela emissão de gases que intensificam o aquecimento global. Não à toa, a classificação dos direitos coletivos ocorre dentro de um contexto de crítica ao sistema capitalista que afronta a coletividade, a solidariedade, a fraternidade e a existência humana em sentido coletivo. Importa destacar que essa cultura de cuidado com a terra fomentado pelas hortas urbanas é também uma forma de maior envolvimento da população no apoio à ação climática, aumento e proteção da biodiversidade: hoje o número de famílias envolvidas e a transformação de um espaço que antes estava degradado (sob a linha de alta tensão) na “Avenida das Hortas do Dirceu”, promovida pelo envolvimento direto da população, é exemplo disso.

O projeto HortEduc foi desenvolvido no contexto geográfico das hortas, que ficam na região do bairro Renascença e têm uma extensão de 1 km, foi coordenado e desenvolvido por servidores do IFPI, e executado no período de janeiro à dezembro/2022, com participação de 22 horticultoras, e considerou em sua proposta relatos das necessidades apresentadas pelas horticultoras da Associação de Horticultores do Dirceu, que destacaram os seguintes problemas: ausência de capacitação técnica; pouca diversidade do cultivo e precária organização, visando fortalecer o empreendedorismo solidário, com o conseqüente aumento da geração de emprego e renda dos produtores envolvidos, tornando-se ações de fomento ao empreendedorismo solidário na região e a ações de mitigações climáticas. Para Josefa Soares da Rocha, participante do projeto e presidente da Associação de Horticultores, as atividades desenvolvidas foram importantes para ampliar as possibilidades de comercialização dos produtos produzidos pelas horticultoras.

Os resultados do projeto foram divulgados por meio da feira/amostra do produto final desenvolvido para a comunidade acadêmica e local, bem como nos meios de comunicação da instituição, e serão publicados nos sites (em fase de revisão/tradução final) <https://urbancoalitions.org/pt-br> e <https://www.iied.org/about-publications>

como iniciativa selecionada na chamada “Frontrunner Cities”, e por fim, motivou a produção de um documentário sobre a vida das horticultoras do Dirceu. O documentário está em fase de produção e se chamará “Vida, Lida e Luta” conforme pode se verificar no teaser que já está disponível: <https://youtu.be/eKsoAp0fAh0>.

No vídeo podemos observar que há muita menção sobre a união de agendas (“tô junta daquela natureza”) e sobre questões de gênero (“a mulher tem que se garantir, já foi o tempo da mulher ficar subordinada ao seu marido”). E assim, pode-se dizer que o projeto promoveu:

- i) o empoderamento das horticultoras enquanto empreendedoras da região no ramo de cultivo e vendas de hortaliças;
- ii) o aperfeiçoamento das técnicas de manejo do solo e das hortaliças, bem como ampliação da diversidade das mesmas; e
- iii) técnicas de inovação (produção da “salada de pote orgânica”) o que permitiu desenvolver novas habilidades e a criatividade das participantes.

A iniciativa realizada favoreceu a economia local, visando alavancar a geração de emprego e renda, e permitiu o reconhecimento identitário de um produto por meio de ações de combate à injustiça climática, sustentadas na promoção de técnicas inovadoras de cultivo e manejo do solo. E sobretudo, ganhou destaque internacional ao compor o banco de experiências exitosas do IIED. Através do projeto Alianças para Transformação Urbana, ao tecer a agricultura urbana em planos estratégicos, foi possível reduzir as pegadas de carbono, aumentar a resistência aos riscos climáticos, e gerar empregos e inclusão social. A agricultura urbana é, portanto, tanto uma iniciativa de infraestrutura ambiental quanto uma iniciativa social e econômica, que pode ser desenvolvida e aperfeiçoada por meio de políticas públicas estatais que favoreçam o combate à injustiça climática, no mundo todo.





Autor: Italo Emmanoel Mesquita Oliveira - IFPI

JOVEM EMBAIXADOR — INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

O avião pousou no Aeroporto Nacional Ronald Reagan, de Washington D.C., na fria noite de 10 de janeiro de 2015. Pela primeira vez, um jovem da camada menos favorecida da sociedade e oriundo de escola pública pisava em solo internacional, estava longe da sua família, via neve e estava completamente imerso em um ambiente de língua inglesa. Naquele momento um filme de tudo que havia acontecido nos últimos anos passou pela minha cabeça, como o esforço no curso de inglês, as relações com a atividade voluntária, e o apoio dos professores, amigos e família.

Me chamo Ítalo Moura, sou egresso do Instituto Federal do Piauí, no curso Técnico Integrado ao Médio em Mecânica, e o único intercambista do Piauí na edição de 2015 do Programa Jovens Embaixadores. Eu conheci o programa através de uma amiga de sala (Rute Araújo), que me estimulou a aplicar. Lembro, claramente, do dia que lhe disse que não tentaria o programa por achar que não conseguiria (mesmo cumprindo todos os requisitos) e, ainda, lhe pedi para não falar para nossa professora de inglês (Lina Santana). Não adiantou, pois a Rute estava decidida a me fazer mudar de ideia e dias depois as palavras de incentivo da professora Lina mudaram meu pensamento.

Todo o processo de seleção foi uma jornada de autoconhecimento, em que precisei falar sobre mim e minhas perspectivas de longo prazo, bem como minha família, escola, trabalho (Bolsista de Iniciação Profissional no IFPI), trabalho voluntário e visão de mundo. A Rute e a professora Lina estiveram acessíveis e próximas para me ajudar nos momentos de dúvidas durante a seleção e a preparação para a viagem. Os colegas de trabalho da biblioteca do IFPI Câmpus Teresina Central, minha família e amigos apoiaram meu sonho e me deram suporte necessário. O resultado disso tudo foi ver o meu nome no anúncio dos selecionados (em novembro de 2014) e vibrar com muita alegria. Não consegui segurar as lágrimas só de pensar que a oportunidade que teria era muito distante da minha realidade. Aquele momento foi mágico e levei alguns dias para acreditar que eu era um Jovem Embaixador. Antes da viagem, recebi ajuda de custo do IFPI, que foi crucial para algumas despesas não cobertas pelo programa, como a emissão do passaporte, compra da mala e de alguns itens pessoais necessários.

Em janeiro de 2015 embarquei para Brasília para o encontro de todos os jovens do Brasil que haviam sido selecionados. Esta foi a primeira vez que viajei completamente sozinho, de forma que tive um certo frio na barriga até ver o pessoal da Embaixada dos EUA com uma plaquinha fofa no portão de desembarque. A partir desse momento fiquei impressionado com a capacidade do programa unir tantos jovens diferentes, mas com muita coisa em comum (como a visão de mundo). A variedade de sotaques me fez perceber, pela primeira vez, o quão grande e diverso é o meu país e que cada região tem suas características próprias que as tornam únicas.

Ao chegar nos EUA, tudo era muito novo e logo fiquei impressionado com as diferenças em relação ao Brasil. Os workshops que faziam parte da agenda do programa eram bastante dinâmicos e instigadores. Eles incluíram planejamento de projetos sociais, política americana, importância do voluntariado, relações Brasil e EUA, empoderamento juvenil e outros. Cada um tinha algo especial, fosse uma palestra, uma apresentação, debates, uma atividade em grupo ou um momento de reflexão. Enquanto vivenciava isso, não percebi o quanto meu perfil estava sendo enriquecido com novos repertórios e visões de mundo, mas hoje tenho a certeza de que reforçaram o meu potencial e me incentivaram a seguir aquilo que acredito.

Na capital dos EUA, também, tive a oportunidade de visitar alguns museus (Museu Nacional de História Natural, Museu Nacional do Ar e Espaço, Galeria Nacional de Arte e outros), pontos turísticos históricos (Obelisco, Memorial dos Veteranos do Vietnã, do Martin Luther King, da 2ª Guerra Mundial e de Abraham Lincoln), locais simbólicos (Chinatown) e ir a restaurantes de comidas típicas de outros países (México e Itália). Nesses momentos conheci muitas coisas novas, despertei para ler com maior profundidade sobre alguns assuntos e pude entender a riqueza cultural que há no mundo. Em Washington D.C., muitas coisas eram lindas e encantadoras, mas nem tudo era perfeito. Vi moradores de rua sobrevivendo no frio cortante do inverno americano, que me deixou triste e reforçou a minha ideia de que os desafios do então Objetivos de Desenvolvimento do Milênio deveriam ser enfrentados por todos nós dentro do nosso círculo de influência e das nossas capacidades.

Além disso, pude entrar na Casa Branca e encontrar líderes do governo americano no Departamento de Estado, sendo essas duas oportunidades mágicas. Pouquíssimas pessoas conseguem isso e eu me sentia muito orgulhoso de conseguir chegar lá por ter um perfil de jovem líder engajado na sua comunidade e preocupado com os problemas que me rodeiam. Após alguns dias na capital, o grupo de 50 Jovens Embaixadores foram divididos em cinco cidades americanas para morar com uma família. Eu fui para Pensacola, na Flórida, no dia do meu aniversário (14/01). Esta era uma cidade pequena e encantadora, rodeada pelo Golfo do México, onde se podia respirar cultura (visto que foi colonizada por 5 diferentes países).

Quando cheguei lá, minha família hospedeira havia preparado uma festa surpresa e todos os outros participantes haviam escrito mensagens de aniversário para mim sem que eu percebesse.

Sempre gostei de comemorar meu aniversário e, no de 2015, minha felicidade foi dobrada. Eu estava realizando um sonho de ser intercambista, enquanto tive a oportunidade de comemorar o meu dia durante esse sonho e recebendo o carinho de todos. À noite, tive outra comemoração de aniversário, apenas com minha família hospedeira, no restaurante favorito deles. Esta acolhida esquentou meu coração, enquanto estava distante da minha família no Brasil. Tudo parecia como nos filmes (doce gratuito e garçons cantando os parabéns).

A convivência com uma família americana em Pensacola me possibilitou aprender sobre a cultura local e a vida diária em outro país (diferente para um turista). Também, aproveitei para falar sobre o local de onde eu vinha, abordando aspectos do Brasil, do Piauí e de Teresina. Lembro da minha família ficar impressionada em saber que a Doutora Niède Guidon encontrou vestígios do homem americano na Serra da Capivara com datação anterior aos da teoria do estreito de Bering e que temos o maior Delta em mar aberto das Américas. Levei alguns posters e CDs fornecidos pela Secretaria de Cultura em que pudemos conversar sobre a cultura brasileira e, assim, fizemos uma troca de conhecimentos muito legal.

Além disso, pude visitar duas escolas, a University of West Florida, a prefeitura, locais simbólicos e históricos, realizar trabalho voluntário e conhecer líderes locais. O período nas escolas foi o melhor, pois pude assistir algumas aulas, andar com jovens americanos, assistir jogos de basquete, ver as líderes de torcida e conhecer a ampla diversidade de atividades que os alunos possuem. A sensação era de estar em um filme da Sessão da Tarde. Na universidade, conheci alguns de seus representantes e os intercambistas conterrâneos, do programa Ciência Sem Fronteiras, e pudemos conversar sobre as nossas experiências.

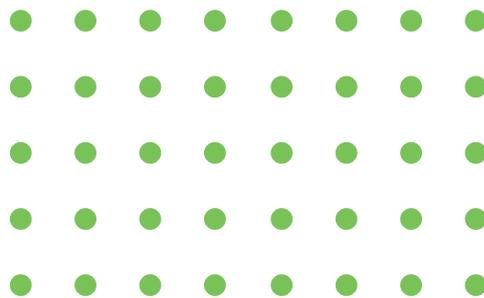
A possibilidade de conhecer e interagir com os líderes locais foi excelente. Conheci histórias inspiradoras de pessoas que dedicavam suas vidas na luta por direitos humanos e de grupos minoritários. Após cada momento eu refletia como poderia fazer mais para contribuir para solucionar os problemas sociais da minha comunidade. Além disso, realizei trabalho voluntário, sendo o mais especial deles o do feriado do Dia de Martin Luther King, que é um líder em quem me inspiro desde antes da viagem. Fui agraciado com o Título de Cidadão Honorário de Pensacola e fiquei em êxtase por tamanha conquista. Isto representava um reconhecimento da cidade em relação ao potencial que a força jovem tem para gerar mudanças significativas no mundo.

Fazer um intercâmbio como este vai muito além de viajar para outro país. Na verdade, a viagem se torna um detalhe frente a riqueza das experiências que são proporcionadas. Hoje tenho um forte sentimento de nostalgia e isso me deixa muito feliz, por saber que fui reconhecido na seleção e que o programa mudou minha vida. Quando o avião pousou no Aeroporto de Teresina, em 01/02/2015, o Ítalo que chegava em casa era tremendamente mais maduro, confiante de si e visionário. Desde então, ele nunca mais deixou de acreditar nos seus sonhos e a batalhar por cada um deles com todas as suas forças. Uma vez JE, sempre JE!





PROMOVER A CULTURA INTERNACIONAL NOS CAMPI DO IFPR MESMO SEM RECURSOS FINANCEIROS



Autora: Ingrid Trioni Nunes Machado - IFPR

Incentivar os estudantes da educação profissional, científica e tecnológica a participar ativamente de atividades de internacionalização e a contribuir para a criação de um ambiente internacional no campus é um grande desafio. Nesse sentido, o presente relato narra algumas experiências o Instituto Federal do Paraná por meio do Projeto de Extensão intitulado “Estudantes como protagonistas de ações de internacionalização”. O foco foi a motivação de ações de internacionalização em casa, isto é, que ocorrem na própria instituição por meio de práticas que levam em conta a diversidade cultural presente no ambiente acadêmico. É importante ressaltar que esta é uma alternativa para promover a cultura internacional nos campi do IFPR mesmo sem recursos financeiros para a mobilidade internacional, oportunizando maior visibilidade às ações de trocas internacionais que têm resultado em importantes contribuições para o desenvolvimento das instituições da Rede Federal.

De Wit (2020) aponta que a internacionalização do currículo é um processo que visa tornar explícito o compromisso da instituição com a preparação de seus estudantes para o mundo globalizado e multicultural. Para tanto, é importante que a instituição promova a inclusão de disciplinas e atividades que abordem temas internacionais em todas as áreas do conhecimento, bem como incentivar a participação de docentes em eventos e projetos internacionais.

Resultante da necessidade de ações como as sugeridas por De Wit, surgiu o projeto em tela que é protagonizado por estudantes do IFPR e teve início durante a pandemia de COVID-19, uma vez que as oportunidades de internacionalização começaram a surgir não apenas aos servidores da instituição, mas também aos estudantes. Logo, surgiu a necessidade de promover a internacionalização ampla do IFPR e, ainda que de forma online, foram realizadas atividades culturais, esportivas e sociais que permitiram a troca de experiências entre estudantes de diferentes países, como conversas virtuais, exposições culturais, oficinas de línguas e outras iniciativas que valorizam a diversidade cultural.

A Assessoria de Relações Internacionais iniciou o projeto em um primeiro momento intitulado “Jovens Embaixadores do IFPR”, oferecendo orientação aos participantes que, a princípio, ocupavam-se apenas com a divulgação das oportunidades aos seus pares, ou seja, aos demais colegas estudantes dos campi aos quais pertenciam.

No início, por causa da impossibilidade de mobilidade e intercâmbio, foram divulgadas diversas bolsas de estudo por meio remoto, além de parcerias, estágios virtuais, eventos e cursos online em diversas áreas do saber, possibilitando a mobilidade internacional através de convênios de cooperação técnico-científica com instituições estrangeiras de forma virtual. Essa sensibilização sobre a importância da internacionalização e da mobilidade acadêmica, mesmo que virtualmente, permitiu o entendimento de que elas são acessíveis para todos os estudantes do IFPR.

Por meio de canais de comunicação, como redes sociais, grupos de WhatsApp e e-mails, foi possível ampliar o acesso dos estudantes da instituição a essas oportunidades e os Jovens Embaixadores do IFPR tiveram um papel fundamental em compartilhar informações sobre bolsas, programas de intercâmbio, eventos e outras iniciativas relacionadas à internacionalização, sendo verdadeiros agentes de transformação no ambiente acadêmico, através da disseminação das oportunidades e do incentivo à participação dos colegas no cenário internacional, fomentando a cultura da internacionalização entre eles.

O Centro de Línguas do IFPR (CELIF) teve um papel importante no projeto, pois contribuiu para a internacionalização por meio do ensino de línguas estrangeiras e da certificação de proficiência em línguas. Para isso, o CELIF oferece programas de formação de professores de línguas, aprendizagem e preparação em suficiência linguística para estudantes, além de avaliação e monitoramento do progresso dos alunos por meio de testes regulares.

Algum tempo depois, surgiram demandas mais específicas, reivindicando uma estrutura mais robusta que permitisse desenvolver de fato uma cultura de internacionalização, tanto dentro quanto fora da instituição. Neste momento, a autora deste relato, Ingrid Machado, propôs iniciar um trabalho de aproximação com os Jovens Embaixadores, já que era Representante de Assuntos Internacionais Local do Campus Ivaiporã. Mediante atividades que privilegiaram a troca de experiências e a valorização da diversidade cultural, essa aproximação teve a intenção de ampliar as possibilidades de internacionalização dentro do IFPR, contribuir para o desenvolvimento acadêmico e cultural dos estudantes e incentivar os alunos a se envolverem em oportunidades internacionais.

A metodologia adotada no projeto é baseada em ações de sensibilização e formação, que incluem desde a realização de palestras, workshops e oficinas, até a criação de um espaço de orientação e suporte para os estudantes interessados em participar de programas de intercâmbio. De acordo com Knight (2015), ações dessa característica são fundamentais para disseminar a cultura da internacionalização e criar um ambiente propício para a mobilidade acadêmica.

Portanto, agora os “Estudantes como protagonistas de ações de internacionalização” vêm participando de encontros mensais desde fevereiro de 2023. São encorajados a organizar eventos, planejar atividades culturais, criar grupos de discussão sobre

temas internacionais, participar de projetos de pesquisa e extensão com foco na internacionalização, divulgar oportunidades de mobilidade internacional e intercâmbio cultural, além de criar espaços de convivência multicultural. Isso colabora com pesquisas, produção de artigos, desenvolvimento de soluções inovadoras e ações de extensão que impactem positivamente a sociedade, contribui para sua formação acadêmica e profissional e fortalece a imagem do IFPR como uma instituição comprometida com a produção de conhecimento e a transformação social.

Espera-se que o projeto continue a promover a cultura da internacionalização no IFPR, incentivando os estudantes a se tornarem cidadãos globais e a desenvolverem competências interculturais. Por meio das ações, foi possível conhecer as conquistas e os impactos transformadores da internacionalização no tripé ensino, pesquisa/ inovação e extensão. Certamente o projeto impactou positivamente o acesso, a permanência, o êxito e as ações de inclusão no âmbito da Rede Federal, democratizando a internacionalização, tornando-a acessível, independentemente da origem socioeconômica dos estudantes.





DESAFIOS SUPERADOS NA MOBILIDADE INTERNACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE DO PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT/IFPR) NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Autor: Marcelo Viana de Castilhos - IFPR
Coautora: Cristine Roberta Piassetta Xavier



INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar a experiência de mobilidade acadêmica do

discente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) - Campus Curitiba, Turma ProfEPT 2021/2023, no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal, no período de 17 de fevereiro a 17 de julho de 2023, através do convênio entre o IFPR e o IPB.

DESAFIOS ENFRENTADOS NA MOBILIDADE ACADÊMICA

Durante o processo de mobilidade internacional há diversas etapas e desafios a serem enfrentados, comuns a todos os estudantes que desejam estudar fora do país, e, neste caso, com o recorte nas exigências de Portugal. Dentre eles, destacam-se aqui os mais relevantes durante o processo: a. Desafios Institucionais; b. Desafios Acadêmicos; c. Desafios Legais; d. Desafios Financeiros; e. Desafios Culturais; f. Desafio de adaptação Institucional.

- a)** Desafios institucionais - (i) Estar matriculado em uma Instituição de ensino que tenha programa de internacionalização (convênio com Instituições Internacionais); (ii) Pesquisar e estudar toda a legislação de imigração estudantil / mobilidade internacional do país destino.
- b)** Desafios Acadêmicos - O estudante deve se colocar e ter condições acadêmicas elegíveis para participar de editais de mobilidade internacional (ter um excelente rendimento escolar; dedicação ao curso).
- c)** Desafios Legais - compreende a relação de documentos indispensáveis para realizar o processo de internacionalização antes, durante e após a internacionalização:

(i) Antes de iniciar o processo de mobilidade, providenciar:

1. Passaporte com data de validade vigente durante o processo de mobilidade internacional;
2. Carteira de Identidade (RG), com data de emissão inferior a dez anos;
3. Carteira de motorista com a PID (Permissão Internacional para Dirigir em países que assinaram a Convenção de Viena sobre trânsito viário);
4. Visto de estudante para a mobilidade institucional;
5. Certidão de antecedentes criminais (retirado no site Polícia da Federal);
6. PT/BR13 - Certificado de Direito à Prestação de Cuidados de Saúde, também conhecido como PB4 (PT/BR-13), oriundo de um acordo previdenciário entre o Brasil e as nações: Portugal, Cabo Verde e Itália, que permitem que cidadãos do país de origem possam utilizar o sistema público de saúde nos países de destino como cidadãos locais;
7. Seguro Viagem (de deslocamento - até ter validado o PT/BR13);
8. Reserva de hospedagem / alojamento, para estadia durante a mobilidade;
9. Carta de aceite da instituição ofertante do estágio de mobilidade (neste relato, o IPB);
10. Carteira de vacinação atualizada e certificado internacional de vacinação ou profilaxia;
11. Contrato de Estudos durante a Mobilidade;
12. Declaração de Matrícula na instituição parceira.

(ii) Desafios legais enfrentados durante o processo de mobilidade:

Ajustar a documentação exigida no país de destino - em Portugal foi necessário providenciar alguns documentos logo na primeira semana, dentre eles:

1. Contrato de locação de quarto, que garantiu o comprovante de residência;
2. Confecção do cartão de estudante do IPB;
3. Abertura da conta corrente na Caixa Geral, posto avançado no IPB;
4. Validar o PB4 - no sistema de saúde Local - registrar o número de UTENTE (que garante atendimento igualitário de Brasileiros no sistema de Saúde do Governo Português);
5. Fazer o Número de Identificação de seguridade Social (NISS);
6. Fazer o Número de Identificação Fiscal (NIF) - Autoridade Tributária e aduaneira de Portugal;
7. Certificado de autorização de residência em Portugal.

(iii) Desafios legais no processo de encerramento da mobilidade:

1. Verificar se não existem pendências financeiras na Instituição de ensino (cartão IPB);
2. Fechar contas bancárias, cartão de crédito, etc.;
3. Verificar legislação de bagagem e regras da sua companhia (variam de país para país);
4. Encerrar contratos abertos (locação do alojamento, carro etc.);
5. Passar no Departamento de Internacionalização e /ou /Secretaria acadêmica para verificar e confirmar aprovação, retirar cópia das ementas das disciplinas cursadas e relatório de notas.

d) Desafios Financeiros - Um importante desafio são os recursos financeiros, sejam por meio de bolsa de estudo ou financiamento próprio, o candidato deve ter bem definido qual é o custo e qual será a fonte de financiamento no período de mobilidade para custear alimentação, hospedagem, material de estudo, mensalidades (propina). Lembrando que na Europa, mesmo nas universidades públicas, elas são pagas.

e) Desafios Culturais - O candidato à mobilidade deve fazer um estudo minucioso da cultura do país, cidade e instituição de ensino onde irá realizar seu estágio de mobilidade. Exemplo: no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), havia mais de setenta matriculados de nacionalidades diferentes.

As aulas do curso de Mestrado em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) na Educação e Formação, em que estava matriculado no IPB, eram ministradas em língua portuguesa e em língua Inglesa, com materiais de apoio, como textos e artigos em inglês.

f) Desafio de adaptação Institucional - O maior desafio a ser enfrentado no processo de mobilidade internacional é a adaptação institucional, pois muitas coisas são diferentes, a forma de absorver o conhecimento; de avaliação e mensuração de notas, apresentação de trabalhos, além da sala multicultural (formada por estudantes de diferentes países). Nessa experiência havia colegas de diversas culturas o que proporcionou um aprendizado e troca constantes.

DESEFRUTANDO A MOBILIDADE INTERNACIONAL

Durante o período da internacionalização, foi possível participar de vários seminários, visitas técnicas pela cidade, espaços da instituição, já na semana de recepção dos alunos de mobilidade Internacional. A experiência oportunizou cursar o semestre no Curso de Mestrado em TIC aplicado na Educação e Formação; o desenvolvimento do produto educacional no Centro de Investigação da Educação Básica (CIEB); a participação em editais da instituição internacional - nesse período houve a aprovação no edital de seleção para o Programa de Mestrado “Inovação baseadas por desafios” (IBD) do IPB. No desenvolvimento das atividades acadêmicas, tive a oportunidade de ser eleito pelos meus pares para coordenar a equipe do Projeto Multidisciplinar TendArmada - Plataforma multidisciplinar de Cultura do IPB, acesso à cultura local, além da possibilidade de dupla certificação do meu curso.

CONSIDERAÇÕES

O programa de Mobilidade Internacional do ProfEPT/IFPR - Campus Curitiba foi um “divisor de águas” na minha formação profissional e acadêmica. O estágio de mobilidade internacional foi um agente múltiplo de formação integral, por meio do qual tive acesso a inúmeras oportunidades de vivenciar, na prática, competências técnicas e desenvolver novas habilidades. A experiência vivenciada neste período foi enriquecedora, fez valer cada desafio superado durante esta construção do conhecimento internacional, “inacessível” em uma formação secular que não contemplasse a vivência em outro país.





SONHEI, PERSEVEREI E REALIZEI: DO RIO DE JANEIRO A ESTRASBURGO



Autora: Carolina Mattoso Lopes de Azevedo - IFRJ

O que é um sonho? Para mim, Carolina, desde A bela e a fera, O Corcunda de Notre-Dame até Os Miseráveis e Amélie Poulain, sempre foi a França. Esse sonho sempre me pareceu distante, desde quando eu era uma criança que apenas gostava de histórias que se passavam na França, mas começou a criar formato quando eu entrei para o curso de Farmácia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Realengo, em 2018.

Paralelamente a isso, pensei: por que não fazer um curso de idioma? E por que não o francês? Tudo sempre foi sobre a França, mas agora seria possível isso estar de acordo com a profissão de farmacêutica, área muito valorizada naquele país. Ao longo dos meus anos de graduação, busquei aproveitar meu curso da melhor maneira possível, com projetos de extensão, monitorias, iniciação científica... E, em 2022, recebi uma mensagem de rede social dizendo que o IFRJ havia aberto um edital para mobilidade acadêmica.

Num primeiro olhar, sempre achamos que não é para a gente, não é? Pensei que estava muito distante. Mas, ao abrir o edital e ver que havia vaga para a França e que estavam aceitando estudantes de Farmácia, começou a brilhar uma luz no meu olhar. Seria possível que eu estivesse verdadeiramente apta para isso?

Eu tinha todos os requisitos, inclusive o idioma, já que, com o grande sonho, eu tinha me preparado exatamente para aquele momento - que era o meu momento.

E assim o fiz e fui selecionada pelo Edital Reari-Utrecht para o primeiro semestre de 2023 na Universidade de Estrasburgo, na França. Era real! Então, os próximos meses foram de imensa preparação, compra de roupas para o clima francês, passagens e todos os detalhes. Com o auxílio financeiro do IFRJ, isso foi possível. Expresso aqui minha imensa gratidão ao coordenador de Relações Internacionais e a todos os envolvidos nesse processo.

Estrasburgo é um lugar verdadeiramente mágico e encantador, com sua influência alemã, já que a região da Alsácia, onde a cidade se localiza, pertenceu à Alemanha por muito tempo. Os destaques vão para a Catedral de Estrasburgo, a Pequena França e a Sede do Parlamento Europeu.

Ao chegar à faculdade, eu me deparei com as adversidades: outra língua, outra cultura, outra metodologia de ensino... confesso, nem tudo são flores. Chorei, me senti sozinha, deprimida. Mas aquele era meu sonho, e, quando a gente tem um sonho, precisa se permitir viver - eu precisava verdadeiramente viver aquilo, inclusive o que fosse difícil. Tudo é aprendido, é vivência, e, durante 7 meses, de janeiro a julho de 2023, eu vivi as melhores e mais ricas experiências que pude ter.

Eu vivi tudo o que me permiti: estudei, fui bem, fui mal, me apaixonei, fiz amigos, discuti, debati, sorri, chorei de felicidade, chorei de tristeza, conheci pessoas do mundo inteiro, até mesmo de lugares longínquos, como Taiwan e Japão. Eu vivi experiências que não se podem mensurar, mas, por meio deste texto, busco dizer a vocês da melhor maneira possível.

Academicamente falando, pude fazer um estágio em um Instituto de Biologia Celular e Molecular da Universidade de Estrasburgo, área de meu interesse, e, por obra do destino, conheci brasileiros maravilhosos de Minas Gerais. Nesse estágio, trabalhei com a resistência natural ao vírus da Zika em mosquitos Aedes e tive oportunidades maravilhosas; aprendi técnicas de Biologia e Genética Moleculares sofisticadas, além de ter participado de seminários e palestras com pesquisadores do mundo todo! Que rico, de verdade! Ouvir os trabalhos dessas pessoas, pessoas que eu tanto admirava e sobre as quais lia artigos, sentindo que elas eram distantes, mas estavam na minha frente... e eu pude escutar tudo e perguntar. Que experiência acadêmica valiosíssima!

Somado a isso, uma vivência cultural incrível, porque, no mesmo laboratório, havia pessoas que só falavam inglês, francês, português e espanhol. Naquele momento, pude treinar quatro línguas no mesmo ambiente, além de conhecer diferentes culturas e pessoas com suas bagagens.

É também a experiência acadêmica, mas, meus amigos, é muito mais do que isso; é a realização de um sonho. De repente, não era mais a Carolina de 23 anos que estava ali, mas a Carolina de 5 anos, que assistia à Disney, que queria ser uma princesa como a Bela e que ouvia os sons de Notre-Dame. Um sonho que eu jamais imaginaria que poderia realizar, ainda mais nessa fase da vida.

A mobilidade acadêmica é algo que nos marca por toda a nossa vida, pois não só realizamos um grande sonho e temos a possibilidade de estudar fora do país, mas também crescemos, amadurecemos, aprendemos a ser adultos, a ser independentes e, principalmente, a ter orgulho das nossas origens, das nossas raízes e de onde viemos; aprendemos a dar valor a tudo o que temos e alcançamos e a todos os esforços que temos

de fazer para realizar nossos sonhos. Isso, meus caros amigos, não tem preço. Se eu puder dar um conselho, com fé, paciência, estudo e dedicação, tudo é possível!

Eu posso pegar um avião e viajar para a França no ano que vem, e eu garanto que amarei a visita, mas ser estudante, viver como estudante e ter a vida de um intercambista é realmente um momento único na vida.

Gostaria de agradecer a Universidade de Estrasburgo e o IFRJ por essa oportunidade, por terem investido em mim, confiado na minha capacidade e realizado o meu sonho. Também sou grata à minha família, pelo suporte, e ao coordenador de Relações Internacionais do IFRJ por todo o apoio antes, durante e após o processo de candidatura.

Como Estrasburgo é uma cidade bem localizada geograficamente, consegui fazer viagens baratas (a maioria de ônibus) para diversos países e cidades próximas, como Paris, Alemanha, Itália, países do leste europeu, entre outros, expandindo mais ainda toda a minha cultura e aprendendo mais sobre história, religião, idioma, culinária, natureza e muito mais.

Eu me emociono ao dizer isso a vocês, mas o meu maior sonho foi realizado: quando eu coloquei meus pés pela primeira vez na França, em Paris e em Estrasburgo, meu coração devia estar a 130 batimentos por minuto, porque a emoção me tomava de uma forma...





PROGRAMA VET TEACHERS FOR THE FUTURE (SETEC/MEC)

Autor: Julio Page de Castro - IFRJ

Em 2015, graças a uma parceria entre a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC) e às universidades de Ciências Aplicadas finlandesas Hame University e Tampere University, fui um dos 34 professores brasileiros a participar do programa organizado pela União Europeia chamado VET Teachers for the Future (Professores para o Futuro), que oferece capacitação para docentes do ensino profissional. Em alguns países ele é facultativo e, em outros, obrigatório - como é o caso da Finlândia para todo professor que ingressa no ensino profissional.

Na Finlândia, a educação é uma política de estado e não de governo, ou seja, os encaminhamentos gerais sobre o sistema educacional (desde questões pedagógicas até de financiamento) são discutidos por uma câmara que inclui educadores e ex-educadores. Trata-se de um grupo técnico que pensa a educação do país e, assim, não depende das estratégias de um governo, que podem ser vistas como personalistas.

Todas as escolas são financiadas pelo governo federal com orçamento descentralizado para os municípios. A ideia é que as pessoas estudem perto de suas casas e, dessa forma, o país tente garantir que todas as escolas tenham o mesmo nível de infraestrutura (salas de aula, espaço de recreação, refeitório, auditório, sala de música, ambientes de aprendizagem em geral) e de recursos humanos (professores com o mesmo nível de formação, com boas condições de trabalho, valorização e remuneração). O investimento na formação é uma das prioridades do sistema educacional, e todo professor de qualquer nível de ensino precisa ter, minimamente, o título de mestre.

Apesar de ainda utilizarem também o método tradicional de ensino, os profissionais da educação têm clareza de que ele não funciona mais sozinho no mundo moderno. Logo, são amplamente aplicadas as ferramentas digitais e as metodologias de aprendizagem centradas no estudante, como o Project, Problem and Phenomenon Based Learning (Educação Baseada em Projetos, Problemas e Fenômenos). Uma característica do sistema finlandês é o incentivo e a busca contínua da construção colaborativa, e não a competição.

Durante os cinco meses de duração do VET Teachers, realizamos visitas a diversas escolas e universidades. As reuniões e aulas discutiam os eixos temáticos de formação inicial e continuada aplicados aos próprios professores finlandeses: métodos dialógicos, educação baseada em projetos (problemas e fenômenos), formação de líderes, ensino à distância no século 21, construção de currículo baseado em competências, entre outros temas. Também houve tempo para atendermos aos projetos enviados pelos professores brasileiros, bem como sistematizarmos a criação de comunidades de aprendizagem nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Na ocasião, também tive contato com diversas ferramentas digitais, entre elas, Kahoot (quiz), Padlet (colaboração), Poll Everywhere (apresentações), PowerSchool Schoology (gestão), Plickers (avaliação) e Socrative (gestão de sala de aula). Há dezenas de outras ferramentas digitais disponíveis na rede, a grande maioria com acesso gratuito, que ajudam nos processos de inovação em Educação. Muitas delas não trazem necessariamente inovação em termos de metodologia; no entanto, causam um fator de engajamento muito grande, pois, para utilizá-las, o estudante precisa de um smartphone ou tablet, elementos quase que indissociáveis na vida dos nativos digitais.

O grupo de 34 professores brasileiros da turma 2 do VET foi dividido entre as universidades de TAMK (Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere), na cidade de Tampere, e HAMK (Universidade de Ciências Aplicadas de Häme), onde fiquei, na cidade de Hämeenlinna.

A rotina começava às 8h30 e ia até as 18 horas, com atividades diversas: aulas, reuniões, visitas, trabalhos em grupos e dedicação ao projeto de desenvolvimento no retorno ao Brasil. O idioma falado foi o inglês, e a universidade ofereceu um curso básico de finlandês, que realizei em 12 aulas. Na HAMK, o curso foi conduzido pelo grupo de facilitadores da equipe do Global Education, da Professional Teachers Education Unit (Faculdade de Formação de Professores).

No retorno ao Brasil, procurei iniciar a aplicação das metodologias e ferramentas, bem como fomentar o diálogo e a colaboração junto a meus colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) visando à construção de uma comunidade de aprendizagem que utiliza ferramentas de desenvolvimento profissional para docentes baseadas no diálogo e na troca de experiências, como, por exemplo, o Peer Group Mentoring (Grupo de Mentoria por Pares).

No IFRJ, onde dou aula de Análise Química Instrumental, no Campus Duque de Caxias, o currículo precisa dialogar com as necessidades gerais da sociedade, bem como com os arranjos produtivos, sociais e culturais locais. Implementar metodologias que possibilitem o protagonismo do estudante no processo de aprendizagem é um grande desafio que tenho buscado colaborativamente com meus colegas e, sobretudo, com os próprios estudantes.

Assim como nós, professores, os estudantes também estão habituados às metodologias tradicionais, o que pode causar certa resistência no início da implementação de métodos inovadores. Nesse processo, o diálogo aberto e o planejamento das atividades foram fundamentais para que meus colegas e estudantes se interessassem pelos novos tipos de abordagem.

Um detalhe essencial é o acompanhamento do estudante e do processo de uma maneira geral; para isso, é importante realizar uma atividade de pré-tarefas buscando dos estudantes seus conhecimentos prévios e suas expectativas em relação ao curso e à disciplina, bem como atividades de feedback (retorno avaliativo) e feedforward (sugestão futura) ao longo e ao final do processo.

É preciso também fomentar a criação de uma relação de confiança entre professores e alunos e, sobretudo, confiança no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Ao final do semestre, os estudantes têm se sentido à vontade para dar feedback e realizam tanto uma autoavaliação quanto uma avaliação por pares, que possibilitam uma análise do funcionamento das novas metodologias e ferramentas.

Ainda como desdobramento de minha participação no Programa VET Teachers for the Future, sou um dos membros da equipe do podcast Papo de Educador, fundado e coordenado pelo professor Damione Damito, do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Trata-se de um modo de apoiar a formação continuada de professores, que tem como objetivo fomentar a colaboração por meio da divulgação de novas práticas, metodologias, troca de experiências. É uma ferramenta muito interessante para quem busca processos de inovação em Educação.

O VET (2015) foi uma experiência internacional que impactou significativamente minha atuação docente. Em 2017, fui convidado pela Setec/MEC para retornar à Finlândia e participar do Programa Finnish Training the Trainers (FiTT). Com a ação, que durou 5 semanas nas Universidades HAMK e TAMK, houve a capacitação de formadores para projetos de formação continuada realizados por professores pelo viés da Inovação em Educação. No FiTT, criamos uma proposta de currículo para esse tipo de formação no Brasil, não como uma cópia do modelo Finlandês, mas, sim, criado a partir das realidades brasileiras (o plural aqui é proposital), baseando-se em experiências exitosas como as da Finlândia, de outros países e do próprio Brasil. No final de 2018 e 2019, novamente a convite da Setec/MEC, fui um dos que obtive capacitação na primeira turma de formadores em Inovação em Educação da Rede Federal baseado no currículo que construímos no FiTT. A ação se deu por meio do Programa BraFF (Brasileiros Formando Formadores), realizado em Brasília (DF), que capacitou 40 formadores dos Institutos Federais pelo Brasil.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE DO IFRJ NO SAKURA SCIENCE EXCHANGE PROGRAM

Autor: Vinicius Dutra Ramos - IFRJ
Coautor: Julio Page de Castro



Eu tinha acabado de chegar em casa quando recebi uma ligação da Diretora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Volta Redonda, informando-me sobre o resultado do edital de seleção para o Sakura Science Exchange Program, algo pelo qual sonhei em ser aceito durante meses. Afinal, para alguém apaixonado por tecnologia, não havia nada melhor do que a perspectiva de visitar o Japão.

O Sakura é um intercâmbio de curta duração (8 dias) para imersão de estudantes nas universidades e nos centros de pesquisa japoneses em Tóquio e regiões. O programa é financiado pela Agência de Ciência e Tecnologia do Japão, e a seleção dos participantes foi feita pelo Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), com apoio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC).

Por meio desse intercâmbio, conheci pessoas extraordinárias: os participantes brasileiros, Sarah (seu nome ocidental), de Taiwan, e outros participantes internacionais, além do coordenador-geral das Relações Internacionais do IFRJ, professor Rodrigo Lemos, dos professores Julio Page, do IFRJ, e Bianca Rossato, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), e de palestrantes, cientistas, diplomatas e muitos outros.

No dia 14 de abril de 2023, a viagem começou. No Aeroporto Santos Dumont, embarquei com o professor Julio Page para São Paulo, onde enfim pude encontrar pessoalmente os meus amigos brasileiros, estudantes de outros Institutos Federais pelo Brasil, representando as 5 regiões do país. A ficha ainda não tinha caído de que estávamos

participando do Sakura Program. Passamos pela Etiópia, pela Coreia do Sul e finalmente, no dia 16 de abril, chegamos ao Japão - um lugar inacreditável! Durante o voo, meus colegas descobriram que a delegação da Argentina estava a algumas fileiras de distância de nós. O networking internacional já começou ali!

Pousamos no Tokyo Narita Airport já à noite e fomos calorosamente recebidos por uma agente de turismo do Programa. A partir daí, seguimos para o Metropolitan Hotel, um prédio incrível em Tóquio, uma cidade indescritivelmente linda! Na manhã seguinte, recebemos as orientações para o Programa na sede da Agência Japonesa de Tecnologia. Eu nunca tinha conhecido tanta gente de países diferentes: Nepal, Chile, Argentina, Taiwan, Sri Lanka e Japão, é claro. Visitamos o Miraikan, o Museu Nacional de Ciência e Inovação, com muitas exposições de tecnologia e uma temática abordando o nosso impacto no planeta. As atividades de todos os dias do programa (de segunda a sábado) iniciavam-se às 7h da manhã e eram finalizadas por volta das 19h30.

Depois, seguimos para a University of Tokyo, uma das universidades mais belas que já vi. No segundo dia, fomos ao Tokyo University of Marine Science and Technology, onde tivemos algumas palestras sobre as pesquisas na área marítima, e seguimos para o Kazusa DNA Research Institute, onde fomos apresentados a tecnologias de processamento de DNA.

No dia 19 (terceiro dia de Programa), fomos ao National Institute of Advanced Industrial Science and Technology, onde pudemos ver na prática como motores elétricos movidos a hidrogênio funcionam a partir de células combustíveis (fuel cells). Naquele dia, também visitamos o JAXA Tsukuba Space Center, a agência espacial japonesa, e vimos os desafios da exploração espacial, com direito a observação do centro de operações da agência em tempo real.

No dia 20, fomos ao Tokyo Metropolitan Institute Fuji Senior High School e tivemos uma apresentação de análise geométrica por Motoko Kotani, vice-presidente executiva de pesquisa da Tohoku University, uma das cientistas japonesas de maior destaque em atividade. Aprendemos também um pouco de artes marciais com alunos do ensino fundamental da escola Fuji.

No dia 21, mergulhamos nas raízes culturais do Japão, explorando locais emblemáticos que desempenham um papel vital nas religiões mais proeminentes do país. Nesse dia também ocorreram a cerimônia de encerramento e o início das despedidas, pois algumas delegações partiriam na manhã seguinte, tornando o evento ainda mais especial, afinal, na presença de diplomatas de várias nações, participantes e representantes do programa, vivenciamos uma série de momentos emocionantes. Discursos de agradecimento, celebração das conexões internacionais, entrega solene de certificados e uma espetacular apresentação cultural (com o Brasil brilhando demais) fizeram parte desse encerramento memorável.

Após as formalidades, trocamos presentes com nossos amigos de outras nações.

No último dia, visitamos o Tokyo Rinkai Disaster Prevention Park, um centro de conscientização sobre tecnologias, métodos e medidas para mitigar os efeitos de desastres naturais. No Technology Utopia (TEPIA), participamos de diversas atividades muito interessantes com robótica, hologramas interativos e outros sistemas tecnológicos.

O programa superou qualquer expectativa que eu tivesse. Foi uma grande oportunidade para fazer muitos amigos e criar conexões globais, conhecer a incrível cultura japonesa e as pessoas. Tivemos todo apoio possível do Conif e da Agência Japonesa de Ciência e Tecnologia (JST), que disponibilizou recursos para o suporte necessário à delegação brasileira e às dos demais países. Além disso, o intercâmbio me deu a chance de aprender sobre diversas tecnologias desenvolvidas e aplicadas em diferentes áreas e campos da Ciência, Inovação e Indústria.

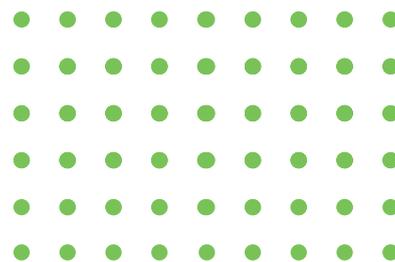
Por meio desse programa, pude ter uma visão mais global sobre cooperação internacional e temas que estão na vanguarda da inovação. Somado a isso, o Sakura Science Exchange Program expandiu minha compreensão das complexidades do mundo e me ajudou a questionar e a reavaliar minhas próprias perspectivas, resultando em um pensamento mais crítico e reflexivo, além de ampliar meu horizonte cultural.

Vale destacar ainda que as universidades e os centros de pesquisa japoneses têm seu trabalho baseado na interlocução com os problemas reais da sociedade - ou seja, valorizam a formação de cidadãos e profissionais capazes de desenvolver melhorias na qualidade de vida das pessoas. A forte relação dos projetos de pesquisa, inovação e extensão com os arranjos produtivos, sociais e culturais locais mostra também uma similaridade entre essas instituições japonesas e os Institutos Federais.



CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE EM PAUTA: A EXPERIÊNCIA DO AFS GLOBAL STEM ACADEMY NO IFRN

Autor: Bruno Ferreira de Lima - IFRN | Coautora: Carla Aguiar Falcão



Financiado pela British Petroleum (BP) e executado pelo AFS Intercultura e seus parceiros, o Programa AFS Global STEM Academy teve início em 2018 com o intuito de selecionar jovens talentos com idades entre 15 e 17,5 anos para uma experiência acadêmica intensiva nas áreas de ciência, tecnologia, engenharias e matemática (STEM, da sigla em inglês). Além da agenda acadêmico-científica, que inclui palestras, visitas técnicas, aulas e oficinas, os jovens participam também de uma imersão cultural num país estrangeiro, já que o programa acontece simultaneamente no Brasil, no Egito, nos Estados Unidos, na Índia, na Bélgica e no Reino Unido. Ao longo de suas edições, o STEM Academy já trouxe ao Brasil cerca de 130 estudantes de pelo menos 14 nacionalidades. No cerne dessa iniciativa está o investimento para a formação de líderes do futuro, competentes tecnicamente para a tomada de decisões e proposição de políticas públicas, mas sensíveis o bastante para perceber os efeitos delas nas sociedades. Essas premissas se alinham perfeitamente com o compromisso de formação omnilateral assumido pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). Por isso, nada mais natural que o AFS recorresse aos Institutos Federais, parceiros frequentes e profícuos, para a realização do programa. Desde a sua primeira edição, o STEM Academy no Brasil acontece no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) com muito êxito.

Ao longo dos anos, o programa mobilizou estudantes e servidores de 7 campus do IFRN, o que denota uma compreensão inclusiva da internacionalização e um compromisso do Instituto em capilarizar oportunidades e políticas. Lançando um olhar panorâmico sobre a experiência, é seguro afirmar que o esforço de criar espaços interculturais de diálogo acadêmico, científico e social tem um efeito espiral, impactando não somente àqueles mais diretamente envolvidos em ações internacionais, mas também a todos que compõem a comunidade escolar, dada a possibilidade de vivência e convivência com as diferenças.

Pensando nisso, a edição de 2023 do AFS Global STEM Academy promoveu uma inovação em relação aos anos anteriores. Alunos de diferentes cursos dos campi Natal Central do IFRN, Natal Cidade Alta, Natal Zona Norte e Parnamirim formaram duplas com os intercambistas internacionais para acompanhá-los no primeiro dia de atividades da agenda, em que participaram de uma dinâmica de pareamento, sessões de conversas livres para a criação de conexões e de uma atividade conjunta cujo objetivo era visualizar semelhanças e diferenças em seus modos de vida, identificar problemas comuns que os afetavam em suas realidades e, por fim, negociar e apresentar propostas de solução.

Desta feita, pelo fato de ser uma inovação na agenda, como já dito, interessou-nos saber como a experiência do pareamento teria impactado a formação pessoal e acadêmica dos estudantes, além de quais aspectos positivos e negativos eles destacavam dessa vivência.

No que se refere à parte acadêmica, os relatos salientam a oportunidade de poder praticar o inglês, de aprender palavras novas e de aprimorar as habilidades orais, inclusive em outros idiomas. No entanto, o maior destaque dado pelos alunos foi quanto ao peso dessa experiência em sua formação pessoal. O contato com diferentes pessoas, culturas e pontos de vista, agregando mais conhecimento e uma visão diferente do mundo a suas vidas; o rompimento de barreiras culturais; a expansão das perspectivas quanto ao outro e o entendimento de que existem culturas muito diversas, mas que, ainda assim, é possível estabelecer boas relações e trocas singulares foram as principais contribuições apontadas pelos alunos em suas respostas.

Como professores de línguas e mediadores institucionais desse encontro intercultural, compreendemos por esses relatos que “é possível construir espaços reais e concretos de diálogo intercultural respeitoso, empático e horizontal que sirvam para reorganizar as relações entre as culturas do mundo a partir da cooperação e da comunicação solidária entre os diferentes universos culturais existentes” (SANTOS, BATTESTIN, REID, 2019, p. 114). É muito importante frisar que tal horizontalidade não foi somente relacional, mas também temática, já que a abordagem de conteúdos STEM esteve, a todo tempo, entremeada com aspectos socioculturais e históricos, o que realça a coerência entre os objetivos do programa e a missão do Instituto Federal.

Ademais, ainda apoiados nesses autores, identificamos, pelos aspectos positivos elencados pelos alunos, que essa experiência possibilitou a eles um mundo onde couberam muitos mundos. As narrativas dos estudantes corroboram que foi marcante o contato com a cultura do outro, o descobrimento de afinidades, a apresentação de seus hábitos, o aprendizado de coisas novas. Justamente por isso, o único aspecto negativo mencionado foi o pouco tempo que os grupos desfrutaram juntos. O anseio, demonstrado em diferentes momentos, era de poder viver ainda mais essa oportunidade de conhecimento, aprendizagem e socialização.

Eduardo Galeano (1998) escreveu que “o melhor que o mundo tem está nos muitos mundos que o mundo contém, as distintas músicas da vida, suas dores e cores: as mil e uma maneiras de viver e dizer, crer e criar, comer, trabalhar, dançar, brincar, amar, sofrer e celebrar” e, pela voz dos alunos do IFRN, sentimos que isso é verdade.

Do outro lado, recebidos em nossa instituição pelos nossos tão entusiastas alunos, temos os intercambistas, que comungam das mesmas impressões dos estudantes do IFRN. Seus comentários ressaltam a importância da experiência para o conhecimento sobre sustentabilidade e habilidades STEM, mas também valorizam a vivência da cultura local, das trocas de saberes, do contato com o povo autóctone e com a natureza.

Como foi visto, de ambos os lados as narrativas revelam o impacto positivo da empreitada. De forma explícita, foi relatada a ampliação dos conhecimentos e da visão de mundo dos estudantes. Implicitamente, depreendemos a oportunidade para reconhecer e respeitar as diferenças, desconstruir estereótipos, extinguir preconceitos e, ainda, “colocar em discussão a visão estática e essencialista da cultura e da identidade, bem como propor uma nova ética da convivência” (IDÁÑEZ, BURASCHI, 2012, p. 36). Tudo isso somado ao fortalecimento das ações de internacionalização da instituição e do estímulo à realização das nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas ao diálogo intercultural.





AMPLIANDO HORIZONTES POR MEIO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Autor: Matheus Pinheiro dos Santos - IFRN

Coautores(as): Girlene Moreira da Silva; José Manuel de Amo



Para iniciar o meu texto, informo que eu me chamo Mateus Pinheiro dos Santos e sou egresso do curso de licenciatura em Letras Espanhol, do Campus Natal Central do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O mais importante a ser narrado é que tive minha vida acadêmica e pessoal completamente transformada após minha participação em um projeto de internacionalização financiado por meio do

Edital nº 14/2021, vinculado ao acordo de cooperação internacional entre a Universidad de Almería (UAL) e o IFRN intitulado: Práticas letradas digitais no ensino e aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira (E/LE), coordenado pela Dra. Professora Girlene Moreira da Silva, do IFRN, e o Dr. José Manuel de Amo Sánchez-Fortún, da UAL.

Tudo começou com um convite da coordenadora do projeto no segundo semestre de 2021, em virtude do meu Índice de Rendimento Acadêmico (IRA). Inicialmente, eu aceitei ser bolsista do projeto durante apenas cinco meses, pois, após isso, não haveria mais recurso para bolsa. Embora com essa redução, eu não hesitei e aceitei, pois eu sempre tive intenção de participar de um projeto de pesquisa internacional, independente o fomento.

Após o aceite, tive um grande desafio pela frente, pois o projeto foi algo muito maior do que eu pensava, tive contato com doutores estrangeiros, estudos aplicados, aulas com professores nativos, palestras e conferências com os colaboradores da Universidad de Almería e, além disso, as demandas de ser bolsista de um projeto internacional foram desafiadoras e, ao mesmo tempo, transformadoras da minha vida. Tive excelentes oportunidades que mudaram completamente a forma de encarar minha trajetória no curso de licenciatura em letras espanhol.

O projeto tinha como objetivo principal buscar e elaborar formas mais dinâmicas e atuais de ensinar a língua espanhola por meio das práticas letradas digitais e coincidentemente eu já gostava muito de usar alguns recursos tecnológicos para auxiliar no meu processo de aprendizagem antes e durante a graduação, então foi algo que me ajudou a enfrentar os desafios. Em alguns momentos eu realmente pensei em desistir, pois era algo completamente novo, reuniões em língua espanhola, vários textos em língua espanhola, com temáticas que abordavam o ensino de línguas de forma

mais empática e valorizando os conhecimentos informais no âmbito virtual era verdadeiramente um mundo que eu ainda não conhecia.

Algo que fez total diferença para que eu continuasse nos estudos e no projeto, foi o apoio e a orientação da Professora Girlene Moreira, muitas vezes tínhamos reuniões de alinhamento nos primeiros horários da manhã (pela diferença de fuso horário dos colaboradores da Espanha) ou durante a noite após o expediente de aula e outros trabalhos e isso me proporcionou uma motivação a mais, para continuar estudando e colher os frutos de cada esforço realizado durante a minha graduação e no projeto.

O meu primeiro processo de internacionalização foi de maneira virtual, mas não parou aí. Eu não fiquei apenas tendo reuniões virtuais e estudos dirigidos e pesquisas para o projeto. No final do ano de 2021, através de um fomento da Assessoria de Relações Internacionais (ASERI) da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPI) do IFRN ao Edital 14/2021, fui selecionado para participar do programa de mobilidade internacional estudantil denominado “Passaporte IFRN” com destino à Universidad de Almería na Espanha pelo período de duas semanas para realizar atividades relacionadas ao projeto Práticas letradas digitais no ensino e aprendizagem de E/LE.

Como o fomento era de 100%, foi possível realizar esse sonho de viajar para um país cuja língua materna é o espanhol. Quando eu soube da notícia, fui orientado pela coordenadora do projeto a tirar o passaporte e assim o fiz e, ao recebê-lo, comecei de fato a acreditar em tudo que estava acontecendo. Minha família também ficou muito feliz, especialmente minha avó, a pessoa que sempre me apoiou nos estudos em vários aspectos, uma manicure e uma mulher que sempre lutou para que eu tivesse condições suficiente de estudar, desde o material escolar até as passagens para a condução, fardamento e afins, eu fui o primeiro da família a sair do país. Quando ela soube que o neto dela iria a Espanha para estudar, via no seu olhar a felicidade e a sensação de que os muitos dias de estudo, estavam abrindo portas para mim.

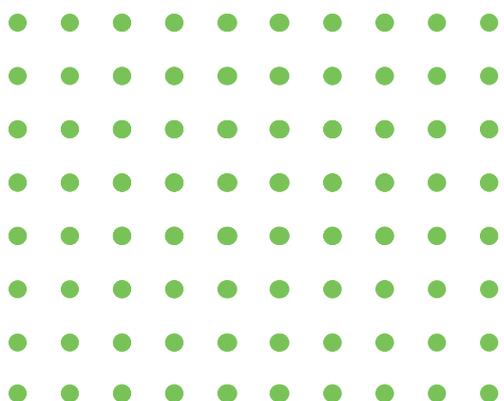
Eu viajei um Matheus e voltei outro totalmente modificado pela experiência. Eu fui à Espanha entre abril e maio de 2022, acompanhado da minha orientadora. Durante a minha estadia lá, pude perceber o quão longe a educação pode nos levar. Conhecer os doutores e professores que eu só via nas reuniões virtuais, ter a oportunidade de conhecer uma enorme biblioteca e todos os espaços de uma universidade estrangeira, isso sem falar na beleza incomparável da cidade de Almería, com muitos monumentos históricos e praias que pareciam pinturas. Tudo isso situado na costa do mediterrâneo! Agora, aprofundando as transformações que tive na minha vida após essa experiência, alguém pode me perguntar: “Certo, mas como um intercâmbio de duas semanas pode mudar tanto a vida de alguém?” Vou começar minha resposta resumindo três pontos que considero mais importantes sobre as minhas mudanças advindas da experiência de internacionalização.

A primeira foi na minha perspectiva de mundo e na forma como eu me enxergava, apesar de ser um jovem adulto que sempre gostou de estudar, poucas vezes, eu tive alguma oportunidade próxima e que eu pudesse participar. Então, essa vivência internacional promovida pelo IFRN me fez perceber que, por mais que o ambiente local não tenha muitas oportunidades ou que as portas estejam fechadas ou que tenhamos diversos empecilhos na jornada acadêmica, o mundo está cheio de oportunidades esperando por jovens com muita garra e determinação e, acima de tudo, que acreditam na transformação de que a educação e os estudos podem realizar. Eu me vi completamente motivado com uma injeção de ânimo incrível. Durante a experiência, e depois, ficou claro que eu poderia chegar a qualquer lugar, desde que houvesse dedicação, planejamento e disciplina.

A segunda parte que mudou na minha vida foi no âmbito acadêmico e profissional. Após essa vivência, tive certeza dos caminhos que gostaria de trilhar e eles estão situados no campo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, tecnologias digitais para o ambiente educacional, produção textual nos espaços virtuais. Além disso, pensar a educação da forma mais humanizadora possível, pois se trata da realidade de muitos jovens. Depois dessas experiências, terminei minha graduação em 2023, com uma monografia que foi inspirada pelo projeto. A orientadora foi a professora Gírlene e o coorientador, o Dr. José Manuel de Amo Sánchez-Fortún da UAL, que esteve presencialmente aqui no Brasil durante a defesa. Após a graduação, iniciei a pós-graduação lato sensu em Tecnologias Digitais Aplicadas à educação pelo IFPE.

Concluo, pois, este texto, ratificando que a internacionalização muda vidas! elo que vivi, continuo sonhando e tentando realizar sonhos por meio da educação. O Matheus que sou hoje é fruto das oportunidades que tive e abracei durante minha formação no IFRN e a principal delas foi a mobilidade internacional estudantil. Espero que muitos outros Matheus tenham essa oportunidade de transformação e crescimento no âmbito profissional e pessoal através da internacionalização da educação!





EXPERIÊNCIAS DO PORTAL DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO

Autora: Maria Helena Ferrari - IFRO | Coautora: Laura Borges Nogueira

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus Vilhena, por meio do Departamento de Extensão e Centro de Idiomas, tem promovido ações importantes para as políticas de internacionalização e educação linguística para Vilhena e região. Desde 2017, com a implantação dos Centros de Idiomas nos campi, Vilhena tem tido experiência na oferta de Cursos de Inglês, Espanhol, Francês e Italiano.

Os desafios abordados nas discussões para implementação de ações sempre esbarravam, principalmente, nas questões de recursos financeiros e humanos para o custeio, para a organização e para a coordenação dos trabalhos e, na mais triste realidade, na baixa proficiência em línguas estrangeiras dos alunos de instituições públicas de ensino no Brasil.

Com base nesse cenário de barreiras e ausência de oportunidades em programas externos de intercâmbio para seus alunos, o IFRO lançou, em 2014, seu primeiro edital de mobilidade internacional. A instituição parceira foi o Instituto Politécnico de Bragança, com a qual o IFRO havia assinado um termo de cooperação. Ao todo, 14 alunos foram selecionados para realizar atividades de pesquisa e extensão por um período de três meses. Alunos de seis campi do IFRO foram beneficiados, realizando etapas de projetos de pesquisa e extensão relacionados às suas áreas de formação.

A partir de então, o IFRO se empenhou em firmar parceria com outras instituições de ensino que possuíssem centros de pesquisa e extensão relevantes para as áreas do conhecimento abrangidas pelos campi do IFRO. Com o objetivo de ser um fator facilitador nas ações, a questão linguística também foi levada em conta. Dessa forma, firmou-se parceria com o Instituto Politécnico do Porto (Portugal), com a Universidad Nacional de Colombia - UNAL, e com a Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Outras parcerias com instituições estrangeiras foram firmadas, por meio das quais foram realizados outros tipos de ações, sem o envio de alunos para mobilidade.

Após a primeira ação de mobilidade internacional, o IFRO publicou seu Regulamento de Mobilidade Estudantil (2015). O documento define e norteia os procedimentos de mobilidade - tanto nacional como internacional.

Em agosto de 2017, com o objetivo de fortalecer e apoiar a internacionalização, foi criado o Núcleo de Internacionalização do IFRO (NII), com uma coordenação específica, que não apenas passou a supervisionar como principalmente orientar e, quando possível, coordenar toda e qualquer ação de internacionalização no âmbito institucional.

Por meio do NII, foi criado o Programa de Internacionalização do Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRO (Pipeex). Os editais de mobilidade internacional passaram a ser regidos pelo Pipeex, com acompanhamento mais estruturado. Ao todo, até o ano de 2019, o IFRO enviou 83 alunos em mobilidade para Portugal, Colômbia e Argentina por intermédio do Pipeex.

Em 2021, o IFRO, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa, lançou um edital para selecionar 13 professores para o Programa do Futuro da Universidade de Ciências Aplicadas em Tampere, na Finlândia. Desses docentes, 3 foram do Campus Vilhena: Maria Helena Ferrari, professora de Língua Inglesa; Roberto Simplício Guimarães, Analista de sistemas; e Valéria Arenhardt, Administradora. Os docentes passaram três meses imersos no ambiente escolar com atividades pedagógicas voltadas à colaboração, ao empreendedorismo e à inovação tecnológica.

Em 2022, realizamos a Semana de Imersão na Língua e Cultura Italiana e recebemos, por uma semana, a estudante em mobilidade internacional no Instituto Federal do Mato Grosso, Campus Pontes e Lacerda, Daria Miele. O evento permitiu que estabelecêssemos uma parceria para recebimento de intercambistas por períodos mais longos, mediante a inscrição de famílias hospedeiras e conselheiros na Organização Internacional não-governamental sem fins lucrativos, AFS Intercultura Brasil, e formação para recebimento e acolhimento dos estudantes.

Em 2022, recebemos o estudante Boris Karsten Stick, 17 anos, de Meppel, Holanda, por seis meses. Boris frequentou o Curso Técnico Integrado em Informática e fez parcialmente o curso de Português para Estrangeiros. Ele conta: “O Brasil foi uma experiência completamente nova para mim. As pessoas são extremamente sociáveis e receptivas com você e querem saber tudo sobre você. É estranho se acostumar com isso, porque na Europa todo mundo é mais introvertido. Isso o torna um ótimo país para estudantes internacionais, porque é fácil fazer novos amigos e aprender com as pessoas ao seu redor. A maioria dos 8 meses que passei indo para a escola no IFRO, eu me diverti com pessoas legais ao meu redor. Os professores e alunos são muito abertos e gentis e querem ajudá-lo. Seguir as lições no começo foi muito difícil, mas quanto mais avançava no ano, ficava melhor. As mais difíceis foram as disciplinas com computadores, porque não tinha na minha escola na Holanda.”

Assim, seguimos em 2023 a campanha realizada pelo Centro de Idiomas e Grêmios estudantil para cadastrar mais famílias hospedeiras e, com isso, tivemos a oportunidade de receber mais uma estudante, Marta Moreddu de Fonni, de 17 anos, da Itália.

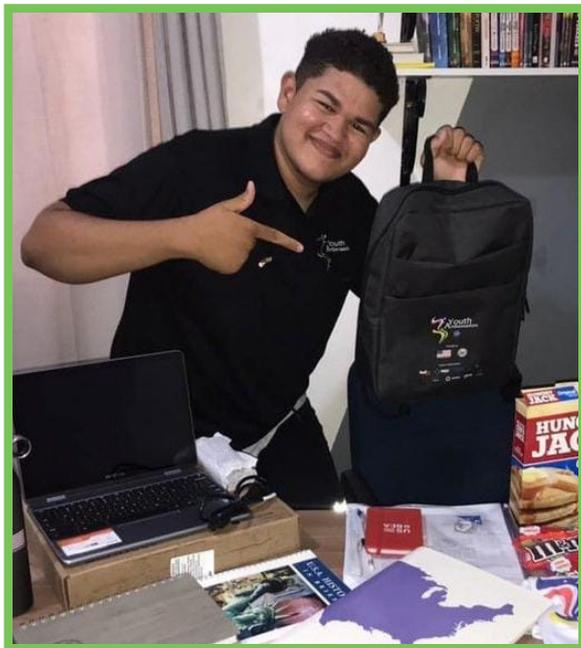
Marta está em Vilhena desde 22 de agosto. Foi acolhida com muito carinho pela família da estudante do terceiro ano Fernanda Ramos. Na primeira semana em território brasileiro, a intercambista conheceu a estrutura do Campus Vilhena, equipe gestora, recebeu orientações importantes e optou por se matricular no Curso Técnico Integrado em Edificações. Além das obrigações com o Ensino, Marta está contribuindo nas aulas do Curso FIC em Italiano e participa das aulas de Língua Portuguesa para Estrangeiros. Para a professora Maria Helena, o objetivo principal de ações de mobilidade é motivar os estudantes a comunicar-se em outro idioma, a aprender as diferenças culturais e respeitá-las. Todos nós ganhamos com essa experiência e é fato que precisamos melhorar e capacitar servidores, em especial a equipe pedagógica, já que estamos rumo a uma educação bilíngue no longo prazo.

Ainda, por meio de editais do AFS Intercultura Brasil, em 2022, a estudante Rafaela Soares Pereira, matriculada no primeiro ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, foi selecionada para participar do programa Global STEM Accelerator School for Girls, oferecido pela Universidade da Pensilvânia (EUA) em parceria com a AFS Intercultural Programs. Mais de duzentas meninas de todo o mundo, com idades entre 15 e 17 anos, foram selecionadas para participar do programa, que visa, segundo o site da organização, o desenvolvimento de habilidades STEM (acrônimo formado pelas iniciais das palavras Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, em inglês), oportunizando uma educação de competência global e impacto social especialmente para meninas, que ainda são minoria nas áreas STEM.

Um dos requisitos para a seleção envolveu ações de comprometimento com liderança e sustentabilidade. Nesse sentido, a discente teve a oportunidade de participar do programa, motivada pela sua professora de língua inglesa do Campus Vilhena, Maria Helena Ferrari, a qual desenvolveu um projeto de pesquisa interdisciplinar intitulado “Aplicabilidade transdisciplinar sobre os ODSs 2030”, que teve a estudante como colaboradora voluntária engajada durante todo o processo.

Outra experiência internacional conta com a participação da estudante Fernanda Rodrigues Ramos, estudante do segundo ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, que representou o estado de Rondônia no She Runs Active Girls Lead, evento internacional voltado a incentivar o esporte escolar feminino. A estudante foi selecionada após vencer um concurso de redação promovido pela Confederação Brasileira de Desporto Escolar (CBDE) e pela Federação do Esporte Escolar de Rondônia (FEERO). Fernanda foi para Bruxelas, Bélgica, em setembro de 2022, juntamente com outras estudantes brasileiras, para prestigiar e participar do evento de seis dias que visou o engajamento e empoderamento feminino no esporte escolar. Para finalizar, há muito que se conquistar e fortalecer, por meio de políticas linguísticas e parcerias no âmbito institucional do IFRO, para que os discentes possam ser capazes de atuar num mundo globalizado.





Autor: Nicolas Costa Feitosa - IFRO

UMA OPORTUNIDADE



Sou Nicolas Costa Feitosa, atualmente tenho 19 anos, me formei no Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, no ano de 2022, no Instituto Federal de Rondônia. No ano de 2021, tive a honra de participar do Programa Jovens Embaixadores, em sua edição on-line. O programa é organizado pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil e reúne jovens com potencial de liderança e impacto em suas comunidades para um intercâmbio cultural, de empoderamento e de liderança jovem.

O processo de candidatura para o JE (Jovens Embaixadores) é um tanto quanto diferente, pois eu nunca tinha feito nada parecido antes. Tinha que responder muitas perguntas pessoais e introspectivas, além de ter um relato de algum projeto que você participou ativamente. Mencionei o LIBRIF_RO, um projeto no meu campus que ensinava LIBRAS para a comunidade interna e externa. Lembro de uma pergunta muito linda sendo feita enquanto me preparava: “Do que você é feito?”. Submeti minha candidatura inicial com a certeza de que não seria selecionado (já que tinha sido rejeitado em outros seis processos seletivos para o exterior anteriormente), imaginando que seria só mais outro, depois de um dia eu recebi o resultado, fui aprovado para a próxima etapa.

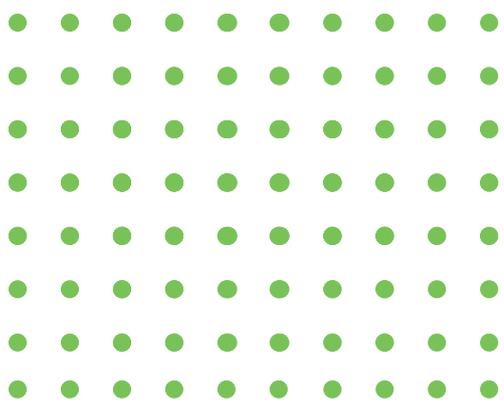
A segunda etapa foi uma prova, em que tínhamos que escrever em inglês, falando um pouco de quem éramos e de nossas opiniões sobre algumas coisas. Lembro, também, que tínhamos que tentar propor uma solução para algum problema que a sociedade tinha. Nessa fase, fui selecionado. A próxima etapa era uma entrevista em inglês, em que a própria criadora do programa iria realizar a entrevista com alguns candidatos. Foi muita ansiedade, pois achava que não teria chance nenhuma e que o JE não era o programa certo para mim. Fazendo a entrevista, lembro de terem falado para eu contextualizar uma frase em minha vida, a qual levo comigo até hoje, era do Nelson Mandela: “A maior glória de viver não está em nunca cair, mas levantarmos a cada vez que caímos”. Depois de responder a essa pergunta, foi o momento que caí em mim e falei: acho que realmente sou uma boa opção para esse programa, já que apliquei para tantas bolsas de intercâmbio e ainda estou tentando. Até que chegou o grande dia da notícia, só consegui ler: “Parabéns, você é um Jovem Embaixador 2021”. Assim como todos os outros participantes, tive a certeza de que esse programa mudaria minha vida.

Apesar de ser on-line, foi preciso assinar vários documentos e receber os materiais que a embaixada nos enviou para participarmos do programa, como um notebook, agendas e cadernos da embaixada, doces e snacks para comermos, mochila, além das lindas camisetas que recebemos.

O programa foi realizado uma parte pela organização World Learning e outra parte pela USBEA (é a associação de brasileiros que participaram de algum programa da embaixada). Lembro que me conectei com pessoas dos Estados Unidos, Canadá, Chile, Argentina e, inclusive, do Brasil. Sem sair de casa, descobri que moro em um país enorme com muitas pessoas prodígios. Fiz amigos de todos os estados do Brasil e de outros países também. Mesmo estando em casa, conheci a cultura dos Estados Unidos, lembro que criaram uma host family virtual para nós e acabei ganhando “host-irmãos”, Nathalie Milbradt (do Rio Grande do Sul) e Pablo Azevedo (do Rio Grande no Norte). Apesar do intercâmbio ter sido on-line e não precisar me afastar de minha família, tenho uma enorme saudade dos meus amigos, da nova família que construí pelo mundo e também pelas nossas diversas experiências. Recebemos diversas aulas durante o intercâmbio, todas elas eram em inglês e, de vez em quando, conversava em espanhol com meus amigos chilenos. Tivemos aulas de Gamification, Design Thinking, Gestão de Projetos, Impacto Social, Estruturação de Projetos e Storytelling.

Participar do programa me permitiu uma nova experiência. Após participar dele, sinto que sou diferente do Nicolas que foi aplicando para o programa com medo e ansiedade. Me sinto mais confiante e mais empoderado, me comprometendo ainda mais com o social - até com uma graduação voltada à área. O Programa Jovens Embaixadores com certeza é um programa que transforma todo mundo, contudo não poderia deixar de ser grato também ao IFRO, que me deu o primeiro incentivo para o início da minha trilha e da minha jornada. E, como uma instituição que transforma vidas, me mostrou tudo o que eu poderia fazer e vários caminhos que eu poderia seguir na minha vida.





IFESTIVAL HISPÂNICO: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

Autora: Miriam Alice Coelho Rosa da Silva - IFRR

Considerando as consequências da extrema fragmentação do conhecimento, considerando que o estado de Roraima faz fronteira com a Venezuela e percebendo a necessidade de se pensar em um ensino contextualizado e direcionado para a formação integral dos estudantes, no ano de 2022, um grupo de professores do Campus Boa Vista, do Instituto Federal de Roraima, idealizou algumas ações voltadas para seus discentes do primeiro ano do Ensino Médio Integrado. Essas ações foram desenvolvidas com o propósito de possibilitar aos aprendizes um espaço de ensino-aprendizagem por meio da interculturalidade, da aproximação com a diversidade cultural de países hispanofalantes.

Nesse mesmo ano, foi publicado o edital de seleção de servidores que atuam no Ensino Técnico e/ou no Ensino de Graduação para o Programa Institucional de Fomento a Projetos de Práticas Pedagógicas Inovadoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - INOVA/IFRR. Com essa oportunidade, os professores optaram por submeter o projeto intitulado IFestival Hispánico: Más allá de las fronteras, em português: IFestival Hispânico: Para além das fronteiras (tradução nossa).

O projeto teve o objetivo de promover o ensino de língua espanhola, em uma perspectiva interdisciplinar, intercultural e comunicativa; conhecer parte da diversidade cultural de países hispanofalantes; entender a complexidade e diferenças entre as culturas brasileiras e os países hispanofalantes; promover o conhecimento dos diversos gêneros textuais e seu uso; e envolver o trabalho e a integração com estudantes, nas diversas disciplinas, por meio do desenvolvimento de diferentes atividades realizadas pelos discentes.

Para isso, os professores envolvidos no projeto (professores de língua espanhola, história, geografia, informática, artes e língua portuguesa) realizaram inúmeras reuniões entre si com o intuito de organizar as etapas a serem desenvolvidas, respeitando o contexto dos estudantes, e para poder oportunizar a eles um espaço intercultural que contribuísse para a valorização da diversidade cultural e das diversas formas de manifestações culturais. Houve a preocupação, inclusive, da conjuntura daquele ano, na qual se encontrava o estado de Roraima ao receber continuamente muito imigrantes venezuelanos que, em diversas situações, sofriam algum tipo de preconceito ou desvalorização cultural.

Após essas reuniões, ficou decidido que o projeto iria culminar em um evento cultural e iria alcançar ativamente todos os estudantes do primeiro ano dos cursos técnicos integrados, quais sejam: Edificações, Eletrotécnica, Eletrônica, Informática e Secretariado; totalizando 161 discentes. Também ficou decidido que iriam ser trabalhados aspectos culturais dos países: Venezuela, Colômbia, México e Espanha, ficando cada turma responsável por um deles. Dentro de cada turma, havia seis grupos, sendo cada grupo responsável por um aspecto diferente a ser realizado.

Com as decisões tomadas, foi realizada uma reunião geral no auditório do Campus com todos os servidores envolvidos e todas as turmas de primeiro ano. Nesse dia, o projeto foi apresentado para os estudantes, evidenciando vários aspectos de um ensino que visa a formação integral, além de esclarecer para eles as atividades que começariam a ser desenvolvidas. Foi possível notar uma certa empolgação dos estudantes ao terem oportunidade de realizar atividades mais práticas, dinâmicas e culturais. Alguns relataram, inclusive, que se sentiram realmente protagonistas em todo o processo.

Foi necessário um trabalho árduo, porém agradável, dos professores com os estudantes. Foram realizadas algumas aulas interdisciplinares; aulas teóricas sobre elementos culturais, históricos, artísticos e geográficos de países hispanofalantes e suas relações com a cultura, história e geografia brasileira; aulas teóricas sobre poesia e autores de países hispânicos e suas relações com a poesia brasileira; aulas teóricas e práticas sobre infográficos.

Todas essas aulas e discussões foram fundamentais para introduzir essas temáticas aos discentes e despertar a curiosidade pelo entendimento e respeito da diversidade cultural. Além disso, essas aulas possibilitaram aos estudantes perceber como os diversos conhecimentos se conectam entre si, ampliando a visão de mundo e entendimento de uma formação integral. Durante e após esse embasamento teórico, iniciou-se um processo intenso de pesquisas, tomadas de decisões e diversos ensaios no auditório com as atividades culturais que, mais tarde, seriam apresentadas a toda a comunidade do Campus.

Ao mesmo tempo do desenvolvimento dessas atividades, ações outras precisavam ser executadas para garantir que o evento ocorresse sem nenhum imprevisto. Por isso, foram necessárias articulações com a diretoria de ensino e coordenações de curso para definir uma data em que os estudantes pudessem estar presentes nos turnos matutino e vespertino.

Após a definição de data, foi necessário o agendamento do auditório e do espaço de convivência, locais os quais seriam utilizados para a culminância do projeto. Em seguida, foi solicitada a criação de logo para o I Festival Hispânico, foram realizadas ações de divulgação do evento e de sua data, foram agendados stands para serem montados no espaço de convivência, foram reservados aparelhos de televisão, aparelhos de projeção de imagem e mesas para equipar os stands, além do agendamento de aparelhos e instrumentos de acústica e som a serem utilizados no auditório.

Assim, com tudo previamente preparado, no dia da culminância do evento, os estudantes puderam com tranquilidade desenvolver cada uma das atividades previstas. Nos stands, houve as seguintes atividades: ornamentação dos stands com elementos característicos do país de cada turma; nas televisões e projetores os estudantes preparam várias apresentações com imagens e tópicos contendo importantes informações históricas e geográficas sobre cada país, apresentaram também um infográfico sobre uma determinada festividade do país que ficou encarregado. Ainda nesse espaço, ocorreu também a mostra gastronômica, cada grupo escolheu e preparou uma comida típica do país encarregado.

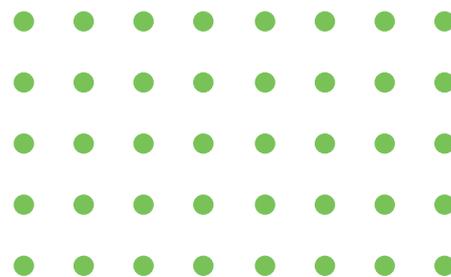
No auditório, cada grupo apresentou diversas apresentações culturais sobre o país que ficou encarregado: declamação de poesia com dramatização, durante e após as aulas integradas, os estudantes, sob orientação de seus professores, elegeram um poema e preparam uma declamação com dramatização; dança típica, em que cada grupo, após realizar vários ensaios, caracterizaram-se e apresentaram uma dança que caracterizava o país; apresentação musical, apresentada como uma homenagem a um cantor ou banda do país; momento Miss y Mister Hispanidad, momento em que um estudante de cada grupo realizou desfile caracterizado de uma personagem ou personalidade hispânica e trouxe informações importantes sobre cada um.

O desenvolvimento do projeto facilitou o processo de ensino-aprendizagem ao possibilitar a interligação de conhecimentos, proporcionar uma visão integral, perpassando disciplinas. Contribuiu para o crescimento individual dos estudantes ao se identificarem como protagonistas no processo de construção de seu conhecimento. Além disso, por meio das ações do projeto, os estudantes puderam estreitar o contato com diversas culturas do mundo hispânico, valorizando a diversidade cultural e fomentando o entendimento e o respeito às culturas e manifestações culturais.

Foi notório como o projeto contribuiu também para o desenvolvimento do relacionamento interpessoal, liderança, iniciativa, criatividade, trabalho em equipe e postura ética. Favoreceu, também, a compreensão da sociedade de forma global, suas transformações e outros fatores que nela intervêm.



UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA TODA



Autora: Sandra Mara Botelho - IFRR

A internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional ocorreu por intermédio do programa Ciência sem Fronteiras. Esse Programa, criado no ano de 2011 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pelo Ministério da Educação (MEC) e suas respectivas instituições de pesquisa e fomento: CNPq e Capes, objetivava estimular iniciativas de internacionalização da ciência e da tecnologia das instituições de ensino brasileiras, com vistas à promoção da competitividade nacional a partir o intercâmbio.

Desde que atendesse aos pré-requisitos da chamada pública, o estudante brasileiro selecionado, além de ter acesso a instituições de elevado padrão de qualidade, atualizaria os conhecimentos em grades curriculares diferenciadas e complementaria sua formação técnico-científica em áreas prioritárias e estratégicas para o desenvolvimento do Brasil.

Registro aqui uma das experiências mais marcantes da minha trajetória, enquanto docente e estando à frente da Assessoria de Relações Internacionais do Instituto Federal de Roraima (IFRR) e, também, a experiência de dois estudantes de Graduação.

Resultante do acordo entre o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) e a Association of Canadian Community Colleges (ACCC), a Chamada Pública no âmbito do CsF (Programa Ciência sem Fronteiras ACCC nº 147/2013, de julho de 2013) tinha por objetivo selecionar alunos para participar do Programa, realizando estudos e estágios em instituições de ensino do Canadá, conforme áreas especificadas no Edital. A participação das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica nesta chamada implicava a assinatura do Acordo de adesão.

Anterior à publicação dessa Chamada, os assessores de Relações Internacionais dos Institutos Federais foram informados, em uma reunião do Forinter (Fórum dos Assessores de Relações Internacionais da Rede Federal), em Brasília, que uma delegação da ACCC, renomeada para CICAN em 2014, faria um tour de apresentação por algumas capitais do Brasil, contemplando as cinco regiões do país, a fim de fazer uma exposição acerca das instituições pertencentes a essa associação e os cursos ministrados. Essa divulgação configurava-se numa estratégia muito oportuna para incentivar os estudantes dos Institutos Federais a participar da supracitada chamada pública.

Na Região Norte, na cidade de Manaus, o trabalho de divulgação pela ACCC ocorreu no dia 17 de junho de 2013, sob a coordenação da profa. Dra. Marie Josee Fortin. O anfitrião do evento foi o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), que estava preparado para receber convidados dos Institutos Federais de Roraima (IFRR), do Acre (IFAC) e de Rondônia (IFRO). No dia 19 de junho, coube ao Instituto Federal do Pará (IFPA), na cidade de Belém-PA, ser o anfitrião dessa mesma apresentação, tendo como convidados estudantes dos Institutos Federais do Amapá (IFAP) e de Tocantins (IFTO).

Para divulgar o Programa Ciências sem Fronteiras, no âmbito do IFRR, foi realizada uma reunião, na cidade de Manaus, e nela divulgada a exposição, pela ACCC, sobre os Colleges Canadenses. Aos coordenadores dos Cursos Superiores do IFRR coube a seleção de dois estudantes, com critérios próprios, para participar da viagem até o Amazonas.

Viver e conviver com a realidade da Região Norte não é para amadores. Esse jargão é justificado, principalmente, pelo custo amazônico, bastante desafiador se comparado às demais regiões do país. As distâncias geográficas, muitas vezes, impedem ou dificultam o acesso a outra capital, ou até mesmo na própria região, em função dos altos custos de deslocamentos.

No que se refere ao deslocamento até Manaus-AM, o acesso pode ser feito por via aérea, com aproximadamente 60 a 90 minutos de voo direto, dependendo do tipo de aeronave, com um valor altamente significativo. A dimensão temporal pode ser análoga à ponte aérea Rio de Janeiro-São Paulo, porém com um valor unitário em torno de um salário-mínimo. Há a opção por via terrestre, com 850 km de distância, cujo tempo varia entre 12 e 14 horas de viagem, conforme o estado da estrada, por ser a única via de acesso entre Amazonas e Roraima, uma vez que toda a frota de abastecimento do Estado é feita por esta rodovia (BR-174), desde alimentação a bens e serviços em todas as áreas. Nesse caso, o custo de deslocamento é menos dispendioso, porém o tempo de viagem empreendido é desgastante.

Sob a necessidade de protagonizar a ação de internacionalização em uma Instituição de Educação Profissional, mas num contexto de limites financeiros, a equipe gestora do IFRR possibilitou a participação de seus estudantes, por via terrestre, à explanação pela ACCC, em Manaus, no Amazonas. Como forma de minimizar custos, a delegação composta por uma professora e vinte alunos saiu de Boa Vista-RR, no dia 16 de junho de 2013 (domingo), às 07h30min, no ônibus da Instituição, com destino a Manaus, chegando lá por volta das 20h. Toda logística de acomodação e hospedagem já estava pré-agendada; o jantar ficou por conta de cada estudante, pois haviam recebido auxílio-alimentação para essa atividade. Esses alunos, no retorno a Boa Vista, teriam a incumbência de ser os multiplicadores do que lhes foi apresentado no evento.

Na segunda-feira, 17 de junho, após o café da manhã, o motorista trasladou a comitiva do IFRR (estudantes e professora) para o local do evento. Diante das apresentações e informações sobre os Colleges Canadenses, os estudantes ficaram encantados, vislumbrando a possibilidade de participar do intercâmbio estudantil.

A estratégia surtiu efeito. Alguns estudantes queriam saber mais sobre como aperfeiçoar o idioma (inglês ou francês) para participar do processo seletivo, considerando esse o critério mais desafiador.

O Edital nº 147/2013 foi lançado e, mesmo com toda a divulgação, somente quinze estudantes do IFRR inscreveram-se para a seleção; desses, somente dois foram aprovados, sendo um deles participante do evento em Manaus. É importante ressaltar que, após a explanação acerca dos Colleges Canadenses, em Manaus, o estudante aprovado na seleção ensaiou uma saudação em inglês para a Dra. Marie Josee Fortin, afirmando em Português “Eu vou para o Canadá”; e este conseguiu, ainda que a aquisição de uma segunda língua representasse um grande desafio. Os nomes dos dois estudantes do IFRR foram publicados na lista de Resultado do Edital 147/2013, em 28 de agosto daquele mesmo ano; um do Curso de Licenciatura em Educação Física (saúde), e uma do Curso de Saneamento Ambiental (recursos naturais), áreas elencadas como critério de participação; José da Silva Pereira e Miriela Tavares Nogueira, respectivamente.

A Assessoria de Relações Internacionais participou ativamente de todas as etapas de seleção desses estudantes, da divulgação do Edital até o embarque na rodoviária de Boa Vista com destino a Manaus. A decisão de ir de ônibus até Manaus, embora mais demorado, deveu-se ao fator medo, por parte da estudante, e o outro fator era o estudante que desejava despedir-se do tio que o criara e sempre o incentivara a estudar. Da capital amazonense para São Paulo, e de lá para o Canadá, os estudantes tiveram novamente a experiência de andar de avião - a primeira foi para Brasília quando foram proceder aos exames médicos para a obtenção do visto de viagem. Considerando todas as conexões, o percurso durou 36 horas de voo até o destino.

Para a estudante de Saneamento Ambiental, esta viagem de avião foi a pior experiência, porque passou mal o trajeto inteiro, com vômito e queda de pressão, tendo que ser medicada com Dramin B6. A preocupação com a estudante era tamanha que a cada conexão eu fazia contato, por mensagem de texto, para saber o quadro clínico dela. Quanto ao estudante de Educação Física, este foi o apoio da colega, e não sentiu absolutamente nada.

Após todo esse percurso, os estudantes chegaram ao aeroporto do Canadá, onde foram recepcionados pelas coordenações de cursos e suas respectivas host families. A partir desse momento, eles começaram a ter uma nova experiência e a Assessoria de Relações Internacionais do IFRR passou a ser coadjuvante no processo de intercâmbio desses estudantes, exceto quando, em um dado momento, a Capes atrasou o pagamento da bolsa mensal aos alunos e o IFRR não dispunha de recursos imediatos para enviar aos estudantes. Nesse momento, a Arinter mobilizou servidores da Reitoria e do Campus Boa Vista e idealizou “o dia da pizza”. Nesse evento, houve a produção de pizzas pré-cozidas para a venda entre os servidores e colaboradores, com objetivo de arrecadar fundos e enviar o recurso aproximado ao da bolsa para atender às necessidades emergentes de alimentação dos estudantes em intercâmbio.

Com o preparo e venda de pizzas, conseguimos enviar o equivalente a C\$ 220 para cada um dos estudantes. Essa ação, permitiu-nos uma união muito grande entre servidores, gestores e estudantes.

No registro de memórias, especificamente, sobre essa ação de intercâmbio para instituições do Canadá, por meio da ACCC, o estudante José Pereira, o JP, em seu relatório de retorno do Programa mencionou que, embora tenha respondido a um questionário on-line sobre seus interesses de estudo e moradia, foi enviado para o College of the Rockies (canto sudeste da Columbia Britânica-Ca), totalmente diferente do de sua escolha. Entretanto, ele aproveitou cada oportunidade que lhe era ofertada, inicialmente pela imersão ao idioma, fator desafiante para o acompanhamento das matérias de intercâmbio relativas ao seu curso no Brasil, considerando que sua nota no teste de proficiência foi mediana.

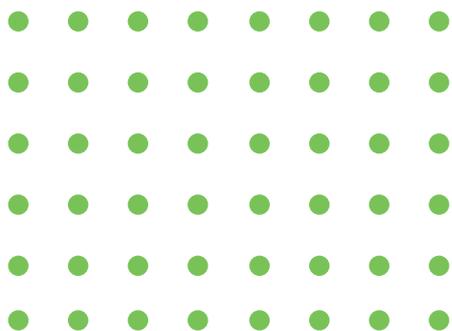
O estudante JP registrou ainda que a oportunidade de participar desse intercâmbio para ele foi “um divisor de águas na vida pessoal e profissional”, principalmente na estrutura do ensino, fazendo-o repensar o seu modo de vida. No College of the Rockies, os alunos fazem um trabalho engajado junto à sociedade, com ações voluntárias, de acordo com o Curso, o que lhes gera pontos no seu Curriculum Acadêmico. Para além disso, assim que chegou àquela instituição, algo que o impactou muito foi a agilidade de efetuar o seu cadastro para receber a carteira de estudante e o direito ao passe gratuito de ônibus. Em seus relatos, registrou que situação muito diferente ocorrera em sua instituição de origem em seu retorno, ou seja, a demora para aceitar e integralizar seus créditos foi tamanha que perdeu o semestre, tendo que receber seu Diploma com outra turma, o que o deixou indignado e com a sensação de que os gestores desconheciam a importância do Programa.

Nesse registro de memórias de internacionalização, há um item que merece destaque especial: a host mother do estudante. Ela, ao ter acesso ao questionário on-line e sabendo o gosto do estudante por esporte, especialmente o futebol e música, preparou-lhe um quarto muito especial; na parede, a bandeira do time do coração dele: o Flamengo; na bancada um som com algumas músicas brasileiras. Durante a estada dele no Canadá, esse acolhimento para o estudante de Educação Física foi tão significativo que seguidamente ele organizava, aos finais de semana, reuniões de amigos do College para apresentar a host mother; algumas vezes a host family aproveitava feriados para viajar e o levava junto para que tivesse mais do que uma experiência estudantil. Isso fortaleceu tanto a relação entre estudante e anfitriã que perdura até os dias atuais, em que eles estabelecem comunicação.

Ao final desse registro de memórias, o estudante frisou para mim, por meio de mensagem: “Sou eternamente grato ao IFRR e à senhora, professora, e sempre estarei disponível para ajudar a nossa instituição, porque eu vivi uma experiência para a vida toda”. Essa experiência profissional, à frente da Arinter, já contabilizou dez anos, mas as cenas renovam-se todas às vezes que é abordada, ratificando a máxima freiriana: “Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo". E, nessa perspectiva, estão os Institutos Federais que, completando 15 anos de implantação, já oportunizaram tantas transformações... tantas histórias e memórias, individuais e coletivas... tantas experiências por uma vida toda.





PROGRAMA PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (PLA): UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Autora: Paloma Aparecida Wammes - IFRS

Durante os meses de abril a setembro de 2023, vivenciei experiências inimagináveis e cujos impactos foram bastante positivos em minha formação. Meu nome é Paloma Aparecida Wammes, tenho 23 anos, e sou estudante do Curso de Licenciatura em Letras-Português no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves e, em abril deste ano, fui selecionada, por meio do Edital Proex nº 10/2023, lançado pela Pró-Reitoria de Extensão. O edital foi aberto com o objetivo de selecionar estudantes para atuarem como tutores no Programa Português como Língua Adicional (PLA) em Rede-IFRS.

O PLA em Rede é um programa de ensino on-line, de nível introdutório de língua portuguesa, desenvolvido para acolher pessoas que desejam aprender o português como uma língua adicional. Dessa forma, o público-alvo passa a ser imigrantes que, vivendo em território brasileiro, necessitam do aprendizado da língua portuguesa para se inserirem em meio à comunidade. Além dos conhecimentos, tão necessários à vida cotidiana, o curso também atua como um instrumento, junto a uma prova presencial, de naturalização, auxiliando no alcance do visto permanente de residência no país, o que permite a esses imigrantes a solidificação de sua estadia no Brasil e a possibilidade de se restabelecerem como cidadãos.

O curso possui duração total de 250 horas, dividido em 18 lições, e é oferecido por meio da plataforma de ensino on-line conhecida como Moodle. Além desse ambiente virtual, o curso inclui reuniões semanais on-line por meio do Google Meet, cada uma com duração de uma hora. Para facilitar a comunicação com os alunos, é disponibilizado um grupo no Whatsapp, onde informações e dúvidas podem ser compartilhadas. Destarte, os estudantes estão em frequente contato com os tutores, que se colocam diariamente à disposição para auxiliar no processo de aprendizagem.

O curso, principalmente em seu início, foi bastante desafiador. Minha formação consiste no ensino de língua portuguesa e literatura, não abrangendo o conhecimento de outras línguas. A barreira linguística foi, de certa forma, o maior obstáculo no contato com os imigrantes. Diante dessa barreira, os tutores, assim como eu, necessitam buscar soluções. A minha solução foi, de modo bastante clássico, recorrer ao Google Tradutor, de forma que se pudesse atender corretamente às dúvidas e suprir as dificuldades dos estudantes.

A maioria dos estudantes do PLA em Rede-IFRS é constituída por haitianos, mas também conta com alunos venezuelanos, congolezes e senegaleses, entre outras nacionalidades. Essa variedade étnica influi em diversos aspectos, como conhecimentos linguísticos, culturais, crenças e também em valores. Além dessa pluralidade, a heterogeneidade das turmas ocorre devido a fatores como idade, níveis de alfabetização e realidade socioeconômica. Aspectos que também se constituíram como desafios. Por possuírem conhecimentos de mundo distintos, ao longo das aulas, tive que me esforçar para que compreendessem os conteúdos. Para alcançar esse objetivo, busquei imagens e frases que facilitassem a sua compreensão, almejando apresentar os assuntos de forma mais dinâmica. Outra maneira que utilizei para dinamizar as aulas e realizá-las de forma mais prática foi fazer os estudantes falarem do seu cotidiano, trazendo aspectos da sua vida.

Tendo em mente que cada aluno era um indivíduo que possuía suas próprias vidas, famílias, trabalhos e problemas, tentei me manter em constante contato com cada um deles, de modo que eles se sentissem amparados para dar continuidade aos seus estudos. O curso on-line pode ser, para muitos, uma facilitação, mas para outros, uma dificuldade. O que me cabe, como tutora, é tentar auxiliá-los em algo tão importante: o aprendizado da língua do país em que eles estão em imersão.

Um ponto positivo, que é importante salientar, é a receptividade dos alunos. Em sua grande maioria, os alunos se sentem à vontade com os tutores e se abrem a respeito de suas vidas, suas vivências e seus problemas pessoais. Eles nos falam dos pratos típicos, dos seus países de origem, das línguas que conhecem e dos lugares para os quais já foram. Nos perguntam sobre a nossa família e nos falam da sua. Desenvolvi com eles uma relação que vai muito além da profissional. Antes de estudantes e imigrantes, eles são pessoas que encontram em nós, tutores, um amigo, alguém com quem podem compartilhar as suas vivências.

Como resultados do curso, percebo que os estudantes progrediram de forma bastante considerável em sua comunicação, passando a interagir uns com os outros e comigo de forma cada vez mais espontânea. Além disso, no decorrer do curso, me desenvolvi como professora. Aprendi que cada um tem as suas necessidades individuais e que devemos tentar suprir essas necessidades. Desenvolvi materiais e aprendi a olhar para as diferentes nacionalidades, buscando trabalhar de forma intercultural com elas, e não apenas ignorá-las. Valorizar o imigrante, a sua cultura e os seus valores, respeitá-los como sujeitos que já carregam conhecimentos de mundo, é essencial para o contexto não só de ensino-aprendizagem, mas para o contexto da cidadania.

O contato com os imigrantes me possibilitou a aquisição de saberes culturais, linguísticos e históricos dos países de origem dos estudantes, de onde eles possuem tanto orgulho. Esse contato, mais do que apenas informações, significou uma ilustração, uma representação de regiões tão distintas e, ao mesmo tempo, tão semelhantes. O Programa Português como Língua Adicional é uma ferramenta formativa que possibilita aos seus envolvidos desenvolver uma nova visão de mundo.





Autora: Rachel Oliveira Nascier - IFRS

TRANSFORMANDO SONHOS EM REALIDADE: AS MENINAS POWER E SUA MISSÃO ECOLÓGICA



Era dia 31 de dezembro de 2021, estava de férias, quando uma aluna do primeiro ano, quase segundo ano, me envia uma mensagem. “Profe (como chamam carinhosamente os professores no RS), a gente quer participar do Edital Power 4 Girls e queria que você fosse a nossa orientadora”. Meu primeiro sentimento foi sentir muito orgulho, havia trabalhado poucos meses com eles, EaD, numa disciplina chamada Introdução a Polímeros. Meu trabalho de encantá-los e despertar o espírito científico estava funcionando, mesmo na forma on-line. Em seguida, li o Edital e respondi logo depois: “Gostei bastante da proposta, vamos nos reunir on-line e pensarmos em algo para escrever”. Ela prontamente me respondeu: “Já temos uma ideia e vamos com ela mudar o mundo”. A segurança e a certeza eram tão grandes para uma aluna, na época com 15 anos de idade. Senti o peso da responsabilidade, uma ideia nova, algo que nunca tinha trabalhado antes, um grupo de alunas novo, um programa diferente dos que já participei. O que fazer? Não precisei pensar muito para aceitar o desafio. E foi a melhor decisão que tomei na vida.

Um programa do Instituto Glória, que ampara mulheres em situação de vulnerabilidade, com financiamento da Embaixada Americana, que visa o empoderamento de meninas por meio de sua criatividade e inovação. A ideia, ousada, e dentro de uma temática ambiental das mais relevantes na atualidade: o desenvolvimento de uma ração bovina ecologicamente correta proveniente das excretas animais, a fim de reduzir a emissão de óxido nitroso, devido à presença de lignina nas composições alimentares tradicionais dos ruminantes. A ideia veio pronta, as meninas já haviam estudado a temática e me apresentaram um resumo coerente, consistente, sobre o qual tive poucos ajustes a realizar. Bom, seriam apenas 20 projetos selecionados de todo o país, eu não queria desestimulá-las e nunca fiz, mas sabia que seria difícil, pois mais de 500 projetos haviam sido enviados.

Veio o carnaval de 2022 e, com ele, o resultado: projeto selecionado, vamos para Brasília. Seriam sete meses de trabalho, palestras, encontros, mentorias e desenvolvimento, muito trabalho e dedicação.

Toda quarta-feira o meu almoço era com elas, as meninas Power. Eram reuniões à noite, nos fins de semana, mas o grupo era tão bom, aquilo estava me fazendo tão bem, depois de quase dois anos mornos, de pandemia da COVID19, aulas on-line e sonhos interrompidos. A gente voltou juntas a sonhar, estudar, pesquisar, planejar e realizar. Quatro alunas, no segundo ano do ensino médio, entre 15 e 16 anos, cheias de sonhos, ideias e super empoderadas. Foi um período de muito trabalho e aprendizado junto a nossa mentora do programa Amanda Jácome. Foram sete módulos de estudo: Canva de Projeto; Gerenciamento de Projetos e Sustentabilidade; Empreendedorismo e Mindset Startup; Storytelling; Propriedade Intelectual; Pitch de Projetos; Diferentes Fontes de Recurso para Startups. O desenvolvimento de outros aspectos da formação acadêmica, como empreendedorismo, responsabilidade social e novas competências foi o maior legado deixado pelo programa, em especial, pois minha formação foi totalmente técnica na área de Plásticos e acadêmica. E por falar em “Pitch”, foi por meio do Power 4 Girls, que descobrimos que isso significava fazer uma apresentação dinâmica, de três minutos, contando a história do seu inovador produto e conquistando investidores a comprarem a sua ideia. O Edital deixava claro, a viagem para a apresentação presencial em Brasília dependia de muitos fatores, entre eles, o controle da Pandemia de COVID-19.

Em junho tivemos a honra de receber no nosso IFRS - Campus Caxias do Sul, Shane Christensen, cônsul geral do Consulado Geral dos EUA em Porto Alegre, e uma comitiva do Consulado para conhecerem o nosso projeto, as nossas meninas Power e como estávamos desenvolvendo as ações. Em meados de agosto, veio a confirmação: passagens compradas e o hotel mais luxuoso de Brasília, onde ficaríamos acomodadas por três dias de evento para muito aprendizado. Eram meninas de 15-16 anos, algumas que nunca haviam saído da cidade e todas que nunca tinham viajado de avião. Embarcamos.

O evento aconteceu no IFB, onde conhecemos professores e meninas de vários IFs de todo o país. Do Norte ao Sul, culturas diferentes, projetos diversos e incríveis, com trocas e aprendizados inesquecíveis. A noite do jantar na residência do Embaixador Americano foi algo extraordinário, nunca vivido e imaginado por mim, imagina, impulsionado por meninas que acabaram de ingressar na vida escolar nos IFs. A apresentação do Pitch foi perfeita, transmitida para todo o país, e ficamos muito felizes com a torcida e envolvimento de toda a comunidade acadêmica dos IFs. Nosso trabalho recebeu nota máxima, foi elogiado e ficou entre os cinco melhores trabalhos apresentados no evento. O hotel era magnífico e tudo perfeito, desde a recepção, a organização do evento e o acolhimento com todas as meninas, tudo totalmente custeado pelo Programa. Uma ação que incentiva e realmente empodera meninas no mundo da Ciência. Qual escola de Ensino Médio, pública, poderia proporcionar uma experiência tão perfeita, completa, inovadora e que pode definir a carreira e a vida acadêmica de jovens, muitas vezes, provenientes de famílias de baixa renda?

Devo muito a essas jovens que realizaram seus sonhos por total mérito delas; ao CONIF pelo apoio ao Programa Power 4 Girls; ao Reitor do IFRS, Julio Xandro Heck; ao Instituto Glória, que realiza este e outros projetos incríveis; e à Embaixada Americana pelo

aporte financeiro a essa e outras iniciativas que fazem a diferença na formação dos nossos jovens. E, claro, como não poderia deixar de ser, o meu agradecimento às alunas Ketelyn Rubert, Emanuelli Ramires Cadorin, Eduarda Buttenbender Pereira e Amanda Suliani dos Santos, por me permitirem compartilhar com vocês uma das minhas melhores experiências profissionais dos meus 15 anos como docente do Instituto Federal. A ideia do Projeto e o seu primeiro grande passo para o desenvolvimento deu origem a um projeto de pesquisa que, até o ano de 2023, vem sendo realizado no âmbito do IFRS. E como minhas meninas dizem e me fizeram acreditar: ainda faremos a comercialização em larga escala da nossa ração e contribuiremos para reduzir os impactos da emissão de gases causadores do efeito estufa e todas as consequências climáticas e ambientais que isso tem causado.





Autor: Erica dos Santos Oliveira - IFS

● ● ● RELATO DE EXPERIÊNCIA ● ● ● DE MOBILIDADE ACADÊMICA ● ● ● E ATUAÇÃO NO PROGRAMA ● ● ● LAPASSION EM REDE ● ● ● METODOLOGIA BRAMPSSOL

A Erica é uma jovem estudante de 25 anos, sua família é do interior de Capela, no estado de Sergipe, seus pais não concluíram o ensino fundamental e a história dela começa a partir desse ponto. Diante das adversidades da vida, com muita dificuldade e sacrifícios, criada na zona rural em uma família composta de seis pessoas, conseguiu terminar seu ensino médio e ser aprovada no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de Sergipe - Campus Aracaju.

Ingressar na Rede Federal é um grande divisor de águas, várias portas abriram desde o início da sua graduação. Participações de projetos de pesquisa e extensão, eventos, estágios voluntários, dentre outras oportunidades que surgiram.

Essa caminhada acabou proporcionando-lhe a aprovação no edital de Mobilidade Acadêmica e atuação no programa LAPASSION em Rede Metodologia BRAMPSSOL (Brazilian Maker Project and Soft Skills Oriented for Leadership), realizado em Itumbiara-GO, no ano de 2022. Um projeto de internacionalização plurianual (2022-2025) que uniu trinta e três Institutos Federais do Brasil e dois Politécnicos de Portugal em três etapas, sendo duas presenciais e uma remota, baseado nas boas práticas do Projeto Lapassion (Práticas Latino-Americanas e Softs Skills para uma Rede Orientada para Inovação).

Com toda certeza a Erica de antes não é a mesma depois deste projeto. Quando houve a aprovação, logo refletiu “Meu Deus, não imaginava que chegaria tão longe a ponto de sair do estado, quem era eu?”. Ela não sabia por onde começar mesmo sendo da área do turismo, pois era a primeira viagem de avião, a primeira vez que iria ver o mundo com outros olhos. Planejou a viagem de forma estratégica, passando por aeroportos e companhias aéreas diferentes, se colocando no lugar do turista e vivenciando o tempo de espera em cada itinerário. Sua experiência de planejar e organizar a viagem, sem sombra de dúvidas, torna-se uma bagagem para a área profissional do turismo. E, com o passar dos dias, um grupo no WhatsApp foi formado e a Erica teve contato com os participantes do projeto, ou seja, muitas trocas de redes sociais, culturas, histórias e costumes aconteceram antes mesmo da viagem.

Após conversar com os participantes, ela combinou com alguns de chegar dois dias antes, desembarcando no dia 17 de setembro, em Goiás, para se adaptar

ao ambiente e preparar-se para o grande dia da abertura do evento - que ocorreu no dia 19 de setembro de 2022. Um misto de medo e insegurança, por não saber o que a esperava, tomou conta dela nesse período de planejamento e execução da viagem.

Mas, finalmente, o encontro aconteceu de uma forma emocionante e significativa, emocionante por conseguirem unir a Rede Federal do Brasil e Portugal, e significativo por se tratar de um projeto com o objetivo de preparar os participantes para o mercado global de organizações e empresas, em que seria possível inovar e interagir, por meio do trabalho em equipe e a partir de projetos com soluções inovadoras que todos teriam que desenvolver.

As duas primeiras semanas foram muito importantes, com interações e atividades que contribuíram para quebrar alguns bloqueios de comunicação. Além das atividades, aconteceram palestras dos diversos conteúdos, que auxiliaram no desenvolvimento do projeto, como a palestra sobre Design Thinking, que é uma estratégia que busca solucionar problemas por meio da análise de suas problemáticas enraizadas. Apresentação do Pitch, que se descreve como uma apresentação de curta duração, que prende a atenção do seu público-alvo com o intuito da venda de uma ideia ou produto. Além disso, houve apresentação do conteúdo sobre ferramentas, o qual usáramos nas etapas do projeto para o aumento de eficiência e organização, a exemplo das ferramentas do Google, Pixels, Pixabay, Freepik, Miro, Trello, Movavi, dentre outras.

Foram divididos os doze times, com cinco a seis integrantes, e o tema que seria trabalhado em cada equipe durante as dez semanas do projeto. A Erica ficou na equipe em que as pessoas eram de São Paulo, Goiás, Rondônia e Rio Grande do Sul, e seu tema foi “Como promover o descarte de resíduos inorgânicos de pequenas, médias e grandes indústrias?”, proposto pela empresa SJC Bioenergia.

Confesso que foi um desafio muito grande entender quais seriam esses resíduos, se o tema tratava de todos os resíduos inorgânicos ou algum resíduo específico da empresa. A partir de um aprofundamento na primeira semana com pesquisas, focamos em apenas um resíduo, o qual pode ser encontrado em usinas: “as cinzas”. Mas, na segunda semana, após uma visita técnica na empresa e reunião, voltamos para a estaca zero de pesquisas e aprendemos a lidar com os imprevistos e recomeçar, pois descobrimos que seria, na verdade, todos os resíduos.

Ao executar as atividades, ela se sentia perdida, pois sua equipe era de áreas diferentes. De fato, todos os participantes do projeto eram de áreas diferentes, não havia assuntos em comum, mas a troca de informações contribuiu no desenvolvimento das softs skills. Cada participante trouxe relatos do seu Instituto Federal e seu curso. Do mesmo modo, ela refletia “Como o turismo pode contribuir na criação da solução?”. Havia dias que não fazia sentido as coisas que pesquisava, era tudo diferente, mas ela adorava a experiência de algo novo.

Uma das atividades que marcou foi o peer feedback dos participantes e líderes, uma atividade realizada em todas as etapas do projeto.

A atividade fazia o integrante se autoavaliar diante das atitudes e refletir sobre o que precisava ser melhorado. A Erica aprendeu a ouvir críticas e saber lidar com elas, não levando como algo ofensivo e, sim, para melhorar. Às vezes, ficamos apreensivos em falar o que precisa ser melhorado no outro ou até mesmo não sabemos lidar com as opiniões, e essa atividade mostrou isso de uma forma leve, usando-se da empatia.

Ainda na segunda semana, as equipes se preparavam para subir no palco e apresentar, em formato Pitch e com a duração de dez minutos, sobre o desenvolvimento das atividades até o momento. A Erica nunca subiu no palco de um auditório com uma imensidão olhando para ela, contudo ela conseguiu e se surpreendeu.

A minha equipe recebeu o nome de SOMA (Soluções para o Meio Ambiente). Era o verdadeiro trabalho em equipe, em que todos estavam engajados em buscar uma solução e a ferramenta mais utilizada no desenvolvimento do projeto foi o Brainstorming, pois a tomada de decisões não era individual, sempre era em conjunto; as ideias nunca eram ignoradas e assim foi durante todo o projeto.

Chegando o dia de retornar, todos deveriam voltar para as suas casas e continuar o projeto de forma remota durante sete semanas, uma experiência incrível. A Erica aprendeu a fazer sua gestão de tempo, que contribuiu para a conclusão das pesquisas e definição da solução. Essa fase remota, a equipe SOMA teve a oportunidade de desenvolver uma dinâmica de integração, “Luz, Câmera e Ação”, na qual os participantes escolhiam um filme e, por meio de mímicas, faziam as cenas usando objetos do seu entorno. Os participantes se envolveram com bastante criatividade, vestindo-se dos personagens dos filmes. Muito trabalho foi ocorrendo durante as semanas remotas, reuniões e apresentações a cada final de etapa e, com isso, as habilidades foram ganhando espaço na vida pessoal e profissional.

A solução foi escolhida e o protótipo e testagem foi colocado em prática - era uma plataforma que tinha como objetivo conectar indivíduos e/ou indústrias que geram resíduos inorgânicos com empresas interessadas em adquirir tais resíduos para a reciclagem e muitos outros benefícios obtinha. Então, a última semana chegou e foi dedicada aos ajustes da solução para a apresentação final “O Demoday”, e somente um representante da equipe assumia a responsabilidade de vender a ideia conforme foi ensinado durante as semanas do projeto.

Todas as equipes apresentaram soluções plausíveis de serem implementadas pelas contrapartes e mostraram como pessoas de línguas e culturas diferentes podem realizar transferências de tecnologias em prol de um bem comum. A Erica, assim como todos os participantes, levará consigo a segurança de atuar no mercado, sendo possível solucionar demandas da sociedade, em que o trabalho conjunto amplia as possibilidades de se encontrarem soluções específicas para cada desafio, sendo que estas podem ser ou não replicadas em outros contextos.



DO BRASIL PARA PORTUGAL: AS EXPERIÊNCIAS DE UM DOCENTE NA MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

Autor: Junior Leal Prado - IFS



Nas últimas décadas, os programas de Mobilidade Acadêmica Internacional (MAI) vêm se destacando como uma das estratégias mais férteis para a cooperação acadêmica, efetivando, visivelmente, o processo de internacionalização do ensino superior. Esses programas permitem à comunidade acadêmica, ou seja, professores, pesquisadores, técnicos e estudantes, realizarem parte de suas atividades em outra instituição de ensino ou de pesquisa. Os resultados dessas experiências formativas vão além das questões políticas e técnicas, pois se vinculam à promoção da interação e da integração de diferentes culturas e sujeitos.

Com o objetivo de reforçar as ações de internacionalização do ensino a partir da troca de experiências e conhecimentos entre Brasil e Portugal, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), em fevereiro de 2017, oficializou em Brasília/DF uma cooperação internacional com o Instituto Politécnico do Porto (IPP) e, em julho de 2018, na cidade de Aracaju/SE, assinou o termo de cooperação com os representantes das duas instituições, o qual previu o intercâmbio e a mobilidade acadêmica de servidores e estudantes para ampliação das atividades acadêmico-científicas.

Em dezembro de 2018, a Reitoria do IFS, por meio da Assessoria de Relações Internacionais, tornou pública a seleção de projetos de pesquisa aplicada para serem submetidos por servidores da instituição, com titulação mínima de mestrado e interessados em participar do programa de Estágio de Mobilidade Acadêmica em Portugal no IPP. Foram selecionados 15 projetos de pesquisa aplicada dos servidores do IFS (docentes e técnicos administrativos educacionais), nas áreas de Turismo e Educação, para execução em um período de dez meses, incluso um mês de estágio no IPP em Porto-Portugal. Para cada projeto aprovado, foi destinada uma cota individual de auxílio financeiro para custear despesas do projeto, alimentação, hospedagem, seguro de viagem internacional e passagens aéreas de ida e volta Brasil-Portugal.

De forma geral, os objetivos dos projetos de pesquisa aplicada selecionados visaram a contribuição para o desenvolvimento científico e tecnológico, o estímulo e a adoção de práticas inovadoras para serem aplicados na educação. Os pesquisadores selecionados se comprometeram em multiplicar os conhecimentos adquiridos durante a MAI, por meio de palestras, participações em eventos institucionais, publicações científicas, dentre outras atividades acadêmicas organizadas pelo IFS.

Um dos projetos de pesquisa aplicada aprovado, intitulado Inovação Pedagógica e Práticas Colaborativas, Multidisciplinares e Cocriativas: contribuições para a relação Brasil-Portugal, subsidiou o presente relato de experiência.

O docente/pesquisador, sob a supervisão do Prof. Dr. Carlos Ramos, realizou as atividades que compuseram esta pesquisa nas dependências do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP) e da Porto Design Factory (PDF) do IPP, nos meses de junho e julho de 2019, dentre as quais: reuniões com o supervisor, com o Grupo de Pesquisa em Engenharia e Computação Inteligente para a Inovação e Desenvolvimento (GECAD), e com os demais servidores do IFS participantes da MAI em Portugal. A PDF, um espaço potente, intrigante e enriquecedor sob a ótica do docente, é um laboratório de ideias com base no trabalho interdisciplinar, na pesquisa aplicada e na colaboração industrial. Nos programas educativos da PDF, equipes internacionais interdisciplinares (que misturam estudantes de engenharia, design, comunicação, ciências empresariais, educação etc. do IPP com estudantes de um vasto conjunto de universidades internacionais parceiras) trabalham em conjunto para responder aos desafios de inovação propostos por parceiros empresariais nacionais e internacionais, desde startups e pequenas e médias empresas a grandes multinacionais. Por meio dos projetos, os estudantes passam por um processo intenso e interativo de conversas com pessoas para descobrir suas necessidades, idealização e prototipagem rápida, para criar e desenvolver novas ideias de produto ou serviço e provas de conceito.

A PDF integra a Design Factory Global Network (DFGN), que é composta por 20 instituições de quatro continentes. Essa rede possibilita a MAI de alunos e docentes entre os diferentes núcleos, além da troca e partilha de conhecimentos e a colaboração em projetos. Dessa forma, o docente/pesquisador pôde conhecer a estrutura física, instalações, equipamentos, metodologia educacional, projetos e programas de pesquisa, extensão e inovação da PDF, uma vivência rica e produtiva. Também realizou a visita ao Laboratório de Sistemas Autónomos (LSA), associado do INESC TEC, com a recepção e supervisão do Prof. Dr. Alfredo Martins do ISEP/IPP.

No decorrer da MAI, o docente/pesquisador pôde participar de alguns eventos técnicos-científicos que agregaram muitos conhecimentos, networking e a divulgação científica dos resultados alcançados em pesquisas desenvolvidas no IFS. A seguir, destaca-se alguns destes:

TECH@PORTUGAL: organizado pela Agência Nacional de Inovação (ANI) de Portugal, onde estiveram presentes mais de 100 instituições portuguesas de tecnologia e inovação. A excelência da pesquisa e inovação produzidas em Portugal foram demonstradas em um ambiente disruptivo com a presença de empresas, Centros de Interface (CIT), Startups, Clusters de Competitividade e Laboratórios Colaborativos (CoLabs). Foi possível conhecer várias tecnologias nos espaços de demonstração do evento;

Open Day: organizado pela PDF, onde se pôde conhecer os resultados dos projetos desenvolvidos pelas equipes internacionais interdisciplinares.

As equipes apresentaram para toda a comunidade os trabalhos desenvolvidos e os resultados alcançados em parceria com as empresas: Generali, Triwool, SONAE MC, NOKIA, SUSI & James, CIM Tâmega e Sousa, CERN, Aalto Industries. Foi o culminar de um ano de trabalho e esforços para todos os programas educacionais da PDF;

Electrical Engineering Open Day: organizado pelo ISEP/IPP, foram apresentados os projetos de pesquisa e inovação realizados em parceria com as empresas. Este evento incluiu uma mesa redonda com palestrantes convidados de diferentes perfis profissionais, que debateram sobre temas relacionados à engenharia eletrotécnica, assim como sobre o exercício da profissão de engenheiro. O tema principal do painel de debate, constituído apenas por mulheres, foi sobre as engenheiras que desenvolvem as suas atividades profissionais de engenharia no ensino, pesquisa e indústria;

- e a participação com apresentações de trabalhos no evento Porto ICRE'19 - Porto International Conference on Research in Education 2019, organizado pelo Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED), da Escola Superior de Educação (ESE), do IPP, a saber: Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação: alguns apontamentos a partir da instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica; Produção tecnológica da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: os programas de computador aplicados à Educação; e Tecnologias digitais no ensino-aprendizagem da Matemática. Este evento propiciou o networking e a divulgação científica dos resultados alcançados em pesquisas desenvolvidas no IFS pelo docente/pesquisador.

Um docente/pesquisador, que investe na MAI como parte de sua formação, favorece o processo de internacionalização das instituições de educação envolvidas. Sua contribuição passa a ser muito mais ativa por capacitar-se para desenvolver um currículo internacional, formar redes de relacionamentos com outros pesquisadores, desenvolver uma didática sintonizada com o ambiente global, adquirir conhecimentos para processos de orientação de alunos e/ou servidores candidatos aos programas de MAI, além de incentivar a convivência intercultural no contexto universitário.



INTERCÂMBIO MUSICAL NA ITÁLIA



Autora: Carolina Momm de Melo - IFSC

Sou Carolina, tenho 26 anos e sou aluna do Curso de Prática de Orquestra, do IFSC - Campus Florianópolis, onde estudo a prática do violino no ambiente orquestral. A seguir, farei um relato da minha experiência de intercâmbio, realizada em novembro e dezembro de 2022, na Itália.

O programa de cooperação internacional para intercâmbio de estudantes do Instituto Federal de Santa Catarina, a partir do edital n° 01/2022/RI/Campus Florianópolis, proporcionou a experiência de mobilidade para cinco estudantes do curso FIC Prática de Orquestra. Desembarcamos no dia 24 de novembro de 2022, em Milão, e partimos para Venegono Inferiore, próximo a Varese.

O curso, organizado pelo Maestro Giovanni Tenti, foi dividido em três partes: técnica de canto, regência de motetos italianos e análise da quinta sinfonia de Beethoven. Além disso, participamos do coro da Associação Ars Cantus, em preparação para um concerto realizado no dia 07 de dezembro. As primeiras lições iniciaram no dia 25 de novembro e aprendi técnicas de respiração e emissão de voz do bel canto. Minha voz foi classificada como soprano 1, o que representou um desafio durante minha preparação do repertório do coro, visto que precisei cantar a parte mais aguda do repertório.

Após o contato inicial com o canto, tivemos as primeiras aulas de regência coral. O repertório consistia em duas “Ave Maria”, dos compositores de Victoria (1548-1611) e Dietsch (1808-1865). Inicialmente, aprendemos a fazer uma análise da organização dos compassos e como fazer sinalizações nas partituras. Em seguida, o exercício foi cantar todas as vozes e ensiná-las aos outros colegas que simulavam a formação de um coro a quatro vozes. Finalmente, era feita a regência juntando todas as vozes e exercitando os gestos aprendidos.

Essas aulas com motetos italianos a quatro vozes se repetiram ao longo dos dias, variando o repertório e os trechos a serem estudados. Na maioria das vezes, o maestro sugeria 30 a 40 minutos de estudo individual, para que em seguida aplicássemos o método de ensinar aos colegas, juntar as quatro vozes e fazer a regência. Pude perceber diversas habilidades a serem desenvolvidas para conseguir fazer uma boa regência coral, como uma emissão de voz clara e afinada, a importância de uma boa leitura à primeira vista, a precisão rítmica e um bom ouvido relativo para poder passar as vozes apenas com a referência de um diapasão sem a dependência de um piano.

No domingo, 27 de novembro de 2022, fomos a Varese. Conhecemos um parque com uma área verde imensa e com vista para o lago; em seguida, fomos ao Campo dei Fiori e, por fim, conhecemos o Palazzo Estense, local onde a Ars Cantus realizou diversos concertos. No dia seguinte, fizemos nossa primeira apresentação do quinteto “Solisti di Floripa”, na qual tivemos a oportunidade de apresentar um repertório diverso de músicas brasileiras: Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, Guerra-Peixe, Villa-Lobos, Ernesto Nazareth, entre outros. O concerto foi realizado na sala de um edifício no centro da cidade, com a presença de coralistas da Ars Cantus, membros da comunidade e autoridades locais. No link a seguir é possível assistir na íntegra: <https://youtu.be/psSEELgmOo0>.

Ao longo das duas semanas, fizemos quatro ensaios com o coro, uma experiência valiosa em que tivemos a oportunidade de conhecer as técnicas de ensaio do maestro Tenti, assim como integrar um grupo de excelência. Aprendi bastante sobre trabalho com coro durante esse período. No repertório, havia peças sacras como “Ave Maria” de Victoria e Dietsch, assim como músicas de filme de Ennio Morricone e Elton John. Algumas das peças eram executadas com solistas, enquanto outras com coro à capela. Na maioria delas, o maestro tocava piano para fazer os acompanhamentos.

Dia 30 de novembro fizemos nossa visita a Milão, acompanhados pelo maestro Tenti pudemos visitar o Duomo, o Castello Sforzesco e um de seus museus, e passamos em frente ao teatro Scala.

Outro passeio inesquecível foi em Firenze. Por ser um pouco distante da região onde estávamos hospedados, tomamos um trem de alta velocidade partindo de Milão. Ao chegar na cidade, fomos diretamente à Galleria della Academia, um dos locais turísticos mais importantes de Firenze. Conhecemos diversas obras renascentistas, um pequeno museu de instrumentos musicais e, principalmente, a escultura original do David de Michelangelo. Mais tarde pudemos conhecer o centro da cidade e provar pratos típicos italianos. No segundo dia, visitamos a Galleria Uffizi, um palácio com um dos museus mais importantes da história da arte europeia. Foi uma experiência extraordinária conhecer ao vivo essas obras-primas, além de compreender um pouco mais da história dos Medici e sua influência na produção artística que está concentrada na cidade.

Retornando a Venegono Inferiore, nos dias 05 e 06 de dezembro, fizemos nossas últimas aulas de regência, dessa vez focando na prática orquestral com a quinta sinfonia de Beethoven. Foi feita uma análise dos quatro movimentos em relação à interpretação gestual em 2, 3 ou 4, à técnica de orquestração do compositor para essa sinfonia, as possíveis demandas dos instrumentistas para a regência, quais eram os pontos de maior dificuldade etc.

Dessa forma, pudemos fazer um mapeamento detalhado da obra, o primeiro passo para o regente de orquestra criar sua interpretação. Ainda no dia 05, à noite, fomos convidados para um jantar no seminário, um grande complexo que abriga diversas igrejas.

Após a janta, nosso grupo de intercambistas apresentou o repertório brasileiro para os seminaristas, que receberam com bastante entusiasmo nossa música.

Nossa última apresentação foi no dia 7 de dezembro, na Catedral de Vigevano, dessa vez em conjunto com o coro Ars Cantus, executando o repertório ensaiado ao longo das duas semanas. O concerto foi um sucesso, a igreja estava lotada e o público foi bastante receptivo.

Em nosso último dia em Venegono Inferiore, almoçamos com a família Tenti e alguns coralistas da Ars Cantus. Mais tarde, fizemos uma visita diurna ao Seminário e conhecemos algumas das igrejas e prédios principais, ouvimos o maestro tocar Bach no órgão da igreja e nos apresentar o mecanismo do instrumento. No fim, participamos da missa como coralistas nas celebrações do feriado da Immacolata. Destaco aqui a generosa recepção da família Tenti e de todos os membros do coral, que nos acolheram de forma calorosa e possibilitaram um vínculo para além da música.

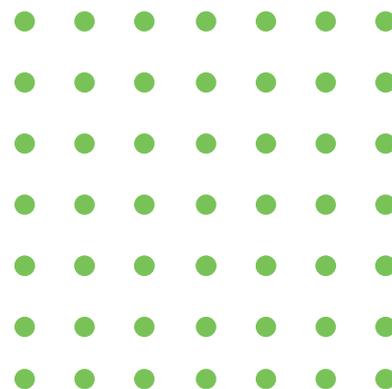
Nossa presença no curso de regência foi registrada em dois momentos pela imprensa local, no jornal físico e na televisão: <https://youtu.be/dRGLntvp8x8>

Concluo este relatório, agradecendo a toda a equipe de mobilidade acadêmica do IFSC e à coordenação de Atividades Artísticas pela oportunidade de realizar este intercâmbio. Foi um período intenso de aprendizado de música, arte e cultura italiana, importantíssimo para a minha carreira e que, certamente, renderá frutos ao longo da minha trajetória como educadora e musicista.



PROPICIANDO EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E CULTURAIS INTERNACIONAIS NO IFSC

Autora: Denize Nobre Oliveira - IFSC



Desde 2010, o IFSC oferta o Programa de Cooperação Internacional para Intercâmbio de Estudantes (PROPICIE) que, em 2023, alcança sua 20ª edição. Nesses treze anos, o Programa possibilitou a mobilidade acadêmica internacional para o desenvolvimento de pesquisas científicas e desenvolvimento tecnológico a mais de 350 estudantes de todos os campi do IFSC em Santa Catarina. Os estudantes selecionados realizam uma mobilidade de três meses de duração, em instituições parceiras do IFSC, em países como Argentina, Colômbia, Alemanha, Portugal, Espanha e Finlândia, dentre outros.

Nesta narrativa, trago alguns relatos recentes de estudantes que realizaram suas mobilidades nos últimos dois anos e que reafirmam não apenas a importância da experiência acadêmica internacional para o seu crescimento profissional, mas também por proporcionar uma vivência intercultural, estimulando sua própria percepção como cidadão do mundo.

Larissa Waltrick Ferreira da Silva, 17 anos, é estudante do Curso Técnico Integrado em Química e realizou sua mobilidade no Instituto Politécnico de Setúbal (Portugal): “Eu posso afirmar que essa foi a maior e melhor experiência que eu já tive. Morar lá e conhecer novas pessoas e uma nova cultura foi mega importante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Essa também foi a minha primeira viagem internacional, então no começo eu estava bem nervosa, mas tudo foi se encaixando e eu pude aproveitar cada momento lá. Ainda estou em êxtase com tudo o que aconteceu. Estudar fora foi a realização de um sonho que parecia impossível, mas que, graças ao IFSC, deu tudo certo. Guardo boas lembranças e aprendizados gigantes que irei levar para o resto da vida. Eu posso dizer que o Propicie foi um marco na minha vida. Eu amei isso, o novo, o diferente. Já sinto saudades!”

Maria Eduarda Mendes, 17 anos, é estudante do Curso Técnico Integrado em Informática e realizou sua mobilidade no Instituto Politécnico do Porto (Portugal): “Uma das minhas partes favoritas do intercâmbio era aprender fatos ou curiosidades sobre os lugares onde estava conhecendo e perceber como o mundo é enorme, como existem realidades completamente diferentes das quais eu estou habituada ou até mesmo realidades tão parecidas com a minha, vivendo do outro lado do oceano.

Mas claro que isso também acabava sendo muito desafiador, pois tive de me acostumar com uma cultura muito diferente, cheia de costumes e tradições que podem ser bem estranhas no início. (...) Foi a experiência mais incrível da minha vida. Ainda não acredito que realmente aconteceu. Agora que estou de volta, eu paro para pensar sobre tudo que fiz nesses últimos três meses e parece um sonho, pois sempre foi algo que eu idealizei muito e parecia muito distante da minha realidade, mas que, por conta do IFSC, consegui realizar.”

Dayane Thayse Vieira, 24 anos, é estudante do curso de Engenharia Mecânica e também realizou sua mobilidade no Instituto Politécnico do Porto (Portugal): “Além de todo aprendizado acadêmico, que está sendo muito enriquecedor, estou aprendendo bastante em outras áreas da minha vida, como me virar sozinha por tanto tempo, perder a vergonha de várias interações sociais com estranhos e administrar todas as emoções que esse tempo todo longe de casa está trazendo.”

Rodrigo Durigon, 22 anos, é estudante do curso de Engenharia Civil e realizou sua mobilidade na Espanha, na Universidade de Deusto. Ele relatou que, para além das experiências acadêmicas, ficou satisfeito em “ter a oportunidade de realizar visitas a outros países e localidades diferentes de Bilbao, onde pude ter uma visão mais ampla do mundo e ampliar meus conhecimentos em diferentes culturas e costumes.”

Por fim, Kenner Marqueti, de 25 anos, estudante do curso de Engenharia Eletrônica, realizou sua mobilidade na University of Applied Sciences Neubrandenburg (Alemanha). Eis o seu relato: “A participação no projeto está me mostrando o resultado de meus estudos no IFSC, permitindo colocar em prática grande parte do que aprendi, e me forçando a rever conceitos que não vejo há algum tempo. É muito prazeroso colocar em prática o conhecimento adquirido e inclusive ter a educação fornecida pelo IFSC elogiada pelos colegas que já receberam previamente outros estudantes da instituição. Trabalhar neste projeto está me proporcionando a oportunidade de entender melhor quem eu estou me tornando como profissional, conhecer minhas forças e fraquezas, e me aperfeiçoar.”

Como pudemos observar nos relatos dos estudantes, são diversos os aspectos positivos de ações de internacionalização com o Programa PROPICIE. Institucionalmente, há um incentivo ao estudante pelo bom rendimento acadêmico, pela realização de pesquisa e pela capacitação em línguas estrangeiras. Internacionalmente, há a projeção institucional, que traz visibilidade ao trabalho científico desenvolvido pelas instituições da rede federal de ensino técnico e tecnológico brasileiras.

Por fim, o Programa PROPICIE de mobilidade internacional proporciona muito mais do que uma experiência de intercâmbio acadêmico. Estar em um ambiente diferente, imerso em uma cultura diferente, possibilita uma vivência intercultural rica que promove relações entre grupos culturais distintos, estimulando a interação, a compreensão e o respeito às diferenças.



UM INTERCÂMBIO AO LONGO DAS ESTAÇÕES DO ANO

Autor: André Erick da Silva - IFSERTÃOPE



“Isso não é coisa para gente pobre!” As palavras de Mainha ainda ecoam na minha memória do momento em que lhe revelei sobre minha aprovação no Edital 147 do programa Ciência Sem Fronteiras. No meu primeiro ímpeto de rebeldia, estava decidido: eu ia agarrar a oportunidade de ir para o Canadá, independentemente do que ela achava. Talvez pela pouca escolaridade ou talvez pelo apego a mim, naquele momento Mainha não conseguia distinguir o tamanho da oportunidade que estava na minha frente.

A tão sonhada Carta de Aceitação tinha acabado de chegar no meu e-mail. Sentia-me como Harry Potter recebendo a Carta de Hogwarts. Eu passaria um ano e quatro meses na cidade de Toronto estudando no Centennial College. Deixar para trás, ainda que momentaneamente, a cidade de Salgueiro no Sertão Central de Pernambuco, onde, na época aos dezoito anos, eu cursava Tecnologia em Alimentos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano era um misto de alegrias e pequenos medos: o idioma, a cultura e o frio.

O verão canadense marcou a minha chegada. Inicialmente, foram quatro meses de inglês. Eu fui o único brasileiro do meu edital a ir para a classe mais avançada de inglês do Centennial College. Ao adentrar na sala repleta de chineses, vi uma panamenha e uma venezuelana. Uma amizade baseada nas raízes latinas iniciava-se ali. Entre uma aula e outra, íamos nos ajudando em uma salada mista de idiomas, ora inglês, ora espanhol, ora português. Foi naquela sala que ganhei confiança com o idioma.

O inglês sempre foi uma paixão. Desde menino, sentava-me no sofá com o meu livro didático de inglês e um dicionário e ficava ali traduzindo palavra por palavra. O dicionário era tão velhinho que eu tinha que passar as páginas amareladas com bastante cuidado para que elas não se desintegrassem nas minhas mãos. Com o tempo, os meus livros didáticos ficaram obsoletos e eu já ia atrás do livro didático do meu irmão que era dez anos mais velho do que eu.

Apesar de ter muito conhecimento de vocabulário, eu não conseguia falar ainda. Ao chegar ao Canadá percebi que ninguém ali me conhecia, então toda vergonha que eu pudesse passar, eu passaria e depois de ir embora não faria diferença, pois ninguém se lembraria mais de mim. A minha desinibição fez com que eu falasse tudo. Falava tudo errado, mas falava. Traduzindo a maioria das sentenças ao pé da letra. Os quatro meses de inglês no Centennial College serviram justamente para me moldar e conseguir falar respeitando as normas gramaticais e me fazendo mais claro na mensagem que queria passar.

O outono trouxe com o ar úmido o momento de ir para a tão sonhada graduação. Como estudante de Tecnologia em Alimentos, me fascinei pelo estudo da microbiologia. Aproveitei a estrutura de ponta dos laboratórios do Centennial College para debruçar-me sobre conteúdos que ainda não tinham sido abordados no Instituto Federal de Salgueiro.

O inverno marcou o segundo semestre da graduação. Durante o segundo semestre da graduação, já estava mais acostumado com a cultura que me cercava. Com o auxílio do Google Maps conseguia pegar qualquer ônibus, qualquer metrô e chegar a qualquer destino. Já tinha feito amizades com pessoas que levaria para a vida inteira. Já tinha vivido amores que jurei que levaria para a vida inteira.

O vento gélido invernal trouxe um antigo medo: o frio. Nem tudo foram flores. O caboclo nordestino, acostumado com os 40 graus centígrados do meu sertão, demorou um pouquinho para se acostumar com as temperaturas negativas canadenses. O Centennial College organizou uma excursão para Blue Mountain. Uma estação de esqui onde tive o prazer de andar de snowboard pela primeira vez na vida. Porém, no dia posterior à viagem, já estava ficando bastante doente. Tive uma gripe com febre muito alta.

Uma brisa primaveril marcava uma nova estação e uma nova etapa do intercâmbio: o estágio. Estagiei no laboratório de microbiologia do Centennial College. Ao longo do estágio consegui aprender ainda mais sobre microbiologia e também tive a oportunidade de vislumbrar como era o mundo profissional.

Já no finalzinho da minha estadia, decidi trabalhar voluntariamente no Parapan de 2015. Era a minha maneira de retribuir um pouquinho tudo aquilo que o Canadá tinha me proporcionado. Fui tradutor trilingue; português, espanhol e inglês; na recepção da equipe de Vôlei Sentado. Poder fazer parte de um evento gigantesco como esse foi uma experiência ímpar. O fim da primavera fez com que, assim como os pássaros, eu também migrasse de volta para onde era quentinho.

Em setembro de 2015, no meu retorno para o Brasil, já estava decidido que ensinaria inglês. A paixão por esse idioma me levou tão longe e essa seria à minha maneira de tocar aqueles que estavam ao meu redor: compartilhando conhecimento. Quer maneira mais bonita de tocar aqueles que estão ao seu redor? Hoje sou docente do Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) ensinando o idioma inglês. Lecionar esse idioma pelo qual tenho tanto apreço não seria possível se eu não tivesse agarrado a chance de viver esse sonho no Canadá.

Contrário ao que Mainha acreditava, as experiências de internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica são sim para pessoas pobres. Sobretudo para aqueles que desejam superar a pobreza. Para nós, pobres, o único caminho para tal ato é o conhecimento. Podem nos tirar tudo, mas nunca podem nos tirar o nosso conhecimento. Todos os passos para ingressar no programa Ciência Sem Fronteiras estavam me preparando para ser o homem independente que sou hoje.



UMA JORNADA DE INOVAÇÃO E APRENDIZADO NO HACKATHON MERCOSUL

Autor: Marcelo Anderson Batista dos Santos - IFSERTÃOPE



Ao explorar o site do MEC/SETEC, deparei-me com uma chamada que despertou meu interesse: a seleção de equipes da Rede Federal de EPCT para o Hackathon Mercosul, um evento voltado à criatividade, inovação e prototipagem. A oportunidade era tentadora, mas o tempo para organizar a documentação necessária, que envolvia autorizações de pais e comprovações curriculares de 10 alunos, era escasso. No entanto, submetemos nossa proposta nos últimos minutos de um feriado. E, para nossa surpresa, fomos selecionados!

A seleção foi apenas o começo. O próximo desafio era preparar uma viagem internacional para 10 de nossos alunos, 8 deles menores de idade, em apenas um mês. Esse período foi marcado por diversas reuniões com membros do Mercosul, buscando alinhar expectativas e garantir que todos aproveitassem ao máximo a experiência. Com as malas prontas, partimos do coração do Sertão de Pernambuco rumo a Assunção, no Paraguai. Para muitos de nossos alunos, essa viagem representava uma série de primeiras vezes: o primeiro voo, a primeira experiência internacional. A chegada foi marcada pela hospitalidade dos anfitriões. No início, cada delegação manteve-se mais reservada, mas rapidamente as barreiras foram quebradas, dando espaço para uma rica troca de experiências.

O desenvolvimento do projeto no Hackathon trouxe seus próprios desafios. Fui parte da equipe Oñodive PUBA, uma combinação de letras do Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. O nome da equipe, "Oñodive", é uma palavra em Guaraní que significa "todos juntos". Em termos de desenvolvimento do app, a integração de diferentes tecnologias e a colaboração entre membros de diferentes países foi uma experiência enriquecedora. A troca cultural foi um dos pontos altos do evento. Nossos alunos puderam perceber o valor da Rede Federal brasileira ao compará-la com as realidades de outros países do Mercosul. Ficou evidente a distância de oportunidades e recursos que temos em relação a alguns de nossos vizinhos, algo que muitos de nós não tínhamos plena consciência.

Os momentos com membros e autoridades do Mercosul foram marcantes. Mais do que um simples desenvolvimento de software, o evento proporcionou uma compreensão mais profunda da realidade do outro, promovendo a empatia e o entendimento mútuo. Ao retornar ao Brasil, o sentimento era de gratidão e realização. As amizades criadas durante o evento, as lágrimas derramadas na hora da partida e o sentimento de pertencimento mostraram o impacto profundo dessa experiência nos alunos.

Inspirados por essa jornada, decidimos organizar nosso próprio hackathon local em 2023, buscando envolver a comunidade e outros parceiros. Sabemos que essa experiência no Hackathon Mercosul será uma memória valiosa para nossos alunos e seus familiares, uma lembrança de superação, aprendizado e amizade. Hoje, olhando para trás, sentimos um profundo orgulho do que conquistamos. A experiência no Hackathon Mercosul não foi apenas sobre desenvolver um software, mas sobre descobrir novas realidades, valorizar nossas conquistas e construir pontes de entendimento e cooperação.

Sigamos multiplicando!





● ● A MINHA IDENTIDADE ● ● INDÍGENA ESTÁ ● ● DIRETAMENTE LIGADA ● ● AO MEU LUGAR ● ● NESTA SOCIEDADE ””

● ● Autora: Geovana Sales Jesus Leite - IFSP

Em 25 anos de vida eu nunca havia saído do Estado de São Paulo, o mais longe que meus pés alcançaram foi a cidade interiorana de Avaré, na qual eu residi durante o ano de 2022 após ser aprovada no curso de licenciatura em Letras - Português e Espanhol no IFSP. Nascida e criada na periferia do Grajaú, extremo sul da capital de São Paulo, o interior da metrópole paulista acolheu a minha primeira experiência longe da família, amigos e território, ao mesmo tempo em que alavancou a minha independência. Como indígena em retomada identitária e integrante de um recorte social periférico, a consciência para uma perspectiva crítica da nossa sociedade despertou e se fortaleceu nos últimos anos, dessa forma busco sempre manter meu olhar atento para os ambientes que frequento, não sendo diferente com a academia.

Foi a partir desse olhar que estabeleci uma parceria com uma de minhas professoras e iniciei não só minha participação no grupo de pesquisas “Constelações literárias de autoria negroafricana, afro-latina e afro-brasileira”, como também fui selecionada para o Programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC nas Ações Afirmativas com a pesquisa intitulada Literatura indígena e o indianismo: a construção da imagem do indígena em O Karaíba: uma história do pré-Brasil de Daniel Munduruku e O Guarani de José de Alencar. Nesse estudo, sob orientação da Prof. Dr^a Danuza Américo Felipe de Lima, apresento a reflexão sobre a imagem empregada ao indígena, assim como a reivindicação da ruptura desta por meio da literatura produzida pelos povos originários. Os meses que se seguiram trouxeram participações em congressos e eventos acadêmicos como a IX Semana tecnológica do IFSP e a V Jornada de Letras do IFSP Avaré e IV CONAEL - Congresso Nacional de Ensino-Aprendizagem de Línguas, Linguística e Literaturas, buscando evidenciar a literatura indígena e a reflexão sobre um ensino decolonial.

Viajar para Portugal nunca foi um dos meus objetivos de vida, sobretudo por conta da história do Brasil com o país luso, pensar em estar na Europa automaticamente me colocava, e ainda coloca, em um estado de autodefesa.

A inscrição no edital de mobilidade ocorreu quase que como uma decisão tomada por impulso, deixei de lado por um segundo a questão de possuir afinidade ou não com o país e procurei encarar essa oportunidade como uma experiência, a qual eu adaptaria à minha narrativa. A partir disso, iniciou-se uma nova etapa.

Partindo do processo de aprovação até a chegada ao país, e até mesmo os primeiros meses de permanência, foram tempos difíceis. Estar sem a devida assistência institucional e poder contar apenas com os relatos dos que já estiveram ou estavam no país, trouxe à tona uma personalidade que toma a frente de tudo exageradamente. Felizmente, nos últimos meses tenho trabalhado em deixar de lado esse modus operandi diante do acompanhamento do Wagner e da Viviane, quando mesmo com uma representação efetiva eu ainda me via tentando resolver questões burocráticas por conta própria.

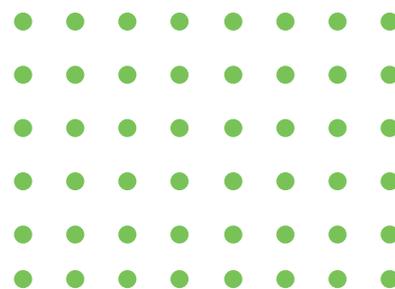
A minha chegada em Bragança deu-se de forma um tanto quanto caótica, já que por conta da demora do meu visto acabei dando entrada em minhas aulas um mês após o início do semestre. Dessa forma, além de me adaptar a um novo país e resolver as burocracias para permanecer de forma regular na cidade, ainda foi necessário recuperar um mês de aulas perdidas. Apesar de tudo, meu desenvolvimento durante o período letivo foi proveitoso e meus professores foram compreensivos do início ao fim. Bragança me recorda um pouco o interior de São Paulo por conta de sua logística, os comércios fecham cedo, não é barulhenta como uma cidade grande e há segurança. Mesmo com essas semelhanças, eu não me acostumei com o que dizem ser o “jeitinho português”, ou dos “tugas”, como também os chamamos. A rispidez que muitas vezes nos deixam sem jeito - no meu caso sempre - bate de frente com o jeitinho solícito do nosso Brasil. Apesar de encontrarmos muitos “zukas” na cidade, ainda não somos maioria, a universidade recebe uma quantidade enorme de jovens do continente Africano, são eles cabo-verdianos, angolanos e nigerianos. No que diz respeito a eles, somos quase como irmãos. A simpatia, generosidade e acolhimento são uma das principais características que eu ressalto e identifico neles. Eles me ajudam a recordar um pouco de casa também.

No curso de Línguas Estrangeiras - Inglês e Espanhol aqui do IPB, eu integro matérias voltadas para o campo da pesquisa científica, tradução, língua e cultura espanhola e história Latino Americana. Algumas dessas cadeiras, infelizmente, não possibilitam aos alunos a quebra da visão colonial e eurocêntrica que se estabeleceu e é presente ainda hoje na Europa e afora, deste modo os alunos não são incentivados a ter uma perspectiva crítica de mundo. Tenho compreensão de que a inclusão de uma didática decolonial passa por diversas camadas e origina-se de um ciclo vicioso. Um professor que não possuiu em sua formação a devida orientação sobre a necessidade de inclusão de narrativas que não sejam as dos colonizadores, conseqüentemente e facilmente, reproduzirá isso para seus alunos, porém encontramos alguns casos de docentes que despertaram seus olhares apesar de tudo, estudando e apresentando temáticas antirracistas e que considerem obras e narrativas de povos originários da América Latina - ou Abya Yala, como é reconhecida entre a comunidade indígena - e do continente Africano.

No início, eu disse que encararia este intercâmbio como uma experiência a qual eu adaptaria à minha narrativa. Apesar de ser frustrante que não compreendam as minhas intenções ao levantar determinadas problemáticas sociais, eu acredito que tenho conseguido realizar essa adaptação. A minha identidade indígena está diretamente ligada ao meu lugar nesta sociedade e a minha manifestação política. A forma por meio da qual eu reivindico os direitos dos povos originários se dá mediante pesquisas, comunicações orais e demais apresentações acadêmicas e estar em Portugal, país este determinante na história do território hoje conhecido como Brasil, e sobretudo na história de tantos indígenas, é além de simbólico, em um nível ancestral, desafiador.



A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO FORMADORA DE EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DE INOVAÇÃO E EXITOSAS



Autora: Teresa Helena Buscato Martins - IFSP | Coautora: Jussara Pimenta Matos

As ações de internacionalização e mobilidade têm se tornado uma prioridade em muitos planos estratégicos em muitas universidades do mundo todo. O mesmo panorama temos nos institutos federais do Brasil, com a preocupação de propiciar aos alunos e servidores uma preparação adequada profissional e culturalmente para contextos internacionais e com a possibilidade de retorno para nosso país com experiências relevantes, com o objetivo de melhorar a qualidade de nossa educação, fomentar a pesquisa de nossos professores e estudantes de modo a fornecer uma contribuição significativa à sociedade.

Em 2015, foi aberta a Chamada Pública SETEC/MEC nº 01/2015, de 22 de setembro de 2015, por meio de sua Diretoria de Relações Internacionais, e em parceria com o Community College Consortium, representado pelo Northern Virginia Community College (NOVA) e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, para capacitação de professores da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, oferecendo um curso intensivo de até 8 (oito) semanas nas instituições consorciadas ao NOVA, nos Estados Unidos da América.

Os requisitos para seleção incluíam uma carta de intenções e um plano de trabalho, de no mínimo um ano, de modo a aplicar os conhecimentos adquiridos e contribuir com ações e atividades de ensino, pesquisa, extensão, inovação e internacionalização.

Tive a oportunidade e o privilégio de participar da capacitação que foi realizada no período de 14 de janeiro até 17 de março de 2017 em um dos campus da NOVA, em Woodbridge - Virginia, juntamente com 75 professores de Língua Inglesa de diferentes instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica de todo o Brasil. Durante o curso, participamos de aulas com conteúdos relacionados a Novas Tecnologias a aulas de Inglês, Gamificação, Inglês para Fins Específicos, Aprendizagem Baseada em Projetos, Aprendizagem baseada em Tarefas, o ensino da cultura, além de atividades como visitas a escolas e universidades, observação de aulas de professores na NOVA, visitas a museus e cidades históricas nas imediações de Washington D.C. com o propósito de vivenciar a história e a cultura americanas e, para a finalização do curso, um Trabalho de Conclusão, com apresentação de grupos que envolviam representantes de todos os Institutos Federais.

O resultado foi a publicação de um livro de coletâneas de todos os trabalhos apresentados “Takeaway experiences - Projetos de Língua Inglesa para a Educação Profissional e Tecnológica”, que tem como principal objetivo trazer para nossa

comunidade acadêmica o que foi aprendido, desenvolvido e vivenciado durante nossa capacitação, apresentando práticas inovadoras, baseadas em estudos desenvolvidos e em futuros desdobramentos do ensino em nossas salas de aula. Esses trabalhos demonstram a valiosa experiência desfrutada pelos professores, que vieram de várias regiões do Brasil, com suas histórias de vida, conhecimentos e atividades profissionais diferenciadas e que procuraram aprender, compartilhar e socializar tudo aquilo que foi desenvolvido lá.

Após o retorno ao Brasil, comecei a introduzir em minhas aulas muito daquilo que tinha vivenciado nas aulas e atividades na NOVA, e parti para utilizar com meus alunos do Ensino Médio Integrado e do Curso Superior em Letras do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo Pirituba, a Aprendizagem Baseada em Projetos e a Aprendizagem Baseada em Tarefas, assuntos muito trabalhados em nossas aulas na NOVA. Considero uma experiência exitosa, pois, por meio dessas metodologias, os alunos se sentem motivados a desenvolver as atividades, pensadas por eles mesmos, a partir de um tema gerador, e podem perceber a conexão entre a teoria e a prática, promovendo a reflexão do pensamento crítico dos mesmos.

Em muitas aulas na NOVA entramos em contato com novos paradigmas de aprendizagem e o uso e papel das tecnologias. Pensando nisso e como forma de exercitar a aprendizagem significativa, fez-se necessário enfatizar a fluência tecnológica, o domínio linguístico e o conhecimento de outras culturas, mesmo porque estas partilham de hábitos, crenças e valores que diferem de outros que são específicos de cada cultura. Ao interagir, negocia-se de forma respeitosa e equitativa, com base nas semelhanças e diferenças, objetivando-se um consenso.

Assim, como desdobramento de nossas atividades, começamos a desenvolver projetos de Intercâmbio Virtual, que é uma forma de se incentivar o conhecimento de outras culturas e como interagir com as mesmas e desenvolver no aluno uma ação reflexiva. Duas ações apresentadas aqui foram de grande relevância para os alunos do Curso Superior de Letras do Instituto Federal de São Paulo, campus Pirituba. A primeira foi uma parceria com o Departamento de Português e Espanhol da Northwestern University em Chicago - EUA, no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos do curso de Português como Língua Estrangeira, propondo atividades de forma a promover a língua portuguesa, fomentando ações no processo de ensino e aprendizagem, com práticas educativas nas quais os alunos pudessem expressar suas culturas e suas identidades por meio da língua portuguesa do Brasil e conhecessem a cultura brasileira.

A segunda atividade desenvolvida foi um projeto de intercâmbio virtual cultural com o Departamento de Humanidades Latino-Americanas da Santa Fe College, na Flórida, com o tema de “Desenvolvimento da Competência Intercultural na América Latina em aulas de Inglês”. Nosso objetivo foi o envolvimento dos alunos de cursos superiores das duas instituições em criar a consciência intercultural e explorar diferentes realidades e refletindo sobre identidades culturais e comportamentos. Nossa meta era envolver os alunos em conversas significativas sobre como a cultura é percebida fora de seu país.

Os alunos dos dois países começaram a interagir fazendo vídeos de apresentação por meio da plataforma Flickr. Em seguida, temas eram escolhidos para serem estudados, sendo um deles, “Racial Diversity through art lenses” e alguns artistas e suas obras, como “Redemption of Ham” by Modesto Brocos, os murais do Boulevard Olímpico no Rio de Janeiro, pintado por Kobra, e autores e artistas americanos que tratam do assunto. Em seguida, sessões de conversações eram marcadas e após uma conversa geral os alunos eram divididos em grupos para que todos tivessem a possibilidade de interação. Nesse projeto, também tivemos a participação das Professoras Jussara Pimenta Matos, da Divisão de Administração e Mobilidade da Arinter e de Eliane Andreolli, da Divisão de Idiomas.

A prática de intercâmbio virtual encorajou os estudantes a refletir sobre as suas noções pré-concebidas de uma determinada cultura e como forma de evitar preconceitos culturais e desafiar estereótipos. Esse tipo de atividade foi muito bem recebido pelos estudantes, uma vez que estes puderam construir conexões internacionais e se envolverem na aprendizagem global.

Ao proporcionar que alunos de países diferentes estejam conectados para o desenvolvimento de atividades conjuntas, trabalhos colaborativos, discussões e mesmo bate-papos, podemos assumir que essas atividades sejam ações de internacionalização. Por meio deste relato de experiências e de algumas ações desenvolvidas por mim após a capacitação na NOVA, posso destacar que o programa proporcionou fonte de novas aprendizagens, pesquisas, de crescimento e formação para os professores.





A INTERNACIONALIZAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO POLITÉCNICA PORTUGUESA

Autora: Priscila Patrícia Moura Oliveira - IF SUDESTE MG | Coautoras: Elisete Gonçalves Fonseca; Beatriz Gonçalves Brasileiro

É sabido que ações de internacionalização são importantes em qualquer nível acadêmico, sobretudo na Pós-Graduação Stricto Sensu, ambiente diretamente relacionado ao desenvolvimento de pesquisas e práticas destinadas ao incremento científico, tecnológico e cultural nas mais diversas áreas.

A nossa participação em um programa de mobilidade internacional se deu por meio do Edital DRIIT nº 03/2019, o qual ofereceu a oportunidade de alunos dos mestrados profissionais, vinculados ao IF Sudeste MG, realizarem atividades em instituições parceiras em Portugal. Nelas, os mestrados teriam a possibilidade de desenvolver pesquisas, aprender técnicas e metodologias e participar de grupos de estudo, trabalho ou discussão.

Assim, e considerando a possibilidade de testar a aplicabilidade e validade de nossos projetos de pesquisa de mestrado, junto a um público-alvo diferente, nossos planos de trabalho foram elaborados com o objetivo principal de replicar nossos objetos de pesquisa na instituição parceira. Com isso, teríamos a oportunidade de coletar dados em diferentes lócus, permitindo comparar os resultados obtidos e relacioná-los com os objetivos inicialmente estabelecidos.

Após a aprovação, fomos direcionadas para desenvolver nossos planos de trabalho no IPG - Instituto Politécnico da Guarda, localizado no município de Guarda - Portugal, o que se deu ao longo de cinco semanas, entre quatro de novembro e seis de dezembro de dois mil e dezenove. A versatilidade acadêmica da instituição, que, à época, oferecia cursos em várias áreas de conhecimento, revelou-se ideal, uma vez que facilitaria o acolhimento de projetos diversos em sua essência, voltados tanto para a educação formal, quanto para ambientes não formais de aprendizagem.

O projeto relacionado à educação formal objetivava verificar a possibilidade das redes sociais virtuais como ferramenta pedagógica no ambiente escolar. Foi originalmente desenvolvido para ser aplicado junto aos alunos matriculados na disciplina Espanhol Aplicado ao Turismo II, do Ensino Médio Integrado em Hospedagem, oferecido pelo Campus Barbacena no IF Sudeste MG, e no âmbito da instituição parceira, foi realizado com os alunos matriculados na disciplina Língua Estrangeira Aplicada à Animação Sociocultural: Espanhol do curso de Licenciatura em Animação Sociocultural.

Com metodologia idêntica à proposta do projeto de mestrado, o trabalho envolveu o desenvolvimento de um perfil na rede social Instagram, no qual eram realizadas postagens vinculadas ao conteúdo de forma paralela às aulas presenciais, englobando questões teóricas e práticas. Como resultado, verificou-se que o perfil foi considerado válido pelos alunos para aquisição de novos conhecimentos e para reforçar o que foi aprendido em sala de aula, bem como para incentivar os estudos fora dela. Tais conclusões foram compartilhadas com a comunidade acadêmica por meio de resumo expandido apresentado no Congresso Internacional de Educação e Tecnologias / Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância de 2020.

Paralelamente, também foi realizada uma atividade de pesquisa, na modalidade de observação não participante, junto aos alunos do 1º ano do 1º ciclo da Escola Adões Bermudes, no intuito de acompanhar práticas realizadas no âmbito do projeto Probótica, destinadas a desenvolver o pensamento computacional e a literacia digital dos alunos. As considerações sobre essa atividade foram apresentadas no XII Simpósio de Ciência, Inovação & Tecnologia do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba.

Ademais, numa demonstração de êxito da parceria entre o IF Sudeste MG e o Instituto Politécnico da Guarda, alinhavou-se o desenvolvimento de um trabalho entre as duas instituições, que seria realizado entre os alunos que foram público-alvo dos dois projetos, cujo prosseguimento foi paralisado por conta da pandemia do vírus COVID-19.

Por sua vez, o projeto desenvolvido para os ambientes não-formais de aprendizagem procurou observar as metodologias e técnicas utilizadas nesta modalidade de ensino, com o propósito centrado na exploração produtiva e factível no potencial da educação não-formal. A participação como ouvinte no Projeto “Quinta Pedagógica na Maúnça”, composto por uma prática de iniciação científica trabalhada na disciplina de Estudos do Meio em Ciências cem por cento fora do ambiente acadêmico, contribuiu para a percepção da aluna participante acerca da importância da elaboração de produtos educacionais para propiciar reflexões, e do diálogo com público para a efetivação de ações educativas.

É preciso ressaltar que os benefícios acadêmicos oportunizados pelo programa de mobilidade acadêmica internacional são inegáveis. Além dos resultados obtidos em termos de publicações científicas, pudemos conhecer mais detalhadamente o funcionamento do ensino superior em um país europeu. Tivemos acesso à totalidade da estrutura oferecida pela instituição aos seus alunos e pudemos participar de outras atividades não necessariamente vinculadas aos nossos projetos, tais como defesas de trabalhos acadêmicos, palestras e visitas técnicas, as quais também contribuíram para experienciarmos um pouco mais dos meandros acadêmicos internacionais.

Destacamos ainda o crescimento pessoal oportunizado pela experiência, uma vez que pudemos conhecer e visitar locais de reconhecida importância histórica, cultural e social, tanto do município de Guarda, quanto de cidades próximas, como Lisboa, Madrid, Porto e Salamanca.

O contato com diferentes povos, culturas e costumes enriqueceu sobremaneira a nossa vivência e proporcionou experiências valiosas e significativas.

Pelo que aqui foi descrito, afirmamos que a internacionalização traz benefícios para todos os entes que nela se envolvem. Aos alunos participantes aos quais é oportunizada a vivência acadêmica em outro país, bem como uma experiência pessoal, social e cultural em âmbito internacional. À instituição nativa, que tem a possibilidade de demonstrar, de forma prática, a sua eficiência acadêmica, por meio das competências e habilidades demonstradas pelos alunos participantes no desenvolvimento de suas atividades propostas. À instituição anfitriã, que certamente se beneficia dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos participantes, não só durante a atividade intercambial, mas também depois dela. Ao docente orientador, ao qual são oportunizadas novas e valiosas parcerias em publicações e contatos para outros intercâmbios, resultantes da aproximação entre os orientadores dos dois países. E, por fim, à modalidade *Stricto Sensu* de Pós-Graduação, que se robustece em sua essência de produção de conhecimento.



PERSEVERANÇA, CAPITAL CULTURAL E PERSONAGENS TUTELARES: COMO O IF INTERNACIONAL IMPACTA A VIDA DO DISCENTE CONTEMPLADO E SEUS PARES?

Autora: Suene Franciele Nunes Chaves - IF SUDESTE MG



Falar sobre o IF Sudeste MG é sempre uma faca de dois gumes. O prazer é proporcional à dificuldade, visto que passei sete anos e meio como discente dessa instituição, longe do contexto familiar e em fases complexas da vida. Fato esse que mudou minha trajetória por completo em todos os aspectos imagináveis, inclusive, em direção à materialização precoce de um sonho de menina: conhecer a Europa, mais especificamente, Portugal. Portanto, caro leitor, peço que tenha paciência caso este relato seja demasiadamente sentimental.

A narrativa será desenvolvida em três partes para fins de entendimento: antes, durante e após o Programa IF Internacional. A fase antes será focada em demonstrar as sinuosidades do caminho até a aprovação no programa de internacionalização; na fase durante, vou lhes mostrar o decorrer dos dias em solo europeu; já na fase pós, darei enfoque aos retornos do programa para mim, meus pares e a comunidade externa do IF Sudeste MG com o regresso ao nosso queridíssimo “Brasil, brasileiro”. Em todas essas fases, demonstrarei a influência dos três eixos (ensino, pesquisa e extensão) de formação acadêmica, os quais foram muito presentes no meu processo de formação individual. Por fim, a conclusão será pautada com base na Sociologia da Educação, em um breve agradecimento ao que foi e é o ensino público de qualidade sob a minha perspectiva.

Meu nome é Suene Franciele Nunes Chaves, atualmente tenho 26 anos e sou de Santo Antônio do Gramma, cidadezinha do interior da Zona da Mata Mineira. Minha história com o IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba se inicia em 2012, ano que ingressei no curso de Tecnologia de Alimentos. Inicialmente, a ideia era aumentar a qualidade de minha formação no ensino médio e aproveitar para otimizar o tempo estudando algo que poderia ser uma válvula de escape caso não conseguisse a aprovação na faculdade. Naquele momento, tive meu primeiro choque direcionado ao eixo de ensino: precisava começar a aprender a estudar!

Logo que cheguei em Rio Pomba, entendi que só assistir à aula e decorar as disciplinas não fariam de mim uma aluna melhor, muito menos capacitada para meu objetivo final. Portanto, a presença em monitorias e horários de estudos mais prolongados foram inseridos em minha rotina.

O que me leva a contar que muito disso deu-se em função da importância que as práticas esportivas tiveram e têm em minha vida. Por ser aluna apoiada pelo sistema de assistência social, unir o útil com o agradável parecia algo tangível e foi assim que conheci o programa de bolsa atleta pelo projeto de extensão “Escola da bola”. Todavia, o projeto exigia notas e conceitos bons, portanto temos aí a primeira relação entre o eixo ensino-extensão nessa fase da vida.

O eixo de pesquisa vem logo em sequência. Devido à necessidade de estudar para boas notas, mas a necessidade de trabalhar para complementar a renda, estava com muitas “faltas” durante os treinos. Antes do desligamento do programa, o professor responsável, Matheus Cerqueira, buscou saber o que tinha me levado às faltas e assim descobriu que me sentia muito cansada para cumprir essas funções. Então, surge a oportunidade de ser aluna bolsista de um projeto de pesquisa que mudou toda a trajetória da minha vida. Durante esse projeto, intensifiquei meus métodos de estudo, criei disciplina acadêmica e vi a abertura do curso que pleiteei e fui aprovada: Licenciatura em Educação Física.

Desde o início do curso de Educação Física, sempre tive em mente que realmente gostaria de ser professora, ansiava um dia poder retribuir toda a influência positiva que meu professor-treinador de Educação Física havia me ofertado. Portanto, desde o início sabia que queria fazer o mestrado acadêmico e em quais pontos deveria pontuar quando chegasse a hora. Agora sim, de forma mais direta sabia que teria que ter atividades nos eixos de pesquisa, ensino e extensão. Neste sentido, participei de projetos e viagens relacionadas à pesquisa, aumentando ainda mais meu capital cultural e educacional, realizei estágios e práticas de ensino voluntárias durante o curso com disciplinas base do curso; e, por fim, participei de viagens e eventos relacionados às áreas de Organização de Eventos Esportivos (Rio 2016) e o projeto Escola da Bola (Jogos dos Institutos Federais). Todos esses marcos incentivados por três figuras centrais: Professores Matheus Cerqueira, Ricardo Faria e João Batista Ferreira Júnior.

O auge da minha formação de graduação foi a internacionalização. Ao saber que havia sido contemplada com a possibilidade de viajar para Portugal com 18 anos, pelo Professores Matheus Cerqueira, literalmente caí da cama. Não tinha noção do que a realização desse sonho representaria em minha vida, mas logo descobriria. Em conjunto com o professor, João Batista Ferreira Júnior, escrevi um projeto ambicioso para meus 30 dias em Portugal. Acompanhar e analisar os métodos de ensino portugueses para graduação, escrever um artigo científico acompanhada pelo meu orientador estrangeiro e participar de algum projeto de extensão vigente na instituição. Saliento a vocês: foi o mês mais intenso que vivi em minha vida.

O primeiro choque foi cultural, pude conhecer não só Portugal como algumas cidades de países vizinhos, sendo estes Espanha (Salamanca) e França (Paris). Além disso, consegui identificar que apesar dos maquinários e investimentos serem maiores no Instituto Politécnico de Bragança (PT), os métodos de ensino são os mesmos adotados em nosso país. O projeto de extensão acompanhado, Pé Ativo, apresentava-se como uma ideia incrível multidisciplinar entre nutricionistas, profissionais de educação física e pesquisadores a fim de combater o comportamento sedentário e a obesidade infantil. Por fim, concluí, durante esse período, a escrita, ainda incipiente é verdade, do que viria a ser meu primeiro artigo publicado. Mas a verdade é que eu não via mesmo era a hora de voltar ao Brasil e contar para todo mundo tudo o que eu havia aprendido.

Em meu retorno, tive minha primeira experiência como palestrante fazendo meu relato de experiência sobre a viagem. Nesse momento, pude incentivar a curiosidade e despertar a ideia de que é possível ir estudar fora do país ao falar para amigos de classe que fizeram pós-graduação no exterior ou que atualmente estão trabalhando e estudando por lá. Foi importante também demonstrar que originalmente temos a ideia de que tudo que é “estrangeiro” é melhor que o produzido em nosso país, contudo isso não se confirmou. Desmistificar essa ideia ao demonstrar a similaridade entre os processos de ensino foi de extrema grandeza e satisfação pessoal.

Quanto à área de pesquisa, artigos e resumos foram ofertados à comunidade acadêmica com dados provenientes desse momento ou trabalhados durante minha estadia. Portanto, estarão dispostos nas bases de dados por gerações. Isso é tornar-se referência. Sem contar, é claro, que esta experiência curricular foi determinante para minhas aprovações no Mestrado em Ciências do Esporte (UFMG) e Doutorado em Educação Física (UFV).

Por fim, o programa Pé Ativo me influenciou de tal maneira que escrevi e implementei em minha cidade um programa muito similar que atinge mais de 300 crianças anualmente (sem contar a mudança nos padrões de vida dos familiares), logo no meu primeiro mês de trabalho no setor público de minha cidade natal. Esse projeto foi incorporado ao projeto político pedagógico da Creche Municipal de Santo Antônio do Gramma, o que representa uma satisfação inenarrável!

Analisando por essa perspectiva, é incrível observar o que a internacionalização fez em minha vida e na vida daqueles que eu pude atingir. Agradeço a todos os meus personagens tutelares (professores e funcionários do IF Sudeste MG): vocês possibilitaram a expansão do meu capital cultural, de minha visão de mundo. Definitivamente, esses fatores foram e serão para sempre lembrados por mim com muito carinho, pois mudaram minha jornada como futura formadora de professores de Educação Física. Espero retribuir o que recebi no exercício de minha profissão diariamente. Sou muitíssimo grata. Viva a ciência, a pesquisa e o ensino público de qualidade!





A URUGUAIA: RELATO DE UMA ESTUDANTE BINACIONAL

Por: Ahilén Mazondo Nuñez - IFSUL



Meu nome é Ahilén, tenho 18 anos, sou uruguaia e atualmente sou estudante do Ensino Médio Integrado em Eletroeletrônica, no IFSul - Campus Santana do Livramento. Nasci na cidade de Rivera (Uruguai), a qual limita com Santana do Livramento, ou também conhecida como "Fronteira da Paz", visto que é uma fronteira imaginária, já que não há limitações físicas que evitem a passagem entre as cidades.

Nosso campus está localizado no que chamamos de "linha divisória", onde basta atravessar a rua para chegar ao Uruguai. Essa proximidade, entre outros motivos, impulsionou o acordo binacional, de forma que estudantes de ambas as nacionalidades se tornam colegas na sala de aula.

Conheci o IFSul em 2019, quando estava concluindo o Ensino Fundamental, graças a alguns conhecidos que já estudavam lá. Na escola, ou como chamamos, o Liceo (Escola Pública de Ensino Fundamental e Ensino Médio) onde estudava, eram oferecidas várias oportunidades extracurriculares, a partir das quais eu me adentrei no mundo da robótica. Esse primeiro contato com eletrônica me cativou desde o primeiro instante, fazendo com que quisesse seguir nessa área em busca de novos desafios. Comecei meus estudos em 2020, porém, infelizmente, duas semanas após o início do ano letivo, com a chegada da COVID19, as atividades presenciais foram interrompidas.

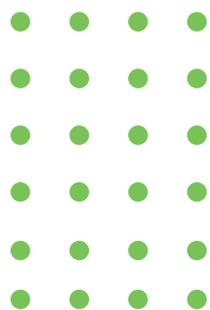
Igualmente, as primeiras aulas foram de extrema importância, como um primeiro contato, uma vez que eu estava mudando de escola e, não apenas isso, mas também a transição do idioma, entre várias outras mudanças da própria instituição, como não menos importante, sendo a única estrangeira da minha turma. Com essa mudança, as perguntas mais frequentes são aquelas relacionadas ao convívio com o português. Pessoalmente, nunca tive grandes dificuldades na comunicação, acredito que isso se deve ao fato de ter crescido em contato com ambos os idiomas, e além disso, no Instituto opto por usar mais a língua portuguesa como uma forma de aproveitar a oportunidade para aprimorar minhas habilidades de comunicação e oratória.

Sem dúvida alguma, o IFSul foi uma das melhores escolhas que fiz. É um lugar onde posso me qualificar profissionalmente e que me proporciona as mais diversas oportunidades.

Os aprendizados não se limitam apenas à sala de aula, como também posso desenvolver habilidades pessoais essenciais para a formação de cada um. Entre essas oportunidades, atualmente trabalho em um projeto de extensão deste campus. Ele tem como objetivo a divulgação dos cursos binacionais em toda a fronteira, tornando conhecida esta opção de ensino, que é totalmente gratuita e de alta qualidade, informando, assim, um público amplo sobre esta oportunidade educacional.

Em síntese, meu caminho pelo IFSul foi e tem sido verdadeiramente enriquecedor. Contudo, altos e baixos fazem parte da trajetória, mas o conhecimento supera por longe qualquer controvérsia. A experiência de estudar em um ambiente binacional, onde são compartilhadas experiências e culturas distintas, é certamente único. Ademais, uma possibilidade como essa na vida de um estudante em um ambiente que transcende fronteiras geográficas e linguísticas é um privilégio que molda não apenas a formação acadêmica, mas também a perspectiva de vida. A educação é a ferramenta para mudarmos o mundo, construindo laços entre as diferentes culturas. Dessa forma, espero que mais estudantes tenham a chance de embarcar em oportunidades extraordinárias como a minha.





BRAFITEC – O MAIOR PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Autor: Pedro Carlos Hernandez Júnior - IFSUL | Coautor: César Augusto Azevedo Nogueira

INTRODUÇÃO

O BRAFITEC (BRASIL France Ingénieur TEChnologie) faz parte da Cooperação Franco-Brasileira no âmbito da formação de engenheiros e tem como objetivo específico o estímulo da mobilidade entre docentes e discentes de cursos de graduação dos dois países. Esta cooperação feita no Brasil entre a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e na França, o CDEFI - Conférence des Directeurs des Écoles Françaises d'Ingénieurs tem por objetivos: a aproximação dos currículos dos cursos oferecidos nas instituições parceiras francesas e brasileiras, com reconhecimento e equivalência de créditos; o incentivo para a realização de estágios curriculares em laboratórios das universidades e/ou em empresas; a identificação de possibilidades de contínua aproximação e permanente intercâmbio entre as instituições parceiras e o estabelecimento de acordos de dupla diplomação.

Após a seleção das instituições feita por edital, os estudantes aprovados em seleção cursam três anos no Brasil e após este período, mais um ou dois anos (no caso de dupla diplomação) na França (com bolsa oferecida pela CAPES) e mais um período posterior no Brasil para a conclusão dos créditos. O começo da mobilidade ocorre no mês de setembro de cada ano, primeiro semestre letivo na França. No retorno da mobilidade, os estudantes podem obter equivalência em disciplinas cursadas, bem como nos estágios realizados no exterior.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A participação dos professores do IF Sul-rio-grandense: Janete Otte, então Vice-Reitora, Lia Pachalski, então Diretora de Assuntos Internacionais e Mauro André Barbosa Cunha, então Diretor de Desenvolvimento Institucional na Feira de Inovação Tecnológica na cidade de Paris/França no ano de 2012, oportunizou o contato com o professor Serge Bastide, responsável pelas relações internacionais da École des Mines d'Alès. O prof. Bastide posteriormente veio ao Brasil em visita ao IFSul, juntamente com o prof. Raphaël Tobias Beilicke do então IFMA (Institute Français de Mécanique Avancée), para conhecer os cursos de engenharia ofertados nos campi Pelotas e Sapucaia do Sul e firmar Acordos de Cooperação entre as Instituições.

No ano seguinte, com a abertura de Edital para o BRAFITEC feita pela CAPES, o IFSul (cursos de Engenharia Mecânica do campus Sapucaia do Sul e Engenharia Elétrica do campus Pelotas) participou e teve o projeto aprovado juntamente com as Universidades

brasileiras UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Positivo (Paraná) e com as Universidades francesas IFMA (Institute Français de Mecanique Avancéé), hoje Clermont Auvergne INP (Sigma-Clermont) de Clermont Ferrand e EMA (École de Mines D'Alès) de Alès para um período de 4 anos. Posteriormente, no ano de 2017, participou-se de novo edital com a entrada do Instituto Federal de Goiás (IFG) no lugar da Universidade Positivo, e com a aprovação do mesmo, o projeto se estendeu por um novo período de mais 4 anos. Neste novo edital, o curso de Engenharia Química do campus Pelotas do IFSul somou-se aos 2 cursos de engenharia do Instituto que já participavam (Engenharias Mecânica e Engenharia Elétrica).

Durante esse período, o IFSul participou do edital relativo ao Acordo CONIF/Embaixada Francesa no Brasil de Leitores Franceses para receber professores nativos do idioma francês e oferecer o aprendizado deste idioma de forma gratuita aos estudantes.

MOBILIDADE INTERNACIONAL & DUPLA DIPLOMAÇÃO

A partir do ano de 2014, os alunos de ambas as instituições iniciaram as mobilidades com previsão inicial de intercâmbio de no máximo 1 ano com o embarque de 5 estudantes do IFSul para a França. Após esse primeiro período, foi firmado o primeiro Acordo de Dupla Diplomação do IFSul no ano de 2016 com a Clermont Auvergne INP (Sigma-Clermont), o qual previa que os estudantes cursassem os três primeiros anos do curso de engenharia no Brasil seguidos de mais dois anos na instituição parceira para receber o diploma correspondente.

Isso efetivamente ocorreu em 2018, quando o então estudante de engenharia mecânica do campus Sapucaia do Sul do IFSul Harrison da Rosa Aguirre, após dois anos de estudo na Universidade Clermont Auvergne INP (Sigma-Clermont), recebeu o diploma de engenheiro. Com a conclusão do curso de engenharia mecânica no IFSul em 2020, Harrison tornou-se o primeiro engenheiro, entre todos os Institutos Federais da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, a receber o duplo diploma de graduação no âmbito do BRAFITEC. Seguindo o mesmo caminho, no ano de 2021, a estudante Amanda Bernar, também do campus Sapucaia do Sul do IFSul, tornou-se a primeira engenheira duplamente diplomada no âmbito do BRAFITEC entre os Institutos Federais do Brasil.

IMPACTOS TRANSFORMADORES DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Entre os critérios para a seleção de estudantes para a mobilidade internacional no âmbito do projeto BRAFITEC, destacam-se: ter coeficiente de rendimento igual ou superior a 70% e a obtenção de proficiência no teste TCF/CAPES no nível mínimo B1 no idioma francês pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (Common European Framework of Reference for Languages - CEFR). Esses critérios servem de estímulo e são elementos motivadores para a busca de melhor rendimento e o aprendizado de língua estrangeira adicional, no caso a língua francesa.

A oportunidade de realizar a mobilidade internacional é descrita pelas e pelos estudantes tanto como uma oportunidade para o crescimento acadêmico e profissional - hard skills - (habilidades técnicas), como também para o desenvolvimento das soft skills (habilidades socioemocionais e comportamentais) tais como autonomia, comunicação e resiliência, que são essenciais para a formação do profissional moderno, alinhadas às novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de engenharia publicadas no ano de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o final do ano de 2024, a execução do BRAFITEC no IFSul terá proporcionado a mobilidade internacional para 26 estudantes de 3 cursos de Engenharia do IFSul: Elétrica e Química no campus Pelotas e Mecânica no campus Sapucaia do Sul. Desse total, pelo menos 16 estudantes terão obtido a Dupla Diplomação em Engenharia.

No período de execução do projeto BRAFITEC, o campus Sapucaia do Sul recebeu 3 leitores franceses em períodos diferentes e ofereceu cursos de língua e cultura francesas para mais de 350 estudantes (não só da engenharia), servidores e para a comunidade em geral.

Desta forma, verifica-se que a consolidação das ações de internacionalização feita pelos Institutos Federais da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Brasil desempenha um papel importantíssimo nas ações para o estímulo, para a motivação e para o desenvolvimento de habilidades técnicas e de habilidades socioemocionais e comportamentais dos estudantes.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MOBILIDADE ACADÊMICA NO CANADÁ: VIVÊNCIAS DO PROGRAMA FUTUROS LÍDERES NAS AMÉRICAS

Autora: Caroline Maciel Doná - IFSULDEMINAS

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve um grande movimento em relação a programas e fomentos para a mobilidade acadêmica e intercâmbios internacionais no ensino superior brasileiro.

Esses movimentos têm como objetivo inserir o Brasil no processo de internacionalização do ensino e aprendizagem (SILVA; ARAÚJO; AMORIM, 2023). Dessa forma, o processo de mobilidade acadêmica se torna muito importante para o discente e também para a universidade que agrega em valores, opiniões e conhecimentos.

Por meio desses intercâmbios, há uma grande troca de experiências e vivências que proporcionam a difusão de conhecimentos através dos estudantes (SILVA; ARAÚJO; AMORIN, 2023). Sendo assim, o discente tem a oportunidade de conhecer, estudar e participar de inúmeras atividades fora do seu país de origem, enriquecendo sua vida acadêmica. Além disso, por meio dessa experiência, o estudante tem a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos em uma nova língua, conhecer a cultura do local e complementar seus estudos adquiridos na sua instituição de origem.

O IFSULDEMINAS possui alguns programas e fomentos para a mobilidade acadêmica, entre eles está o acordo de cooperação com a Sault College, que proporciona a indicação de alunos para o processo seletivo do programa Futuros Líderes nas Américas (ELAP - Emerging Leaders in the Americas Program), em que o aluno contemplado, após processo seletivo, ganha uma bolsa de estudos financiada pelo governo canadense.

A proposta do programa ELAP é apoiar a próxima geração de líderes nas Américas, selecionando alunos da América Latina e Caribe para estudar em uma instituição de ensino superior no Canadá. Nesse cenário, o presente relato de experiência visa apresentar momentos vivenciados durante a mobilidade acadêmica na Sault College no Canadá, por meio do programa Futuros Líderes nas Américas.



2. DESENVOLVIMENTO

As atividades de mobilidade acadêmica foram realizadas entre os meses de janeiro a abril de 2023, na Sault College, em Sault Ste. Marie, Ontário, Canadá. O objetivo principal do intercâmbio foi cursar disciplinas que complementam o estudo no IFSULDEMINAS - Campus Inconfidentes com o curso de Engenharia Ambiental. As disciplinas escolhidas foram do curso de Natural Environment Technician.

Após a chegada na cidade, foi feita uma orientação para os alunos internacionais e uma apresentação entre os alunos do programa ELAP, no total foram selecionadas 9 discentes, sendo 2 estudantes brasileiras, incluindo a autora, 2 costarriquenhos, 1 dominicano e 4 discentes do México para estudar na Sault College no primeiro semestre de 2023.

A Sault College possui uma estrutura excelente para os estudantes, com equipamentos modernos, biblioteca com computadores e espaço para estudo, além disso, possui quadras para a prática de esportes e uma academia para estudantes e servidores.

Entre as atividades desenvolvidas na Sault College, citam-se, como exemplo, as ações realizadas na disciplina de Sensoriamento Remoto (Remote Sensing), a qual possibilitou o acesso a ferramentas importantes para análise de dados, muito utilizadas para mapeamento e geoprocessamento, além da oportunidade de desenvolver habilidades relacionadas à seleção de imagens de satélite e radar, georreferenciamento e utilização do sensoriamento remoto para análises na área ambiental.

Com a disciplina de Monitoramento Ambiental (Environmental Monitoring), além do conteúdo programático e aulas no laboratório de qualidade da água, foi feita uma análise dos parâmetros físico-químicos e biológicos de um lago congelado com o objetivo de conhecer sua qualidade e nível trófico. A partir desse estudo foi feito um resumo expandido para apresentação na Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS, disseminando técnicas e metodologias aprendidas no período de intercâmbio.

Além das atividades nas disciplinas, foi desenvolvido um voluntariado em um jardim comunitário com a ajuda da ong “Clean North”, atuante na cidade de Sault Ste. Marie, que realiza trabalhos como plantação de árvores, coleta de lixo eletrônico, implantação e cuidados de hortas comunitárias, entre outros serviços. Na horta comunitária, foi feita a colheita da hortaliça pastinaca, conhecida também como cenoura-branca, que após limpeza foi levada para o banco de alimentos da cidade.

Como um complemento das disciplinas curriculares foi escolhida uma disciplina extracurricular para ser cursada, a disciplina de Transição Acadêmica (Academic Transition), que ajudou no processo de ambientação, conhecimento da cultura canadense e da instituição Sault College.

Entre as atividades culturais e viagens, cita-se a prática de esportes de inverno como trilhas, curling, esqui, patinação no gelo, escalada na neve e jogos de hockey, fornecidos pela Sault College para os estudantes internacionais.

Na cidade de Sault Ste. Marie é possível encontrar museus, galerias de arte, praças e locais de eventos em que as visitas serviram como lazer e fontes de conhecimento durante o período de mobilidade acadêmica. Outro ponto importante vivenciado durante o período de intercâmbio foi a celebração anual de Pow-wow organizada pela Universidade de Algoma, que celebra a cultura dos indígenas do Canadá.

Como parte da viagem e experiência, foi realizada uma viagem para a cidade de Toronto, acompanhada pelos servidores do departamento internacional da Sault College, permitindo o conhecimento da cultura e costumes de outras cidades do Canadá.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este relato, pode-se dizer que o processo de mobilidade acadêmica foi enriquecedor, trazendo frutos tanto para a vida acadêmica, profissional quanto pessoal. Entre todos os conhecimentos adquiridos vale ressaltar a oportunidade de estudar e conviver com outros estudantes internacionais do ELAP, em que cada um possui suas vivências e cultura, agregando-as à sua experiência pessoal. A parceria entre IFSULDEMINAS e Sault College se mostrou importante para a troca de conhecimentos e experiências, gerando benefícios para internacionalização do conhecimento e aprendizagem.

4. REFERÊNCIA

SILVA, J. W. O., ARAÚJO, R. C.; AMORIM, I. B. de. Internacionalização do ensino superior: perspectivas de mobilidade e intercâmbio estudantil na graduação da UNEB. Educação, v. 48, n.1, 2023, p. 1-21.





UMA MULHER, ESTUDANTE, PESQUISADORA, PROFESSORA, ORIENTADORA, EXTENSIONISTA, COORDENADORA APAIXONADA PELA INTERNACIONALIZAÇÃO

Autora: Daiane Moreira Silva - IFSULDEMINAS

Era 2015 e eu estava prestes a ir pela primeira vez para o exterior. Sei que muitas pessoas pensavam: para que fazer doutorado sanduíche no exterior uma vez que você já está concursada e poderia fazer o doutorado da forma mais fácil possível, apenas para ter o título e a consequente retribuição financeira por titulação? Porém, o meu pensamento era: por que fazer um doutorado convencional se eu tenho afastamento remunerado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) - Campus Machado e posso aprender muito mais, principalmente para contribuir com meus alunos no futuro? E assim, parti rumo à University of Limerick para conduzir meu projeto de pesquisa na área de reprodução de equinos. Medo e insegurança existiram, mas foram ofuscados pela curiosidade e força de vontade.

Antes mesmo de 2015, lembro-me de ter tido contato com uma estudante suíça no Setor de Equinocultura do Campus Machado e, assim, a necessidade de aprender a falar inglês chegou definitivamente. Para o doutorado sanduíche, eu tinha alguns objetivos bem evidentes: aprender mais sobre reprodução equina, praticar inglês e conhecer a Europa.

Em dezembro de 2016, já de volta ao doutorado na Universidade Federal de Lavras, eu havia estado em vários países europeus, o que me fez desenvolver muito pessoal, profissional e culturalmente; além disto, eu havia escrito e defendido minha tese em inglês, já com artigo publicado também em inglês em revista de alto fator de impacto. Na dedicatória de minha tese, escrevi: para os meus alunos e para aqueles que ainda serão. Eu já tinha consciência de que eu era muito mais rica em conhecimentos acadêmicos, em histórias para contar e em conselhos para dar. Em cada aula que ministrei, principalmente nas disciplinas Equinocultura e Reprodução Animal e também na coordenação do Setor de Equinocultura e do Laboratório de Fisiologia e Reprodução Animal, vejo que meu intercâmbio contribui com o desenvolvimento de meus estudantes. Tornei-me defensora e motivadora da internacionalização e apoiadora de todos que queiram passar pelo mesmo processo.

A partir de 2017, começou a ser mais frequente o fato de o Campus receber estudantes estrangeiros, sempre com apoio da equipe da Assessoria Internacional com sede na Reitoria do IFSULDEMINAS. Até que esta internacionalização se concretizou finalmente no curso de Zootecnia, o qual estava sob minha coordenação. Recebemos um casal de estudantes da Universidad de Cundimarca (UdeC) - Colômbia. Vencido o inglês, agora era o espanhol que se tornava um desafio. Fui orientadora da aluna colombiana e pude iniciar minhas primeiras conversas em espanhol.

Ela aprendeu muito sobre a zootecnia e a cultura brasileiras, além de, em poucos meses, conseguir falar português. Toda a comunidade acadêmica do Campus Machado pôde aprender com a intercambista sobre a zootecnia e a cultura colombianas e, além disso, ela ministrou um curso de formação inicial e continuada (FIC) de espanhol. Então, ela era minha aluna e eu era aluna dela ao mesmo tempo. Ao regressar à Colômbia, ela pôde contribuir com a comunidade acadêmica da UdeC por meio de todo o conhecimento adquirido no Brasil. Alguns anos depois, tive o prazer de orientar uma estudante brasileira que realizou intercâmbio na UdeC e desenvolveu projeto de extensão na área de equitação e equoterapia.

Desde que retornei da Irlanda, eu já desejava voltar ao exterior para realizar pós-doutorado e, no finalzinho de 2020, conquistei novamente uma vaga de afastamento para capacitação e parti rumo à UL, naquela ocasião, como pesquisadora visitante. Eu já havia tido experiência prática com reprodução de peixes, suínos e equinos, que foi adquirida durante minha graduação, mestrado e doutorado. Mas reprodução de humanos? Isso nunca havia passado pela minha cabeça. Estávamos em meio à pandemia COVID-19, porém, na Europa, a situação já se encontrava mais amena do que no Brasil, mesmo assim, precisei fazer quarentena durante duas semanas ao chegar na Irlanda.

O que eu não imaginava é que antes mesmo de findar essas duas semanas, o país teria outro lockdown e, pasmem: este durou cinco meses, o mais longo e severo de todos e em algumas épocas, eu não podia sair de um raio de 5 km de minha residência. Cidade e universidade desertas, transportes públicos com horários reduzidos, apenas farmácias e supermercados abertos e em meio ao inverno escuro, frio, chuvoso e às vezes com neve, eu ia sozinha para o laboratório da universidade, a qual por sorte, ficava a menos de 5 km do apartamento onde eu morava.

Coletar sêmen de equinos na fazenda situada a aproximadamente 100 km da universidade? Impossível! Então, o jeito foi utilizar o sêmen humano que estava congelado no laboratório. Desta forma, dediquei-me a um projeto interessantíssimo com a finalidade de desenvolver uma câmara de seleção de espermatozoides para posterior utilização na fertilização in vitro. Assustador e muito desafiador no início, mas cativante e incrível com o tempo. Era um projeto longo, em que pude contribuir por oito meses; na sequência, outros pós-doutorandos e doutorandos deram continuidade à pesquisa, a qual ainda não foi finalizada. Foi desta forma que obtive experiência com mais uma espécie.

De lá, em setembro de 2021, fui direto para Portugal, era hora de dar continuidade ao pós-doutorado, sendo professora visitante no Instituto Politécnico de Bragança (IPB). Já havia uma parceria entre IFSULDEMINAS e IPB, intermediada pela Assessoria Internacional, o que facilitou bastante a minha ida para lá. Objetivos desta vez: lecionar disciplina na área de reprodução animal tanto para a graduação quanto para o mestrado, contribuir em projetos de pesquisa na área de reprodução de pequenos ruminantes, fortalecer a parceria entre as duas instituições e viabilizar um programa de dupla diplomação na área de Zootecnia. Quais objetivos foram atingidos nos cinco meses que estive no IPB? Todos, com a graça de Deus.

Em Portugal, aprendi sobre avaliação de sêmen, inseminação artificial e ultrassonografia em ovinos e caprinos, o que, aliado aos conhecimentos previamente adquiridos no Brasil e na Irlanda, tem feito a diferença na qualidade de minhas aulas e palestras que tenho ministrado em variados países. Mas, sem dúvidas, a maior conquista no IPB foi o programa de dupla diplomação. Cheguei de volta ao Campus Machado em fevereiro de 2022 e juntamente com a Assessoria Internacional, logo lançamos o primeiro edital para selecionar dois estudantes do nono período do nosso curso de Zootecnia com o objetivo de concluir a graduação no IPB e, ao mesmo tempo, cursar mestrado em Tecnologias da Ciência Animal. Alguns meses depois, duas estudantes orientadas por mim embarcaram para Portugal a fim de cursar disciplinas do mestrado e realizar pesquisa na área de reprodução de pequenos ruminantes. Agora, as duas estudantes estão finalizando o trabalho de conclusão dos dois cursos, enquanto minha terceira orientanda prepara a documentação para partir rumo à instituição portuguesa.

E como eu estou atualmente? Feliz e orgulhosa! Uma mulher cada vez mais completa e satisfeita, mas que ainda sonha em viajar para outros países, seja a trabalho ou passeio e que não descarta a possibilidade de morar definitivamente no exterior após a aposentadoria.

Uma estudante de espanhol e francês, pois estudar línguas deixou de ser somente um desafio e passou a ser também um prazer. Uma pesquisadora do Campus Machado, mas que contribui em projetos em andamento tanto em Portugal quanto na Irlanda.

Uma professora de Zootecnia que tem muito mais conhecimento agora do que antes dos intercâmbios.

Uma orientadora do Núcleo de Estudos Aplicados à Criação de Equinos, do Procriar - Grupo de Estudos em Reprodução Animal e da empresa Assistência e Consultoria Zootécnica Júnior, orientadora esta que vê o toque da internacionalização nas atividades desenvolvidas por esses grupos.

Uma extensionista que há 12 anos atua na equoterapia e que tem planos de assessorar a implantação de um centro de equoterapia na UdeC.

Uma coordenadora de curso de Zootecnia que segue estimulando a internacionalização e que a cada assinatura de documentos de estudantes que vêm ou vão realizar intercâmbio internacional, sente o amor e a esperança aumentarem, pois, estas ações de internacionalização têm preparado as comunidades acadêmicas de forma muito mais ampla para o mercado de trabalho e têm modificado para melhor, muitas vidas de estudantes e suas famílias.

Então, atualmente, eu, em todas as minhas versões, sou completamente apaixonada pela internacionalização.



CENID-IFTM: UM CENTRO DE LÍNGUAS CUJA MISSÃO SE CONFUNDE COM A DA REDE FEDERAL HÁ DEZ ANOS

Autor: Edilson Pimenta Ferreira - IFTM

Em 2023, o Centro de Línguas do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (CENID) completa dez anos de existência. De agosto de 2013 em diante, mais de dez mil vidas foram impactadas positivamente por meio do pungente processo de ensino-aprendizagem de Espanhol, Francês, Inglês, Libras e Português para estrangeiros. Discorrer sobre essa trajetória é, seguramente, traduzir em palavras processos de acolhimento, de pertencimento e de formação humanística e educacional, que só foram possíveis graças ao empenho de dezenas de atores e atrizes educacionais que, a despeito dos desafios impostos pela ansiedade do novo e do início, conseguiram transformar vidas e contribuir para o itinerário formativo de estudantes por meio da empatia e de um ensino colaborativo e emancipador. Na prática, quem tem atuado no CENID nesses últimos dez anos coaduna com o entendimento de bell hooks (2013), que compreende a necessidade de um novo modelo de ensino baseado na empatia entre professores e estudantes. Para a autora, é necessário compreender o papel do professor como um ato político de transformação, uma forma de libertar os indivíduos dos limites impostos pelos costumes. bell hooks (2013) apregoa, portanto, à luz de suas leituras de Paulo Freire, que a escola deve ser um espaço de aprendizado e crescimento, o que passa pelo convívio entre estudantes e professores. Da forma que compreendemos, o CENID-IFTM é assim: ensina enquanto acolhe; educa enquanto (trans)forma.

O IFTM está localizado em uma região marcada por alta competitividade mercadológica. Esse cenário fez com que inúmeras faculdades e Centros de Línguas se instalassem, impulsionando o surgimento e a manutenção de cursos superiores de Letras. Isso fez com que a região se tornasse nacionalmente conhecida como excelente celeiro de docentes. Essa qualidade educacional avança, também, para outro contexto: os concursos públicos para professores de línguas na região geralmente atingem um número de concorrentes expressivo. Esse contexto, no âmbito do IFTM, traduziu-se em incentivo indireto para que o excelente quadro de docentes de línguas da instituição se dispusesse a atuar, também, no ensino-aprendizagem de línguas.

Essa foi a premissa inicial para que o CENID “saísse do papel”. Tínhamos mão de obra docente especializada sendo empregada em elevado número de cursos regularmente instituídos, mas ainda com alguma carga-horária disponível em suas atividades semanais.

Além disso, é válido destacar que o contexto político era favorável: a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica havia sido criada em 29 de dezembro de 2008, por meio da Lei nº 11.892, o que resultou na expressiva chegada de servidores por meio de concursos públicos. Além desses servidores concursados, a Rede passou, pouco tempo depois, a contar com a figura do professor temporário. Este termo designava o professor contratado para suprir demandas decorrentes do Programa de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, respeitados os limites e as condições fixados na Portaria Interministerial nº 149, de 10/06/2011 e Portaria MEC nº 1.738 de 09/12/2011, publicada no DOU de 13/12/2011.

Isso posto, no segundo semestre de 2012, um grupo composto por quatro docentes do IFTM optou por dar início ao que se configuraria como o CENID em 2013. Inúmeras foram as reuniões realizadas! O modus operandi inicial, no entanto, foi simples, a fim de efetivamente começar o funcionamento da “escola” em “águas políticas favoráveis”. Esse grupo de docentes concluiu que mais importante do que ter documentos reguladores (regimentos, normativas etc.) era perceber o ensino-aprendizagem de línguas em curso, o que resultaria em transformação de vidas em um curto espaço de tempo. O CENID, desde sua concepção, nunca foi considerado um processo de Internacionalização como fim. Na prática, ele é um meio de Internacionalização que fomenta e impulsiona oportunidades nas várias áreas e vários níveis em que atua o IFTM e, também, alavanca o nível de formação e empregabilidade da comunidade das cidades em que o IFTM está inserido.

Para iniciar, o grupo responsável pela implementação da iniciativa ancorou as atividades do CENID em onze pilares pedagógicos, a saber: a) cursos ofertados em todos os campi do IFTM; b) professores convidados (e não convocados) para atuar em seu tempo fora de sala de aula; c) reutilização do espaço físico em momentos considerados ociosos nos campi; d) gratuidade dos cursos; e) atendimento da comunidade interna do IFTM e externa; f) curso ofertado em três anos em alinhamento com o Ensino Médio Integrado da instituição; g) turmas reduzidas com enfoque em comunicação; h) promoção da inclusão social por meio da inclusão linguística; i) critérios de seleção não excludentes, tampouco pautados em meritocracia; j) noção de expansão do CENID pautada na qualidade e não na quantidade; k) oferta de maneiras outras de internacionalizar por meio do CENID, tais como cursos não-presenciais; exames de proficiência; formação de servidores; preparação para avaliações de leitura; preparação para ações de mobilidade etc.

Dos tímidos 350 estudantes atendidos no ano de 2013, o CENID avançou para uma média de 1.800 estudantes atendidos todo ano, com atividades em todos os nove campi do IFTM, com cerca de 50% da comunidade interna e 50% da comunidade externa e com a entrada sendo realizada por meio de sorteio ao vivo, com reserva de cotas, o que garante a imparcialidade, a equidade e a lisura do processo.

É fundamental registrar, também, que entre o início em 2013 e a celebração da primeira década em 2023, muito foi realizado por diferentes atores e atrizes que vieram a atuar no CENID:

- a) o número de turmas foi ampliado;
- b) a língua francesa passou a fazer parte de todos os processos educacionais;
- c) uma prova de proficiência para processos seletivos de Mestrado e Doutorado foi desenvolvida;
- d) comunidades de estrangeiros começaram a ser atendidas com aulas de Português;
- e) processos formativos foram instaurados para capacitar docentes e servidores técnico-administrativos para atuar no CENID;
- f) cursos nacionais e internacionais de formação docente foram ofertados;
- g) toda a parte documental (regulamentos, regimentos, normativas, instruções, guias etc.) da escola de idiomas foi produzida, avaliada, utilizada, reavaliada e atualizada;
- h) grupos de trabalho foram criados para escolha de material didático, construção de avaliações coletivas, criação de cronogramas etc.;
- i) coordenações e representações do CENID nos próprios campi foram instituídas, a fim de ampliar as ações interiorizadas da instituição;
- j) cursos exclusivos para servidores foram desenvolvidos, como forma de uma política de reconhecimento do servidor IFTM etc.

lém de todas essas significativas ações realizadas, dessa lista não exaustiva, na gestão de 2020-2023, criou-se uma política inédita de oferta de material didático e paradidático gratuitos aos estudantes do CENID. O investimento da ordem de aproximado 1 milhão de reais transformou o curso, que já era acessível em uma proposta mais inclusiva por ser 100% gratuito, ou seja, o material - que por anos serviu de ferramenta impeditiva para que mais estudantes pudessem estudar conosco - passou a ser oferecido gratuitamente na forma de empréstimo. Essa ação é motivo de muito orgulho institucional, na medida em que favorece o cumprimento da missão da Rede Federal, que é contribuir para a educação profissional, científica e tecnológica pública, gratuita tecnológica pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.





DOIS INTERCAMBISTAS BOLSISTAS DO IFTM CAMPUS PARACATU: O QUE APRENDEMOS SOBRE CHILE, COLÔMBIA E O IMPACTO DE UMA AÇÃO DE INTERNACIONALIZAÇÃO NAS NOSSAS VIDAS PROFISSIONAIS

Autor: Felipe Guimarães dos Santos - IFTM | Coautores(as): Gabriel Luiz de Jesus Ribeiro; Juliana Vilela Alves

Ainda que decorridos alguns anos após a formação, percebo os resultados positivos deixados pela Rede Federal de ensino em mim, meus colegas de classe e outros estudantes que, porventura, tenho encontrado no decorrer da vida.

Ingressei no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) em 2015 para cursar o Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico no Campus Paracatu. Gabriel Ribeiro, meu amigo, e eu estávamos ansiosos por conhecer as oportunidades acadêmicas e profissionais que a Rede Federal poderia nos conceder, mas, como alunos oriundos da Rede Pública Estadual, sequer tínhamos noção das oportunidades de internacionalização que o IFTM nos apresentaria.

Recordo que estudar no exterior era uma oportunidade para os poucos que tinham excelentes pontuações no TOEFL, no SAT e em seus históricos escolares. SAT e TOEFL eram (e são) exames pouco acessíveis, já que raramente são aplicados em escolas fora das capitais brasileiras. Apesar dessas limitações, a possibilidade de cursar de forma contínua não apenas uma, mas várias línguas estrangeiras pelo Centro de Idiomas do IFTM, o CENID, de forma gratuita, já significava um considerável privilégio para nós.

Evidentemente, se o ensino não está inteiramente contido na sala de aula, tampouco a internacionalização pode se dar unicamente por meio da mudança de país. Em um mundo globalizado e cada vez mais conectado, é difícil descrever qual seria o primeiro contato com o contexto internacional, mas posso dizer que, no meu caso, o primeiro formal se deu por meio do CENID. Esse contexto internacional passou a ser um pouco mais familiar à medida em que eram realizados diferentes eventos, como congressos e simpósios, entre servidores e alunos de diferentes campi. Nesses momentos acadêmicos, foi possível potencializar as discussões acerca da internacionalização dentro do arcabouço da Educação Profissional e Tecnológica, visualizando limites permeáveis de melhorias e o reconhecimento de parcerias valiosas que estimularam em todos esses anos a experiência da inovação.

Enquanto Gabriel participava de agremiações estudantis e congressos de pesquisa, eu me dedicava aos projetos de extensão e grupos de estudo, e nós dois estávamos contentes com as oportunidades de atuação no Instituto, mas ainda certos de que poderíamos vivenciar muito mais. No segundo ano do curso, passamos a conhecer as oportunidades de mobilidade internacional apresentadas no Instituto. Tínhamos em um dos egressos do nosso campus, Arthur Abrantes, que havia recebido a aprovação nas mais prestigiadas universidades dos Estados Unidos, um exemplo importante a seguir.

Esse contexto de estímulo à dedicação dentro e fora das salas de aula nos motivou a tentar diversos processos seletivos de mobilidade como o Programa Jovens Embaixadores, o Yale Young Global Scholars e as bolsas integrais concedidas pelo IFTM para mobilidade acadêmica. Ainda que com suas peculiaridades, cada Edital realizava uma seleção sistemática baseada tanto no mérito acadêmico quanto na realização de atividades extracurriculares.

Ao final dessa sequência de tentativas, consegui concretizar, por meio do IFTM, minha primeira oportunidade de mobilidade internacional com uma bolsa integral. Fui à Colômbia! Tal como o Brasil, a Colômbia é um país muito acolhedor com seus visitantes, oferecendo uma miríade de histórias, tradições e atividades, que permearam todos os 16 dias de viagem. Contudo, a Colômbia também passava por um longo e litigioso processo de cicatrização de uma luta entre Forças Revolucionárias (FARCS), narcotraficantes e governo. Observar que a violência endêmica não limitava ou condicionava o futuro daquele país me fez perceber que isso também se dá no Brasil. Ainda que milhares de cidadãos sejam privados de direitos e garantias constitucionais desde a formação de ambos os países, a resiliência dos cidadãos no cotidiano lhes permitia chegar a consensos e criar histórias de superação, tais como a do realismo mágico de Gabriel García Márquez.

Um ano depois, tive o prazer de presenciar outros colegas conhecendo o Canadá, o Chile e a Argentina por meio de bolsas integrais oferecidas pelo IFTM, sendo um deles o meu amigo Gabriel. Ao longo dos anos, pudemos debater os contrastes e similaridades também presentes no Chile, país que ele visitou. Os mecanismos que insinuam dissimilaridades são os mesmos a atuar na frente de resistência ante à colonização das ideias, da cultura e do debate plural em todas as suas esferas, acompanhando, portanto, uma similaridade constante como a que percebemos no processo político no Brasil.

Ao retornarmos, tivemos a certeza de que, apesar do esforço próprio, fomos privilegiados pelas oportunidades concedidas pelo Instituto. A consciência social e o amadurecimento político que advêm do contato com outras realidades e contextos nos capacitam a sermos cidadãos mais participativos, empáticos e dispostos ao consenso. Em um período em que tantas vezes as diferenças são usadas como motivadores para o ódio, aprender a reconhecer o outro em sua subjetividade propicia a criação de redes positivas transnacionais de comunicação, que permitem que pessoas conheçam outras pessoas e,

juntos e juntas, tornamos o mundo um espaço de convivência diversa, multimodal e compreensiva aos direitos e deveres humanos universais.

A condição de privilegiados aliada a tamanhas experiências subjetivas a que tivemos acesso fizeram com que retornássemos de cada uma de nossas experiências internacionais imbuídos de uma responsabilidade ainda maior: comunicar à nossa comunidade tudo o que havíamos vivenciado ali. Era nosso dever também partilhar a mistura de sentimentos e os conhecimentos adquiridos. Por isso, sempre participamos dos fóruns de internacionalização, relatando a nossa visão sobre esse novo mundo “descoberto” e, também, em outras cidades em interlocução com a comunidade externa, apresentando a importância da valorização dessas iniciativas. Ademais, vislumbramos um aprofundamento significativo em nossas práticas de Pesquisa - de Iniciação Científica e de investigação - e de observação social, o que nos marca até hoje, tanto na Graduação quanto na Pós-graduação.

Tais construções vivenciadas na Mobilidade Acadêmica Internacional influenciaram, sobremaneira, o caminhar da nossa jornada acadêmica, esboçando os “cidadãos do mundo” que tanto desejávamos e sonhávamos ser. Esse esboço acabou por intensificar em nós o desejo da intencionalidade: a consciência sobre as nossas ações, nossas formas de enxergar o mundo, as pessoas e, por conseguinte, o nosso futuro.

Não nos desviemos dos desafios, que devem ser vivenciados em comum acordo e unidade. Há, ainda, uma continuidade de processos a serem estruturados, permeando desde os investimentos nas políticas de internacionalização até mesmo a utilização dos espaços já conquistados como experiências em rede; uma oportunidade para compreendermos o poder da representação estudantil em outro país e o que isso significa. Não obstante, na continuidade desses processos, a comunidade acadêmica não deve se furtar a compartilhar e aproveitar tantos conhecimentos internacionais. Conhecer melhor outras realidades favorece o cumprimento da excelência da episteme da troca, do compartilhar, do conhecer o que é novo.

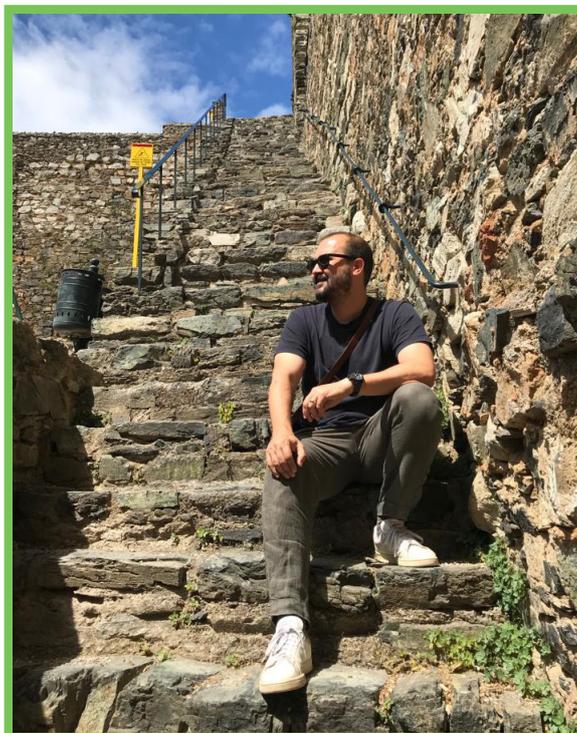




INTERDISCIPLINARIDADE CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA NO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA - IPB, PORTUGAL: UM RELATO ETNOGRÁFICO

Bem ao estilo de alguns etnógrafos, recorro ao relato de viagem, neste caso não tanto sobre a viagem em si, mas mais focado na experiência do trabalho realizado, para revisitar e relativizar as minhas experiências como professor visitante de geopolítica no Instituto Politécnico de Bragança em Portugal. E é preciso começar pelo fim. Quando da ocasião de uma reunião, já no final da experiência, foi-me pedido para falar de interdisciplinaridade (científica e pedagógica) no Departamento de Ciências Sociais, me dei conta, uma vez mais, de que aquilo seria um relato “quase” etnográfico. E, assim acrescentei o “quase etnográfico” ao título proposto. A razão de tal acréscimo está em toda a minha trajetória, a começar pelo percurso de minha formação até chegar a este momento em que pude ministrar aulas de Geopolítica de um modo mais interdisciplinar no Curso de Licenciatura em Línguas para Relações Internacionais do IPB. E, em todo este percurso, a antropologia (com o método da etnografia) sempre esteve presente e, por isso, faço essa minha fala nesse tom de “relato etnográfico”. Mas também porque tentei trazer para as aulas de geopolítica algumas noções e alguns conceitos que são próprios da antropologia, tentando assim uma abordagem da geopolítica que considerasse a existência de múltiplos modos de se fazer política no mundo e, portanto, pelo menos no intuito de atentar para isso, pudemos iniciar os trabalhos com uma visão um pouco ampliada.

A minha formação toda, desde a graduação, foi e é trilhada na interdisciplinaridade. Todavia, a condição de brasileiro que estudou sociologia, antropologia e os povos indígenas dando aula de Geopolítica na Europa me fez buscar “terra firme”. E, para mim, o “terreno” (fértil) em que sinto os (dois) pés no chão de modo mais firme é a antropologia. Por isso, inclusive eu posso ter causado algum estranhamento aos estudantes, logo no início do semestre letivo, quando eles, muito ansiosos para estudar geopolítica propriamente dita e as correlações de forças entre as grandes potências, propus antes de mais nada a leitura e a discussão de um texto já clássico de antropologia política - a Sociedade contra o Estado, de Pierre Clastres - para que eles pudessem perceber que a política como atividade humana está presente em todas as sociedades, mas de diferentes formas, e que a geopolítica, portanto, é apenas uma camada de muitos modos como as sociedades humanas sempre se relacionaram.



Autor: Carlos Eduardo Panosso - IFTO

Portanto, tal experiência junto aos estudantes e na construção coletiva da disciplina a que fui designado para trabalhar foi, digamos, desafiadora, mas de grandes aberturas.

Desde meu retorno aos trabalhos como professor e pesquisador no IFTO (principalmente no Curso Superior Tecnológico de Gestão Pública, através do ensino das disciplinas Sociologia Política e Estado Política e Governo, bem como pesquisa e orientação de alunos), venho buscando espaços para fazer a aproximação dos temas estudados no mestrado e no doutorado (tais perspectivas diferentes) com os seus usos e novas formas pensar a Política e as Políticas Públicas. A pesquisa de temas como buen vivir, slow movement, felicidade civil, sociologia clínica, decrescimento econômico, simplicidade voluntária puderam de sobremaneira causar impactos positivos na experiência que tive. E isso se refletiu, obviamente, no meu modo de trabalhar com a Geopolítica no IPB.

A disciplina de geopolítica, embora oferecida prioritariamente aos estudantes do curso supracitado, é uma matéria extremamente buscada e disputada tanto por estudantes de outros cursos da instituição como também por estudantes estrangeiros participantes de programas de bolsas de mobilidade internacional. Vale salientar aqui um aspecto muito importante que é a vocação do Instituto Politécnico de Bragança de receber tais estudantes. Assim, a experiência em ministrar aulas de geopolítica para uma turma tão diversa culturalmente foi ainda mais enriquecedora, não somente para mim, como professor da disciplina, como também para os próprios estudantes.

O plano de trabalho desenvolvido no IPB foi continuidade da proposta de pesquisa que venho desenvolvendo no âmbito do meu trabalho no IFTO. Numa espécie de continuação das pesquisas desenvolvidas em meu doutoramento, tenho um projeto intitulado Uma Cartografia do Bom Viver: pensando novas políticas públicas a partir do desenvolvimento local no Tocantins. Eu acreditava, todavia, antes da ida, que uma oportunidade de realizar intercâmbio de informações e de conhecimentos no âmbito do Programa de recepção de professores visitantes no Instituto Politécnico de Bragança seria a condição ideal para tais propósitos. E, num certo sentido, foi, entretanto, convém preciso dizer que ter tido coragem de “quebrar” alguns protocolos foi também importante. Neste caso, como numa experiência etnográfica invertida. Ou melhor, levando a minha experiência de campo anterior fez bastante sentido e gerou interesse dos alunos e colegas. Aliás, eles (no caso aqui, os portugueses, mas, poderiam ser outros), sempre estiveram bastante interessados no que pensamos e produzimos por aqui. E temos, agora tenho essa certeza, muita coisa para levar de nossa interdisciplinaridade, mas também de nossa cultura e nosso jeito de pensar.



•• **A INTERNACIONALIZAÇÃO**
•• **ME FEZ MAIS RESILIENTE,**
•• **ADAPTÁVEL E CONFIANTE**
•• **EM ENFRENTAR**
•• **NOVOS DESAFIOS** ””



Autor: Wellington de Oliveira Veloso - IFTO

Durante mais de sete anos, minha jornada acadêmica foi forjada no Instituto Federal do Tocantins. A instituição não apenas me proporcionou uma base sólida de ensino médio e superior, mas também abriu portas para uma experiência internacional que se revelaria transformadora em minha vida.

No início de 2022, tive a oportunidade de embarcar em uma jornada rumo ao Canadá, um país repleto de oportunidades e tido por muitos como um dos centros de excelência acadêmica do mundo. Essa oportunidade de estudar no exterior foi um divisor de águas na minha trajetória, abrindo caminhos para descobertas pessoais, acadêmicas e profissionais.

Morar em Cranbrook, cidade da província de Colúmbia Britânica, por três meses, não foi um período apenas de estudos, mas também uma imersão em uma cultura diferente, uma oportunidade de crescer como pessoa, pois encontrei gente de todos os cantos do mundo, com quem compartilhava histórias, costumes e palavras - isso mesmo, palavras. Isso me parecia óbvio, mas havia algo a mais.

Sempre quis ser professor - e desde um pouco antes do intercâmbio já lecionava várias aulas de matemática, inglês e espanhol -, mas a experiência só confirmou esse desejo, especialmente na área de idiomas, tendo sido fundamental para que eu escolhesse meu campo de atuação e traçasse metas profissionais claras.

Viver num país onde se fala a língua que, por um bom tempo, estudei, mas sem muitas oportunidades de interlocução com nativos, foi algo que me fez enxergar com outros olhos a importância de se entender o idioma e a cultura do próximo. Essa compreensão é o que nos garante que entenderemos mais a fundo o que há em cada um que nos torna, paradoxalmente, tão parecidos e tão únicos.

Certamente me deparei com uma infinidade de costumes e valores diferentes, mas isso serve para reforçar os nossos próprios, senão para mudá-los ao confrontá-los com aquilo que se mostra mais conformado à verdade que se nos é manifesta de muitos modos, especialmente através da fala - ou seja, das palavras-, do contato com o outro.

Não seria nenhum exagero dizer que hoje enxergo o mundo de modo muito mais maduro, e isso inclui o âmbito pessoal e profissional e também o acadêmico. A vivência no Canadá me permitiu ter acesso a recursos e oportunidades que enriqueceram minha formação. Ao estudar os cursos de English Composition e Mathematics for Teachers, embora curtos, aprendi bastante na área de escrita acadêmica em inglês e do ensino da matemática no país.

As duas realidades são muito importantes para mim em virtude da área a qual me dedico e da importância de haver uma rede de comunicações entre indivíduos dos mais diversos cantos no mundo para melhorar a educação naquilo que seja possível.

A vivência no Canadá também me ensinou a importância da independência e da autossuficiência. Morar longe de casa, em um ambiente totalmente novo, exigiu que eu tomasse decisões, gerenciasse meu tempo e fosse responsável por minha própria vida. Essa experiência de autodescoberta fortaleceu a confiança em minhas habilidades e me preparou para os desafios futuros.

Em suma, minha experiência de internacionalização no Canadá foi uma jornada marcante em minha vida que me ajudou a crescer como pessoa, enriqueceu minha formação acadêmica e me orientou na escolha de minha carreira profissional. Os desafios e conquistas vividos nesse processo afetaram minha visão de mundo e me prepararam para um futuro promissor.

A internacionalização me fez mais resiliente, adaptável e confiante em enfrentar novos desafios. Desde que seja feita de modo correto, essa vivência não somente favorece o indivíduo, mas também por contribuir para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa/ inovação e da extensão nos países envolvidos, permitindo que os estudantes tragam para suas comunidades de origem novos conhecimentos, perspectivas e ideias. Portanto, encorajo todos os jovens a buscarem oportunidades de internacionalização, pois elas têm o poder de transformar vidas e enriquecer a sociedade como um todo. toda sua vida.





VOZES DA INTERNACIONALIZAÇÃO:

NARRATIVAS DE ESTUDANTES E SERVIDORES(AS) DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA



